Acerca de este libro

Esta es una copia digital de un libro que, durante generaciones, se ha conservado en las estanterías de una biblioteca, hasta que Google ha decidido escanearlo como parte de un proyecto que pretende que sea posible descubrir en línea libros de todo el mundo.

Ha sobrevivido tantos años como para que los derechos de autor hayan expirado y el libro pase a ser de dominio público. El que un libro sea de dominio público significa que nunca ha estado protegido por derechos de autor, o bien que el período legal de estos derechos ya ha expirado. Es posible que una misma obra sea de dominio público en unos países y, sin embargo, no lo sea en otros. Los libros de dominio público son nuestras puertas hacia el pasado, suponen un patrimonio histórico, cultural y de conocimientos que, a menudo, resulta difícil de descubrir.

Todas las anotaciones, marcas y otras señales en los márgenes que estén presentes en el volumen original aparecerán también en este archivo como testimonio del largo viaje que el libro ha recorrido desde el editor hasta la biblioteca y, finalmente, hasta usted.

Normas de uso

Google se enorgullece de poder colaborar con distintas bibliotecas para digitalizar los materiales de dominio público a fin de hacerlos accesibles a todo el mundo. Los libros de dominio público son patrimonio de todos, nosotros somos sus humildes guardianes. No obstante, se trata de un trabajo caro. Por este motivo, y para poder ofrecer este recurso, hemos tomado medidas para evitar que se produzca un abuso por parte de terceros con fines comerciales, y hemos incluido restricciones técnicas sobre las solicitudes automatizadas.

Asimismo, le pedimos que:

+ *Haga un uso exclusivamente no comercial de estos archivos* Hemos diseñado la Búsqueda de libros de Google para el uso de particulares; como tal, le pedimos que utilice estos archivos con fines personales, y no comerciales.

+ *No envíe solicitudes automatizadas* Por favor, no envíe solicitudes automatizadas de ningún tipo al sistema de Google. Si está llevando a cabo una investigación sobre traducción automática, reconocimiento óptico de caracteres u otros campos para los que resulte útil disfrutar de acceso a una gran cantidad de texto, por favor, envíenos un mensaje. Fomentamos el uso de materiales de dominio público con estos propósitos y seguro que podremos ayudarle.

+ *Conserve la atribución* La filigrana de Google que verá en todos los archivos es fundamental para informar a los usuarios sobre este proyecto y ayudarles a encontrar materiales adicionales en la Búsqueda de libros de Google. Por favor, no la elimine.

+ *Manténgase siempre dentro de la legalidad* Sea cual sea el uso que haga de estos materiales, recuerde que es responsable de asegurarse de que todo lo que hace es legal. No dé por sentado que, por el hecho de que una obra se considere de dominio público para los usuarios de los Estados Unidos, lo será también para los usuarios de otros países. La legislación sobre derechos de autor varía de un país a otro, y no podemos facilitar información sobre si está permitido un uso específico de algún libro. Por favor, no suponga que la aparición de un libro en nuestro programa significa que se puede utilizar de igual manera en todo el mundo. La responsabilidad ante la infracción de los derechos de autor puede ser muy grave.

Acerca de la Búsqueda de libros de Google

El objetivo de Google consiste en organizar información procedente de todo el mundo y hacerla accesible y útil de forma universal. El programa de Búsqueda de libros de Google ayuda a los lectores a descubrir los libros de todo el mundo a la vez que ayuda a autores y editores a llegar a nuevas audiencias. Podrá realizar búsquedas en el texto completo de este libro en la web, en la página `http://books.google.com`

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

REDO VARELA

AS OLIGARCHIAS NO BRAZIL

ATAQUE Á DO PARANÁ

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1903

Digitized by Google

Digitized by Google

ALFREDO VARELA

AS OLIGARCHIAS NO BRAZIL

ATAQUE Á DO PARANÁ

A Camara converteu-se n'um pretorio solemne. A accusação teve o caracter imponente e dramatico, que fixa os periodos historicos, nos quaes o povo, n'um impeto de indignação, impõe a si mesmo a tarefa de salvar-se. *(Correio da Manhã*, do Rio, de 4 de Nov.)

Os discursos do intrepido deputado abalam a Nação inteira, de norte a sul. *(O Paiz*, do Rio, de 5 de Nov.)

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1903

8942

Digitized by Google

A' paginas 22, 162, 212 e 288, o orador fàz referencias á sua vida privada.

Digitized by Google

Stack
Annex

CAMARA DOS DEPUTADOS

Stack
Annex
F
2596
V37
1903

DISCURSO

PRONUNCIADO

NA

SESSÃO DE 14 DE OUTUBRO DE 1903

J. M. 10-14-85

O Sr. Alfredo Varela — Senhores, peço um pouco de benevolencia. O vosso collega não é um orador, como sabeis.

Sou arrastado á tribuna, pelas angustias, lagrimas e clamores de um povo inteiro!

Antes de tudo preciso dizer que fallo em meu nome tão sómente...

Não sei si alguem me segue; não sei si alguem está commigo; posso affirmar, porém, que tenho a meu lado todos os opprimidos do Brazil, quer dizer, quasi a nação inteira! (*Pausa.*)

Explico a minha posição nesta tribuna. Na minha ausencia o Sr. Senador Vicente Machado tomou a liberdade de referir-se ao meu nome, dizendo que o obscuro representante do Rio Grande do Sul procurava intrigar o exercito, em proveito da politica que inaugurára no Estado de S. Ex.

Senhores, um cavalheiro da minha ordem não usa de processos dessa natureza, muito habituaes na gentinha que usurpou o poder no Paraná.

Digitized by Google

Emquanto S. Ex. me assacava essa injuria, não intrigava eu e sim o covardão que, se insinúa pelos meios mais condemnaveis, no palacio do Chefe desta Republica, malquistando com o Governo superior da União as primeiras figuras da guarnição do Paraná.

Disso sabendo naquella terra, senhores, entendi que devia embaraçar a marcha do conhecido politiqueiro...

O SR. LAMENHA LINS — Mas quem é o covardão?

O SR. ALFREDO VARELA — E' o Sr. Senador Vicente Machado.

O SR. LAMENHA LINS — Protesto; V. Ex. não póde dirigir-se dessa fórma a um Senador da Republica.

O SR. ALFREDO VARELA — Eu o affirmo!

O SR. CANDIDO DE ABREU — V. Ex. póde affirmar o que quizer.

O SR. PRESIDENTE — Peço ao nobre Deputado que não continue nesse terreno e retire as expressões que empregou.

O SR. LAMENHA LINS — Não se atira uma injuria dessa ordem a um Senador da Republica.

O SR. ALVARO DE CARVALHO — Protesto em nome do decoro do Congresso Nacional. V. Ex. é um aventureiro.

O SR. ALEREDO VARELA — Si houvesse decoro no Congresso Nacional, Vicente Machado não era Senador. *(Tumultos; apartes.)*

O SR. PRESIDENTE — A discussão não póde resvalar para esse terreno.

O SR. ALFREDO VARELA — Dizia eu que, sabendo da marcha da intriga nesta capital, decidi-me a pôr embaraço ao que aqui fazia esse trefego Senador, e então escrevi naquella terra o que passo a ler *(lê)* :

« Podemos rememorar com desvanecimento os resultados da rapida campanha de dous mezes.

Digitized by Google

Aqui chegamos, logo após ao barbaro attentado do Guayra, em que a policia buscou eliminar pelo punhal, numa sala de espectaculos, o jornalista da opposição. O momento era de terror, mas, emprehendemos, sosinho na imprensa, o movimento de resistencia contra o despotismo local. Os melhores amigos nos descorajaram, julgando inutil o tentamen e sobretudo perigosissimo.

Nada nos deteve no cumprimento do dever e afortunadamente o nosso exforço obteve premio condigno. Por toda a parte ha uma leva de broqueis: nossa palavra regeneradora, vibrou como um clarim de alarma, que chama a postos os opprimidos, para a libertação do Paraná.

Mais, porém, do que no rigoroso cerrar fileiras dos que não se submetteram nunca, nem se submettem em caso algum, aos mandarins actuaes; vemos os effeitos fructuosos da propaganda do *Diario da Tarde* no pavor da grei official: andam corridos de medo os comparsas do Dr. Vicente, tudo havendo intentado e tudo intentando para abafar a voz do nosso patriotismo!

Julgaram a principio impor-nos silencio, com vis ameaças de baixa diffamação. Isto nos convenceu de que nos temiam e ficamos impassiveis diante dos pasquineiros, á mão o ferro candente para fazer chiar, se preciso, o cauterio vingador, em chagas hediondas, — calma attitude que deu prudencia aos miseros provocadores.

Depois, outro o estratagema do bando facinoroso: foi um despejado insinuar designios homicidas por todos os cantos da cidade, imaginando enfraquecer o nosso ataque; ardil que lhe pareceu magnifico, no desespero de causa em que se vê, forçado a calar diante de uma critica victoriosa, que abria caminho no animo publico, ampliando de hora em hora a esphera de nossa influencia e garantindo o definitivo triumpho de nossos propositos emancipadores.

Digitized by Google

Agora desvendam os inimigos da Patria que o panico chegou nelles a seu maximo de delirio: consta que o corpo de segurança tem sido clandestinamente augmentado, subindo o numero de praças a seiscentos, e a policia secreta essa então espalha-se por toda a capital, cynicamente á noite vultos suspeitos transitando pela visinhança da nossa habitação.

O Sr. Carlos Cavalcanti *(depois de dar uma forte gargalhada)* — Espero que em *pretorium*...

O Sr. Alfredo Varela *(continúa a lêr)*: — « Mas onde se desenha todo o receio da matilha de lobos, ferozes, mas covardões, que devoram a substancia desta pobre terra, é nas armas de que se estão concorrendo insidiosos dominadores de um povo infeliz: a intriga junto aos poderes superiores da União.

Sabiamos que manobrava na sombra, conseguira a transferencia de um official independente, como conseguiu agora a de mais dous, pondo fóra do Estado illustres servidores da Nação... Pois bem! E' preciso que o paiz inteiro saiba por amor de que individuo faz o erario nacional largas despezas em crueis transferencias e soffrem nobres militares infamissimas perseguições! — Incumbimo-nos da tarefa de confundir diante do governo federal o autor do perfido trama; vamos fazer uma denuncia em regra dos crimes da oligarchia paranaense, em pretorio mais vasto: na propria capital da Republica, porque aqui é assaz conhecido o vulgar aventureiro. »

O Sr. Alencar Guimarães *(com vehemencia)* — Não póde continuar. Está transformando a tribuna da Camara em pelourinho da reputação de um Senador da Republica.

O Sr. Presidente — Já declarei ao nobre Deputado do Rio Grande do Sul que não póde continuar. *(Apoiados. Interrupções.)*

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Estou lendo um artigo que é conhecido de todo o mundo; não sei por que está causando este assombro, parecendo-me que ha proposito de se me tolher a palavra.

Pergunto si o Sr. Alvaro de Carvalho está dentro do Regimento? (*Apartes violentos dos Srs. Carlos Cavalcanti, Alencar Guimarães e outros.*)

Isto não é o theatro Guayra onde a policia fulmina a punhal os adversarios da situação. (*Continuam os protestos violentos que interrompem o orador.*)

O SR. JESUINO CARDOSO — Precisamos ouvir o orador. Temos liberdade de tribuna. (*Muito bem.*)

O SR. PRESIDENTE — Attenção!

O SR. ALFREDO VARELA — Que disse eu nesse artigo que não possa aqui repetir, e, si não aqui, na praça publica? (*Continuam as interrupções.*)

Senhores, attendei a uma cousa, que é de impressionar a todo o mundo.

O silencioso representante do Rio Grande do Sul, durante tres annos, que, quando formulava um projecto de lei, timidamente o apresentava, desculpando-se de não acompanhal-o de algumas palavras,—anima-se hoje a arrostar com uma tempestade desta faria! (*Pausa.*) Que terá elle visto?! Que abysmos de miseria terá observado, para sentir n'alma a coragem para enfrentar com uma scena desta ordem!? (*Continuando a lêr*): «Si pois, ha ainda na alma de Vicente Machado esquecidos restos de pundonor, desperte-os uma vez na vida...»

O SR. LAMENHA LINS — Pois está esperando.

O SR. ALFREDO VARELA (*Continúa lendo*): — «Si, pois, ha ainda na alma de Vicente Machado esquecidos restos de pundonor, desperte-os uma vez na vida e espere-

Digitized by Google

nos ali, não se escape de nosso infallivel castigo o tartufo, que lhe desafivelaremos a mascara, á face do Brazil em peso ! — Seguimos immediatamente e affagamos a esperança de que o fujão do Itararé, desta vez ao menos, desterre de si uma pusilanimidade que para sempre o deshonraria no conceito dos proprios filhos, unico em que deve pensar, porque o dos contemporaneos de ha muito patente a sua pessoa, objecto entre nós, da maldição geral !

Espere a nossa chegada o chefe desta nefaria oligarchia, que, em nome de um povo digno, quanto escravisado e espoliadissimo, vamos arrancal-o do recinto senatorial epol-o sem defeza no humilhante banco dos réos !

Cessam assim as perseguições deste homem malvado ou na connivencia irretratavel de outros, a quem nosso libello esclarecerá, verificamos os patriotas que nada temos a esperar no terreno da legalidade,— pensamento que nos conturba, porque ao perderem os caracteres de fibra a confiança nos recursos da lei, em vez de fraqueza deante da prepotencia, sentem na alma o sopro ardente de indomito civismo, que arrasta as nacionalidades vivazes para o recurso do desespero, que é sempre e em toda a parte o mesmo : a lucta, o levante, a REVOLUÇÃO !»

Venho desobrigar-me, Senhores, do solemne compromisso, annunciando desta tribuna o julgamento do grande criminoso, que começará logo que eu obtenha um documento indispensavel. Direi, porém, desde já, os capitulos da accusação.

Vou ler:

Assombre-se o Congresso e este paiz !

1.º VICENTE MACHADO É UM ADVOGADO CORROMPIDO. *(Soam os tympanos.)*

O SR. ALVARO DE CARVALHO — Isto é impossivel ! Trata-se de um Senador da Republica. Não podemos ouvir semelhantes cousas. *(Trocam-se muitos apartes.)*

Digitized by Google

O SR. PRESIDENTE *(fazendo soar os tympanos)* — Ordem! Ordem!

O SR. ALFREDO VARELA — 2.º VICENTE MACHADO É UM ADVOGADO ADMINISTRATIVO, e tambem o é o 1º Secretario desta Camara. *(Soam fortemente os tympanos.)*

O SR. PRESIDENTE — Attenção! O nobre Deputado não póde continuar nesses termos. *(Cruzam-se violentos apartes entre os Srs. Alvaro de Carvalho, Carlos Cavalcanti, Lamenha Lins e varios outros Srs. deputados. Continuam a soar os tympanos.)*

VOZES — Não é possivel! Não póde continuar!

O SR. PRESIDENTE — Attenção! Não estão em discussão nem a pessôa do Senador Vicente Machado, nem a do Secretario desta Camara. O nobre Deputado tem de retirar as expressões!

O SR. ALFREDO VARELA — Estou me desaffrontando.

O SR. CARLOS CAVALCANTI — Isto é uma covardia!

O SR. ALVARO DE CARVALHO — Não posso, quem quizer que se acovarde, não posso continuar deante desse aventureiro.

O SR. LAMENHA LINS — V. Ex:, que chama de advogado administrativo o Secretario desta Camara, attenda: elle é companheiro de escriptorio do Sr. general Glycerio, e V. Ex. dirá que o general Glycerio é um advogado administrativo?

O SR. ALFREDO VARELA — A bandeira de misericordia é o general Glycerio!... Um homem de bem defende-se sem procurar padrinhos.

O SR. ALVARO DE CARVALHO — Procure outro logar para esta aggressão, e não use da tribuna que o Estado do Rio Grande emprestou-lhe e onde V. Ex. não lhe prestou serviços. *(Soam os tympanos.)*

Digitized by Google

O SR. PRESIDENTE — Ordem! Ordem!

O SR. ALFREDO VARELA — V. EX. (*dirigindo-se ao Sr. Alvaro de Carvalho*) está dentro do Regimento? E é a mim que se chama á ordem!...

O SR. ALVARO DE CARVALHO — Não sou do Paraná, mas não posso ouvir isso. (*Ha muitos outros apartes.*)

O SR. ALFREDO VARELLA — 3.º VICENTE MACHADO É UM PECULATARIO.

O SR. PRESIDENTE (*fazendo soar os tympanos*) — Attenção! Ordem!

A liberdade de tribuna não é a liberdade de offensa: aquella cessa quando esta começa.

Chamo a attenção do nobre Deputado, que não póde absolutamente continuar nesses termos...

O SR. ALFREDO VARELA — 3.º Vicente Machado é um peculatario. (*Successivos protestos vehementes do Sr. Alvaro de Carvalho e de outros senhores deputados.*)

O SR. PRESIDENTE — A Mesa não póde consentir que o nobre Deputado continue por esta fórma. A liberdade da tribuna termina quando começa a offensa. (*Muitos apoiados.*)

O SR. ALFREDO VARELA — Offensa? Cito factos que posso provar.

O SR. PRESIDENTE — A Mesa prohibe á V. Ex. que se dirija a representantes da Nação da fórma por que está fazendo. Ainda ha pouco offendeu a um collega...

O SR. ALFREDO VARELA — Não offendi a collega algum; tive a coragem...

O SR. ALVARO DE CARVALHO (*com violencia*) — Não teve coragem alguma porque veio para aqui acobertado com o nosso respeito; o senhor é um chantagista, é um desclassificado na opinião publica. (*Sussurro.*)

O SR. ALFREDO VARELA (*dirigindo-se ao Sr. Alvaro de Carvalho*) — V. Ex. é um irresponsavel! (*Dirigindo-se ao Sr. Presidente.*)

Digitized by Google

O Sr. Deputado por S. Paulo tambem se póde dirigir desta fórma a um seu collega?

O SR. PRESIDENTE — E eu convido o nobre Deputado por S. Paulo a retirar as expressões de que usou.

O SR. ALVARO DE CARVALHO — Obedeço á V. Ex.; retiro as minhas expressões.

O SR. PRESIDENTE — Vê que o nobre Deputado por S. Paulo já retirou as suas expressões...

O SR. ALFREDO VARELA — Agradeço a equidade de V. Ex.

4º capitulo da accusação — VICENTE MACHADO E' UM CONTRABANDISTA.

O SR. ALVARO DE CARVALHO (*Com violencia*) — Isto não é possivel...

O SR. CARLOS CAVALCANTI — Ou V. Ex. suspende a sessão ou tomaremos um desforço physico. (*Apoiados.*)

Não podemos continuar a ouvir as accusações formuladas por um homem completamente desmoralisado na opinião publica.

O SR. ALFREDO VARELA — Fique sabendo...

(*Sussurro. Protestos. Interrupções.*)

O SR. CARLOS CAVALCANTI — Póde puxar o seu revolver...

O SR. PRESIDENTE — Ordem! Ordem!

O SR. FERNANDO PRESTES — Sr. Presidente, requeiro á V. Ex. a fineza de suspender a sessão. Esta discussão não está á altura do decoro desta Casa. (*Apoiados.*)

O SR. PRESIDENTE — Chamo á ordem o nobre Deputado: o Regimento exige o respeito mutuo.

O SR. ALFREDO VARELA — Vou dar uma explicação á V. Ex. que me merece o maximo acatamento.

O SR. PRESIDENTE — A liberdade da tribuna não póde ir até a offensa.

Digitized by Google

V. Ex. tem de retirar todas as expressões que proferiu e que não hão de figurar nos *annaes*. (*Apoiados.*)

O SR. ALFREDO VARELA — V. Ex. ha de me perdoar...

(*O Sr. Carlos Cavalcanti e outros Srs. Deputados dão apartes.*)

O SR. ALFREDO VARELA (*dirigindo-se ao Sr. Carlos Cavalcanti*) — Quem puxou revolver aqui? O senhor está dizendo uma phrase para armar ao effeito.

Quando o vi com outro atirar-se a mim, disse baixinho a meu charo collega o Sr. Angelo Netto, que se não preoccupasse com os seus esgares ameaçadores. Todo o mundo sabe que as tentativas de aggressão nesta Casa se limitam a isto: investe um collega sobre outro; intervem meia duzia de Srs. Deputados que impedem o pugilato.

Si eu na cidade de Curitiba, ameaçado diariamente pela policia assassina do Paraná, não me intimidei, nem mesmo me irritei, quanto mais agora, com esses theatraes arrancos, destinados a produzirem certo effeito neste recinto!...

Sr. Presidente, uma ligeira explicação: já disse que acato muito a autoridade de V. Ex., mas invoco em meu auxilio uma tradição desta Casa.

O Sr. Barão de Cotegipe, o nobre Barão de Cotegipe, aqui neste mesmo recinto, foi accusado de contrabandista.

Não se viu naquelle bom tempo ira igual á de hoje; ninguem tentou accommetter o orador, nem se promoveu tamanho escandalo diante de uma affirmativa accusadora, que se promette provar... E' que não dominava ainda a intolerante bôrra democratica que predomina em quasi todo o paiz!

O que se esperou, foi que o Barão se desaffrontasse dignamente e esmagasse a columnia.

O SR. LAMENHA LINS — Mas o Barão tinha

Digitized by Google

assento n'esta Casa, como ministro, e o Sr. Senador Vicente Machado não tem.

O Sr. Alfredo Varela — Não se lembrou elle disso quando me assacou no recinto do Senado, onde não tenho assento, a injuria de que eu estava produzindo intrigas no seio do exercito.

Não sei o que tenha a responder a isto V. Ex.? (*Dirigindo-se ao Sr. Lamenha Lins.*)

Affrontado fui eu! Estava socegadissimo em Curityba, no uso de um direito constitucional combatendo a mais negra oligarchia...

Mas, senhores, permitti que cite um exemplo de minha propria vida.

Quando uma onda de impureza e calumnia me perseguiu nesta terra, e procurei passageiro descanso, um amigo de Napoles me esperou em seu lar: « Aqui ha uma espaçosa sala e um lindo quarto, com vista para o magestoso Vesuvio, que nos está dando á noite surprehendentes espectaculos.»

Eu não preferi a ida para Capua. Preferi silenciar algum tempo diante dos miseraveis calumniadores daqui e fui combater pela Republica, onde está sendo infamemente deturpada.

O Sr. Lamenha Lins — Não apoiado.

O Sr. Alfredo Varela — Creio que nesta época de molle patriotismo, este exemplo deve merecer o respeito de todos.

Não ensarilhei as armas!

E ninguem póde dizer que fui por algum interesse ao Paraná: que é que eu podia ir buscar áquella terra? — Estou eternamente ligado á gleba amadissima onde nasci, ao meu Rio Grande do Sul!

O Sr. Candido de Abreu — Para lá, para o Rio Grande do Sul, é que V. Ex. devia ter ido.

O Sr. Alfredo Varela— E' opinião de V. Ex., mas eu não ia consultar a um dos

Digitized by Google

oligarchas do Paraná sobre o que me cumpre fazer na minha obra patriotica.

Levantei a tenda do meu labor onde me aprouve, senhores!

Depois, Sr. Presidente, para que este espalhafatoso protesto? O que eu não disser aqui, poderei dizer, mais desenvolvidamente ainda, na imprensa...

Assim, repito a pergunta: para que? Porque essa intolerancia feroz da Republica de hoje, quando nós, neste paiz, diziamos horrores do proprio imperador, aquella serena figura (isto diz um republicano em outro tempo mui severo com D. Pedro), aquella serena figura, que ao sahir de nossa terra parece que levou comsigo... o que não quero dizer, senhores, para não denunciar de uma vez, todas as minhas magoas de republicano!

O Sr. Moreira da Silva — V. Ex. está sendo victima de suas proprias paixões.

O Sr. Alfredo Varela — Posso affirmar ao meu amigo que estou dominado pelas paixões que salvam; não por aquellas que mantêm o homem no captiveiro.

Invoco ainda, portanto, a tolerancia da Mesa e da Casa; para que estas interrupções, depois do exemplo que citei? O que se me deve pedir são as provas do articulado. Vou dal-as.

O Sr. Presidente — A Mesa quer que se cumpra o Regimento: é para isso que está aqui, e ha de mantel-o.

O Sr. Alfredo Varela — Perfeitamente. Não insisto, eu me submetto, Sr. Presidente.

Já disse o bastante para edificação deste paiz: sabem todos, na Republica, o que é ella no Estado do Paraná.

Senhores, um republicano historico, que não se bandeia em tempo algum, nem mesmo si surgir outra vez o Imperio, com todas as suas antigas pompas e poderio, um republicano historico vem dizer-vos que, si a Republica é

Digitized by Google

isto que elle viu no Paraná, — é preciso botal-a abaixo !... (*Sussurro.*)

E' uma causa hedionda, miserrima, ultrajante: a vergonha deste paiz !

Tenho dito.

O Sr. Lamenha Lins —Foi muito pouco ; V.Ex. nada provou.

O Sr. Alfredo Varela (*levantando-se de novo*)—Julgo haver declarado que apresentaria as provas breve. Si não o fiz por effeito dos muitos apartes e interrupções ao meu discurso, o faço agora e agradeço a V. Ex. o favor da advertencia.

Creio ter alludido, Sr. Presidente, á falta de um documento precioso, com o qual e com outros darei noticia exacta do famoso chefe da situação politica do Paraná.

Tenho certeza de obtel-o dentro em poucos dias; aqui virei então offerecer as provas de minhas affirmações.

Estejam certos os meus pares que seria incapaz de injuriar um membro do Congresso Nacional ; reproduzirei a verdade do que sei e provo: a verdade historica.

Nada mais tenho a accrescentar. (*Sussurro prolongado.*)

Digitized by Google

Digitized by Google

DISCURSO

PRONUNCIADO

Na sessão de 20 de Outubro de 1903

O Sr. Alfredo Varela *(movimento geral de attenção. Profundo silencio)* — Comprometti-me a fazer a denuncia dos crimes da oligarchia paranaense. E' o que vou encetar neste pretorio, e posso assegurar a meus collegas que o faço de animo frio e sereno.

Não depõem no inquerito testemunhas cujas declarações os tyrannos possam inquinar de suspeitas; apenas amigos da situação.

Antes, porém, de entrar nas provas do allegado, seja-me licito fazer algumas observações sobre a sessão de 14 do corrente.

Varias as opiniões sobre essa memoravel sessão.

José do Patrocinio, o chronista scintillante, entre outros, entendeu que o orador devia ter mais arte.— Petronio, por exemplo, na tunica purpurea, expondo com elegancia, em prosa cadenciada, depois de bello repasto, os delictos de Nero, — eis o que lhe agradaria talvez...

Senhores! Não tem harmonia, nem rythmo, a musica do desespero: é angustia, é grito, é imprecação!

Quizera ver o apostolo do abolicionismo no momento da noite em que lhe arrom-

Digitized by Google

bassem as portas, compondo primeiro ao espelho o gesto da repulsa...

O que elle fazia, eu bem sei : punha a mão á gola do meliante e o corria do lar.

Foi o que fiz !

Vi a casa paterna invadida, ameaçada, e puz as duas mãos em quem a assaltara, nas vestes em que me surprehendeu. Não cogitará dellas a historia, si narrar que impedi a violencia ; e é o que me importa.

Irei, depois, para a escola dos oradores : quando o mestre precisar de exemplos de vehemencia patriotica, talvez sem vangloria, senhores, possa eu citar este, que estou dando.

Sr. Presidente, revelam-me as notas tachygraphicas que se preparara uma scena para salvar o reprobo e abafar a voz de um representante independente, poisque, senhores, ouvi protestos contra as increpações feitas ao Senador Vicente Machado, mas verifico em as referidas notas, que maiores me foram jogadas.

O Sr. Presidente (*fazendo soar os tympanos*) — Attenção ! Pelo decoro desta Casa, pelo respeito que mutuamente nos devemos, pelo exemplo que nos cumpre dar ao povo que nos ouve, peço ao honrado Deputado que não resvale para o terreno odioso das aggressões e das violencias. Esse povo, que nos observa censuraria a Camara, accusal-a-ia de empregar mal o tempo. O incidente da sessão a que o honrado Deputado se refere está terminado e, nessas circumstancias, peço a S. Ex. o obsequio de não voltar a elle. A liberdade da tribuna tem limites.

O Sr. Alfredo Varela — Ha de me permittir V. Ex. que eu encontre parcialidade no juizo da Mesa da Camara.

O Sr. Presidente — Em que ?

O Sr. Alfredo Varela— Si a Mesa ainda não me ouviu, nem sabe o que vou dizer...

Digitized by Google

O SR. PRESIDENTE — V. Ex. disse que se vai referir ao incidente.

O SR. ALFREDO VARELA — E quem m'o póde prohibir ? !

O SR. PRESIDENTE—Perdão; peço a V. Ex. que não volte a este terreno. Dei por terminados os incidentes d'aquella sessão, e não posso consentir que a elles se refira o nobre Deputado.

O SR. ALFREDO VARELA — Em nome de que artigo do Regimento V. Ex. me prohibe que eu faça referencias a um facto occorrido em sessão anterior ? !

O SR. PRESIDENTE — S. Ex. póde fazer referencias em termos.

O SR. ALFREDO VARELA — V. Ex. não sabe em que termos vou fazel-as...

O SR. PRESIDENTE — Estou prevenindo a V. Ex. para que não me leve a ponto de ter de invocar o Regimento. Espero que V. Ex. se conserve em termos...

O SR. ALFREDO VARELA—Tres annos tenho convivido nesta Casa, com os collegas de representação, e todo o mundo conhece a urbanidade do Deputado do Rio Grande do Sul...

O SR. PRESIDENTE — Estarei de accordo com V. Ex. si assim proceder.

O SR. ALFREDO VARELA — Senhores, eu disse que aqui se preparou uma comedia.

Um sympathico homem do povo revelou-m'a ao entrar eu neste recinto, e não lhe dei credito. « Aquelle senhor », affirmou apontando para a bancada do Paraná, «vai dizer uma coisa que o desnorteará no começo do seu discurso.»

Não pude admittir que houvesse um representante disposto a produzir farças.

A gargalhada falha do Sr. Carlos Cavalcanti provou-me, porém, que, de facto, a comedia estava preparada.

Digitized by Google

Eu, porém, senhores, apenas havia chamado o Dr. Vicente de... Não quero repetir o termo; já se sabe qual é. E disse-me o Sr. Alvaro de Carvalho: « V. Ex. é um aventureiro.»

Senhores, no genero insulto, nada conheço de peior!

O Sr. Presidente — V. Ex. permitta: todas essas palavras foram retiradas; chamei á ordem o nobre Deputado a quem V. Ex. se refere.

O Sr. Alfredo Varela — Essas palavras foram ouvidas neste recinto.

O Sr. Presidente — Não se deve voltar ao incidente, que está terminado. O nobre Deputado por S. Paulo retirou tudo isso.

O Sr. Alfredo Varela — Mas tudo isso permanece na memoria de todas as pessoas que ouviram...

Ainda nas notas tachygraphicas encontro um mimo desta ordem: «o Sr. Alvaro de Carvalho — Não posso! quem quizer que se acovarde! não posso continuar diante desse aventureiro.»

Segunda vez, senhores!

Mais adeante: «O Sr. Alvaro de Carvalho (*com violencia*) — Não tem coragem alguma, porque veio para aqui acobertado com o nosso respeito, fazer *chantage*, provocar escandalo!»

Fazer *chantage*!

O Sr. Presidente — Peço attenção do nobre Deputado; tudo quanto V. Ex. está referindo não consta dos *Annaes*.

O Sr. Alfredo Varela — Mas consta das notas tachygraphicas, e esta Casa ouviu.

O Sr. Presidente — Mas eu dei o incidente por terminado, e o nobre Deputado não póde voltar a elle.

O Sr. Alfredo Varela — De sorte que eu sou insultado, e V. Ex. não consente que me desaffronte?!

Digitized by Google

O SR. PRESIDENTE — Mandei retirar das notas tachygraphicas tudo quanto V. Ex. tem referido, e V. Ex. não póde repetir ; o decoro desta Camara o prohibe.

O SR. ALFREDO VARELA — V. Ex. faça a mesma justiça, mande retirar das notas o que eu disser aqui.

O SR. PRESIDENTE : — Usei da mesma justiça para todos.

O SR. ALFREDO VARELA (*lendo*) :— « O SR. CARLOS CAVALCANTI — Ou V. Ex. suspende a sessão ou tomamos um desforço physico. »

Um desforço physico, senhores, contra um Deputado que vinha produzir uma allegação..

Já chegámos a este extremo barbarismo!

Ameaça-se com um desforço physico a um orador da tribuna parlamentar !

Mais adeante, accrescenta este senhor : « Não podemos continuar a ouvir accusações formuladas por um homem completamente desmoralisado na opinião publica.»

O SR. PRESIDENTE — O orador foi chamado á ordem, e retirou tudo quanto dizia.

O SR. ALFREDO VARELA — Mas a Casa ouviu e ha de ouvir agora a resposta.

O SR. PRESIDENTE — Mas V. Ex. refira-se em termos que o Regimento permitta.

O SR. ALFREDO VARELA : — E' o que estou fazendo.

Até agora cito palavras de outrem.

Senhores, é excessivamente ambiciosa a pretenção, que aqui se tem, de fazer calar o representante do Rio Grande do Sul !

Autorizam-me varios precedentes desta Casa.

Não ha muito neste recinto, é sabido, travou-se um bello dialogo desta ordem, entre o *leader* da Camara e o Sr. João Aguiar : « O senhor é um estupido, o senhor é um

Digitized by Google

bruto, o senhor é um animal», e por ahi á fóra !

Não me consta, Sr. Presidente, que tivessem impedido a continuação do discurso da pessoa que orava no momento...

Por que, portanto, senhores, esta justiça de dous pesos, que se me quer applicar ?

O Sr. Presidente — A Mesa não ouviu semelhantes expressões.

O Sr. Alfredo Varela — Ellas foram proferidas aqui.

Vozes — Na legislatura passada; é historia antiga.

O Sr. Alfredo Varela — E' historia antiga, mas é boa historia.

Senhores, não se viu aquelle extraordinario espirito de Silveira Martins apodando uma Camara inteira, de — *Camara dos servis*, sem que lhe fosse retirada a palavra ? Como agora se entende que o Sr. Vicente Machado gosa do privilegio especial de impedir que um representante do paiz venha dizer o que sabe sobre sua pessoa, pelo facto de ser um senador da Republica ?

Pois eu não quero para mim, senhores, este privilegio !

Eu vou mostrar que tenho o desassombro de desvendar diante desta Casa a minha vida publica e particular.

Mas... não foram somente os citados os apartes atrevidos, e agora tenho ensejo de responder a um.

O Sr. Candido de Abreu deu-o e não foi registrado; eu o ouvi bem. O seguinte: « V. Ex. quer continuar o escandalo deste anno ? »

A que escandalo se referiu o Sr. Candido de Abreu ?

O Sr. Candido de Abreu — Não foi justamente isto.

O Sr. Alfredo Varela — Foi cousa parecida.

Digitized by Google

S. Ex. se referia a uma miseravel calumnia que andou pelos jornaes. Tem dous aspectos este caso, senhores, que preciso considerar.

Mostrarei ao pygmeu, bem patente, a força de um grande caracter.

Senhores, publicou uma certa imprensa que o deputado Alfredo Varela tinha sahido desta capital, levando comsigo os haveres de uma esposa abandonada.

Pois, viver ás claras!

Alfredo Varela, homem pobre, casou com uma senhora possuidora, então, de fortuna superior a mil e trezentos contos.

Como?

Aqui o diz esta escriptura de contracto ante-nupcial, em notas do tabellião Ibrahim Machado, livro 63, fl. 104.

O casamento foi com separação de bens.

Tão somente com essa condição?

O contracto estatuio não só a separação dos bens presentes, na conformidade deste genero de contractos, segundo nossas leis, mas igualmente a separação dos bens que os conjuges viessem a adquirir por qualquer titulo.

Nisso ficou o desinteresse do orador?

Dispoz mais que a administração da fortuna da esposa, que a lei lhe attribuia, ficasse em mãos da pessoa que ella escolhesse.

Só isto?

Dispoz mais que os rendimentos (a metade delles, por lei, devia caber ao orador), que os rendimentos se não communicassem.

E quem fez questão deste contracto?

Diz o documento citado que «estas clausulas foram propostas pelo primeiro outorgante, Dr. Alfredo Varela, e acceitas pela segunda outorgante, D. Josephina Barreto Rodrigues Braga».

Mas ainda: Alfredo Varela é pobre, repito. Dispõe apenas de algumas honradas economias.

Pois bem. A senhora a quem se referiu lembrou-se um dia de fazer um testamento em favor do marido.

Digitized by Google

Está aqui o testamento, approvado pelo tabellião Souto, em Porto Alegre, a 9 de janeiro de 1895.

Que diz elle? Vou ler: « Da minha terça, de que posso livremente dispor, instituo legatario em plena propriedade o meu referido marido e primeiro testamenteiro, Dr. Alfredo Varela.»

Sabeis o que fiz desse papel?

Aqui ha, á margem delle, uma nota com a minha assignatura, em data de 5 de agosto de 1896, e diz: « Inutilisado por mim, contra a vontade de minha mulher.»

Por baixo escripto: « E' a verdade— Josephina Varela.»

Leio em seguida uma carta da mesma senhora, de 30 de maio de 1903, firma reconhecida pelo tabellião Castro: «Declaro que sem sciencia do meu marido, fiz em Porto Alegre um testamento legando-lhe a terça dos meus bens e que contra a minha vontade o Dr. Alfredo Varela inutilisou esse mesmo testamento.»

Mais ainda, senhores: o pobretão passou um dia por certo embaraço que não precisa relatar.

Sua senhora teve ahi generosidades que constam do documento que vae ler:

« 1.° Não é verdade que minha mulher, D. Josephina Varela, vendo-me afflicta com a perda de um negocio meu, offereceu-me com a maior insistencia, retirasse eu dois contos de réis por mez, de seus rendimentos, para minhas despezas particulares, isto no segundo mez de nosso casamento?

2.° Não é verdade que minha mulher fez-me presente de sessenta contos de réis, em apolices ouro, obsequio que recusei cathegoricamente?

Rio, 15 de outubro de 1903.»

Vou ler a continuação, a resposta por lettra de D. Josephina e firma reconhecida no cartorio Castro: « Sr. Alfredo Varela —

Digitized by Google

E' certo que fiz os dois offerecimentos a que se referem as duas perguntas, sendo que sempre V. recusou um e outro cathegoricamente.—Josephina Varela. Rio, 17 de outubro de 1903.»

Dado o incidente que conheceis, senhores, fui obrigado por motivos outros que não esses espalhados pela calumnia, a retirar-me desta Capital.

Mal tive, porém, conhecimento do que occorria, pelo meu nobre amigo o Dr. Miranda Azevedo, que me recebeu em S. Paulo com uma generosidade de irmão, voltei a esta cidade, fazendo immediata entrega dos bens que estavam a meu cargo e arbitrio: montavam elles a 300 contos de réis.

Como o fiz?

Tenho aqui a certidão da escriptura existente em notas do cartorio Castro, livro n. 130, folha 35.

Nessa escriptura D. Josephina Varela «exalça o tino, escrupulo e fidelidade com que muito a seu pedido gerira eu sempre os seus bens e ora os restituia».

O advogado de minha senhora, a seu turno, declara o que se vai ver na seguinte carta:

«Rio de Janeiro, 28 de maio de 1903.

Dr. Alfredo Varela.

Envio ao doutor as joias de sua propriedade, que ficaram com as de D. Josephina, e tambem varios documentos.

Aproveito o ensejo para manifestar-lhe a minha satisfação pelo modo cavalheiresco por que regularisou, perante mim, como advogado daquella senhora, a situação material do casal. Já havia externado á minha constituinte a confiança que tenho no doutor, quando recebi a sua carta convidando-me para esse fim.

Folgo em dizel-o, vi confirmado mais uma vez esse meu conceito com o procedimento correcto, com que se houve ao regressar de S. Paulo.

Digitized by Google

Sinto necessidade de affirmar, já que a calumnia procurou attingil-o, que ninguem mais do que o doutor cuidaria com tanto zelo, desinteresse e austeridade de interesses alheios, fazendo espontaneamente a restituição dos mesmos.

Basta assignalar que no cofre de D. Josephina, por mim examinado, encontrei na maior ordem os papeis de que havia mister para sciencia do que lhe pertencia, com um livro, onde escrupulosa e methodicamente eram pelo doutor escripturadas as applicações dadas aos dinheiros que, em boa hora, lhe foram confiados.

Pela fórma como o Dr. Varela deixou as cousas, foi a minha primeira impressão á minha constituinte, posso dar-lhe conta de todos os seus bens em 24 horas.

Não é demais assegurar-lhe que minha opinião, aqui exposta sobre a sua pessoa, é tambem a de D. Josephina, que chegou até a me autorisar desde logo a dar solemne desmentido aos diffamadores, não indo eu á imprensa, por julgal-o superior ás miserias correntes e certo de que a melhor e mais digna resposta era esta que acaba de dar com a entrega dos bens e de que vai dar testemunho a carta que tenho o gosto de dirigir-lhe,

Com toda a estima e consideração subscrevo-me do Dr. Coll. e Am. Obr.—ULYSSES BRANDÃO.»

(Publicada a 31 de maio na *Gazeta de Noticias* e em todas as outras folhas do Rio.)

Mas, senhores, ainda ha mais alguma cousa.

Esse marido ausente do lar procedeu com tamanha correcção, que ainda seus conselhos procurados até na hora presente.

Aqui tenho uma carta do referido Dr. Ulysses, de data de 4 de setembro de 1903, acompanhando outra de D. Josephina, em que lhe diz: «Peço-lhe escrever ao Dr. Varela etc. ete. Desejo que elle saiba e dê sua au-

Digitized by Google

torização a tudo que fôr fazendo. » A firma está reconhecida no cartorio Castro.

Vejam, senhores, bem transparente a vida de quem se animou este senhor (*aponta para o Sr. Candido de Abreu*) a tratar da fórma que sabeis, fazendo referencia a um miseravel escandalo promovido por meia duzia de diffamadores!

Creio que está varrida a minha testada e *sans rancune*, porque podia accrescentar cousas bem desagradaveis á bancada paranaense...

O Sr. Carlos Cavalcante — Não tenha piedade o nobre Deputado.

O Sr. Alfredo Varela — Mas, digamos algumas palavras sobre os doestos de que fui victima neste recinto.

O Sr. Alvaro de Carvalho disse que eu não prestara serviços á minha terra e andava mettido numa aventura em o Paraná...

Eu quizera ouvir do chefe da bancada riograndense, se aqui estivesse presente, a sua opinião sobre o modo por que tenho cumprido os meus deveres nesta Casa.

Não prestei serviços á minha terra... Prova o contrario a minha reeleição, não solicitada. Não sahi desta capital, nem escrevi uma palavra ao Dr. Julio de Castilhos sobre este ponto. Si o mandato me foi renovado, de certo é porque este illustre amigo entendeu que bem merecia a reeleição.

Depois, permitti, senhores, que eu faça uma breve rememoração da minha curta actividade parlamentar.

Além de um trabalho copiosissimo sobre a fazenda publica de nosso paiz, apresentei aqui, em 24 mezes de legislatura, 21 projectos de lei, sobre os mais serios assumptos: nada menos que sobre balanços da fazenda publica, emissão bancaria, organisação de orçamentos, processo para a discussão do Codigo Civil, operações de cambio, constituição do Districto Federal, liberdade de profissões, proprios na-

Digitized by Google

cionaes, facturas consulares, contractos da Fazenda, tarifas, investidura de cargos, etc. etc., além de uma constante collaboração no estabelecimento das leis annuas.

São insignificantes esses labores; mas, eu quizera perguntar quaes os de que faz menção o activo representante de S. Paulo?

Não se trata de uma aventura, senhores: prosegue logicamente a acção livre de um homem patriota. Leia-se o que ora digo na imprensa: *mutatis mutandis* o que sustentei na legislatura passada e antes della.

Não ha discordancias, nem soluções de continuidade, na minha vida publica. Os terrores que revelo, que me desperta a situação, já os manifestava no anno de 1897.

Prevendo para breves dias, a ruina da Republica, escrevi n'um pamphleto, fazendo um parallelo entre o nosso e o movimento de 1789:

« Quando a França acordou, estava manietada pela reacção napoleonica: o que trouxe ella sabemos todos!...

.....

Eis o desfecho logico para que caminhamos, persistindo como até agora o divorcio entre o governo da Republica, seja qual fôr, e os verdadeiros republicanos.

Certo perigoso optimismo que nunca se deu ao trabalho de observar, declarará arrogantemente que tudo isto são fantazias de visionario: que as instituições jazem firmes, que não ha perigo que recommende estes remedios extremos.

Tal foi a opinião do grande Carnot em 1797, quando os sinceros amigos da Republica propunham, para salval-a, cousa analoga ao que hoje propomos.

Quanto errou, de boa fé, o grande patriota!

Dous annos depois abria elle os olhos. Bonaparte, apoiando-se nos *moderados* e reaccionarios de todo matiz, consummava sua usurpação, e, quatro annos mais tarde,

Digitized by Google

voltava á França a monarchia, mais retrograda e tyrannica do que nunca!

Desconhecida a logica da Revolução, esse desfecho era inevitavel: lá, como entre nós, como em qualquer paiz, tinha de ser esse o fructo da cegueira humana.

Havendo feito uma Revolução incompleta, cavaram prematuramente os homens a propria sepultura, e em 18 brumario eram já devorados pela morte os que poderiam ter com exito resistido ao general traidor: — semelhante destino nos espera!

Nesse andar em que vamos, amanhã desappareceremos na voragem!

.....

Porque segue a Revolução brazileira roteiro igual ao da Revolução de 89? Porque succumbiu esta e parece a isso encaminhar-se a nossa? — A identidade dellas provém do facto de serem ambas, nada mais, nada menos, que uma só e mesma revolução: — insufficiente o velho regimen, incapaz de amoldar-se ás novas condições da sociedade do seculo, não só em França, mas tambem em todo o Occidente, tentou-se ali, como no Brazil, uma impossivel transacção entre os elementos da ordem antiga e os da ordem moderna, em vez de confiadamente executar-se o programma inteiro do tempo, que consiste no estabelecimento de um legitimo systema republicano.

Não souberam instituil-o em França; desviaram a corrente dos acontecimentos de seu alveo natural e ella perdeu-se, depois de reviravoltas desorientadas, nos areiaes estereis da anarchia — por onde as nações voltam ao despotismo!

Este mesmo erro produzirá aqui os mesmissimos effeitos.

E' tempo ainda de evitar o desastre, REALIZANDO POR INTEIRO O PROGRAMMA DE 15 DE NOVEMBRO: COMPLETEMOS A REVOLUÇÃO! »

Isto dizia eu em 97!...

Digitized by Google

Ao terminar o anno de 1902, apresentei um projecto de Codigo financeiro a esta Casa.

Que declarava nelle que destoasse da obra que estou emprehendendo?

E' curta a citação *(lê)*:

«Actualmente, os abusos enthronisaram-se de fórma que esse instituto (o Tribunal de Contas) valiosissimo em outros paizes, representa nada menos que uma inutilidade.

O estudo da economia intima da ordem politica brazileira convence de que tentámos fugir do absolutismo real e fundámos cousa peior: o despotismo quasi anonymo, irresponsavel como o outro, de caprichosos principes quatriennaes, senhores absolutos do patrimonio nacional.

Isto não é Republica, cuja essencia o bem da communidade, praticado de accordo com as definições legaes, por um poder limitadissimo no arbitrio e de restricta esphera de acção.

Aqui entre nós...»

Manda-me a lealdade declarar que faço allusão ao prefacio das obras do Exmo. Sr. Dr. Campos Salles, edictadas na Imprensa Nacional.

« Aqui entre nós *(continuando a lêr)* faz e desfaz, na medida dos appetites mais vulgares, ousando ainda por cima sustentar que os mais escandalosos desmandos correspondem á ingenua pratica, no governo, do que foi preconisado em ardentes predicas de evangelismo politico!

Tenha um freio o poder de disporem a seu talante è mysteriosamente dos dinheiros do povo os mandões quaesquer.»

E' a mesma linguagem de hoje!...

Mais claramente dizia ainda em meu *Direito Constitucional*. Mais longe ia, e vêde que triste previsão!

Dando meu pensar sobre o regimen passado, em sua fórma legitima, sustentei:

« Esta monarchia definida pelo philsopho (Montesquieu), em vez de aversão, deve

Digitized by Google

merecer o eterno reconhecimento dos republicanos dignos de tal nome, e hão de imital-a elles no que tinha de essencial, quando intentem estabelecer o regimen moderno, sob pena de ser fragilima sua obra politica.

Reflictam os republicanos brazileiros: cumpre-lhes cooperar para que tenha o paiz um governo em tudo conforme ás legitimas tradições nacionaes, ou a restauração do Imperio é breve um facto!

Nada o poderá evitar, e por muitos annos duradouro será elle, si reinstituir, com os aperfeiçoamentos opportunos, a antiga monarchia limitada, da grande época portugueza.

Viverá vida ephemera, pelo contrario, si reensaiar a chamada monarchia constitucional, cahindo logo esta para ceder outra vez o logar á Republica — de igual duração por certo, si persistir a cegueira dominante nos circulos democraticos.

Assim oscillará o Brazil, de reacções monarchicas a desordens republicanas, até que reencete a marcha de sua evolução natural e se reconstitua, *mutatis mutandis*, de accordo com o nosso passado, consorciando a ordem com a liberdade—qual aconselha este livro.

Adopte-se o governo liberal e forte, de que necessitamos, e a anarchia presente será dentro em pouco jugulada, podendo-se delle dizer como o poeta sagrado do Rig-Veda: «O mortaes, contemplae-o, pondo a ordem na confusão, dando fórma ao cahos!»

Não era, pois, uma novidade, uma aventura, como disse ao começar, o que hoje intento, mas desdobramento logico de um mesmo systema politico.

Sr. Presidente, eu podia revidar as injurias de que fui alvo por parte do representante de S. Paulo; não o faço, em homenagem á bancada paulista, onde conto um amigo no Sr. Moreira da Silva, um camarada, a quem muito considero, no Sr. Fernando Prestes; e de onde tive uma boa prova de generosidade e carinho na sessão

Digitized by Google

de 14, da parte de um illustre deputado, cujo nome me falta neste momento, pelo que peço licença...

O Sr. Angelo Netto — Jesuino Cardoso.

O Sr. Alfredo Varela... — o Sr. Jesuino Cardoso.

Mas, prosigamos, senhores.

— O Sr. Carlos Cavalcante !... Digo como retribuição aos mimos deste cavalheiro, que S. Ex. estava tão senhor de si, que viu um revólver nesta simples caixa de oculos ! *(Mostrando). (Hilaridade).*

Entretanto, senhores, preciso accrescentar mais alguma cousa, com relação a um dos meus collegas, o sr. Candido de Abreu.

Mostrou-se S. Ex. um severo Catão.

Dous conhecemos com este nome na antiguidade : um, impeccavel, grande figura da Roma puritana ; o outro, aquelle hypocrita que tinha um prostibulo de escravas e delle fazia renda...

Vejamos si o meu accusador pertence á familia do primeiro ou si á do segundo.

O Sr. Candido de Abreu sabe dizer-me de um intendente de Curityba que, segundo voz autorisada, retirou tres ou quatro contos do erario municipal, para um passeio a S. Paulo e ao Rio de Janeiro ? *(Pausa.)*

O Sr. Presidente —O regimento não permitte que V. Ex. se dirija a um outro Sr. Deputado. Deve dirigir-se á Mesa.

O Sr. Alfredo Varela — Perfeitamente; dirigir-me-hei a V. Ex...

Pois, senhores, vae responder por mim, como eu disse, voz autorisada.

Houve um orgão em Curityba, o *Estado do Paraná*, editado pelo actual vice-governador do Estado, Sr. Dr. Victor do Amaral, pelo futuro vice-governador, Dr. João Candido Ferreira, cavalheiro que bem conheceis, e redigido pelo Sr. Dr. Octavio do Amaral, secretario, actualmente, do governo do Estado do Paraná.

Digitized by Google

Pois, senhores, é esse orgão (o testemunho é insuspeito, penso eu!) que declara em seu numero de 3 de dezembro de 1894:

« *Brigam os compadres, e as comadres descobrem as verdades*; diz muito acertadamente o annexim popular. Madama Intendencia está fornecendo assumpto para muita gargalhada...

O Prefeito passado achou que o Prefeito presente estava sendo conjugado irregularmente e levantou discussão...

Todos nós sabemos que o Sr. Candinho...»

E' o Sr. Candido de Abreu (*risos*), (continúa a ler) « ... é um homem candido, e o Sr. Xavier n. 3... »

E' o substituto do Sr. Candido de Abreu na Prefeitura.

(Continuando a lêr) « ... um perfeito Prefeito... mas a candura de um não concordou com a perfeição do outro e foram á vias de facto... de descompostura...

O tal negocio da luz electrica...»

Infelizmente, não sei que outra historia é essa!

(continuando a lêr) « ... vai trazer luz sobre muita cousinha escondida que nós não eramos capazes de suppôr...

3:000$ para passear em S. Paulo e no Rio... e mais uns 3 ou 4, quando voltou não sei de onde e onde foi fazer não sei o que, como emissario do Pêgo... toda essa dinheirama, foi leite mamado nos magros peitos de Madama Intendencia, que não obstante a sua magreza muito bem podia se offerecer para ama de leite de muito menino bonito...» (*Riso.*)

Ouviram os Srs. Deputados, não é assim? (*Pausa.*)

Não commento!...

Como administrador, querem seber quem é a notabilidade de Parvonia que nos enviou o Paraná? (*Riso.*)

O Sr. Presidente — V. Ex. não se póde dirigir desse modo a um Sr. Deputado.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Chamando-o de notabilidade? (*Hilaridade.*)

Vai dizel-o em seu primeiro relatorio o Secretario das Obras Publicas, actual, do Paraná, substituto de S. Ex.

Ouçam (*lê*):

« Nomeado por decreto de 26 de fevereiro deste anno, assumi o exercicio de meu cargo, e no dia seguinte tratei logo de entrar no conhecimento dos negocios que corriam pela Secretaria, e com desprazer notei que deixavam muito a desejar... »

Um correligionario, senhores, escreve isto, naquella terra, em que não se ousa dizer cousa nenhuma!

Imaginem o que este homem não viu para dizer o que está aqui!

(*Continúa a lêr*) «...tal era a quantidade de papeis e autos amontoados sem o devido andamento, o que me fez acreditar que *não eram destituidas de fundamento as queixas e reclamações que de ha muito se levantavam contra o seu pessoal*, a quem arguiam, *entre outras cousas*, de falta de assiduidade, excessiva morosidade no andamento dos papeis e CULPABILIDADE NOS FREQUENTES DESAPPARECIMENTOS DE AUTOS E DOCUMENTOS. »

Eu commentei no *Diario da Tarde (Lê)*:

« Quer dizer, nas proprias espheras governativas, a industria de ceder terras a todo o mundo, eu sei a que preço ...»

O SR. CANDIDO DE ABREU — O empregado foi demittido.

O SR. ALFREDO VARELA — Mas V. Ex. não o foi, e era o principal responsavel (*Sussurro prolongado.*)

O SR. PRESIDENTE — Attenção.

O SR ALFREDO VARELA — O SR. Alencar Guimarães!... Sr. Presidente, ha de me permittir V. Ex. que para provar aquillo que avancei, diga que accusação fiz.

Eu disse que o 1° Secretario da Camara era advogado administrativo.

Digitized by Google

Pois senhores, não preciso mais de prova. E' um réo confesso!

E' o proprio Sr. 1º Secretario quem, procurando preparar terreno para a defeza, declarou em discurso que não ouvi, mas que consta do *Diario Official*, o que se vae ver: « Advogado administrativo! » disse S. Ex. muito admirado. « E' possivel que o seja quando requeiro no juizo de orphãos, quando requeiro no juizo de fallencias, QUANDO REQUEIRO PERANTE QUALQUER AUTORIDADE ADMINISTRATIVA DE MEU PAIZ?...»

Eu não quero fazer o minimo commentario a este curioso topico; seja-me permittido, porém, lêr da tribuna um parecer que obtive esta manhã, do meu illustre amigo e notavel homem do Imperio, o Sr. Conselheiro Candido de Oliveira.

Submetti á consideração de S. Ex. a seguinte

« PROPOSTA

1.º Um representante do paiz póde exercer a advocacia, sob qualquer fórma?

2.º Si lhe não é vedado o exercicio da advocacia, póde, todavia, o representante acceitar o patrocinio de causas contra a fazenda publica?

3.º Um representante póde especialmento advogar perante autoridades administrativas?

4.º Pessoa poderosa póde advogar, sobretudo em circumscripção cujos tribunaes tenha organisado ou hajam sido organisados sob sua inspiração?

Rio, 20 de outubro de 1903.»

Obtive este luminoso

PARECER

Ao primeiro:

Affirmativamente.

Nos termos da Constituição, arts. 72, § 24, é garantido o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial.

Digitized by Google

Garantir o exercicio, importa autorisal-o a todos, que não sejam expressamente prohibidos, como acontece aos funccionarios e corporações indicados, no art. 2º do Codigo Commercial.

Nos regimens democraticos, póde o individuo fazer tudo quanto a lei não prohibe formalmente.

Assim: o representante da Nação póde ser advogado, perante quaesquer juizos ou tribunaes.

Ao segundo:

As sentenças proferidas contra a Fazenda Publica não podem ser executadas, como as demais, mediante a penhora dos bens ou dinheiros nacionaes. E' preciso que o Poder Legislativo conceda o credito respectivo.

Conceder o credito é discutir a legitimidade do mesmo, tendo o membro do Congresso o direito de examinal-o, sob todas as suas faces.

E' obvio, portanto, que o Deputado ou Senador não póde honestamente patrocinar perante os tribunaes causas que interessarem á Fazenda Publica.

Accresce que a funcção legislativa não é limitada á mera votação dos projectos de leis.

O Deputado ou Senador intervem com o seu voto, no exercicio das attribuições indicadas na Contituição, art. 34, ns. 27, 28 e 32 e art. 35, § 1º, que, manifestamente repugnam á pratica da advocacia.

Ao terceiro:

No sentido rigoroso da palavra, hoje, não existindo contencioso administrativo, não póde a profissão do advogado referir-se a causas, agitadas perante as autoridades administrativas, como acontecia no dominio do Regulamento n. 124, de 5 de dezembro de 1842, cujo art. 37 creou dez advogados do Conselho de Estado, aos quaes sómente era

Digitized by Google

permittido assignar as petições ou quaesquer allegações ou arrazoados, que tivessem de ser apresentados ao Conselho ou ás secções, sendo que uma lei posterior aboliu este privilegio.

Assim, a todos é licito, presentemente, exercer perante os agentes da administração o seu direito constitucional de petição.

Como, porém, é o Congresso quem toma as ontras da receita e despeza de cada exercicio financeiro, Constituição art. 34, n. 1°, como é a Camara dos Deputados quem decreta a procedencia ou improcedencia da accusação contra o Presidente da Republica e contra os Ministros de Estado, citada Constituição art. 29, e é ao Senado que cabe privativamente, julgar o mesmo Presidente e os ministros, Constituição, art. 33, é obvio repugnar, com estas altas funcções, o exercicio pelos deputados ou senadores, do *munus* privado, ou da procuradoria particular perante as autoridades administrativas ».

A resposta ao quarto quesito é longa e affirmativa. Não tem importancia para o caso presente. *(Pausa.)*

Julgue a Camara.

Mas, eu, senhores, podia allegar factos. Está bem visto que não poderia trazer recibos ou provas de tal ordem : evitam facilital-as os homens que se occupam de cousas desta ordem. Mas ha provas satisfactorias, testemunhaes pelo menos...

Sr. Presidente. Fala-se muito no Paraná de um celebre caso.

Metteram a pique um vapor, durante a revolta. O proprietario, João Fernandes de tal, deu procuração ao Sr. Alencar Guimarães para obter-lhe a respectiva indemnisação e disso cuidava o 1° Secretario da Camara.

Eis senão quando, não sei porque, o Sr. João Fernandes entendeu passar procuração a outro advogado. O Sr. Alencar

Digitized by Google

Guimarães passou a ser um perseguidor do proprietario do navio, o *Putinga*.

Disso, que é voz publica, se fez echo uma pessoa cujo testemunho S. Ex. não póde recusar. O redactor-chefe do orgão official do Estado do Paraná, o Sr. Chichorro Junior, que na *Gazeta do Povo*, n. 216, de 1898, o qualifica desta fórma :

« A egrejinha que o Deputado Alencar Guimarães desmanchou foi, como se vê, a egrejinha que o advogado administrativo Alencar Guimarães preparou. »

— E' um facto e com um testemunho insuspeitissimo !...

Não é só isto. Sabem todos : S. Ex. advogou contra a Fazenda Nacional em uma causa da Exma. Sra. Baroneza de Serro Azul, na qual ganhou, segundo dizem, 100 contos de réis.

Advogou, ainda contra a Fazenda, a causa do Sr. Francisco Torres, numa questão de burgos.

Basta !

Senhores, preciso dizer de passagem que não tenho gosto em estar magoando a ninguem.

Cumpro um penosissimo dever e si outro fôra o meu coração eu não ficaria nesse terreno...

Senhores, iria á vida privada dos meus accusadores, que não pouparam a minha : não me referi ainda á de nenhum delles !

O Sr. Presidente — Devo observar ao Sr. Deputado que está finda a hora do expediente, a qual não póde ser prorogada, de accordo com o art. 67 do Regimento.

O Sr. Alfredo Varela — Peço alguns momentos para proseguir.

O Sr. Angelo Netto—Tem os quinze minutos de tolerancia.

O Sr. Carlos Cavalcante—Peça a palavra para uma explicação pessoal.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Obrigado a V. Ex.

Sr. Presidente, peço a palavra para uma explicação pessoal.

O SR. PRESIDENTE — Depois de entrarmos na ordem do dia. *(Interrupção.)*

O Sr. Alfredo Varela (*para uma explicação pessoal*)—Abordarei, agora, o julgamento do principal dos réos da oligarchia paranaense.

Capitulei os crimes do tyranno e vou dar as provas do allegado.

Sr. Presidente, peço a V. Ex. a tolerancia necessaria para que eu repita os capitulos da accusação. V. Ex. já me o prohibiu, mas não posso deixar de fazel-o.

Disse eu: VICENTE MACHADO É UM ADVOGADO CORROMPIDO.

O SR. PRESIDENTE — Attenção! Não posso consentir que V. Ex. use de termos offensivos...

O SR. ALFREDO VARELA (*sorrindo*)—Bem; retiro a expressão.

Em sessão de agosto do corrente anno, affirmou no Senado o Sr. Ramiro Barcellos, revidando injurias do Senador paranaense á politica do extremo sul da Republica: « Tal é o escrupulo dos homens politicos, que têm estado na administração do Rio Grande do Sul ou na direcção do partido republicano, que o chefe desse partido, sendo um dos homens mais bem preparados, como é geralmente sabido, nas materias de sua profissão, advogado e jurisconsulto, julgou-se incompativel para exercer até hoje sua profissão, simplesmente por ter sahido do governo chefe de um grande partido, que continuava no poder.»

Este bello exemplo já sabe todo o paiz que não foi imitado no Paraná; e note-se que o Dr. Julio de Castilhos, si sua moral poli-

Digitized by Google

tica fosse menos rigida, podia advogar no Rio Grande do Sul, porque lá os juizes são investidos depois de concurso, têm accesso garantido em lei, são vitalicios e inamoviveis.

Quereis que vos diga, Srs. Deputados, qual é a situação da magistratura do Paraná? Precaria assim: sabe em primeiro logar que depende de um governo sem escrupulos, o qual, depois da revolta, em pleno regimen normal, dissolveu illegalmente o tribunal superior do Estado e despediu dous juizes de direito; e sabe que pela lei n. 322 de 8 de maio de 1899, art. 178, a sorte dos juizes ficou a arbitrio dos potentados politicos, bastando a representação da maioria da Camara Municipal da séde da comarca, acompanhada das assignaturas de cincoenta jurados, para que o juiz seja removido ou posto em disponibilidade, com o terço do ordenado!

Esses gremios municipaes representam por acaso o povo paranaense? De fórma alguma.

Todas as eleições feitas na conformidade de um alistamento puramente estadoal, portanto illegal, que, no dizer do Sr. Chichorro Junior, redactor-chefe do *Republica*, orgão official do vicentismo, «excluiu do direito de voto todos aquelles que não rezam pela cartilha da situação». Realisadas assim as eleições, si não sahiu o gremio a gosto dos olygarchas, pela lei n. 329 de março de 1900, art. 1º, qualquer eleitor da grey recorre, para o ramo judiciario do poder publico local? Não! Para uma commissão do Congresso Legislativo, de que sempre faz parte o Sr. Vicente Machado, a qual resolve discricionariamente, com a sancção infallivel do Congresso, sempre e sempre conforme ás conveniencias da politicagem inspirada pelo mandarim do burgo.— Vê-se desta fórma, que as Camaras Municipaes não passam de dependencias do corrilho politico que domina no infeliz Paraná.

Digitized by Google

Quer dizer, portanto, que no Paraná as eleições á mercê dos vicentistas ; que com as fraudes destes se escolhem as Camaras Municipaes ; o Congresso, eleito da mesma fórma, annulla as eleições das Camaras Municipaes que não sejam da grey ; estas, a seu turno, cassam os poderes dos juizes independentes, — ficando assim todos os ramos do poder publico local na dependencia da olygarchia, isto é, de Vicente Machado !

Pergunto aos homens sérios deste paiz : póde honradamente advogar no Paraná um homem que assim o tem nas mãos ? — Ninguem o sustentará !

O resultado é o que bem podeis imaginar ; todas as boas causas vão ter ao escriptorio do Senador Vicente Machado, e ai ! do juiz que se não dobre aos seus caprichos e imposições.

Ainda ha pouco iniciou-se uma causa em Paranaguá. Litigantes, os Srs. coronel Manoel Bonifacio Carneiro, futuro vice-governador, Sebastião Lobo e outros. Valor da causa, mil contos de reis.

O Dr. Vicente foi desde logo convidado a dar-lhe o seu patrocinio, pelo Sr. Bonifacio e chamou immediatamente á sua presença o juiz, Dr. Salustio de Lamenha Lins, para que comprehendesse bem o que pretendia o mandão. O juiz resistiu e, vendo o perigo que corria, tomou o trem, dirigiu-se á capital e expoz ao Governador (um pobre velho, mero titere nas mãos do Senador Vicente Machado) o que se passava com a sua pessoa. O governador, constrangido, disse-lhe: « Que hei de fazer ? Emquanto eu aqui estiver, não o demittirei, nem removerei. Mas, e depois ? »

O moço comprehendeu, e declarou-se suspeito, indo a causa parar em *melhores* mãos. Era o que queria o Senador Vicente Machado.

Outro caso, senhores. O Estado do Paraná tem uma producção, quasi toda ella de pouco valor, grande volume, grande peso, de fórma que essa producção não se póde escoar pela

Digitized by Google

unica via que lhe deixou um tremendo gargantua: a Estrada de Ferro.

Existia ahi, desde o tempo da monarchia, uma excellente estrada de rodagem, a estrada da Graciosa. O Sr. Vicente Machado, advogado da companhia belga ou suissa da Estrada de Ferro, deixou que se estragasse completamente a estrada da Graciosa, por onde podiam descer as producções de sua terra.

Bradaram os povos e reclamaram o melhoramento da via. Nada obtiveram; era preciso servir primeiro á Estrada de Ferro dos patrões do Senador!

Mais ainda. Um cidadão mandou fazer estudos e soube que com 50:000$ se reparava a estrada da Graciosa.

Offereceu ao Governador a quantia para o melhoramento indispensavel ao pobre Paraná, e o Governador respondeu-lhe que era uma « cousa muito grave... que era preciso consultar o Congresso... » e nada se fez, não sendo acceito o presente de 50:000$ para melhorar uma via daquella ordem...

Creio que o facto dispensa commentarios. Recusar o Estado uma dadiva destas, para melhorar uma estrada, que é a unica via de communicação razoavel para os productos do Estado!... E' sabido que o pinho, moveis, e quasi todos os outros generos de exportação, não podem pagar fretes de estrada de ferro.

E (digo de passagem), attende esse regulo de tal maneira aos negocios de seu pobre Estado, que consente vigore ha muitos annos uma tarifa, que contém absurdos desta ordem: uma pipa cheia paga menos do que uma pipa vasia!

Isto passa-se lá; e S. Ex., que é o potentado que sabemos, que tem influencia sufficiente (oh, vergonha da Republica!), para fazer transferir illustres militares da guarnição de Curityba,— não deu um passo até hoje para reformar esta absurda e barbara tarifa!...

Digitized by Google

Por que ? Por que este advogado da Nação (nós o somos) era ao mesmo tempo advogado da Companhia de Estrada de Ferro do Paraná !

Outro ligeiro traço da bella moralidade da nossa famosa Republica: o advogado de uma companhia dependente do Thesouro, como aquella, é ao mesmo tempo Senador Federal !

Mas, outro aspecto da interessante advocacia, que eu qualifiquei como já sabem...

A Exma. Sra. D. Maria Dolores Leão da Veiga, proprietaria do engenho *Fontana*, foi lesada, dizem, por um irmão, o Sr. Leão Junior.

Intentou acção contra este senhor, o qual tem como seu patrono um distincto advogado de Curityba.

Receioso do exito da demanda, poz elle sua causa sob a protecção, naturalmente de quem ? — Do regulo local ! Acceita a procuração, o feliz advogado não deu uma pennada até hoje, mas já recebeu a importancia dos seus honorarios: 14 contos de réis.— D. Maria Dolores da Veiga, positivamente terá sentença contraria ao que reclama.

Compulsando os autos, o Sr. Vicente Machado soube que, além do exposto, Leão Junior lesava á Fazenda Nacional, deixando de pagar fretes á Estrada de Ferro do Paraná, que gozava de garantia de juros do Governo Federal e que é hoje um proprio nacional.— Como, pergunto, acceitou mandato de um confesso defraudador do fisco ?

A prova está, aqui, senhores, consta dos autos, pag. 68. Eil-a: «Sinhozinho (é o appellido de Agostinho H. Leão Junior, socio da extincta firma Leão Junior).

O conto e oitocentos mil réis do cheque n. 616, foi para gratificar á Estrada de Ferro de 30.605 kilos que se tirou e que não pagou frete.

Digitized by Google

Foram 110.391 kilos e só se pagou 79.786:

que resultou	2:534$520
Gratifiquei	1:267$260
Tirei para mim	532$740
	1:800$000
Para casa.	734$520
	2:534$520

Isto é bom depois que V. verificar rasgar.

Carta de Manoel Xavier Pereira. Feitor do engenho de Ponta Grossa.

(Cópia do talão). Para remetter á Curityba.

N. 16. . . . . Rs. 1:800$000

Para a caixa auxiliar.

Ponta Grossa, 3 de junho de 190?.

(Assignado) O Encarregado Manoel Xavier Pereira.»

Eis porque affirmei que Vicente Machado é um advogado... Vós sabeis, senhores, como o qualifiquei! *(Sussurro.)*

Disse eu: VICENTE MACHADO É UM ADVOGADO ADMINISTRATIVO.

Senhores, todo o mundo sabe que o juiz federal do Paraná, o Sr. Dr. Carvalho de Mendonça, publicou, em o *Jornal do Commercio* desta capital, seis tremendos artigos contra o Dr. Vicente Machado, articulando as mais vergonhosas accusações, entre as quaes uma...

Tenho aqui, senhores, um precioso livro. Intitula-se PSYCHOPATHIA SEXUALIS, *avec des recherches speciales sur l'inversion sexuelle. (Sussurro.)*

O SR. PRESIDENTE — Attenção! Chamo á ordem o nobre Deputado.

O SR. ALFREDO VARELA — Convido os homens curiosos desta Camara a compulsarem este livro: é interessantissimo. A' pag. 259 ha um trecho... que se me pede que não leia!

Digitized by Google

Manuseado o volume, comprehende-se qual a accusação que o juiz Carvalho de Mendonça fez ao Senador Vicente...

O nosso caso, porém, é outro, senhores.

Affirma tambem o Dr. Carvalho de Mendonça, que Vicente Machado « propuzera perante o juiz federal do Paraná varias acções de indemnisação contra a Fazenda Nacional ».

O Sr. Vicente Machado assegurou solemnemente ao Senado que ia chamar á responsabilidade o juiz federal do Paraná. Não o fez até esta hora, o que importa numa confissão.

E sabem os senhores quem é o Dr. Carvalho de Mendonça? O meu nobre amigo Dr. Barbosa Lima talvez o conheça...

O SR. BARBOSA LIMA — E' um juiz respeitabilissimo, e toda a Camara o conhece, naturalmente.

O SR. ALFREDO VARELA — E' um juiz respeitabilissimo, diz pessoa de autoridade!

Ha mais. Todo o mundo falla em Corityba de uma escandalosa negociata, sobre a qual disse eu, em artigo do *Diario da Tarde*, a 11 de setembro, o seguinte:

« A industria (a de cessão de terras publicas) tornou-se tão lucrativa, que dizem haver em Curityba recebido commissão no valor de duzentos contos, CERTO GRANDE POLITICO, pelas concessões a syndicato argentino de zonas extensissimas de preciosos bosques, ricas de hervaes, em contractos clandestinos até hoje não publicados.»

A Republica, o orgão official, rebateu a este meu editorial sobre terras publicas com dous artigos, a 12 e 14 de setembro. Tenho-os aqui *(mostrando)* para quem quizer verificar. Silenciou quanto a esta parte, quando eu havia feito affirmativa desta ordem: — que haviam dado uma propina de 200 contos a um grande politico!

O orgão official respondeu ao meu artigo com dous outros, mas nem palavra sobre

Digitized by Google

isso ! Silenciou, repito, quanto á transparente allusão ao Dr. Vicente, apontado por todos como advogado da negociata. Entretanto, quando o *Diario* fez referencia á commissão que caberia a um « grande politico da terra », no projectado emprestimo Fontaine, a *Republica* offereceu logo franco desmentido.

Por que não fez o mesmo quanto á outra imputação ? — Naturalmente, porque lhe pareceu arriscado negar o que está na consciencia de todos.

Taes factos e outros muitos me autorisam a dizer que VICENTE MACHADO E' UM ADVOGADO ADMINISTRATIVO.

Disse eu : « VICENTE MACHADO É UM PECULATARIO.»

O SR. PRESIDENTE — Attenção !

Não póde ficar tal expressão.

O SR. ALFREDO VARELA — Em attenção a V. Ex. retiro.

Vicente Machado fez o Governador do Estado, seu successor, abrir em novembro de 1894 um credito de 450 contos, a pretexto de pagar despezas « em serviços extraordinarios no periodo da revolta » .

O *Estado do Paraná*, orgão, como disse, do actual vice-governador do Estado e do futuro, redigido pelo secretario do interior em exercicio, abriu campanha contra o criminoso desvio dos dinheiros publicos, que se projectava.

Vicente Machado fez o possivel para defender o acto, mas debalde. O brilhante jornal obrigou o secretario da Fazenda a confessar que as taes despezas extraordinarias não haviam montado a mais de 154 contos, affirmando que estas se haviam feito em virtude do acto de 28 de dezembro de 1893, do vice-Governador em exercicio, o Sr. Vicente Machado.

Não fosse o brado de alerta do *Estado* e o Sr. Vicente Machado teria abiscoitado os 300

Digitized by Google

contos que sobravam do credito aberto para pagamento das chamadas despezas extraordinarias, aliás feitas indevidamente, porque todas corriam por conta da União. Evidentemente tratava-se de encobrir um criminoso desvio de dinheiros publicos.

E já, senhores, que fallo no *Estado do Paraná*, seja-me permittido fazer ligeira referencia ao incidente da sessão de 14.

Mui melindrosos se mostraram os representantes do Paraná com o simples qualificativo — covardão, que dei ao Sr. Vicente Machado...

Quer saber a Camara como o qualificou, ao tempo desse memoravel debate, o actual secretario dos Negocios do Interior do Estado do Paraná? MONSTRO DE CYNISMO!

Está aqui, senhores! (*Mostrando um jornal.*)

Quer saber a Camara de que modo qualificou outra vez o Sr. Secretario do Interior do Paraná a Vicente Machado? Como, em máo portuguez, porque este Senador está na infancia dos conhecimentos humanos *(riso)*, como em máo portuguez Vicente Machado dissesse que se « abrio um vacuo de desprezo em torno do *Estado do Paraná* » (*riso*), o Secretario do Interior disse do chefe da situação: « Que estupidez de zebra! ». E desde ahi o jornal do Dr. Octavio denominou o senador Vicente Machado... *gran vacuoide!* (*Riso*).

Eis, pois, o que é o Senador Vicente Machado na opinião do grupo dos *Seraphins*, como elle os denomina. — Ha uma divisão intima no partido de S. Ex. e aos que não lhe obedecem muito cegamente, costuma perseguir com uns tantos brocardos e ... permitta V. Ex., Sr. Presidente, que eu não entre numa chocante particularidade.

Fico no que ia dizendo tão sómente.

O Sr. vice-governador actual do Estado, e vice-governador futuro, o Sr. Secretario do Interior do Estado do Paraná, classificaram o Sr. Vicente Machado de — monstro de cynismo!

Digitized by Google

A que ficam reduzidos, senhores, os meus complacentes qualificativos?! *(Riso.)*

Monstro de cynismo!

Não é a palavra apaixonada do *forasteiro*, qual me intitularam os dominadores do Paraná, como se aquillo já não fosse terra do Brazil...

E permitta-se-me uma outra referencia.

Senhores, julgai da minha imparcialidade. Eu não tinha a minima relação com os opposicionistas do Paraná. Lá fui visitar um dos meus mais queridos amigos, o general Menna Barreto. Recebido ali gentilmente pelo governador do Estado; visitado em seguida pelo Dr. Vicente Machado, pelos secretarios daquelle; pelos principaes do pessoal governista. Quem me não visitou, talvez pela minha procedencia politica, foi propriamente a opposição do Paraná.

Da capital encaminhei-me para o interior, em procura de um retiro que eu desejava estabelecer naquelle sympathico recanto do Brazil.

O Sr. Governador teve a delicadeza de mandar cartas aos seus amigos para que me recebessem, para que me offerecessem meios de conducção e me dessem hospitalidade. Todos me trataram com uma gentileza que daqui solennemente agradeço.

Tornei segunda vez ao Paraná e as mesmas scenas se repetiram.

Tive ahi a visita de um adversario do governo local, que me procurou pelo motivo de ser eu amigo de um tio seu, em Pernambuco. Não tratámos de politica, mas, senhores, eu contemplei aquelle caro torrão com olhos de ver.

Vi a espantosa realidade; ainda que todo o brazileiro benevolente em excesso, não me deixei comprar com os galanteios e mimos da gente da situação.

Não esqueci as provas de boa hospitalidade, tomando o compromisso solenne de as retribuir quando possivel, na mesma moeda, mas

Digitized by Google

jurei a mim mesmo contribuir para que cessasse a horrorosa oppressão de um povo inteiro!

Como bom conservador, entretanto, entendi que antes de aggredir á situação do Paraná, me cumpria orientar com as minhas vistas de homem publico, e sympathicas advertencias, os directores do Estado.

Uma noite encontrei o Dr. Vicente Machado, com sua Exma. Senhora, na rua Gonçalves Dias. Convidei-o para, por alguns momentos, dispensar-me a sua attenção, e dirigimo-nos á confeitaria Colombo. Ahi fallei-lhe francamente do que tinha visto, fazendo um appello aos seus sentimentos: — « E' preciso modificar aquella tremenda situação, Dr. Vicente Machado! Aquillo é insupportavel! Não ha povo algum que possa resistir muito tempo ao peso de tamanha oppressão! »

Não ouvi, senhores, um desmentido da bocca de S. Ex.; antes me fez uma confissão analoga á que se attribue ao Imperador, ao deixar a Patria :

—« Ora, sabe, Dr. Varela, que eu não tenho culpa de muita cousa que alli se faz. Estou constantemente aqui ou na Europa, de modo que não tenho conhecimento de muitos factos que alli se passam.»

« Seja! Mas mude de politica, inaugure uma administração á altura das necessidades daquelle povo » e por ahi fui numa exhortação que, pareceu á minha ingenuidade, impressionava S. Ex. O resultado foi este, senhores : é que as cousas continuaram como no Quartel General de Abrantes!

Mas, Sr. Presidente, preciso tratar de outro caso, antes de rematar este capitulo da accusação.

Sabem todos os homens desta terra, que uma das mais formosas paginas da historia pernambucana é aquella de 17 : senhores do Recife os soldados do Rei, abalaram d'ahi os revolucionarios, começando na Capital immediatamente uma terrivel matança.

Digitized by Google

Quando chegados ao engenho *Paulista*, notaram os da Republica, que iam debandar, que traziam comsigo o erario do Estado.

Não houve hesitações : não hesita nunca o patriotismo pernambucano !

Confiado a cinco dos perseguidos, sujeitaram-se á morte inevitavel e inevitada, mas foram restituidos fielmente os dinheiros nacionaes !

Pois senhores, nesta nossa famosissima Republica, um governador fugitivo levou comsigo o erario do Estado e até hoje não temos noticias delle !

Até hoje não ha quem dê novas do paradeiro dos cofres do Paraná !

Sabe-se que quando o governador partiu, a bom fugir, levou o erario de seu Estado, mas ninguem sabe onde elle está !

Mais ainda; sabe-se que houve um largo interregno. O Sr. Vicente Machado, depois da fuga, tornou ao Paraná, quando elle foi reconquistado, não por S. Ex., mas pelas forças do Marechal Floriano.

Pois S. Ex. recebeu o subsidio de Vice-Governador em exercicio, correspondente a esse interregno !

Pergunto: que nome dar a isto, em bôa lingua portugueza ?

Eis por que disse eu que VICENTE MACHADO É UM PECULATARIO !

Disse eu: VICENTE MACHADO É UM CONTRABANDISTA.

Em minha passagem por Paranaguá, ultimamente, fui convidado por um distincto grupo de negociantes a ir até a Alfandega. Ahi tive o gosto de ver um bello carro, com magnificos arreios, tendo a mercadoria este endereço : *Vicente Machado*.

Sabem os Srs. Deputados onde foi apprehendido esse carro ? Em casa do futuro Vice-Governador do Estado, coronel Manoel Bonifacio Carneiro. Dahi mandou arrastal-o o Sr. Inspector, e lá está para quem quizer vel-o.

Digitized by Google

Eis porque disse eu que VICENTE MACHADO É UM CONTRABANDISTA!

O SR. PRESIDENTE — V. Ex. está reproduzindo as expressões do seu discurso. Não as consinto. Ordem...

O SR. ALFREDO VARELA — Si V. Ex. quizer, retiro a expressão. (*Riso.*)

Disse eu: VICENTE MACHADO É UM PROTECTOR OU SOCIO DE MOEDEIROS FALSOS (*sussurro*), e nesta hora da Republica !...

O SR. PRESIDENTE — O nobre deputado me obriga a fazer identica observação chamando-o á ordem.

O SR. ALFREDO VARELA — Perfeitamente.

Chegara um mysterioso busto á capital do Paraná, dirigido a um Sr. J. Stumbo, que não apparecia, nem se sabe quem é. O commissario de policia, Sr. Assumpção, dirigiu-se á Estrada de Ferro e reclamou o busto.

Pesava este 29 kilos, então. Notem bem essa circumstancia e notem esta outra: o Sr. Assumpção é um amador de pintura e esculptura; *trabalha em gesso*. Levado o busto para a casa do commissario, voltou para a estação ás 11 horas da noite. No dia seguinte, segunda visita da autoridade e, então, perante testemunhas, aberto o engradado, verificou-se que, em um certo ponto, o gesso do busto tinha soffrido uma abertura, cuja recentissima obturação era visivel...

Pesado, em virtude de reclamação não sei de quem, verificou-se que a interessante peça passara a ter 28 kilos!

O *Paraná* e *O Diario* affirmaram que dentro do busto vinha uma bella quantidade de notas falsas de 500$, começando logo a circular algumas.

Até hoje este «mysterio,» como classificou o *Paraná*, não teve explicação, não se sabendo porque o busto foi para a casa do commissario e voltou ás 11 horas da noite, sendo ahi examinado sem testemunhas e sem lavrar-se um auto qualquer...

Digitized by Google

O commissario, até hoje em funcções !

Mas o mais interessante da curiosa historia da moeda falsa do Paraná, é o que eu passo a relatar.

Um dos mais poderosos chefes eleitoraes do Dr. Vicente Machado é um certo Hermogenes, de Serro Azul. Este sujeito tem uma casa de negocio á beira da estrada ; quando passam os pobres colonos, offerece-lhes bom preço por todas as mercadorias, mas dá-lhes uma ruim moeda que elles por força procuram recusar, dizendo-lhe :

« Sr. Hermogenes, isto é moeda falsa. »
« E' falsa mesmo, replica elle, mas não importa, tem de leval-a.»

E levam-na, os infelizes, porque o homem é de esfaquear um outro com facilidade !

Rompe o *Diario da Tarde*, então dirigido pelo deputado estadoal, membro conspicuo do Partido Republicano, Dr. Reynaldo Machado ; rompe em digna cruzada contra o tal Hermogenes e o denuncia como passador de moeda falsa.

O governo vê-se obrigado a substituir a autoridade policial por uma outra. E' escolhido um official de policia, o Sr. Benjamin Lage.

O governo, habituado a que lhe adivinhem os pensamentos, não deu claras instrucções ao capitão Lage ; de fórma que este abre inquerito e deixa patente a responsabilidade de Hermogenes.

Foi um alarma nas rodas situacionistas !

Immediatamente é substituido o capitão Lage; outro mais *intelligente* foi preparar o inquerito que convinha e no qual (calcule-se da prepotencia que impera alli !) as mesmas testemunhas que haviam declarado no primeiro inquerito terem recebido de Hermogenes, á força, notas falsas, declararam depois que não, que elle era um verdadeiro anjinho (*riso*), era um pae de todos, etc.

Digitized by Google

Tal a situação daquella zona !

Eu tenho, senhores, ainda um certo sentimento de desculpa, um certo sentimento de benevolencia ao julgar os Srs. representantes do Paraná, porque elles nem sabem do que vae por aquella pobre terra !

Quereis uma prova, uma prova immediata ?

A intendencia da capital ha muito que não paga os juros das suas apolices, e é a primeira cidade do tal florescente Paraná !

Poderão os Srs. deputados, si me permitte o Sr. Presidente que os interrogue, poderão SS. EEx. dizer qual a situação financeira da segunda cidade do Estado, Paranaguá ? (*Silencio.*)

Está na miseria que vão ver.

Digitized by Google

Paga desta maneira (*mostrando a photographia de um titulo de credito*) :

Pague-se.
13 — 1 — 902.
Theodorico.

Camara Municipal de Paranaguá

GUIA PARA RECEBIMENTO

O Sr. Horacio Gonçalves vai receber do Sr. Thesoureiro da Camara Municipal a quantia de dous mil réis, proveniente de um dia de serviço, á razão de 2$000 por dia.

Concertos na « Fonte Nova ».

1902

§ 15 — Obras Publicas.

L.ço em 13/1º/02.

Carlos Eugenio.

Paranaguá 11/1/1902.

— *Mauricio Leão Leomil.*

Estes titulos, descontados na praça com 50 % de abatimento!

Ahi está! Calcule-se o estado dessa Fazenda municipal! — E disse, ha dous dias

Digitized by Google

passados, o sr. Alencar Guimarães em uma roda : « — Qual ! O Paraná ? Aquillo é o seio de Abrahão, paga-se a todo o mundo, todo mundo está contente », — e assim fazia uma ridente descripção da sua terra ! Pois é esta a sua miserabilissima situação !

Mas isto ainda não é nada. (*Riso.*)

Sabem os senhores o que é este velho papel que aqui está ? (*mostra um papel*) E' uma guia de licença de Votuverava. (*Lendo*): « O Sr. Zacharias pagou a quantia de trinta e tres mil e trezentos réis para mascatear fazendas dentro deste municipio; e por ser verdade passo a presente licença. —Votuverava, 30 de abril de 1903. — O prefeito municipal, *Manoel José de Siqueira.* »

Mas o curioso de tudo isso é que elle não recebeu a importancia de toda a licença e só a correspondente a um mez.

Pelo que deixou de receber passou a seguinte declaração : — «Ficam em meu poder, com o prazo de vinte dias, doze metros e meio de ganga, um cobertor e duas peças de algodão, para o Sr. Zacharias procurar no prazo de vinte dias e, si não o fizer, ficarei com os objectos em pagamento do resto da licença. » (*Hilaridade prolongada.*)

Esta é a situação verdadeira do Paraná!

Senhores, ainda uma palavra desagradavel; mas como já foi dita e publicada nos jornaes, que mal ha que eu a repita ?

VICENTE MACHADO É UM PATOTEIRO.

O SR. PRESIDENTE — Torno a lembrar ao nobre Deputado que não póde usar dessas expressões.

O SR. ALFREDO VARELA — Não contente de haver feito uma total distribuição das terras publicas do seu Estado a seus melhores amigos, dando a um delles, seu parente, o Sr. coronel Antonio Leopoldo dos Santos, cerca de dous milhões de hectares e trinta milhões ao chefe do partido em Jaguarya-

Digitized by Google

hyva ; entre esses amigos foi favorecido um cunhado do celebre levita, que José do Patrocinio com muito espirito qualificou de vigario do Pico do Diabo. (*Hilaridade.*)

S. Ex. fez mais : repartiu com seus compadres os proprios nacionaes destinados á colonisação russa,doze fazendas que custaram nada menos de nove mil contos de réis ao Imperio.

Fez mais ainda Vicente Machado : não só aquinhoou os amigos : reservou uma para si. (*Hilaridade.*)

Pagou de fôro perpetuo pela concessão 327$100 e immediatamente a alienou a um rio-grandense meu conhecido, Baptista do Lago, por esta brincadeira : — 14:000$000 !

A pouca vergonha na concessão de terras chegou a este ponto : um senhor Armantino de Almeida, obteve todo o terreno reservado para uso commum dos colonos da colonia *Adelaide*, no municipio de Conchas, sem excluir o proprio cemiterio ! (*Sussurro.*)

Por isso affirmei, creio que com razão, que VICENTE MACHADO É UM PATOTEIRO! !

O SR. PRESIDENTE — Attenção ! Ordem

O SR. ALFREDO VARELA — Disse eu : VICENTE MACHADO É UM INTRIGANTE. E usei de um qualificativo bem merecido, que não posso repetir, porque m'o prohibe o Sr. Presidente.

Consciente do terreno que está perdendo diante da propaganda regeneradora que iniciei no Paraná, julgou enfraquecer-me, perseguindo a benemeritos militares, amigos meus.

Para conseguir o que desejava, valeu-se das mais indignas tramas.

— E' assim que nada podendo allegar contra o valente capitão João Baptista Velasco, fez constar ao Governo Federal que este distincto official era um promotor de desordens em Curityba.

Um mascate aggrediu a uma criada do capitão ; accode este, põe fóra da porta o atre-

Digitized by Google

vido e como o mascate fosse capaz de uma nova aggressão, escreve ao chefe de policia, pedindo providencias.

Tenho aqui a resposta do chefe de policia: « Ao sr. capitão Velasco. — Saudações. — Costa Carvalho, sciente do conteudo da carta de hoje, vai providenciar para que o *turco* (era turco o tal mascate) se contenha. »

Pois bem; apesar de ser um facto de ordem puramente civil, o sr. commandante do Districto que, seja dito de passagem, é um instrumento do Sr. Vicente Machado, abriu, violando o Codigo Processual da Armada, um inquerito militar.

Nada descobriu contra o official, mas a intriga aqui tinha obtido o que desejava: o capitão foi transferido para Matto Grosso, apesar de já ter tido ali, por tres vezes, beriberi!

Escrevi ao sr. Ministro da Guerra, lembrei a situação deste militar, e, mais ainda, que suas duas filhinhas estavam sem mãi, tendo uma quatro annos e sendo a outra de mama. Para que se não pensasse, Senhores, que eu estava favorecendo a um amigo, mandei tirar um retrato e remetti-o ao sr. Ministro da Guerra. Eil-o. (*Mostra uma photographia.*)

Era este capitão, com uma pobre filhinha de 11 mezes, em mama, a quem a olygarchia vicentista atirava para o inhospito Matto-Grosso!

Não fui attendido; a intriga tinha feito caminho. Apenas consegui que o desterrado ficasse esperando no Rio Grande do Sul uns 90 dias.

Ao deixar o corpo, o capitão Velasco foi elogiado como official muito cumpridor de seus deveres e os collegas lhe offereceram um delicado mimo.

— E' assim que nada podendo allegar Vicente Machado contra o illustre major José Maria Ferreira, phantasiou colligações desse disciplinado militar com o redactor do *Diario da Tarde*.

Digitized by Google

Tenha paciencia a Camara de ouvir o que vou lêr, e saberá quem é esse perseguido.

Veja-se o que dizem os varios commandantes de districto que tem tido aquella infeliz terra:

General Girard... E, entre parenthesis, aproveito este nome para fazer algumas considerações. Aqui se arrufaram todos porque eu fiz umas referencias um pouco carregadas ao Sr. Vicente Machado. Pois bem, esse illustre general da Republica, porque era um nomeado do Sr. Prudente de Moraes, sabe a Camara como foi tratado no Paraná? (*Pausa*) De cobarde até! Os apodos, os doestos mais insultantes foram atirados pela imprensa official a essa alta patente do exercito brasileiro!

Veja-se o que diz, porém, o general Girard, com referencia ao Sr. José Maria Ferreira: (*Lê*)

« Ao deixar o commando não é todavia sem grande sentimento de pezar que me separo de camaradas que, pela correcção de seu proceder, tão facil me tornaram, durante mais de um anno, o desempenho de variados deveres.

A todos dirigindo os meus mais cordiaes agradecimentos aproveito a opportunidade para com especialidade louvar pela leal e valiosa coadjuvação que prestaram á minha administração os Srs. coronel.....

.....

capitão-fiscal do 14º regimento de cavallaria José Maria Ferreira, etc.—Curityba, 4 de janeiro de 1899 ».

Do general Callado:

« Tendo se apresentado hoje o tenente-coronel Sebastião Bandeira, commandante do 13º regimento de cavallaria, determino que assuma o commando do seu regimento, recebendo-o do major José Maria Ferreira que passa a exercer as funcções do seu posto.

Nesta occasião é-me grato agradecer e louvar os distinctos officiaes, major José Maria

Digitized by Google

Ferreira e capitão Agnello Pinto de Sá Ribas, não só pelos serviços prestados no exercicio dos respectivos cargos que ora deixam, como pela boa disciplina, zelo e reconhecida intelligencia de que sempre deram exuberantes provas.—Curityba, 14 de setembro de 1900.»

Ainda o general Callado:

« Na esphera de minhas attribuições fiz o quanto possivel para que a força sob minha jurisdição militar se mantivesse sempre digna do prestigio de que goza o Exercito, como mantenedor da ordem e sustentaculo da Republica.

Para conseguir esse almejado fim e facilitar-me a administração muito concorreram os Srs. commandantes de corpos e os meus distinctos auxiliares, pelo que torno publico meus agradecimentos á esses prestimosos camaradas pelo concurso franco e leal com que se houveram no cumprimento de seus deveres, com honra para si e efficacia para administração.

Ao despedir-me de tão distinctos camaradas, dignos dos maiores encomios por sua correcção de procedimento e amor ao trabalho, cumpro o dever de justiça louvando-os como ora o faço: Coroneis.....

.....

José Maria Ferreira, fiscal do 13º regimento de cavallaria.—Curityba, 20 de janeiro de 1901.»

Do general Braz Abrantes:

« Apezar do curto espaço de tempo em que me coube a honra de administrar este districto, foram sobejas as provas de dedicação, zelo, lealdade, disciplina e alto criterio da parte de todos os que me auxiliaram nessa ardua tarefa, pelo que louvo e agradeço a todos os Srs. commandantes de corpos e chefes de estabelecimentos militares deste districto.—Curityba, 1 de abril de 1901.» Um desses commandantes é o major J. M. Ferreira.

Do general Roberto:

Digitized by Google

« O exercicio de hontem põe em relêvo esses predicados. As forças que nelle tomaram parte se apresentaram na melhor ordem, no mais louvavel estado de asseio, e o desenvolvimento que teve o thema fornecido por este Quartel-General é um attestado eloquente da competencia dos seus chefes e da comprehensão nitida que dos seus deveres militares teem os commandantes das differentes fracções que constituiram as forças atacantes e defensivas da fortificação passageira construida no campo de manobras.

Apraz-me declarar que essas forças se houveram de modo tal, que, se erro houve nos detalhes da acção, devem elles ser attribuidos mais ás faltas de recursos de que nos resentimos, que a impericia ou descuido daquelles que a dirigiam.

Com os elementos de que se dispunha, ninguem melhor desempenho daria aos seus papeis. Assim, cumpro um dever de justiça elogiando os Srs. majores João José da Luz, commandante das forças atacantes e José Maria Ferreira, das da defensiva, pela intelligencia e pericia com que se houveram no desempenho de suas funcções, etc. — Curityba, 13 de setembro de 1901. »

Ainda do general Roberto :

« Tendo as forças da guarnição formado no dia 12 do corrente, para commemorar dignamente o anniversario do descobrimento da America, uma brigada mixta das tres armas, é-me summamente agradavel declarar que os officiaes e praças que nessa formatura tomaram parte portaram-se de modo digno dos maiores encomios.

E, representando essa formatura uma enorme somma de interesse e boa vontade da parte do pessoal da guarnição e particularmente da administração dos corpos de que ella se compõe, cumpro um dever de justiça mandando elogiar aos Srs. coroneis Virginio Napoleão Ramos e Olympio de Carvalho Fonseca, majores João José da Luz, Antonio Gon-

Digitized by Google

çalves Pereira e José Maria Ferreira, o 1°, 2° e 3° e ultimo pelo grande esforço que empregaram para que os corpos que commandam se apresentassem nas mais lisonjeiras condições, accrescendo, em relação ao 1°, o modo brilhante porque dirigio a brigada a seu mando ; em relação ao 3° e 4°, a correcção com que dirigiram os corpos, que, sob seus commandos, tomaram parte na mesma formatura, etc.— Curityba, 14 de outubro de 1901. »

Do general Medeiros :

« Ao despedir-me das forças que compõem este districto, onde a minha administração foi de tão curta duração, mas de um periodo de tempo sufficiente para tomar conhecimento do seu estado e do caracter austero e disciplinador dos Srs. commandantes de corpos, directores e chefes de estabelecimentos militares e da correcção militar em todo o pessoal subalterno, apraz-me externar neste documento official a grata impressão que commigo levo e o elevado conceito que me merecem os distinctos companheiros que serviram sob minhas ordens, elogiando-os com justiça e pelo modo por que ora o faço:

Aos Srs. coronel graduado Olympio de Carvalho Fonseca, commandante do 6° regimento de artilharia, majores João José da Luz e José Maria Ferreira, commandantes do 14° e 13° regimentos de cavallaria, pela cooperação prestada á administração deste commando e competencia que sempre demonstraram no cabal desempenho das attribuições respectivas, onde mostraram-se energicos disciplinadores, zelosos e leaes administradores.—Curityba, dezembro de 1902.»

Do general Travassos:

« Me apraz consignar que, tendo ido á cidade da Lapa para bem orientar-me no juizo que devia fazer a respeito desse corpo do exercito nacional, tive occasião de verificar o asseio e disciplina notavelmente demonstrado por um pessoal pequeno, é certo, porém, digno de admiração. Por este facto,

Digitized by Google

unico que me foi possivel distinguir, por se achar o regimento em preparos de marcha, mas, a que não sou indifferente, elogio ao tenente-coronel Antonio Carlos Fernandes Leão, commandante; capitão José Maria Ferreira, fiscal, etc.—Curityba, 22 de março de 1899.»

Ainda do general Travassos:

« Percorrendo diversos estabelecimentos militares, em visita de inspecção, me apraz publicar que, no quartel do 14º regimento de cavallaria, ultimo installado nesta cidade, encontrei a actividade do trabalho, na apropriação necessaria de um aquartelamento, em tudo verificando-se o tino de uma administração apurada e intelligente. Consigno; por isso, o louvor de que são dignos o tenente-coronel Antonio Carlos Fernandes Leão, pelo interesse e boa orientação que, assim, tem manifestado no commando de seu regimento, e o capitão José Maria Ferreira pela exemplar compenetração de que tem dado exuberantes provas no serviço e especialmente no desempenho do arduo cargo de fiscal, tornando-se digno de honrosa menção como o melhor e immediato d'administração do seu regimento, dando logar ao lisongeiro conceito em que é tido como official intelligente e de natureza profissional e, segundo as expressões do seu commandante, «tudo dever-se á sua infatigavel dedicação e diligencia.—Curityba, 23 de junho de 1899.»

Senhores. Sabe-se que o general Travassos é um dos mais disciplinadores chefes do nosso Exercito: extremo o seu rigor no cumprimento dos deveres.

Pois bem. Veja-se o que diz elle na ordem do dia n. 33, do illustte major que a olygarchia vicentista fez atirar, com a distincta consorte e dez filhos, nos confins meridionaes do Brazil! Vou lêr:

« Capitão José Maria Ferreira: Quem conhece esse erudito official, sabe que é uma dignificação de sua classe, quer como pro-

Digitized by Google

fissional, quer como cidadão — sobram-lhe predicados para as mais eminentes posições; probo e honesto, leal e criterioso, tem na disciplina e perspectiva do 14º regimento de cavallaria, a que pertence e fiscalisava até ha poucos dias, o cunho de sua actividade e inexcedivel dedicação pelos deveres.»

Mas, Sr. Presidente, tenho aqui elogios a este official, do proprio General Bormann, nada menos que os seguintes:

« Continuem os Srs. commandantes na nobre tarefa de instruir e disciplinar os seus commandados, porque este commando sente sempre immensa satisfação de citar os seus serviços, como o faz presentemente, louvando os Srs. coronel graduado Olympio de Carvalho Fonseca, galhardo commandante das forças, e do 6º regimento de artilharia de campanha; tenente-coronel Pedro de Alcantara Fonseca, commandante do 39º batalhão de infantaria; majores João José da Luz e José Maria Ferreira, aquelle commandante do 14º, e bravo veterano daquella campanha, tão injustamente atrazado na carreira; este, commandante do 13º regimento de cavallaria. Ordem do dia de 13 de março de 1903.»

« O garbo, a disciplina, o aceio com que as forças desta guarnição se apresentaram hontem na revista e passeiata militares, organisadas para commemorar o primeiro centenario natalicio do immortal Marechal Duque de Caxias fortaleceram a opinião de que não são infructiferos os sacrificios que a nação faz para a manutenção da força publica, e que os meus camaradas tiveram perfeita comprehensão da grandiosidade do acto para cuja realisação a commissão central, com séde na Capital Federal, havia convidado este districto.

Cheio, pois, do maior desvanecimento, louvo aos distinctos camaradas que tomaram parte nas ceremonias, devendo começar pelo Sr. coronel Olympio de Carvalho Fonseca, commandante da força, seguindo-se os Srs. tenente-coronel Caetano Manoel de Faria

Digitized by Google

Albuquerque, do 1º batalhão de engenharia ; tenente coronel Pedro de Alcantara Fonseca, do 39º de infantaria ; major José Maria Ferreira, do 13º regimento de cavallaria, etc. — Ordem do dia de 27 de agosto de 1903.»

«Hontem visitei o quartel do 13º regimento de cavallaria. O estado de asseio, a disciplina ali mantida, a escripturação em dia e feita com toda limpeza, a ordem que observei nas arrecadações geral e dos esquadrões, causaram-me immenso prazer e attestam a intelligencia, dedicação, a proficiencia e o zelo que manifesta no commando o meu velho camarada e amigo major José Maria Ferreira, a quem louvo e agradeço.— Ordem do dia de 13 de fevereiro de 1903. »

Agora veja o Congresso Nacional como o commandante do districto militar do Paraná se despede do illustre desterrado.

« Quartel General do Commando do 5º Districto Militar em Curityba, Estado do Panará, 2 de outubro de 1903.

Ordem do dia n. 34

Para conhecimento das forças deste districto e devida execução, faço publico o seguinte :

Tendo deixado hontem o commando do 13º regimento, por haver sido transferido para o 10º, o Sr. major José Maria Ferreira, faço publico que, com profundo pezar, vejo apartar-se deste districto esse bom, esse intelligente e distincto companheiro que, com a maior boa vontade, zelo e dedicação, me auxiliou na penosa tarefa de que me acho encarregado. Queira, pois, o Sr. major Ferreira acceitar os meus sinceros agradecimentos e acreditar que tanto eu como a guarnição fazemos ardentes votos para que no 6º districto, onde vai servir seja feliz e encontre nos seus camaradas do 10º regimento os mesmos sentimentos de amisade e sym-

Digitized by Google

pathia que soube aqui grangear. (Assignado) José Bernardino Bormann, general de brigada. — Confere.

Capitão Domingos N. Nascimento, secretario. »

Julgo haver deixado patente que não foi castigado com uma transferencia o illustre militar, por haver dado qualquer motivo a isso e tambem que não foi, que não podia ser por effeito de solicitações do commando do 5º districto que dali exilaram um official pauperrimo, carregado de familia, cidadão immaculado, e profissional modelo, na opinião de seus superiores.

— E' assim que, nada podendo allegar a oligarchia contra o glorioso iniciador do movimento de 15 de novembro, digo desta tribuna, em nome do General Deodoro, de quem ouvi este juizo; nada podendo allegar contra o glorioso iniciador do movimento de 15 de novembro, Bayard do exercito brazileiro, *sans peur et sans reproche*, o general Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto, Vicente Machado forja conspirações para malquistar o grande soldado com o Governo da Republica.

Senhores, Menna Barreto, notem bem, goza de um tal prestigio no Paraná, que no momento em que quizesse, faria desapparecer o despotismo que lá está. Vive, porém, adstricto aos seus deveres militares, esperando o dia em que os perigos da patria reclamem de S. Ex. uma iniciativa que, juro, estará á altura das circumstancias!

Para confusão dos malsinadores, vou dar uma prova irrecusavel de que não promovo sedições, com aquelle meu idolatrado amigo, diria melhor — irmão.

Quando se deu o attentado do Guahyra, os elementos mais energicos da opposição dispuzeram-se a reagir. O momento era propicio: vagava pelos campos o governo do Estado, na companhia do régulo paranaense.

Digitized by Google

Tive sciencia de tudo. Em minutos nos apossavamos do mando e dos mandantes do horrivel attentado.

Pois bem ! Daqui da Capital, antes de seguir para Curityba, apezar de conhecer suas intenções, em tudo conformes ás minhas, telegraphei ao general Menna Barreto, então commandante do districto, recommendando-lhe... o que, senhores ? Que apoiasse a reacção dos meus amigos ? Não ! que se mantivesse na NEUTRALIDADE ! — Isto, creio, basta para tudo esclarecer, e daqui autorizo os diffamadores a requererem a certidão do recado a que alludo, que é da primeira quinzena de junho.

Chegando eu a Paranaguá, pretendia descansar cinco dias naquella cidade, mas recebi um telegramma, convidando-me a ir immediatamente á Capital.

Para alli parti a 13 de junho ; uma roda de exaltados declarou-me que não havia mais limites no despotismo e que era preciso sahir para a rua. Ponderei aos meus amigos que não era tempo ainda, que se contivessem, que muito tinhamos a esperar do Presidente da Republica.

Posso affirmar sob a minha palavra de honra que o destino da desaffronta preparada esteve nas minhas mãos. Si eu quizesse, a digna reacção se produzia, irresistivel, asseguro !

E para que comprehendam a facilidade que encontrariam, basta lembrar o que acabei de dizer, isto é, que o Governador estava a 68 leguas da Capital e que aquella é uma situação de tal maneira fragil que um forasteiro desconhecido, alli chegado ha dous mezes, abalou facilmente a famosa oligarchia, transferindo-se officiaes para outros pontos, augmentando-se a guarda civica e intrigando-se tanto junto do Governo Federal, que este se alarmou a ponto de telegrammas do orador serem retidos.

Digitized by Google

A prova está aqui. Passo a ler: « Deputado Varela, Rio. Com o successo das noticias vindas, augmentada a edição, esgotada. O seu primeiro telegramma retardado por ordem superior.— *Diario.*»

Vejam, senhores ! Alarma-se o proprio Governo Federal com a acção de um homem... E' verdade que este é um homem livre, na extensão da palavra !

Mas, Sr. Presidente, vamos ouvir o proprio commandante do districto.

A transferencia do general Menna Barreto não foi a pedido do general Bormann.

Não foi porque elle proprio o elogiou da fórma porque se vai ver :

« Agradeço e louvo o procedimento correcto do meu velho amigo e distincto camarada, coronel Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto, general de brigada honorario, durante os tres mezes e dias em que, á testa do districto, dirigiu seu serviço, dando deste modo prova eloquente de que a confiança depositada em si pelo Governo da Republica, e particularmente por este commando, tinha todo o fundamento, e só resta-me significar-lhe o MEU DESEJO ARDENTE DE VEL-O EM ALTOS COMMANDOS, onde certamente porá em evidencia mais uma vez a sua capacidade administrativa e militar. »

Foi só a intriga que buscou arredar esta nobre figura militar da guarnição do Paraná.

Por estes enredos monstruosos disse eu que VICENTE É UM INTRIGANTE INFAME !

O SR. PRESIDENTE — Peço a attenção do nobre Deputado. As expressões que acaba de proferir não estão de accordo com o Regimento.

O SR. ALFREDO VARELA — Acato com o devido respeito a observação de V. Ex., mas prosigo.

Digitized by Google

O SR. PRESIDENTE — Chamo novamente a attenção do nobre Deputado para as expressões de que usou; convém que as retire.

O SR. ALFREDO VARELA — Eu as retiro. *(Riso nas galerias.)*

O SR. PRESIDENTE *(com energia, depois de fazer soar os tympanos)* — Silencio nas galerias!

Não ha motivo para galhofa. Trata-se da execução de um dispositivo regimental; a Mesa cumpre o seu dever, e o faz com imparcialidade e firmeza.

O SR. ALFREDO VARELA — Mais uma vez, Sr. Presidente, permitta-me fazer a observação de que estou examinando a vida publica do Senador Vicente Machado; e seus amigos violaram a minha vida privada, offendendo-me cruelmente. Como estou, porém, no desempenho de uma alta missão nesta Casa, quero esquecer a minha pessoa, os aggravos que tenho.

Disse eu:

O SENADOR VICENTE MACHADO é um falsario.

Vou dar as provas.

O SR. PRESIDENTE — Chamo a attenção do nobre Deputado.

O SR. ALFREDO VARELA — Sr. Presidente, esta palavra já foi pronunciada aqui e sinto-me obrigado a repetil-a, muito constrangidamente.

O SR. PRESIDENTE — V. Ex. sabe que estou cumprindo o Regimento e o faço de boa vontade.

O SR. ALFREDO VARELA — O Sr. Vicente Machado, em pleno Senado da Republica, declarou, atacando minha terra, que se produzira uma combinação entre os Estados de Santa Catharina e Rio Grande, por effeito da qual existia um tratado politico entre esses dous Estados. Refutei do meu jornal essa

Digitized by Google

falsidade e fiz ver a S. Ex. que isso não passava de uma simples combinação em correspondencia epistolar.

Eis como julguei o facto no *Diario da Tarde*. Peço licença para ler:

« E' assim que levanta elle extraordinaria celeuma em torno do que chama um tratado entre os governos do Rio Grande do Sul e S. Catharina, dando logo infeliz ensejo de que demonstrassem ser mui fraco o nosso doutor, pois a Constituição (art. 55, n. 1°) expressamente faculta a esses Estados a liberdade que lhes contesta o insignificante preparo juridico-politico do famoso director mental da situação, que recebe desta forma um quinão de envergonhar um academico principiante !...

E não ficou neste cochilo o principe de nossa democracia local. Fez saber a seus pares senatoriaes qual fôra o *modus faciendi* do convenio e só a conveniencia de manter a gravidade no recinto impediu rompesse nos ares uma estrondosa gargalhada : o proficientissimo homem politico chegara a confundir com um solemne tratado a simples troca de idéas sobre imposições locaes, na correspondencia entre dous governadores, esquecido de que na linguagem diplomatica a este modo de combinar se dá o nome de *entente*, mas nunca aquelle com que o quiz ennobrecer o oraculo do partido dominante, noviço eterno em cousas de Estado.

De fórma que um creador escreve a outro, alvitrando como se ha de manter em praça visinha o preço dos gados: « V., diz elle, não leve o seu á offerta, que farei o mesmo » ; e este singelo accordo é tido por um tratado em regra !

Insciencia de materia mais que corriqueira ou vontade de maldizer, vicio de naturezas inferiores ? »

Mas não ficaram aqui as falsidades de S. Ex, pois, teve a audacia de, atacando a administração de Pernambuco, dizer em face de todo

Digitized by Google

este paiz que não existiam impostos interestadoaes no Paraná, a não ser um, que dava ao erario simplesmente ahi cerca de 15:000$000.

Ha, senhores, nada menos de tres, dos quaes obtem o Estado, não 15:000$, mas 500 e tantos contos, dessa tributação illegal.

Aqui está o orçamento do Estado (*mostrando um folheto impresso*): verba-patente commercial — 550:000$000.

Sabeis que é esta celebre « patente commercial ? » Nada menos que imposto de importação.

E sabem os Srs. Deputados o escandalo até onde chegou ?

O dictadorzinho do Paraná já conseguiu arrecadar essa renda pela Alfandega de Paranaguá: os proprios empregados da Alfandega já arrecadaram essa renda por conta do Estado ! ! ! Sabe-se que o Estado póde taxar—, nesse caso revertendo o imposto para o Thesouro Federal; mas assim não se passavam as cousas: os empregados entregavam o producto do imposto aos agentes do Sr. Vicente Machado ! ! !

O Dr. Murtinho reagiu contra esse inqualificavel proceder e hoje esperam as mercadorias fóra da porta da aduana os gananciosos arrecadadores do fisco do Paraná.

O imposto rende 500 e tantos contos, como disse, e de nada mais preciso para provar que Vicente Machado é um falsario consciente, pois affirmou no Congresso cousas que sabia serem na realidade muito e muito outras do que ahi garantira S. Ex.

Quero ler, porém, o que disse minha folha sobre esta falsidade do senador Vicente:

« O que mais admira neste personagem, politico, cuja boa sorte se custa a comprehender, conhecido o curto vôo de seu espirito, a nenhuma fortaleza de animo, absoluta aridez de coração e escassa bagagem scientifica ou mesmo litteraria; o que mais admira nelle é esse curioso genero de coragem que chamamos sem-ceremonia e que o vulgo chama desplante...

Digitized by Google

Pois não é que sua senhoria tem o maravilhoso desembaraço de profligar no Congresso a taxação interestadoal, quando o Governo inspirado por elle, a estabeleceu aqui, muito antes do Estado que ora a decreta, em represalia tão sómente a um acto delictuoso do fisco do Paraná ?! Pois não é que Sua Senhoria tem o maravilhoso desembaraço de profligar no Congresso o abuso de impostos inconstitucionaes, quando o Governo de que é responsavel, réo conhecido e reincidente nesse crime que se não peja de assacar á Administração riograndense ?!

Quem ignora no Estado que a Collectoria do Xanxerê arrecada uma taxa de importação sobre os gados introduzidos do Rio Grande do Sul, e que se esses mesmos gados passam para o Estado de S. Paulo, a voracidade fiscal de novos agentes recebedores lhes impõe outra finta, verdadeiro imposto de transito, prohibido pela Constituição ? Quem ignora, por outro lado, que o Governo do Paraná, que não move uma insignificante palha sem licença do Dr. Vicente, creou sobretaxas de importação, desviando para seu erario uma importante parcella das rendas federaes, vendo-se assim que são de todo fementidos os amores que apparenta o nosso desabusado senador, quando chora sobre os destroços da federação ?

Escandaloso o seu vozear sobre erros alheios, olvidado dos de casa, cuja magnitude espanta a almas preparadas para se não sorprehenderem em absoluto com os desvarios de uma época que sujeita o Brazil a esta humilhação: o Imperio, que um grupo illuso de militares enthusiastas, abateu, para com a Republica sublimarem a Patria, o Imperio (que ao menos mantinha decóro administractivo, que quasi desappareceu de todo) substituido por uma vil ochlocracia, onde hoje, salvo raras excepções, imperam nas culminancias que abrilhantavam egregios typos civicos de outr'ora, — caricaturas po-

Digitized by Google

liticas ridiculissimas, com pretenção a figurarem de homens de Estado ! »

Senhores, ainda outra falsidade de Vicente Machado, que denunciei no *Diario*. Bradou elle contra os chamados exercitos estadoaes... Pois ouça a Camara :

« Queria agora ferir um supposto desaffecto o senador Vicente Machado e tudo julgou licito uma treda malevolencia sem entranhas, ainda mesmo a offensa gratuita, a intencional invencionice, que dizemos ? a despejada attribuição a outrem de peccados proprios — impudor muito commum nos dias de hoje !

E nisto se mostrou o chefe da situação de uma ousadia que nem sabemos como qualificar ! Teve o insigne descomedimento de atacar o governo do Rio Grande do Sul porque mantem com seus cofres uma força militar, quando o faz na proporção dos recursos de que dispõe, ao passo que o Paraná, dirigido debaixo de cortina pelo predito senador, tem em armas uma, excessiva para as necessidades locaes e funesta ao erario do Estado pelos encargos que traz, superiores de muito ás nossas posses !

Que são 1.200 homens, para um territorio immenso como o Rio Grande do Sul, de inquietas fronteiras abertas, onde continuo o transito de gente desclassificada, commum nos lindes de todos os paizes americanos, e depois de uma prolongada guerra civil que fez sobrenadar no meio social os temperamentos inclinados á violencia ou ao abuso ? — S. Paulo, com uma zona policiavel equivalente, aquartela 4.000.

. . . . . .

Que diria o Congresso, si o informassemos de que força é o apostolo que ouviu, anathematisando as despezas do Rio Grande do Sul com a sua brigada, despezas que não attingem talvez á oitava parte de seu orçamento, quando as relativas á mesma verba do nosso, absorvem mais de quinta parte

Digitized by Google

delle ? Que diria o Congresso, si o informassemos que no Paraná teem augmentado e não diminuido as dotações da policia, quando a ordem publica inalterada e a penuria dos cofres exige severas economias ?

Nada admirar ! é a regra em nosso meio, si se trata da aventurosa politica do Paraná. Nem é para menos : não vemos agora o seu chefe preconisando restricção em dispendios severos que aqui se contam como esperdicios escandalosos ?

Molière immortalisou um typo de absoluta verdade : Tartufo representa no mundo da idealidade o individuo que se esforça por apparentar o que não é. Longe de nós o fazer pungentes approximações, mas teima em vir á nossa mente a famosa creação do genio francez, no estudo do caso presente...

Verifique o Senado si explicavel esta tendencia do espirito : o Sr. Vicente Machado, que assume o governo breve, trata de impor á assembléa, de que é arbitro, o augmento da força militar em que assenta a sua esperança e é o unico alicerce de seu reprovado dominio. »

Mas, não é tudo !

Vicente Machado manifesta-se contra os emprestimos externos, desde que contrahidos pelos Estados?— Notae, senhores, o que disse o *Diario da Tarde*:

« Animou-se o Senador Vicente Machado a illudir a seus pares com a desenvoltura que tanto nos maravilha, apparentando diante delles censurar em burgo extranho o que praticado no de sua senhoria, com a responsabilidade do critico? Arrojou-se a enganar a graves collegas, capacitando-os de que na verdade lhe merecem severas exprobações os actos dos governos locaes, que assumem compromissos no estrangeiro ?—Ficamos boquiabertos nesta leal e pundonorosa terra paranaense, assistindo ao que nada menos é que ridicula comedia, porque sabido de todos, aqui, que a administração que entre nós

Digitized by Google

se move como um fantoche ao sabor dos cordeis que o Dr. Vicente guia omnipotentemente, si já não tem desses compromissos em suas notas financeiras é porque o cauto e experiente capitalista europeu, antes de largar o seu dinheiro, trata de inquirir da solvabilidade de quem lh'o pede e á nossa arruinada fazenda só se decidiria a entregal-o com os mais pesados onus usurarios!...

Comedia, denominamos a attitude do corajoso chefe da situação e outro qualificativo não merece o desembaraço de quem se manifesta contra os emprestimos externos por parte dos Estados e já teve preposto seu na Belgica, para obter um.

Saiba o Senado, saiba a nação inteira, que este oligarcha desalmadissimo, que agora se nos apresenta qual fosse um sincero Jeremias politico, gemendo dolorido das desgraças da Republica ; saiba que o Dr. Vicente tentou conseguir em ultramar, um emprestimo de tres mil contos de réis para o Paraná, sendo intermediario da operação E. Fontaine!

Si não realisou o negociosinho em que a mais gorda commissão tocava a quem logo se imagina, é porque o governador, Exm. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, liberto um momento do hypnotismo em que o tem seguro um grande magico, revoltou-se contra as condições que lhe suggeriam serem as melhores do mundo: typo de 70 e juro de 7, salvo ligeiro engano.

Que autoridade poderá ter diante da corporação senatorial o politico levianissimo, cujo descriterioso proceder acabamos de desvendar ? — Nenhuma! E é a quem vão ficar por mais quatro annos, confiados, em absoluto, os destinos do miserrimo Paraná...

Decididamente estamos em regimen de entremez: isto uma republica de Offenbach! »

E concluia assim o exame das conscientes falsidades do tyrannete.

«—Vimos o chefe paranaense denunciar como um grande crime a existencia de convenios

Digitized by Google

illegaes entre Santa Catharina e Rio Grande do Sul, e provamos que se equivocara como escolar ignorante, confundindo uma *entente* com um solemne tratado: o que é mais, provamos que o curioso legislador desconhecia serem taes ajustes permittidos em lei...

— Vimol-o profligar o lançamento de taxas interestadoaes e apontamos as que se cobram no Paraná, além de outras illegalissimas e oppressivas a mais não poderem ser, sobrecarregando as entradas do estrangeiro, que soffem onus federaes quasi prohibitivos.

— Vimol-o anathematisar as despezas feitas com as brigadas militares nos Estados, e informamos ao Congresso que a nossa mais do que nenhuma outra absorvia cabedaes em desproporção com os redditos do Estado: que as despezas com ella augmentavam de anno a anno e que iam ser os seus quadros ampliados pelo proprio Dr. Vicente...

— Vimol-o condemnar a pratica dos emprestimos externos, que reputa de graves consequencias para a União brazileira e mostramos o refalsamento de quem assim se pronunciava, manifestando ao paiz que o trefego senador negociára um na Belgica, repellido por desastrosissimo, em raro momento de autonomia na pessoa que directamente nos governa...

E julgamos que basta! Para que respigar mais em vasto repositorio de inverdades, no deploravel discurso que dá como feitas com os recursos de administração do Paraná estradas entre cujas maiores ha uma para que concorreu o povo, ao que nos consta, com um largo emprestimo; que dá como construidos edificios que se estão ainda erigindo e um delles á custa de elementos alheios aos cofres do Estado, etc., etc.?

Forçoso concluir; levar mais longe a dissecção do mesquinho trabalho oratorio de nosso desabusado patricio, fôra impiedade para com sua senhoria e tambem (porque não dizel-o?) para com esta nobre terra.

Digitized by Google

Ha annos chora ella nas solidões da Serra sobre filhos primorosos, como uma Niobe inconsolavel. Não aggravemos tamanhas dores com a de uma vergonha eterna: a perfeita comprehensão do que é esse que inculca o servilismo dos tempos ser o primeiro de entre os que lhe ficaram. Deixemol-a prantear o sangue dos outros, para que não perceba de todo, a miseranda, em que mãos foi parar o sacro espolio do passado...

Melhor a illusão do que o desengano desta modorrenta e vergonhosa realidade! »

Mais ainda, senhores. O conego Sizenando, de Castro, deu uma certidão ao austero paranaense Manoel Corrêa de Freitas, um apostolo da velha guarda.... (*Apoiado.*)

Quem disse — *apoiado*?

O Sr. Eliseu Guilherme:— Fui eu; foi com effeito um evangelisador...

O Sr. Alfredo Varela:— Perfeitamente, nos Estados do Sul da Republica, Paraná e Santa Catharina; é homem incapaz de sacrificar a verdade.

Pois bem; affirmava eu que o conego Sizenando ministrou uma certidão á Manoel Corrêa de Freitas, dizendo que Vicente Machado arrancara as folhas do livro de assentos de baptismo de Castro, que provavam não tinha S. Ex. idade para pertencer ao Senado da Republica, quando para lá entrou.

Quer dizer que S. Ex. foi tomar assento naquella casa por meio de uma fraude que não quero qualificar.

Dizem tambem em Curityba que além de outra razão, que o decoro me manda esconder, esta historia de Castro explica a influencia de Fra Diavolo sobre Vicente Machado... (*Sussurro.*)

Esta certidão, senhores (não sabe dizer ao certo Manoel Corrêa de Freitas), pára em mãos, ou do illustre Senador Ladario ou do Exm. Senador Virgilio Damasio; a um desses

Digitized by Google

illustres Senadores confiou o precioso documento.

Não só isto, senhores; foi mais longe a falsificação. Prevaleceu-se o Sr. Vicente Machado do seu predominio sobre o infeliz José Ferreira de Freitas (não ha paranaense que não saiba por que eu digo — *infeliz*), prevaleceu-se deste predominio e obteve delle, Secretario que era do Congresso do Estado, uma certidão que desincompatibilisava o regulo, no exercicio do cargo de vice-governador pouco antes da eleição senatorial.

E' a ultima prova do que affirmei, isto é, que VICENTE MACHADO É UM FALSARIO!

O SR. PRESIDENTE — Attenção!

O SR. ALFREDO VARELA — Disse eu...

O SR. PRESIDENTE — Chamo a attenção do nobre Deputado para a phrase que proferiu...

O SR. ALFREDO VARELA — Dizia eu que o Sr. Vicente Machado...

O SR. PRESIDENTE — Perdão, V. Ex. não deve insistir.

O SR. ALFREDO VARELA — Eu não insisti! Onde houve insistencia? Calei-me... (*Riso.*)

Dizia eu: VICENTE MACHADO é um assassino. (*Sussurro.*)

O SR. PRESIDENTE — Chamo a attenção do nobre Deputado. Não póde proferir palavras insultuosas...

O SR. ALFREDO VARELA — Não é um insulto, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE — Chamo a attenção do nobre Deputado.

O SR. ALFREDO VARELA — Não é um insulto, repito.

O SR. PRESIDENTE — V. Ex. está dirigindo uma grave injuria a um Senador da Republica e eu não posso consentir nisto.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Não é injuria, desde que eu prove.

O SR CARLOS CAVALCANTE — Agora, Sr. Presidente, não é uma injuria: é uma accusação. Peço a V. Ex. que deixe o nobre Deputado proseguir.

O SR. ALFREDO VARELA — Agradeço a V. Ex...

O SR. CARLOS CAVALCANTE — Não tem que agradecer.

O SR. ALFREDO VARELA —... e digo que é esta a digna attitude, que deveram sempre haver mantido os representantes do Paraná.

O SR. PRESIDENTE — Perdão; o nobre Deputado não tinha que intervir: a Mesa cumpre seu dever, mantendo o Regimento.

O SR. ALFREDO VARELA — Dizia eu... o que já sabeis, SRS.! (*Sussurro.*)

O SR. PRESIDENTE — Peço a attenção do nobre Deputado.

O SR. ALFREDO VARELA — Toda me mereceis, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE — A phrase que V. Ex. proferiu não póde ficar.

O SR. ALFREDO VARELA— Eu a retiro. (*Riso.*)

O SR. PRESIDENTE — Attenção!

O SR. ALFREDO VARELA — Existia no Paraná um homem realmente fidalgo, a quem a monarchia em nada ennobrecera, dando-lhe um titulo; barão era elle, dos do velho tempo, pela natureza de seus sentimentos: Serro Azul!

Intelligente, activissimo, probidoso, é indiscutivel no tempo a sua supremacia no gremio commercial, influencia que igualmente se estendia a todas as classes de uma sociedade que o mimava.

Primeira figura do extincto partido conser-

Digitized by Google

vador, depois da morte do integro Manoel Euphrasio, á frente desse partido, Serro Azul adheriu á Republica.

Escassos os adeptos do novo regimen em tôrno de Vicente Machado, convertido da ultima hora. Comprehendeu o ambicioso democrata que a sua boa fortuna em a nova ordem politica, incerta emquanto fulgurasse no intitulado partido republicano, oriundo da colligação de novos e velhos adherentes ao systema, o prestigioso titular a quem por isso secretamente aborrecia. Era um emulo invencivel!

N'uma consciencia de marcado pendor para o crime, bem se póde comprehender que idéas fazia germinar esta convicção no animo de Vicente Machado. Quando homens deste caracter topam com um embaraço, arredam-no, nem que seja á custa das maximas perversidades.

Serro Azul era a indesmontavel barreira opposta pelas circumstancias a seu cobiçado predominio; ou deixava elle o campo livre ao secreto antagonista, ou, mais dia, menos dia, era eliminado por uma ambição absolutamente sem escrupulos.

Ensejo teve o politico deshumano com a revolta. Invadido o Paraná pelos revolucionarios do Rio Grande do Sul, o governador do Estado (que em boletim jurára derramar a ultima gotta de sangue) escapou para o norte.

Ambrosios defendia-se com elementos mais que sufficientes para derrotar o inimigo; Carneiro fizera da Lapa a Thermopylas da legalidade; não appareciam bandos contrarios quatorze leguas ao sul da capital. O timorato governador, porém, entendeu que, antes de tudo, devia cuidar de sua segurança pessoal: abandonados os archivos, desamparadas as cidades, entregues á sua sorte os amigos, Vicente Machado foge a bom fugir!

O medo, o terror, o panico, tamanhos na alma do heróe que chegou á cidade de Serro

Digitized by Google

Azul com as... (*pausa*) em carne viva, por effeito da montaria. (*Risadas.*) Foi preciso pol-o numa rêde, e a hombros conduzil-o a S. Paulo, porque não podia mais conservar-se numa sella!

Eu faria aqui a descripção precisa e cabal do facto; mas, sou obrigado, pelo respeito que devo a uma selecta e fina parte do auditorio, a poupar de brutal descripção castos ouvidos...

Só no Rio de Janeiro, quando Floriano o repelliu da sua intimidade, negando-lhe mais tarde as honras de general, que aliás déra aos Srs. Castilhos e Bernardino de Campos, foi que o governador do Paraná comprehendeu toda a vergonha da sua escapada.

Ah! alguem lhe havia de pagar o desprezo de que se viu cercado!...

Tornou á sua terra na rabadilha da columna federal, ainda assim tão atemorizado que fez dar vinte disparos de artilharia contra a cidade de Castro, erma de habitantes, em uma de cujas entradas dera alguns tiros uma escolta federalista retardataria: quatorze homens, que promptamente se retiraram.

Senhor, por esse heroico feito, da deserta cidade, Vicente Machado expediu os primeiros actos de seu novo governo. Por um decreto dissolveu o superior tribunal do Estado, que elle proprio creára e aposentou violentamente varios juizes de direito, alguns de sua nomeação!!!

Por que? Porque esses magistrados, os melhores que conhece e conheceu o Paraná, se haviam submettido ao imperio das circumstancias, isto é, sem mostras de condemnavel subserviencia ou inutil resistencia acceitaram o facto consummado, quero dizer—o governo imposto pela revolução, victoriosa em todos os angulos do Estado!

Que outra cousa se podia esperar de pacificos juizes, quando o chefe do Estado, que se cercara de força e canhões, deixa a terra em acephalia?!...

Digitized by Google

Iniciada assim a éra de violencias em que entrava o Paraná, Vicente Machado transferiu-se para Curityba e começou o terror!

Metteu logo na cadeia seus mais innocentes adversarios e desaffectos. Breve o cemiterio transformou-se em horripilante matadouro. Pela calada da noite, escoltas sanguinarias arrastavam aos calabouços as victimas do Molloch republicano. Momentos depois soavam as descargas, cujo echo sinistro repercutia nos lares estarrecidos e apavorados!

Duzentos e tantos, diz-se ainda a medo, foram os immolados tão sómente na Capital, sem fallar nos da Lapa, Rio Negro. etc., etc.

A confusão produzida por essa orgia assassina pareceu a Vicente Machado que era muito de favorecer os seus designios de supprimir um rival.

Serro Azul evitara o saque em Curityba, facilitando ao exercito de Gumercindo os recursos de que precisava, sob a fórma de um emprestimo de guerra.

Este serviço foi considerado um crime e o nosso digno concidadão atirado em um carcere. Dahi, com mais cinco, em segredo, posto á noite em um trem.

Nenhum dos que encetaram a grande viagem intermina, imaginava o governo capaz do horrido assassinio: de partidarios de Vicente Machado, entretanto, ouvem, na passagem em Piraquara, que iam para o fuzil.

Foi um assombro em todos! No kilometro 65 pára o trem fatidico; o sacrificio não se demora e os martyres tombam pelo precipicio abaixo da montanha, Calvario de um brazileiro benemerito, chefe de familia modelo, politico do mais fino patriotismo, protector inolvidado da pobreza da sua terra, onde se lhe guarda um culto de puro amor e saudade!

O responsavel por este e pelos outros crimes de 1894 é quem todo o mundo sabe neste paiz, e por isso affirmei que VICENTE MACHADO É UM ASSASSINO!

Digitized by Google

O SR. PRESIDENTE— Attenção !

O SR. ALFREDO VARELA— Não ha quem seja capaz de contestar ! (*Pausa*) Não ha quem possa contestar !

E', pois, como disse: está á frente da politica de um Estado, é um dos proceres da Republica, este selvagem assassino ! (*Sensação. Sussurro.*)

O SR. PRESIDENTE (*tangendo o tympano com força*)— Attenção ! Lembro ainda uma vez ao nobre Deputado que não póde continuar a se exprimir por esta fórma.

O SR. ALFREDO VARELA — Vou terminar, Sr. Presidente : chego ao ponto mais grave do meu libello. (*Pausa.*)

Juro pela sagrada memoria de minha mãe que me tremem as carnes neste momento, mas é preciso não hesitar... o bem publico impõe-me este sacrificio : « cumpre o teu dever, aconteça o que acontecer ! » (*Pausa.*) VICENTE MACHADO É UM LADRÃO ! (*Sensação. Sussurro.*)

O SR. PRESIDENTE — Attenção ! Chamo a attenção do nobre Deputado. Chamo á ordem o Sr. Alfredo Varela.

O SR. ALFREDO VARELA — Si a phrase desagrada a V. Ex., estou prompto a retiral-a, Sr. Presidente... (*Sussurro.*)

O distincto negociante desta praça estabelecido á rua da Carioca n. 44, o Sr. Euclides Cesar Plaisant, teve um dia a idéa de introduzir a industria da seda no Paraná. Não o podendo fazer unicamente com os seus proprios recursos, recorreu ao Congresso do Estado, que votou uma subvenção de quinze contos de réis para compra de machinismos.

Quem facilitou ao Sr. Plaisant o bom exito da pretenção na Assembléa foi o chefe do partido situacionista. Pois, segundo depoimento do Juiz Federal do Paraná, Vicente Machado « escamoteou quasi a metade dessa

Digitized by Google

quantia! » — Foi mais da metade: nove contos de réis.

Está alli o Sr. Plaisant (*apontando para uma tribuna*): não é a verdade?

Voz na tribuna — E' verdade.

Vozes no recinto — Oh! oh! é demais!

O Sr. Presidente (*fazendo soar os tympanos*)— Chamo á ordem o nobre Deputado. Farei retirar da tribuna o espectador. (*Apoiados.*)

O Sr. Alfredo Varela— Fui intimado a produzir provas; alli está uma prova testemunhal!

O Sr. Presidente— Isto aqui não é tribunal de justiça. V. Ex. está fallando como Deputado.

O Sr. Alfredo Varela— Não disponho, para o effeito, de outro tribunal!

O Sr. Presidente— Pessoas estranhas não podem intervir no debate da Camara. (*Apoiados.*)

O Sr. Alfredo Varela— Ha cousa melhor!

Em tempo da monarchia, soube um Presidente do Paraná que o Dr. Vicente Machado desviara o producto de uma subscripção destinada á liberdade de uma escrava e correu do palacio o gatuno de um sagrado deposito.

Ouvi o facto em roda de muitas pessoas, na barca de Petropolis, da bocca veridica do illustre estadista, o Conselheiro Carlos de Carvalho, notavel jurisconsulto deste paiz!

O Juiz Federal citado repetiu a imputação no *Jornal do Commercio* e no *Jornal do Brazil* desta Capital.

O *Estado do Paraná*, orgão, como disse, do actual vice-governador do Paraná, Dr. Victor do Amaral, e do futuro vice-governador Dr. João Candido, orgão redigido pelo Dr. Octavio do Amaral, secretario do interior do governo desse Estado; o *Estado do Paraná*, em seu

Digitized by Google

numero de 4 de janeiro de 1895, repete esta tremenda e humilhantissima accusação!

Está aqui. (*Mostrando um jornal.*)

Eil-o, o orgão official do grupo dos *seraphins*. Vou ler :« ... o *mór vacuoide*... »

Era como chamavam o Dr. Vicente Machado, já sabeis.

« O *mór vacuoide*, que um actual ministro enxotou de palacio por questões pecuniarias de escravos... »

— Não preciso ler mais!...

Corresponde, pois, á figura hedionda do carrasco da sociedade paranaense este retrato moral, que delle fez o juiz Dr. Carvalho de Mendonça (não é meu, não é de um apaixonado adversario, como se poderia allegar, e sim de um magistrado conhecido):

« Trampolineiro e intrigante politico, mediocridade obstinada e tola, que jamais em sua vida fez um discurso politico de onde se podesse aproveitar uma idéa, comparsa de todas as mashorcas, ingrato para com seus bemfeitores, detractor daquelles de quem não póde mais tirar vantagens, como seja o Sr. General Glicerio, baixo de linguagem, nullo de concepção, o Sr. Vicente Machado é um novo sicambro, prompto a adorar hoje o que queimou hontem, e a arrastar hoje pela rua da Amargura aquelle a cujos pés arrojou-se hontem como um cão.»

Por isto e por muito mais que deixo de dizer, comprehendeis, senhores deputados, que resume bem a figura daquelle a quem combato no Paraná, a tremenda definição de seus correligionarios os *seraphins*:— MONSTRO...

Não quero completal-a por piedade...

MONSTRO! e é senhor absoluto de um Estado do Brazil!...

Não foi, por conseguinte, um brado de pessimismo, como se qualificou, aquelle meu

Digitized by Google

dizer no *Diario da Tarde*, ao illustre Santos Dumont:

« Ala a tua nave aerea, ala! marinheiro do Ideal: fita as roseas nuvens, enfara-te de Luz celeste, avisinha-te do Sol, para que te offusque o olhar e assim não descubras o nosso lento morrer! Parte dahi sem delongas: ao menos o enganador sitio onde pisas a esta hora, com falsos europeis esconderá ás tuas vistas pesquisadoras o cataclysmo em que desapparecemos! Não te detenhas em mais parte alguma do territorio brazileo ; não venhas a esta, sobretudo, para te não desconsolares com as ruinas aqui patentes, com o escravisamento e infortunio de nobres patricios teus!

Quanto antes prosegue na senda gloriosa que encetaste! — Diz uma crença tocante que volteiam em tôrno de nós, eternamente solicitos, os que se foram... « Oh descobridor famoso, vae ; desperta os mortos, pois, que dormem os vivos ; anima a muda lingua dos antigos heróes, até que este seculo de vasa queira a vida e surja para as grandes acções, ou se envergonhe! »

.....O scopritor famoso
Segui ; risveglia i morti,
Poi che dormono i vivi; arma le spente
Lingue de' prischi eroi ; tanto che in fine
Questo secol di fango o vita agogni
E sorga ad atti illustri, o si vergogni! »

Digitized by Google

Digitized by Google

DISCURSO

PRONUNCIADO

Na sessão de 31 de Outubro de 1903

O Sr. Alfredo Varela —Devo dizer sobre o orçamento da Marinha, sobre o misero estado da esquadra nacional ; prevaleço-me, porém, dos precedentes desta Casa, para occupar-me antes com a politica geral do paiz.

Lamentou um illustre representante e meu muito querido companheiro de bancada que não tivesse manifestado á Camara os meus sentimentos pela irreparavel perda do insigne Julio de Castilhos.

Nada conheço de mais expressivo que as silenciosas lagrimas de um homem forte. Homero, em um poema inegualavel, nellas representa a grande dor do rei de Ithaca, relembrando o passado.

Longe da Patria, sentado á mesa do palacio de Antinoos, Demodocus canta a destruição de Troya. Ulysses, sensibilizado, cobre a veneranda cabeça com o longo manto, e correm abundantes as suas lagrimas.

Vistes as minhas ! lagrimas de agonia, lagrimas de saudade, lagrimas de terror pelo futuro !...

Nem ainda neste momento disponho de calma para a minha homenagem. Escrevi a

Digitized by Google

que vou prestar ao eminente brazileiro, como fez outrem, de conhecida eloquencia.

No anno findo, disse eu aqui palavras que peço licença para citar:

« A revolução de 15 de novembro (manda confessal-o a sinceridade que nos é habitual) passou como destruidor cyclone sobre o edificio semi-secular da Fazenda Publica do Brazil. As grandiosas construcções administrativas operadas pelos gigantes do periodo regencial, que haviam resistido incolumes aos insultos do tempo, a despeito do inexplicavel abandono em que as deixara o Imperador, foram totalmente desmoronadas pela Republica.

....., ...

Uma derrocada universal !

Este o infallivel castigo dos povos que se deixam guiar por novellistas politicos, desprovidos de orientação scientifica e systema.

CONSERVAR MELHORANDO é a fórmula de toda restauração racional; a que desobedece a este principio perde-se na esterilidade ou origina mais fundas desordens do que aquellas que procurou remediar.

Subordinando nossa actividade legislativa a esse fecundo e salutarissimo conselho de sabedoria politica, com affouteza dizemos que é preciso recomeçar o trabalho antigo, reproduzindo, tão sómente com as mudanças indicadas pela experiencia, as instituições de Fazenda anteriores a 1889.

O triste desvendamento da aridez dos directores que temos tido, póde talvez desagradar ao estreito partidarismo de alguns; satisfaz, porém, ao justo sentimento do amor da Patria, cujos interesses ficam acima de fórmas politicas, transitorias em boa parte. Estamos convencidos de que o desprestigio dellas não póde ser funesto sinão aos que as manteem, porque vivem de exploral-as.

Circumscripção ha no Brazil que passou da categoria de Provincia para a de Estado, sem abalos ; resistiu a uma furiosa tempes-

Digitized by Google

tade revolucionaria e enfrenta hoje, com surprehendente galhardia, uma profunda crise economica, quando quasi todas as outras regiões do Brazil apresentam o aspecto do desanimo e da miseria.

Por que?—Porque alli o tino excepcional de um homem incontestavelmente superior inspirou-se no que lhe impunha a conservação social, em o glorioso labor de reconstituir sua terra.

Em vez das usuaes demissões em massa, manteve o pessoal abalizado que nos legara a monarchia; em vez de recomposições aconselhadas por doutrinas cujo valor a experiencia ainda não garantia, a persistencia da machina engenhada pela pratica dos tempos; em vez do ensaio de novos processos, os mesmos que existiam desde muitos annos; —mas vivificado tudo por esse espirito creador, purificado com o exemplo dignificante, melhorado no que convinha, sem alterações subversivas!

E a essa larga e generosa intuição, conservadora e ao mesmo tempo progressista, se acoimou de obra de seita na Capital Federal, insciente da soberba evolução politica do extremo sul, quando seguimos, no Rio Grande, a egregia tradição da grande época portugueza e acompanhamos os passos dos preclaros estadistas do Imperio! Quando reatava assim o avisadissimo e cauto mentor do formoso Estado o fio da evolução, perdido na bastarda politica das duas ultimas decadas do Imperio, unindo seus esforços aos dos Andradas, Vasconcellos, Alves Branco, Itaborahy, Souza Franco e outras culminancias, seus dignos predecessores no serviço da Patria...»

Creio, senhores, que não posso fazer, nesta Casa, maior elogio ao grande extincto. (*Pausa.*)

Mas, senhores, maiores hoje as minhas responsabilidades!

Até hontem tinha a certeza de que alguem, ao longe, si eu errasse, dava-me, com

Digitized by Google

rude decisão, o aviso salutar; agora hei de, por mim, inquirir do que convém, na pratica do patriotismo, para que minha obra não discrepe do que foi, no grande morto, o ensinamento para todos nós.

Responsabilidades tremendas! Porque sei o que perderam os sinceros amigos do bem publico!... Circulada desde as primeiras horas por um oceano de impurezas, a Republica deu logo signaes de immediato declinio. Vendo o edificio a cahir, Julio de Castilhos, no recanto mais firme e livre da contaminação quasi geral, ergueu-lhe com a sua vigorosa personalidade um robusto e inabalado esteio.

Que importa si não tinha o feitio impeccavel, o contorno primoroso, os elementos decorativos exigidos pelo idealismo politico? — As sociedades o que pódem reclamar dos homens politicos — imperfeitos como tudo neste mundo — é o effeito pratico, na hora decisiva, e nessa nunca falhou a acção de Julio de Castilhos.

Foi para o nosso regimen, no presente, o apoio, o arrimo, o amparo o sustentaculo, a maxima columna de sustentação!

E agora a vejo derruida...

As instituições, em perigo... Si ainda é tempo, que a Republica se preserve delle!

Para que se preserve de inevitavel morte... (E que morte? — Morrer sem honra!), para que se preserve, mister castigar sem demora os seus profanadores: purifical-a immediatamente e radicalmente!

Nesta empreza de regeneração, surprehendeu-me o desapparecimento de Julio de Castilhos: — manda-me a venerada sombra proseguir... Proseguirei na obra de inflexivel justiça!... Justiça por que clamam quinhentas mil victimas de um tyranno feroz! *(Pausa.)*

Quero antes de tudo manifestar meu reconhecimento á imprensa independente a

Digitized by Google

cuja assistencia tanto devo nesta memoravel campanha contra a hypocrisia democratica. Só os redactores da *Tribuna* e *Noticia* entenderam desajudar-me na grande obra emprehendida. O do primeiro jornal não admira; de ha muito, alliado da oligarchia paranense, assetteava-me... de onde? — Do *Malho!*

Tinha esse pouco liberal homem de letras a generosidade de querer minguar-me o pão, reclamando se me privasse do subsidio. Lendo, em Curityba, as suas observações patrioticas, reproduzidas na *Republica*, e acompanhadas dos commentarios desta folha, respondi como devia pelo *Diario da Tarde*.

A *Noticia*, pela penna de um dos talentos poeticos que mais admiro entre nós, passa um sermãozinho ao *intemperante* Deputado...

O chronista estranha esta nota da *Gazeta*: «Uma das tribunas estava guarnecida de senhoras, algumas de filhos ao collo.» E commenta: « Não quero crer que as senhoras levassem alli as creanças, com o fim de habitual-as desde já ás boas normas da vida parlamentar.» Termina com delicadeza muito attica, é verdade, fazendo allusão a « vocabulos duros e narrações cruas».

A *Noticia*, entretanto, esquecida de que aconselhara ás damas se precatassem das licenciosidades congressionaes, á terceira pagina do mesmo numero insere alguns periodos de atrevido realismo, de autor reputadissimo em nosso meio litterario.

Apreciando um livro de versos, em que ha certa referencia ao famoso Abelardo, diz:

« Ora, o amor de Heloisa não teve nada de casto. Poucos mezes depois que Abelardo se fez seu professor, ella ficou em estado de, si quizesse ir ser *ama de leite*... E quanto a elle, fracamente, não comprehendo que ninguem lhe inveje a sorte, porque exactamente a sua maior celebridade vem de que o tio de Heloisa, furioso com o seu proce-

Digitized by Google

dimento, applicou-lhe, muito contra a sua vontade, como é facil de comprehender, a operação que reduz os gallos a capões e os touros a bois...»

Nada quero criticar na chronica, mas convenha-se que, para uma folha com pretenções a moralista, o trecho é positivamente desse que se poderiam chamar escandalosamente contradictorios.

Receioso o jornalista de que a nossa linguagem fosse má licção ás poucas senhoras que aqui compareceram, não se lembrou que mais perigosa circulação ia ter através dos lares o cabelludo topico citado, figurando, como figura, em uma folha bastante lida?

Tenho grande vontade de rir, a bom rir, das vestaes ciosas do prestigio parlamentar!...

Sabe-se que é director da *Noticia* um dos directores da *Gazeta de Noticias*: o Sr. Rochinha. A *Gazeta*, onde tenho amigos que muito prezo, em editorial de 22 do corrente, publica o seguinte, com o titulo: «Orai por elles»:

« Não acreditamos que seja possivel este acto, pelo qual nem se póde dizer que a Camara se contradiz. O que haveria era simplesmente annullação. *Ainda não ha exemplo, na vasta escala das condescendencias legislativas, de cousa que com isto se pareça.* E o proprio Sr. Presidente da Republica, *no interesse do decoro dos poderes publicos da Nação, deve estar convencido de que ha um limite para as exigencias que possam ser feitas ao Congresso.*

Não nos batemos pela construcção do malfadado palacio; achamos mesmo que não ha inconveniente em adiar essa despeza para melhores tempos. Tudo está no modo de fazer as cousas. A Camara póde approvar a sua proposta este anno, e o Governo póde não usar desta autorização; *o que o proprio decoro legislativo repelle é esse constrangimento em que o collocam. Salvem-se ao menos*

Digitized by Google

as apparencias, para que ao menos pelas apparencias não tenha ainda chegado o momento de entoar o «de profundis» pelo suicidio da representação nacional.»

Não sei o que mais desprestigie o parlamento: si as duras expressões inspiradas pela minha justa indignação ou si as terriveis palavras com que pessoa dependente do primeiro Secretario da Camara e redactor de nossos debates declara que o Congresso desce a condescendencias legislativas nunca vistas e proclama *urbe et orbe* que a Camara dos Estados Unidos do Brazil está soffrendo constrangimento por parte do Governo...

Senhores, um quasi funccionario desta Casa denuncia ao mundo que estamos sob a acção de um constrangimento illegal!

Que muito é brade com impeto o republicano que vê a ruina da Patria, ruina em tudo, a ponto de annullado assim um importante ramo do poder publico do paiz?!...

A verdadeira razão por que appareceram as mães com os filhos aos braços, em tribuna desta Casa, saiba a imprensa que não me apoia, é esta: vieram impressionar as almas infantis com a primeira scena da redempção futura de nossa raça, pois que, senhores, ou nesta hora começa a obra emancipadora, ou breve e irremediavel a dissolução nacional, com o jugo estrangeiro, ou o escravisamento á força bruta, em meio da anarchia.

Agora respondo á contradicta que me oppuzeram os representantes do Paraná.

Eu merecia ser tratado desde o primeiro dia, como o fui depois, por SS. EEx.

Consinta a Camara que eu faça uma breve rememoração, para que verifiquem meus pares não provoquei no Paraná o desabrimento com que foi recebido alli e que infelizmente reproduziram neste recinto os eleitos da oligarchia local.

A 13 de julho levantei em Curityba a bandeira regeneradora. Meu artigo programma no *Diario da Tarde* desse dia, absolutamente

Digitized by Google

impessoal. Eil-o; vou ler pequenos trechos:

« Mudem as leis e as instituições, a abjecção será a mesma, emquanto a guarda de umas e outras for confiada como até aqui a quem se esforça em corrompel-as e degradal-as: a equivocas figuras politicas, que assaltaram o poder da maneira mais indigna commummente, e fazem delle o escudo, o broquel de todos os crimes, manto de todos os desatinos e prevaricações.

A realidade é esta: vergonhoso o painel que apresenta a Republica, mas cégo quem attribue suas desordens ás instituições tão sómente e procura restaural-a, mudando o regimen da federação.

.....

A luta inicial dos patriotas bem intencionados ha de ser, portanto, contra ellas: não esqueçam que é mistér substituir antes os homens, renovar depois as instituições.

Opprimido pelas oligarchias mais descaradas e brutaes, o Brazil mal respira. Como ter entendimento claro para as altas elocubrações necessarias a tão profunda reforma, como essa Lei das leis, com o pé no pescoço e nos estertores da asphyxia?—Precisa antes ver-se livre e com vida, sob pena de lhe estarmos a talhar a tunica para o baptismo da regeneração e ser o tardio artefacto de nosso incauto amor civico, simples mortalha de uma inditosa nacionalidade.»

Como correspondeu a este cortez e sereno cartel o adversario que enfrentei? Com a offensa mais brutal! — « O novo propagandista não dispõe, disse a *Republica*, de autoridade moral para emprehender a obra regeneradora em que se metteu.»

Revidei com a devida energia o atrevimento e proseguiu a minha resoluta campanha. Duas ou tres vezes mais fui aggredido grosseiramente pela imprensa official e em todas ellas dei aos folicularios da oligarchia o merecido castigo.

Digitized by Google

Mas, senhores, por que fui logo affrontado no Paraná, e aqui, pela sua oligarchia? Razões de ordem publica justificam a aggressão? Provocações de minha parte?

Ah! E' que me suppunham (generosos adversarios!) em situação de não supportar uma luta no terreno das personalidades...

Enganaram-se! Aos de lá, surprehendi com um vigor que não suppunham em mim; aos daqui, contive á distancia victoriosamente!

Devem estar espantados, no intimo, do modo por que me ouviram... Não sabem estes senhores que a alma da Patria ultrajada por vezes se hospeda, para a desaffronta, no corpo de um de seus mais humildes filhos!

Imaginaram supplantar-me e tiveram os amigos da tyrannia os ouvidos estonteados, com a grande voz accusadora do revoltado Brazil!

Preciso replicar, porém, á pobre defeza que me oppoz a oligarchia paranaense.

Seu chefe declarára ao Senado que me não responderia, entretanto o fez... Porque?

Porque, mais uma vez faltando á sua palavra, porque julgou poder fazel-o com vantagem...

E como? Refutando uma por uma as minhas affirmativas?

Qual, senhores!... Impugnando tão sómente *aquella de que não dei documento*, porque o delicto me fôra denunciado em minha passagem por Paranaguá. Esse mesmo hei de provar!

E os numerosissimos outros crimes de que dei noticia? Fez bem S. Ex. em os não contestar: estão no dominio publico.

S. Ex. referiu-se tambem ao publico depoimento de uma de suas victimas e capitulou de meu *compadre* o honrado negociante.

A verdade é esta: encontrei aqui o Sr.

Digitized by Google

Plaisant e disse-lhe que ia appellar para o seu testemunho ; isso se passou deante de pessoa cujo nome posso citar. Hesitou o Sr. Plaisant, afinal declarando ficar á minha disposição.

Entenderam alguns ser digno de censura o meu appello á pessoa estranha a esta Casa...

Que santa ingenuidade ! De que outros expedientes lançar mão quando para os mandões desappareceram os tribunaes ? Precisava impressionar a opinião nacional com a evidencia de um dos mais repugnantes crimes da oligarchia e usei do meio que me pareceu conveniente ao bem publico.

Quando nesta Casa se me provar que voltou a ser observada a Constituição da Republica, ninguem mais do que eu se mostrará submisso ao Regimento e aos estylos !

Jesus, dizem, lançou mão do milagre, do extra-natural, para convencer aos discipulos que *não criam* mas *desejavam crer*, e estranha-se que eu me sirva de um recurso vulgar, ainda que extra-regimental, para convencer aos collegas que *não creem* e *não desejam crer*...

E' muito exigir de um pobre mortal; quando um Deus recorreu a expedientes irregulares, que muito admirar que faça uso delles o mais humilde dos homens ? !

A proposito do incidente, pronunciou-se com muito talento um escriptor do *Correio da Manhã*, em artigo sob o titulo «O aparte das galerias», seguramente lido por todos os Srs. Deputados.

Veja-se o que diz:

« Sente-se ainda irritada a susceptibilidade hypocrita dos que procuram bordar o nosso declinio com as falsas tintas dos velhos estylos e praxes, cabiveis unicamente nos regimens bem organizados, onde o respeito e a sizudez se coadunam com a ordem em tudo imposta e exigida. Um aparte das galerias da Camara, quando o Deputado Várela des-

Digitized by Google

envolvia o seu libello, fez saltar das commodas cadeiras muitos dos parlamentares que, prazerosos, alli se repoltreavam. Alguns do côro regimental entenderam tambem desafinada a nota extranha e, talvez para apoucar-lhe os effeitos, entoaram grandes e solemnes compassos de reprovações.

Realmente, merecia censuras a indebita intervenção si, com effeito, a Camara dos Deputados fosse composta de legitimos representantes do povo, para os quaes cada cidadão só póde ter cortezias; e isso não acontece, na generalidade. Salvo rarissimas excepções, qualquer dos nobres Deputados foi tanto eleito como o Sr. Plaisant, que, das galerias, deu energico aparte apoiando o orador. E', portanto, uma simples convenção, estabelecida á força, pelos que se encarapitaram no poder.

Tivessemos nós um parlamento, formado de homens cujos nomes sahissem victoriosos das urnas, e ninguem iria, das tribunas ou das galerias, quebrar o respeito devido aos representantes da nação. Ora, Camara e Senado, de um certo tempo a esta parte, não passam de conjuntos apaixonados de emissarios dos governadores e presidentes dos Estados e alguns dos quaes colhidos na imprestabilidade dos cisqueiros politicos, e que desde logo demonstram pela ignorancia revelada em apartes obtusos ou em discursinhos de uma banalidade indigna dos oradores officiaes nos gremios da primeira infancia ou nas sociedades em homenagem a qualquer varão illustre.

Deante, pois, da nossa decadencia parlamentar, era natural que surgisse o desrespeito; emquanto o povo não tiver liberdade de escolher os seus representantes, não póde acatar os que se lhe impingem como taes.

Os actuaes Deputados o serão por tres annos e por desejo dos seus mandantes; pois bem, o Sr. Plaisant o quiz ser por um minuto e por sua livre e espontanea vontade.

Digitized by Google

E' isso muito mais nobre e muito mais decente.»

Reprovavel o expediente de que usei, dizem os que sympathizam com a oligarchia e apoiam-na.

Mas, senhores, é preciso reconhecer que eu ataquei aqui desassombradamente, como fiz no Paraná, com a minha inteira responsabilidade.

Agora, que faz o galhardo Sr. Vicente Machado ? Foge de responder ao que chamou de injurias minhas; manda, porém, insultar-me em duas ou tres folhinhas de sua feição!

Senhores, como eu pudera, do alto desta tribuna, fazer uma bella revista, escandalosissima, com os seguintes capitulos :

1°, nascimento do heroe ; 2°, o lenço no pescoço de quem dormia; 3°, a barregã de calças ; 4°, o despota armando um braço vingativo, e a morte de uma infeliz com 34 punhaladas ; 5°, primeiro casamento ou caça de um dote ; 6°, a mulher obrigada a confessar que convive com um cocheiro; 7°, repudio de uma inditosa mulher ; 8°, rapto do filho que diziam adulterino ; 9°, a criança é o retrato do pae; 10,° morre na miseria a repudiada; 11°, a deshonra de duas primas-irmãs ; 12°, o segundo casamento ; 13°, a mulher que encontra o marido nos braços de uma prima ; 14°, tragi-comedia entre o genro e o sogro ; 15°, com os calotes habituaes ! E adubaria esta bella narrativa com a historia das aventuras amorosas de um exemplar chefe de familia, nas aguas de Fernando de Noronha...

O Sr. Presidente — Peço ao nobre Deputado que cinja-se á discussão do Orçamento da Marinha.

O Sr. Alfredo Varela — Estou a usar de precedentes desta Casa, tratando de politica geral; para chegar ao ponto a que desejo, preciso fazer as considerações que ora faço.

O Sr. Presidente—A politica geral nada tem que ver com estes assumptos.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA— Eu estava estabelecendo os fundamentos da minha argumentação.

Agora, o Sr. Alencar Guimarães. (*Pausa.*)

S. Ex. contou o caso do Putinga, como lhe conveiu, mas a verdade é esta: acceitou a procuração, patrocinando a causa sem dor na consciencia; depois passou a perseguir a João Fernandes, quando este procurou o patrocinio de outrem. S. Ex. conhece melhor do que ninguem os prejuizos reaes do seu excliente.

Antes de mim, qualificou-o de advogado administrativo, nesta causa, o proprio actual redactor do *Republica*, como já demonstrei.

Quer a Camara conhecer a lisura do Sr. 1º Secretario?

Referindo-se a mais duas causas em que interviera como advogado administrativo, S. Ex. fez menção de uma e calou-se quanto á outra—a dos burgos do Sr. Torres.

O SR. ALENCAR GUIMARÃES—Não funccionei como advogado nesta causa.

O SR. ALFREDO VARELA — Affirmo eu que teve intervenção nella.

Explicando o que se passou com relação á indemnização pedida pela Exma. Sra. Baroneza de Serro Azul, espraiou-se em minuciosidades dispensaveis; não deu, porém, prova de que não agisse como advogado administrativo, o que aliás se fazia mister demonstrar. E só nisto consistiu a defesa de Sr. Alencar Guimarães... *Poverino!*

O SR. ALENCAR GUIMARÃES—Não fui advogado de Francisco de Almeida Torres em tempo algum.

O SR. ALFREDO VARELA — Affirmo que V. Ex. teve vantagens pelo feliz resultado desse negocio.

O SR. ALENCAR GUIMARÃES— Responderei em tempo a V. Ex.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA— Ainda a proposito do incidente do Sr. Alencar Guimarães, o *Republica* fez algumas referencias. Singulares noticias foram passadas daqui por telegramma pelos Srs. representantes do Paraná...

Deixo de ler estes telegrammas porque não posso de prompto exhibil-os; mas em um delles se declara que o Sr. Alencar Guimarães fez um extraordinario e brilhantissimo discurso, foi muito applaudido pela Camara, teve, emfim, uma verdadeira ovação e dá como certo que a reeleição de S. Ex. foi uma prova especial do apreço em que é tido.

O SR. ALENCAR GUIMARÃES—Isto não corre sob minha responsabilidade.

O SR. ALFREDO VARELA — Convido o nobre Deputado a me facilitar um meio de verificar a sinceridade da representação do Paraná.

Accusou-se-me de ter passado daqui um telegramma para o Paraná, que não passei.

Pois facilito a SS. EEx. o seguinte: liberdade de tirarem certidão dos meus telegrammas. Consintam que eu faça o mesmo...

O SR. ALENCAR GUIMARÃES — Dou plena autorização a V. Ex. de pedir todas as certidões dos telegrammas que porventura tenha passado sobre o incidente daqui da Camara.

O SR. ALFREDO VARELA— Mas o importante é isto: que a Camara assim quiz significar a sua reprovação pela attitude do Deputado Varela.

Pois, senhores, vou fazer um appello á nobre bancada do Rio Grande do Sul.

Foi muito justamente com o prestigio do illustre *leader* da maioria que o Sr. 1º Secretario foi reeleito, porque declarou o Sr. Dr. Cassiano do Nascimento que as provas ainda não tinham sido produzidas e a verdade é que a Camara agiu como devia agir.

Digitized by Google

Mas, agora, pergunto ao nobre Deputado, *leader* da maioria : depois das provas, depois da confissão do Sr. Alencar Guimarães, de que advoga perante autoridades administrativas, pergunto a S. Ex. si se conforma com a severa moral politica de Julio de Castilhos este proceder do Sr. 1º Secretario da Camara.

Si não me responde o *leader* da maioria, daqui me dirijo ao Sr. Barbosa Lima. (*Pausa.*)

Senhores, este silencio me faz dizer com o divino Milton....

O Sr. Cassiano do Nascimento — Peço a palavra.

O Sr. Alfredo Varela — V. Ex. pede a palavra, e eue spero, em nome de uma solidariedade que até agora se manteve, que não deixe sem resposta a pergunta de seu collega. (*Pausa.*)

Sr. Presidente, a falta de uma immediata resposta me obriga a dizer, com o divino Milton, a Julio de Castilhos : Senhor, de que altura cahimos neste profundo abysmo ! (*Pausa.*)

Eu vou avivar a lembrança da severa tradição de Julio de Castilhos, offerecendo a exame desta Casa um documento com todas as formas tabelliôas, comprovando que Vicente Machado, como o Sr. Alencar Guimarães, é advogado administrativo.

Aqui está a prova. Faço a narrativa do facto.

Ha dous annos o Sr. corretor Camarão, desta praça, recebeu uma procuração do coronel Joaquim Loyola para conseguir um pagamento do Banco da Republica; este banco fez o pagamento, mas o Sr. Vicente Machado teve artes de convencer o Sr. Loyola de que lhe devia dar uma nova procuração para receber a quantia já paga.

O Sr. Joaquim Loyola (creio que é sogro do Sr. Vicente Machado) deu-lhe a procuração, e com ella o Senador apresentou-se ao

Digitized by Google

Banco da Republica, a esse tempo gerido pela passada administração. Ahi, a repulsa foi formal; apresentaram a S. Ex. o recibo passado pelo Sr. Camarão. Não desanimou o Senador Vicente; aproveitando-se do facto de ter passado aquelle banco ás mãos do Governo em 20 de setembro, tornou á carga e — cousa espantosa! — obteve o pagamento de novo: o banco, que já havia feito pagamento da quantia, pagou de novo ao Sr. Vicente...

A prova de que o Senador Vicente recebeu está aqui:

«Vicente de Paula Bastos, serventuario vitalicio do primeiro officio do escrivão da Camara Civil do Tribunal Civil e Criminal, nesta cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil—Certifico que, revendo os autos de acção ordinaria em que é autor o Banco da Republica e réo Alfredo da Cruz Camarão, delles consta, me foi apontado e pedido por certidão o documento do teor seguinte: — Documento a fls. 8. Publica-Fórma. Réis trinta e um contos trezentos e cincoenta e oito mil cento e oitenta. Na qualidade de procurador bastante do Sr. coronel Joaquim Antonio de Loyola declaro ter recebido do Banco da Republica do Brazil a quantia de trinta e um contos trezentos e cincoenta e oito mil cento e oitenta réis, que o Banco recolheu ao Thesouro Federal em treze de dezembro do anno passado em virtude de procuração bastante substabelecida no mesmo Banco por Francisco Ferreira Ayres da Costa, ficando o Banco da Republica do Brazil com o direito de rehaver a quantia que ora me entrega de quem indevidamente a recebeu e dou-lhe plena e geral quitação. Rio de Janeiro, dezoito de dezembro de mil e novecentos. — *Vicente Machado da Silva Lima*. Estavam colladas e devidamente inutilizadas estampilhas no valor de trinta e cinco mil e duzentos. Estavam affixados dous carimbos

Digitized by Google

com os seguintes dizeres: Banco da Republica do Brazil, dez — dezoito mil e novecentos. Rio de Janeiro. B. R. B.— Pago— L. P.— Nada mais se constava do documento acima transcripto e do qual bem e fielmente fiz extrahir a presente Publica-Fórma que conferi, subscrevo e assigno em publico e raso, nesta cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal dos Estados Unidos do Brazil, aos dezenove dias do mez de dezembro do anno de mil e novecentos. Eu, Evaristo Vallo de Barros, tabellião que subscrevi e assigno em publico e raso. Em testemunho da verdade (estava o signal publico). Rio, dezenove de dezembro de mil e novecentos. Evaristo Valle de Barros. Conferido e concertado por mim, tabellião interino, Pedro Evangelista de Castro. Estava devidamente sellado. Nada mais se continha nem declarava em o dito e mencionado documento, que acima ficou bem e fielmente transcripto e extrahido por certidão que conferi e, por achar em tudo conforme e sem cousa alguma que duvida faça, subscrevo e assigno nesta cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil, aos trinta de outubro de mil novecentos e tres. Eu, Vicente de Paula Bastos, escrivão, subscrevi e assigno. Rio, trinta de outubro de mil novecentos e tres.— *Vicente de Paula Bastos.*»

Si não fossem bastantes as provas já apresentadas, esta creio que é irrecusavel... Não preciso commentar este escandalo.

Mas forçoso é não demorar a réplica á principal defesa que me oppoz a olygarchia paranaense.

Pensa *A Tribuna*, folha desta capital, que «o Sr. Carlos Cavalcanti respondeu a todas as arguições precisas do Deputado rio-grandense, com evidente vantagem, e, em mais de um ponto, destruiu por completo as accusações com documentos necessarios». Pretendeu destruir, é o que *A Tribuna* devia dizer.

Digitized by Google

O Deputado rio-grandense fez 47 arguições; o Sr. Carlos Cavalcanti apenas tratou de 22, e como o fez? Tentou offerecer contra-prova a sete; 15 dellas apenas lhe mereceram passageira menção. Eis a que se reduz a evidente vantagem com que se me respondeu!...

Pois, Sr. Presidente, vou examinar uma a uma as ditas arguições.

Resposta á primeira arguição: « Os seraphins, isto é, os autores do mais grave libello contra o Dr. Vicente Machado, o apoiam.»

Que novidade! Hão de apoial-o em publico até á ultima hora.

Paz apparente. Em uma terra onde não se tem liberdade para cousa alguma, esperar a rebeldia de quem a não póde mostrar... Como, além disso, não se ha de impressionar a *solidariedade* de taes senhores, quando daqui se pássam para o Paraná telegrammas de effeito?

Disse-se para o Paraná que tinham sido dispensadas manifestações de apreço ao Exm. Senador Vicente Machado e ao Deputado Alencar, por altas autoridades da nação, imprensa e amigos...

Isto se vê no telegramma, aqui lido, do secretario da assembléa local. Gente fraca e impressionada com taes dizeres, que havia de fazer sinão isto de que ora se gaba o Vicente?

Mas, respondendo á segunda arguição, o peculato do Sr. Candido de Abreu, enthusiastico citou o defensor qual contra-prova?

A carta do Sr. general Pego, dizendo que o Sr. Candido de Abreu viera ao Rio sem auxilio da caixa militar ou do mesmo general. Que tem isto com a minha accusação?

Accusei, com o testemunho do secretario do interior e do vice-governador, accusei-o de haver elle retirado 3:000$ da caixa da intendencia da capital e mais 3:000$ ou 4:000$, para passear no Rio, e não da caixa

Digitized by Google

militar, nem do bolso do general Pego. Portanto, a carta não prova cousa alguma ; ludibriou-se a Casa com ella.

Que vale, pois, o documento apresentado, que é o unico ?

Mas, na impagavel defesa do Sr. Candido de Abreu, ha uma cousa muito interessante: o Sr. Carlos Cavalcanti ficou maravilhado de que eu atacasse o «reputadissimo engenheiro». Pelo que vejo, a engenharia no Paraná anda uma perfeição, porque para o Sr. Carlos Cavalcanti o Sr. Candido de Abreu é um notavel engenheiro, e o Sr. Carlos Cavalcanti é para o Sr. Alencar Guimarães um notabilissimo engenheiro.

O Sr. Carlos Cavalcanti—V. Ex. vale-se até de um simples equivoco ; usa de bellas artes.

O Sr. Alfredo Varela— Uso do discurso de V. Ex. e do Deputado Alencar. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente—Attenção !

O Sr. Carlos Cavalcanti—S. Ex. não se referiu a mim como notavel engenheiro.

O Sr. Alfredo Varela— Só conheço de S. Ex., o Sr. Candido de Abreu, esta maravilha : fazer uma estrada de 90 kilometros, partindo do Pirahy, pelo preço de 90:000$, isto é, 1:000$ cada kilometro. Pois posso affirmar que os kilometros mais difficeis custaram cada um 400$000.

Maravilhas da engenharia indigena !...

O Sr. Candido de Abreu dá um aparte.

O Sr. Alfredo Varela — Do Sr. Carlos Cavalcanti só conheço uma : a celebre lei denominada « esquife », por meio da qual S. Ex. e seus amigos supprimiram quasi o eleitorado da opposição alli...

O Sr. Carlos Cavalcanti—Como escreve V. Ex. a historia. Então só conhece de mim essa lei ?

Digitized by Google

O Sr. Alfredo Varela — Fallei de *engenharia*. E' o caso de dizer : notabilissimos engenheiros. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Carlos Cavalcanti—Não preciso de licença de ninguem para ser engenheiro.

O Sr. Candido de Abreu—V. Ex. é que se está fazendo notavel.

O Sr. Alfredo Varela — Como disse o Sr. Candido de Abreu ?

O Sr. Candido de Abreu — Que V. Ex. está se tornando notavel.

O Sr. Alfredo Varela— Minha notabilidade, Sr. engenheiro...

O Sr. Presidente—Attenção !

O Sr. Alfredo Varela ... ha de ser sempre alguma cousa que valha mais do que aquella que se justifica pelo geito em retirar dinheiros publicos dos logares em que devem ficar... (*Sussurro.*)

O Sr. Presidente—Attenção !

O Sr. Alfredo Varela— Resposta á terceira arguição : « Não houve contrabando de cousa alguma, de carro algum do Sr. Vicente Machado.» Eis a historieta arranjada para o caso. (*Pausa.*)

Sr. Presidente, parece-me ter notado alguns signaes de desapprovação de parte da bancada pernambucana, tão da minha sympathia... Errei ?

O Sr. Estacio Coimbra—Não temos nada a oppor, por emquanto, ao discurso de V. Ex.

O Sr. Alfredo Varela — Ah ! bem; si VV. EEx. se lembrassem de ser pouco generosos para mim, eu teria aqui um meio seguro de trazel-os a meu lado.

Senhores, mais uma demonstração dos bestiaes e brutalissimos instinctos da oligarchia paranaense. Tratando, na *Republica*, de 17 de março de 1899, de um certo candi-

Digitized by Google

dato, cujo nome não quero citar, diziam os delicados doutores da oligarchia paranaense:

« Para general em triumpho terá o illustre itinerante as delicias dos cafés cantantes, as desopilantes noitadas dos *cabarets*, ou as descuidosas conquistas dos *boulevards* ; para o candidato derrotado o esquecimento das decepções nas emoções vivas de Monte Carlo.

.....

Na viagem ao velho mundo, e nas diversões da vida parisiense, vae fazer o tirocinio elegante para as recepções do Cattete, perfumado com as exquisitas essencias dos *boudoirs*.»

Senhores, veja-se que se fazem aqui referencias, desta maneira, com este desrespeito, com esta selvageria, a um gentil e poderoso cavalheiro. Calculem como não foi tratado o humilde Deputado !

Senhores, isto é um documento cabal; uma prova dos instinctos brutaes da gente que domina no Paraná. Para fazer uma critica, uma apreciação sobre certo candidato, que é um typo de delicadeza no seu trato, o que se diz são violencias desta ordem, grosse rias desta força, verdadeiramente offensivas, deshonestas na fórma e no fundo !

Em homenagem á pessoa que mereceu este torpe ataque, não faço a leitura completa do trecho, mas o offereço a quem o quizer ler.

E sou eu o selvagem, senhores, porque, indignado pela contemplação do soffrimento de um povo, venho bradar em favor delle aqui !

Mas, prosigo.

Agora a resposta á terceira arguição; não ha de ficar nenhuma de pé.

Affirmam que não houve contrabando com o carro do Sr. Vicente Machado.

Eis a historieta arranjada para o caso:

« S. Ex. ha pouco tempo mandou vir de Buenos-Aires um carro ; esse carro havia

Digitized by Google

custado a S. Ex. a quantia de 300 ou 400 pesos.

A Alfandega de Paranaguá quiz cobrar de direitos por esse carro a quantia de 3:000$, mais ou menos. S. Ex. abandonou então o carro nos armazens da alfandega.

Não se trata de um contrabando. O carro figura no manifesto do vapor *Dalmata*, entrado em Paranaguá em 20 de julho, e na factura consular n. 957. O conhecimento da carga e todos os demais documentos foram processados na alfandega, legalmente.»

E prosegue o Sr. Cavalcanti: « o nobre Deputado póde verificar o que digo.» — Vou verificar, olá si vou!

O que não nos disse a defesa é si a tentativa de cobrança dos direitos foi anterior ou posterior á apprehensão... Affirmo que foi depois do mysterioso passeio do carro senatorial, sem a prévia licença da alfandega.

Que vale, pois, esta parte da replica?

Resposta á 4ª arguição — Diz o Sr. Cavalcanti: « S. Ex. havia entrado para o Senado, tendo rasgado os livros de assentamentos parochiaes da cidade de Palmas.» Eu não disse isto; Calino, talvez.

O que affirmei e a defesa não desmentiu é que o senador Vicente rasgou folhas deste livro, conforme consta de certidão passada pelo vigario Sizenando, não de Palmas, de Castro.

Accrescenta a defesa: « Enganou-se o informante do nobre Deputado; S. Ex. entrou para o Senado com uma justificação feita por occasião de encetar o curso na academia.»

Não disse eu precisamente qual o meio usado; assegurei e asseguro que se usou de uma certidão falsa.

Onde, pois, a contra-prova do que alleguei?

Vou apresentar um testemunho valioso: os *Seraphins* attestam em seu jornal, numero de 28 de dezembro de 1894, que o Dr. Vi-

Digitized by Google

cente Machado rasgou as folhas do livro de assentos, conforme affirmei. (*Pausa.*)

RESPOSTA Á 5ª ARGUIÇÃO—«Vicente Machado não fugiu; foi o ultimo a abandonar a capital.» Onde as provas?

O Paraná foi accommettido por dous lados, pelas forças de revolução: pelo sul e pela costa, em Paranaguá. Fazendo-se voar uma das pontes da Serra, as forças de Custodio de Mello não chegavam á Curityba; ao sul, o impeto da revolta detido na Lapa e em Ambrosios, isto é, 14 leguas ao longe da capital. Quer dizer que o «depositario do poder civil» abandonou o seu posto quando a resistencia se mantinha vigorosa ainda.

Mais uma pretensa contra-prova logicamente annullada!...

RESPOSTA A' 6ª ARGUIÇÃO—Leio no discurso do Sr. Cavalcanti: «Os mais humildes dos nossos correligionarios nem por isso se viram a salvo da tremenda, da olympica colera do honrado Deputado.

Um pobre coronel da guarda nacional, um homem simples, tambem foi aqui accusado de passador de notas falsas.

Elle era e é, na verdade, nosso chefe politico no Serro Azul, uma das localidades do Paraná, e S. Ex. affirmou que se tinha arranjado adrede um inquerito para acobertal-o desse crime.

Mas, esqueceu-se o nobre Deputado de que o inquerito a que alludiu só serve de base para a denuncia e que depois do summario são as autoridades federaes que proseguem nos demais termos da secção. Correu o summario perante o juiz seccional do Paraná, com assistencia do procurador da Republica, nosso adversario politico, e na occasião opportuna...

O Sr. Alfredo Varela—O procurador da Republica é adversario de VV. EEx.?

O Sr. Carlos Cavalcanti — Era, então. E aquelle juiz despronunciou o indiciado pas-

Digitized by Google

sador de notas falsas e este juiz federal (note-se!) era o honrado e dignissimo Dr. Carvalho de Mendonça.»

Esqueceu-se de relatar o innocente Deputado que o « innocente coronel » a que se refere, assassino vulgar, trapaceiro e passador de moeda falsa, conseguiu a demissão do integro Benjamin Lage e nomeação de outro commissario de policia, á sombra do qual forçou as testemunhas, que haviam deposto contra a sua pessoa, a deporem em segundo inquerito e nos mais termos do processo de fórma absolutamente contradictoria, isto é, sustentando o contrario do que antes haviam affirmado.

RESPOSTA Á 7ª ARGUIÇÃO—Leio no discurso do Sr. Cavalcanti: « *Imposto de entrada*, disse o nobre Deputado que se cobrava imposto de transito no Paraná.»

Que lamentavel confusão! — E' preciso não confundir o imposto de entrada com o imposto de transito.

Em discurso de 6 de agosto, respondendo a Vicente Machado, dizia o Senador Ramiro Barcellos que as tropas do Rio Grande pagavam imposto em Xanxerê, imposto de que não dava recibo o exactor.

Travou-se ahi o seguinte dialogo:

« *O Sr. Vicente Machado* — Mas elle entrega uma guia.»

Vão ver os senhores que, si os representantes do Paraná pouco sabem da sua pobre terra, como provei na sessão de 20, muito menos sabe o famoso estadista de meia tigela, que é alli senhor de baraço e cutelo.

« *O Sr. Ramiro Barcellos*——Não, senhor; não entrega, faz o seguinte: na guia que acompanha a sahida dos animaes do Rio Grande do Sul, o que constitue uma exigencia do fisco estadual da terra que represento, no intuito de garantir o pagamento dos direitos de exportação, o cobrador do Estado do Paraná põe um *visto* no verso desta guia,

Digitized by Google

mas não declara si recebeu os 1$ por cabeça de animal, nem o numero de animaes. Cousa alguma se declara; apenas se nota o *visto*, que, como prova documental de pagamento, nada significa.

Não diz si recebeu, nem que quantia recebeu, nem o numero de animaes, nem cousa alguma. De modo que o proprio thesouro do Paraná não tem documentos para fiscalizar esses individuos.

Mas o que é facto é que o imposto é cobrado, seja sob que pretexto for, e cobrado da maneira que estou especificando.

O Sr. Pinheiro Machado—Apoiado; tenho varias guias nesse sentido.»

E são deste nullo valor as contra-provas que a *Tribuna* reputou haverem impugnado «com evidente vantagem» as accusações que formulei!!! E não esquecer, senhores, que o mesmo jornal publicou que «em mais de um ponto o Deputado Cavalcanti destruiu por completo as accusações com o documento necessario».

Como se vê, não destruiu nenhuma!

E os muitos documentos de que falla a *Tribuna*? Nada mais que UM, a carta do general Pego, essa mesma referindo-se a uma allegação que não fiz: um tiro falho, portanto!

Quero analysar agora rapidamente as outras arguições de que fez menção o Dr. Cavalcanti, limitando-se apenas a contestal-as, sem allegar prova ou argumento algum em contrario.

RESPOSTA Á 8ª ARGUIÇÃO—Brada o Dr. Cavalcanti:

«Fugiu com o dinheiro do erario publico! Esses dinheiros, póde o nobre Deputado indagar, inquirir, montavam á *immensa somma* de 1:900$, e foi esse dinheiro, que não elle, mas o secretario das finanças, conduziu para o Itararé.»

Digitized by Google

Não sei si a somma era essa. Si era, á boa miseria a administração de Vicente Machado reduzira o Thesouro Estadual ! Mas o que importa saber é da estação publica ou instituição bancaria onde se fez o deposito dos dinheiros do Paraná...

O Dr. Cavalcanti nos priva dessa informação, o que mantém incolume o meu allegado. *Os Seraphins* (*Estado do Paraná* de 28 de dezembro de 1894) confirmam a minha accusação.

RESPOSTA Á 9ª ARGUIÇÃO — Affirmei que o Dr. Vicente é advogado inescrupuloso, pois, sendo representante do paiz, acceitou o patrocinio do Leão Junior contra D. Maria Dolores da Veiga, quando nos autos se verifica que aquelle é um defraudador do fisco. Responde a isto o Sr. Cavalcanti declarando que eu não desconhecia ser pessoa distincta o companheiro de advocacia de Vicente Machado, o Dr. Affonso Camargo.

Mas, meu senhorzinho, o Dr. Affonso Camargo não é representante federal, isto é, advogado da Nação e fiscal do corpo administrativo do paiz, como o Dr. Vicente Machado.

RESPOSTA Á 10ª ARGUIÇÃO—Trata-se nella da causa em que é litigante Manoel Bonifacio Carneiro.

A allegação de que o illustre Dr. Generoso Marques é advogado na causa, por parte de Fonseca, é extravagante.

Censurei em Vicente Machado a pressão que empregou para corromper o juiz Dr. Salustio em enha Lins, horrivel accusação que nem Loi contestada e fica, portanto, de pé !

Quer-se outra prova de que S. Ex. é um advogado inescrupuloso ? — Diz-me o seu defensor « affirmar gostosamente que Generoso Marques é um homem honrado». « Sua mão, accrescenta, immaculada. »

Pois essa mão immaculada escreveu-me, confirmando, a meu pedido, o seguinte : « O Dr. Vicente, como advogado de Vicente

Digitized by Google

Sapalla, processado por crime de morte, não podendo obter a sua absolvição no jury, em dous ou tres julgamentos a que respondeu, o perdoou logo que assumiu o governo. »

Mas, senhores, o Dr. Generoso Marques, que a bancada paranaense, por seu porta-voz, reconhece ser « homem honrado e immaculado », sabeis como respondeu este anno á indelicadeza com que o mandão local taxava de « inoffensiva a vida publica » de seu nobre patricio ? Assim :

« E como amor com amor se paga, abstenho-me tambem de discutir os actos do Dr. Vicente : os da primeira especie, pela mesma razão que o inspira a meu respeito, e os da segunda, porque aquelles que teem vida publica quasi inoffensiva mais a aperfeiçoam, dispensando toda generosidade aos que a teem grandemente *offensiva*... »

Para o « honrado e immaculado Generoso Marques » o Dr. Vicente tem uma « vida publica grandemente offensiva ! »

RESPOSTA Á 11ª ARGUIÇÃO—Leio no discurso a que respondo:

« *O Sr. Carlos Cavalcanti* — Não sómente o nobre Deputado, 1º Secretario desta Camara, soffreu injuriosas accusações, que rebateu com superioridade, mas tambem o meu distincto amigo, digno collega de representação, que, pela primeira vez, cruzou os umbraes desta Casa, o Sr. Candido de Abreu.

O Sr. Alfredo Varela — Primeiro injuriou-me elle.

O Sr. Carlos Cavalcanti — S. Ex. foi accusado de culposa negligencia e, quiçá, criminosa, pelo desapparecimento de autos de medição de terras na secretaria de que S. Ex. era o chefe. Mas o secretario que succedeu a S. Ex. e cujo relatorio o nobre Deputado leu hontem, em segundo relatorio, que o nobre Deputado tambem podia ler, faz

Digitized by Google

os maiores encomios ao digno collega a quem me prezo de chamar amigo.

O Sr. Alfredo Varela—Tardia emenda ao soneto.

O Sr. Carlos Cavalcanti — Desapparecimento de autos, disse o nobre Deputado.

O Sr. Alfredo Varela—Eu não disse: disse o secretario de obras publicas do Paraná.

O Sr. Carlos Cavalcanti — Acaso o chefe de uma secretaria de Estado póde ser culpado pelo desapparecimento de papeis que estão sob a guarda de um archivista ?

Não disse o nobre Deputado que, depois do inquerito aberto, o empregado responsavel foi demittido ? E porque adeantou S. Ex. que quem devia ser demittido devia serdes vós, Deputado pelo Paraná ?

Por que ? pergunto eu. Pois quando desappareceram quantias enormes do cofre da Contadoria da Guerra, foi por acaso demittido o Ministro da Guerra ?

O Sr. Lamenha Lins — Ou o director da secretaria ?

O Sr. Carlos Cavalcanti—Pois quando appareceram desfalques consideraveis na Casa da Moeda...

O Sr. Alfredo Varela dá aparte.

O Sr. Carlos Cavalcanti... foi por acaso demittido o Ministro da Fazenda ?

O Sr. Lamenha Lins — Ou o director da secretaria ? A responsabilidade apenas recahe sobre o delinquente, uma vez descoberto.

O Sr. Carlos Cavalcanti—E' preciso muita paixão !»

Qual paixão, nem meia paixão !

O successor do Sr. Candido de Abreu pintou em claros termos o desmazelo, incuria, absoluto relaxamento, que iam pela repartição confiada em má hora a S. Ex.; e foi esta

Digitized by Google

sua incapacidade como administrador que accentuei deante da Camara.

RESPOSTA Á 12ª ARGUIÇÃO — Leio ainda nesse discurso :

«*O Sr. Carlos Cavalcanti* — O Senador Vicente Machado, a eterna victima de todas as invectivas das opposições, não só do Rio de Janeiro, como do Estado do Paraná, enxotado do palacio por ter guardado dinheiro do erario publico, no tempo em que presidia a provincia do Paraná o illustre conselheiro Sr. Dr. Carlos de Carvalho!»

Não accusei disso o Senador Vicente Machado e sim, com o testemunho dos *Seraphins* e do juiz Carvalho de Mendonça, que o actual chefe do partido dominante no Paraná desviou o peculio destinado á libertação de uma escrava.

RESPOSTA Á 13ª ARGUIÇÃO— Qualifiquei de instrumento do Dr. Vicente Machado o Exm. Sr. general Bormann. Patricio deste militar, não tinha eu motivos sinão para aprecial-o.

Conhecedor, todavia, de sua proverbial subordinação ao chefe do partido local, fiz o que em mim estava para estimulal-o a manter-se na directriz que o illustre general Menna Barreto havia imprimido ao commando do districto, durante a longa ausencia do titular do cargo.

Sciente dos *fracos* do meu patricio, recebi-o com um retumbante artigo, em que insinuava a conveniencia de acabar com o discordia na classe,—«para que tenha ella (dizia eu) essa indispensavel união, sem a qual o exercito, de salvaguarda de TODOS, se transforma em joguete dos partidos, para dominio de ALGUNS e perseguição de MUITOS».

Só por um grave motivo, pois, decidir-me-hia a qualificar o general daquella fórma.

E por que o fiz ? — Porque se prestou á vindicta da olygarchia contra o capitão

Digitized by Google

Velasco, promovendo o inquerito de que fallei a 20, violando expressas disposições do Codigo Penal da Armada.

RESPOSTA Á 14ª ARGUIÇÃO— Leio mais no discurso a que contesto: «A producção do Paraná é sem valor, disse o nobre Deputado, a Estrada da Graciosa foi propositalmente deixada em abandono, para com isso augmentar a receita da companhia *Chemins de Fer Brésiliens*, da qual era advogado o Senador Vicente Machado.

Pois, em alguma parte, onde se fez uma estrada de ferro, parallelamente a uma estrada de rodagem, essa estrada de rodagem, naturalmente, não fica abandonada ?

Não se verificou este facto com as estradas velhas de Santos a S. Paulo e da União e Industria ? »

Toda essa historia não explica a razão por que o Estado não acceitou a quantia de 50 contos que um particular lhe offereceu, para que se concertasse a estrada da Graciosa...

Repito: não convinha isso aos patrões do Sr. Vicente, advogado, como sempre foi, da companhia *Chemins de Fer Brésiliens*.

RESPOSTA Á 15ª ARGUIÇÃO—Sobre tarifas, allegou o Sr. Carlos Cavalcanti que a representação paranaense tem procurado modifical-as para melhor.

SS. EEx. dominam a terra ha bons doze annos ; a actividade dos dignos Deputados tem sido realmente... pasmosa !

RESPOSTA Á 16ª ARGUIÇÃO—Eis o que disse o defensor de Vicente Machado sobre impostos inconstitucionaes: « Quanto ao imposto de patente commercial, ninguem nesta casa negou a existencia dessa taxação na minha terra, que é imposto de importação de mercadorias estrangeiras, depois de nacionalizadas. Leia o nobre Deputado o meu discurso aqui pronunciado em resposta ao illustre Deputado de Minas, o Sr. Calogeras.

Não precisamos negar ; lançamos esse imposto.

Digitized by Google

Podemos estar em erro, mas até que nos prôvem o contrario, sustentaremos que é legitimo o direito do Estado em lançar esse imposto.

Póde ser um erro, repito, mas não é um crime.»

Eu não disse que alguem negára *nesta Casa* a existencia do illegal imposto chamado *patente commercial*, mas negou o Sr. Vicente Machado, com uma coragem e desamor á verdade que assombram! O delicto de S. Ex. está na consciente falsidade a que me refiro.

Senhores, uma palavra sobre este iniquo imposto.

As fazendas grossas (algodão, por exemplo) pagam em Paranaguá 20 %, calculada a taxa pelo peso na estrada de ferro, onde é cobrada, — outro abuso que convem consignar.

Pois, si os mesmos generos entram pelo porto catharinense de S. Francisco, dalli sobem a serra em carretas até o Rio Negro, tomam o trem e correm até a capital, ficam sobrecarregados com uma despeza apenas de 7 % !!!

RESPOSTA Á 17ª ARGUIÇÃO — Assegurou meu libello á Camara que a magistratura do Paraná ficara, pela lei, nas mãos do regulo da terra, pois que póde elle facilmente pôr um juiz em disponibilidade, com a representação ao governo de 50 jurados e da maioria da Camara Municipal da comarca, corporação tambem dependente do Sr. Vicente Machado, pela fórma por que já expliquei; os jurados, como se sabe, sorteados pela lista de eleitores estaduaes, onde quasi que sómente são incluidos os situacionistas.

A isto oppoz o meu contendor que tal dispositivo illegal «existe na Constituição do Paraná, assim como nas de muitos outros Estados como medida de alta necessidade publica».

Incriveis affirmativas!

Digitized by Google

Eu já disse nesta Casa que tinha uma certa benevolencia pelos Deputados do Paraná, porque SS. EEx. pouco sabem da terra que representam. O primeiro delles, pois que é classificado pelo Sr. Alencar de «notabilissimo engenheiro» e foi aqui o porta-voz de todos, o Sr. Cavalcanti affirma que as tyrannicas disposições sobre remoção de magistrados «existem na Constituição do Estado».

Pois o «notabilissimo engenheiro» desconhece a propria Constituição do Paraná?!

Ella não dispõe sobre isto e sim a lei n. 322, de 8 de maio de 1899.—A Constituição dos usurpadores daquella terra tem a data de 7 de abril de 1892.

Quaes as Constituições que reproduzem este aviltante absurdo da lei paranaense? — Não sabem dizer os meus collegas!

Senhores! o porta-voz da oligarchia vicentista teve a coragem de sustentar, em face da Nação, que é uma MEDIDA DE ALTA NECESSIDADE PUBLICA o jugo dos juizes, tal qual foi instituido pelo *ukase* que citei!!!

Está ahi nesta phrase da representação paranaense a concepção da Republica energumena que estou combatendo!

O que admiro é a ousadia do Sr. Cavalcanti, ao perguntar qual o juiz até hoje prejudicado por effeito da cerebrina lei... Muitos; entre esses o Dr. José Thomaz da Cunha Vasconcellos, juiz de direito de Antonina.

Mas, preciso fazer notar o que disse o Sr. Carlos Cavalcanti.

O porta-voz da bancada paranaense...

O SR. CARLOS CAVALCANTI — V. Ex. é que é porta-voz da opposição de minha terra.

O SR. ALFREDO VARELA — Sou o porta-voz, nesta Casa, de todos os opprimidos.

O SR. CARLOS CAVALCANTI — Ainda não os vi, registre-se.

Digitized by Google

O Sr. Alfredo Varela — Disse-o desde os primeiros dias em que aqui cheguei.

Diz o porta-voz da bancada paranáense... (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Carlos Cavalcanti — Como V. Ex. é o porta-voz da opposição de minha terra.

O Sr. Presidente — O Regimento determina o modo por que o Deputado deve dirigir-se aos seus collegas.

O Sr. Alfredo Varela — Como diz V. Ex. ?

O Sr. Presidente — Digo que o Regimento determina o modo por que um Deputado deve dirigir-se aos seus collegas.

O Sr. Alfredo Varela — Estou me dirigindo á Mesa.

O Sr. Presidente—V. Ex. disse—o porta-voz da deputação do Paraná,—mas dirigindo-se ao Deputado pelo Paraná.

O Sr. Alfredo Varela—Pois não posso dizer—o porta-voz da bancada paranáense,—referindo-me ao Deputado pelo Paraná?—Santo Deus! Pois já chegou a esta miseria a liberdade de tribuna? (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente — Attenção! O nobre Deputado não póde usar dessas expressões. A liberdade de tribuna tem sido completamente respeitada.

O Sr. Alfredo Varela—Registre-se que a tal estado de penuria chegou a liberdade de tribuna no Brazil! (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente — Attenção! O nobre Deputado não póde dizer isto!

Muitos Srs. Deputados — Apoiado.

O Sr. Rodolpho Paixão — Apoiado. A Mesa tem sido de uma benevolencia sem igual.

O Sr. Presidente — O nobre Deputado não póde usar desta expressão—estado de

Digitized by Google

miseria—quanto á liberdade de tribuna, porque ella tem sido inteiramente mantida.

O Sr. Alfredo Varela—Sustento o que digo. (*Soam os tympanos. Cruzam-se apartes.*)

O Sr. Presidente—Attenção! Não póde dizel-o.

O Sr. Alfredo Varela — Como não posso?!

O Sr. Presidente—A tolerancia da Mesa tem sido de mais. (*Apoiados geraes.*) Appello para a Camara. (*Apoiados.*)

O Sr. Alfredo Varela—Cite-me V. Ex. o artigo do Regimento que veda chamar ao Deputado pelo Paraná—porta-voz da bancada paranáense. E' assombroso! Quero que se registre nesta hora de ignominia a miseria a que chegámos. (*Soam fortemente os tympanos.*)

O Sr. Presidente — Attenção! Chamo á ordem o Sr. Deputado Alfredo Varela.

Vozes—Apoiado. Está fóra da ordem.

O Sr. Presidente (*com força*) — Não ha miseria nem ignominia nesta Casa! O nobre Deputado não póde usar dessas expressões. Não continue! (*Trocam-se innumeros apartes. Soam os tympanos. Tumulto nas galerias.*)

Vozes—Não póde! Não póde!

O Sr. Presidente — Attenção! Ordem! Vou suspender a sessão para mandar evacuar as galerias, que estão perturbando a ordem.

(*Soam os tympanos com estrondo. Ouvem-se gritos de todos os lados da Camara. Grande tumulto. As galerias applaudem incessantemente o orador.*

Suspende-se a sessão ás 2 horas e, em cumprimento de ordem do Sr. Presidente, são evacuadas as galerias.)

Reabre-se a sessão ás 2 horas e 30 minutos da tarde, sendo de novo franqueadas ao publico as galerias.

Digitized by Google

O Sr. Alfredo Varela — Sr. Presidente não poderei proseguir, porque me sinto coacto.

O Sr. Presidente — Não sei por que.

O Sr. Alfredo Varela — Emquanto a Mesa não mandar publicar o novo diccionario das expressões parlamentares convenientes e inconvenientes, eu não sei como me conduza na tribuna, para continuar na defesa de um povo opprimido.

O Sr. Presidente — Chamo a attenção do nobre Deputado: V. Ex. deve lembrar-se de que está se dirigindo á Mesa da Camara.

O Sr. Alfredo Varela—Oh! devo ter até uma medida especial para minha voz? Mais uma vez digo: estamos gosando de uma santa liberdade neste pobre Brazil!

A verdade é que eu apenas dizia :«o porta-voz da bancada paranáense.»

Si dissesse—o illustre e benemerito orador e defensor da causa da oligarchia, naturalmente não se me privaria da liberdade de usar de taes expressões; mas, dizendo — o porta-voz, ainda mesmo com a ironia que me attribuiu o nobre Sr. Presidente, no emprego dessas expressões, ironia de que, francamente, não usei, se me priva da liberdade da palavra...

Declaro solemnemente que houve proposito de, pela segunda vez, abafar a minha voz!

O Sr. Presidente — Appello para a Camara para que diga si a Mesa não tem mantido a maxima liberdade ao nobre Deputado.

O Sr. Alfredo Varela—Aqui mesmo, o Sr. Fausto Cardoso, ex-representante de Sergipe, chegou a qualificar do modo mais triste o Sr. Ministro da Fazenda, mostrando ao mesmo tempo retratos de uma meretriz, e ninguem lhe embaraçou a palavra; e

Digitized by Google

porque eu qualifico de porta-voz da bancada paranáense o Sr. Carlos Cavalcanti, enchem-se de melindres a Mesa e a Camara.

Pois declaro a todo paiz que ha proposito de impedirem que falle em mim a voz dos opprimidos desta terra !

O Sr. Carlos Cavalcanti— Eu nunca procurei impedir V. Ex. de proseguir.

O Sr. Alfredo Varela — Reconheço ; V. Ex. até ajudou-me com muita boa-vontade.

Portanto, mantenho o que disse: não continúo até que a Camara dê novas definições ao Regimento, tão apertado para a liberdade e tão largo para que passem aqui as mais injustificaveis proposições, desde que agradem a quem manda nesta Republica.

Repito : é uma hora de ignominia, porque não se quer deixar a esta pobre população nem esta mentira de liberdade de poder dizer, por um representante, o que soffrem 500.000 opprimidos no Paraná.

Meio mundo neste paiz não tem mais como protestar, porque, si falla pela imprensa, um Vicente Machado manda pôr-lhe a mordaça por apaniguados seus, officiaes de policia, como ha pouco aconteceu no Paraná, onde cinco fizeram calar a voz da opposição.

Mas, aqui mesmo se prepara o apoio ao despotismo para fazer silenciar um apostolo devotado do bem publico, porque eu o sou, posso dizer, e não fui outra cousa durante tres annos nesta Casa ; para fazer silenciar um homem que respeitosa e dignamente vem aqui fallar pelos que soffrem no Brazil.

Já que está coacta a tribuna parlamentar, que não ha mais liberdade, deixo de proseguir, repito!

O Sr. Presidente — V. Ex., neste momento, está provando justamente o contrario, da tribuna.

O Sr. Alfredo Varela (*para uma explicação pessoal*) — Sr. Presidente,

Digitized by Google

ouviu a Casa as magias desta palavra soberana. Verifica-se, entretanto, ao repassar na memoria o que disse o eloquente representante do Rio Grande do Sul, que S. Ex. evitou pronunciar-se sobre um ponto essencial: estou me referindo áquelle da moral politica de Julio de Castilhos.

E' porque S. Ex. não acceita, de certo, e não quer marcar o dissidio, a definição do *leader* desta Camara.

Vou ler, senhores, palavras de uma voz autorizada, no Congresso : a do Senador Ramiro Barcellos. Eis como define a moralidade politica de Julio de Castilhos. (*Lê.*)

Aqui está definida a moral politica a que fiz referencia: ella não admitte as capciosas distincções que foram feitas aqui.

Mas, senhores, este encontro, na tribuna, com o illustre Barbosa Lima, lembra-me um tocante episodio de nossas divisões civis.

No combate de Inhanduhy, um soldado federalista carrega sobre um dos nossos ; no momento de cruzar o ferro, repara que é um amigo; desvia então o cavallo e lhe diz: «Minha arma não é para ti, amigo !»

E' o que digo neste momento ao meu velho camarada, Dr. Barbosa Lima: «As armas que sei brandir não são para vós !»

Vou responder, senhores, ao discurso do nobre *leader* da maioria.

Ha de permittir o nobre Deputado que eu registre com profunda magua que S. Ex. tinha ha muito tempo tomado seu partido contra mim.

Vimos o Sr. Cassiano do Nascimento, com sua inflammada palavra, declarar-se contra o collega de bancada, por discordar de manifestações aggressivas deste contra os tyrannos do Paraná, esquecido de que não produziu o mesmo vibrante protesto, no dia em que fui nesta Casa terrivelmente injuriado, e mais ainda, ameaçado com desforço physico immediato !

Curiosa a sensibilidade de V. Ex.!

Digitized by Google

Acha que me estou desencaminhando, porque uso de termos expressivos, energicos, na tribuna.

Agora, quando este recinto deslustrado com ameaças de um pugilato, com um attentado directo contra a liberdade da tribuna, S. Ex. indifferente, mudo e quedo entre nós, nada fazia para impedir a arremettida de varios contra mim, a que todos aqui assistiram.

Mais ainda: S. Ex. fez umas quantas referencias declamatorias — ouso dizer — do modo por que me pronunciei na tribuna.

Senhores, podem ter sido violentas as expressões de que tem usado o representante do Rio Grande do Sul, mas não foram vulgarmente baixas, em caso algum.

Pois bem ; sabe este recinto que o *leader* da maioria, do alto da tribuna parlamentar, já se dirigiu ao Sr. João Aguiar, travando com elle este dialogo: « não seja bruto, bruto é você, não seja animal, não seja burro, etc.»

Parece-me, Sr. Presidente, que isto é que não condiz com os bons estylos, e não a minha palavra vehementissima, si quizerem, mas não vulgar e baixa.

Curioso ainda é que deixou S. Ex. tão patente o *parti pris* contra o collega, que não se limitou a corresponder a meu appello, enveredando immediatamente pelo caminho da defesa... de quem ? de Vicente Machado !

NADA MAIS PRECISO DIZER AO RIO GRANDE DO SUL !!!

Declarou S. Ex., achei curioso tambem, que a prova de que no Paraná não vivia como eu pintava a situação, é que eu exhibira jornaes opposicionistas e alli fundara um.

Mas, senhores, si mantive a minha tribuna, naquelle Estado, sabeis como foi ? Defendendo-a a todas as horas, contra as ameaças do grupo liberticida, que está senhor do poder !

E agora um ponto que não posso deixar sem reparo.

Digitized by Google

Julgou S. Ex. que eu commettia um sacrilegio, fazendo menção de illustre morto, na contenda em que me vejo.

Ah! senhores, é preciso desconfiar dos que manifestam a adhesão por faceis symbolos e palavras que o vento leva!

Eu a estou attestando com a acção resoluta, na conformidade dos exemplos que me deu o illustre extincto.

Julio de Castilhos, o grande lutador, não quer descanço; vida inteira de combate, elle quer que este grande exemplo seja seguido em todas as horas pelos seus!...

E' o que faço; continúo a sua grande obra, e daqui declaro que defendo mais essa Republica conservadora, Republica ideal, que ainda não existe, do que muitos que suppõem fazel-o.

Quanto á que temos, julgo que não merece o apoio dos elementos de conservação social: está merecendo é um alvião atrevido que a ponha em baixo quanto antes, para que possa existir aquella que deixou entrever por entre os atavios de sua arrebatadora eloquencia o illustre orador que me antecedeu na tribuna.

Senhores, a Casa sabe perfeitamente que o sonho que me fascina é o mesmo que faz o encanto e devaneio de todas as horas de quem acaba de manifestar na tribuna um desaccordo que não existe; ha apenas entre nós uma differença no processo, apenas uma differença na derrota a seguir para chegar á Jerusalém. Ha o caminho facil daquelles que recebem os favores do Poder, e ha outro caminho espinhosissimo, que eu estou trilhando, que trilharei emquanto viver: o caminho da incessante luta, o caminho em que só se tem nesta hora o pão amargo do desespero, em que se partilha com esta pobre nação brazileira das amarguras que ella está soffrendo.

Digitized by Google

Julgo estar seguindo o grande ensinamento do illustre extincto. Dirá o Rio Grande do Sul si erro ou acerto.

Uma cousa, porém, fique bem assignalada na tribuna:—é a parcialidade com que se mataca. Antes de me manifestar sobre a sia tuação da Republica, já se tornava claro um rompimento, que se podia evitar.

Pois, senhores, repito, continúo a boa obra começada pelo grande Castilhos; vou proseguir na senda que era a sua, venham embora contra o fraco lutador, conjurados, todos os elementos que estão servindo aos oligarchas de hoje.

Fico, senhores, com o povo deste paiz. Ninguem se illuda; o movimento que deu a palavra a um representante silencioso durante tres annos nesta Casa, é, nada mais, nada menos, que o primeiro acto de um grande drama.

Não vos illudaes; já começa contra os oligarchas de hoje o tremendo movimento da reacção nacional!

Tenho dito.

Digitized by Google

DISCURSO

PRONUNCIADO

Na sessão de 3 de Novembro de 1903

O Sr. Alfredo Varela — Sr. Presidente, um autorizado orgão desta Capital declarou que esta Casa está sob a acção de um constrangimento illegal e, por isso, peço a V. Ex. que mande retirar os soldados que vejo nas galerias, para que não pareça que somos prisioneiros da policia.

O Sr. Presidente — Devo declarar ao nobre Deputado que a policia desta Casa é feita pela respectiva Commissão e que não ha hoje nada differente do que tem sido feito sempre.

O Sr. Alfredo Varela—Não é o que vejo.

O Sr. Presidente—V. Ex. vê hoje o que viu sempre.

O Sr. Alfredo Varela—Não é o que tenho visto.

O Sr. Presidente—E' porque não olhou, então, para as galerias.

O Sr. Alfredo Varela—Na sessão passada, vi mais de 50 praças em torno desta Casa...

O Sr. Presidente—A Mesa da Camara nada tem a ver com o que se passa nas ruas.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA—Só do lado do mar havia umas 20, com um corneta á frente.

O SR. PRESIDENTE—A Mesa só tem que ver com o que se passa no recinto.

O SR. ALFREDO VARELA — Quando um orgão da imprensa diz o que citei, torna-se necessario que os Deputados varram a sua testada, para que não se diga que agem sob a acção da policia.

O SR. PRESIDENTE — V. Ex. dirige uma censura á Mesa e á Camara, mas deve ver que a Mesa cumpre o seu dever.

O SR. ALFREDO VARELA — Peço apenas providencias e creio que estou no meu direito.

O SR. PRESIDENTE—Dentro do Regimento, está no seu direito de pedir todas as providencias.

O SR. ALFREDO VARELA — Perfeitamente; estou dentro delle, creio.

O SR. PRESIDENTE — Fóra da Casa e do recinto, o Presidente da Mesa nada tem que ver com o que se passa.

O SR. ALFREDO VARELA — Perdão; as galerias fazem parte do recinto.

O SR. PRESIDENTE—O que ha hoje é o que houve sempre; não ha absolutamente mudança.

O SR. ALFREDO VARELA — A Casa ha de me permittir tambem que proteste contra a parcialidade da Mesa, que, na sessão de sabbado, tinha o determinado proposito de interromper o orador, que se achava na tribuna, e a prova é que se escolheu aquella infeliz occasião... (*Soam os tympanos.*)

O SR. PRESIDENTE — Lembro ao nobre Deputado que não póde apreciar de modo desfavoravel o que faz ou fez qualquer Deputado, e muito menos aquelle que representa a autoridade da Camara. (*Apoiados.*)

Digitized by Google

Toda a Camara sabe que sou incapaz de tomar uma medida destas, absolutamente incapaz. (*Apoiados.*)

O SR. ALFREDO VARELA—De fórma que, no seculo XX, temos esta nova infallibilidade? (*Sussurro.*)

A do papa tem sido discutida; não se póde discutir a da Mesa?.

O SR. PRESIDENTE—E a prova é que V. Ex. está fallando...

O SR. ALFREDO VARELA—Mas, si V. Ex. está me chamando á ordem, attribuindo á Mesa uma infallibilidade que ella não póde ter...

O SR. PRESIDENTE—V. Ex. está attribuindo ao Presidente da Camara uma intervenção indebita, que não teve.

O SR. ALFREDO VARELA—E si eu provar que esta intervenção se deu?

Pois, a Mesa não interrompeu o orador, em uma occasião inopportuna, dizendo que se dirigia a um Deputado, quando elle apenas dissera: « O porta-voz da bancada paranaense ?» (*Pausa.*)

Dirigia-me á Mesa, veja-se bem, e fui interrompido, com o pretexto de que me dirigia a um Deputado...

Depois, classificou-se de impertinente a phrase...

Ora, o *leader* da Camara declarou que não era tal; logo, a Mesa interrompeu-me quando não devia.

Eu vou provar agora que havia o proposito determinado de impedir-me continuasse na tribuna.

Fallei, senhores, ao discutir-se o Orçamento da Marinha, sciente, Sr. Presidente, de que se ia tratar de negocios do Paraná.

Como é, portanto, que me interrompeu mais de uma vez, declarando que eu « não podia tratar deste assumpto, por ser alheio ao Orçamento da Marinha?»

Digitized by Google

Logo, S. Ex. estava com o proposito determinado de interromper-me, porque, si eu estava fallando, era por effeito de uma combinação com S. Ex.

Mas, senhores, vou provar que, desde a sessão do dia 20, havia o mesmo proposito que menciono.

Tenham paciencia os Srs. Deputados; não defendo causa minha, defendo a de todos, porque amanhã, meus caros senhores, isto póde mudar e a mordaça ser empregada em qualquer dos meus collegas. E' a liberdade da tribuna que eu estou defendendo.

Vou provar com as notas tachygraphicas da sessão de 20.

Fazia uma referencia a insultos que me haviam sido atirados aqui; não o admittia o Sr. Presidente, e então dirigiu-me varias observações, terminando do seguinte modo:

«... faça o obsequio o Sr. Deputado de não voltar a este assumpto; a liberdade da tribuna tem limites.

O Sr. Alfredo Varela — Ha de permittir V. Ex. que encontre parcialidade no juizo da Mesa da Camara.

O Sr. Presidente — Em que?

O Sr. Alfredo Varela — Si a Mesa ainda não me ouviu, nem sabe o que vou dizer!»

Vejam que parcialidade! (*Continuando a ler.*)

« *O Sr. Presidente* — V. Ex. disse que se vae referir ao assumpto...

« *O Sr. Alfredo Varela*—E quem me o póde prohibir?

« *O Sr. Presidente*—Perdão! Peço a V. Ex. que não volte a este terreno; dei por terminado o incidente daquella sessão e *não posso consentir* que a elle se refira o nobre Deputado.

« *O Sr. Alfredo Varela*—Em nome de que artigo do Regimento V. Ex. me prohibe que

Digitized by Google

faça referencias a um facto occorrido em sessão anterior ?

O Sr. Presidente—V. Ex. póde fazer referencias, mas em termos.

O Sr. Alfredo Varela—V. Ex. não sabe em que termos vou fazel-o ? !»

Vejam a parcialidade patente aqui ! (*Continuando a ler.*)

« *O Sr. Presidente* — Estou prevenindo a V. Ex. para que não me leve a ponto de ter de invocar o Regimento.

Espero que V. Ex. se conserve em termos. »

Ora, isto é assombroso ! Não me tinha pronunciado ainda e já o Sr. Presidente declarava em que termos eu devia fallar !...

Veja-se a parcialidade que manifesta a Mesa !

Não é só isto: tomo eu um livro á mão e digo qual o seu titulo.

Não quero fazer menção delle, que tanto escandalizou o Sr. Presidente. S. Ex. disse immediatamente : « Chamo á ordem o Sr. Deputado ! »

Mas chamar á ordem por que ? Porque cito o titulo de um livro ! ! !

E' o caso de eu repetir o que disse na sessão passada : a que triste miseria chegou a liberdade da tribuna no Brazil !

O Sr. Presidente — Chamo á ordem o Sr. Deputado Alfredo Varela. S. Ex. não póde reincidir naquillo que na sessão anterior a Mesa prohibiu ; não póde repetir essa phrase.

O Sr. Alfredo Varela—Estou mostrando a parcialidade com que a Mesa procede ; a Casa que julgue, e a Nação tambem.

O Sr. Presidente—Pois bem, a Casa que julgue, e a Nação ! A Mesa não responde.

O Sr. Alfredo Varela—Onde, porém, senhores, está patente o *parti-pris* que aqui havia, é no proceder do Sr. *leader* da Camara.

Digitized by Google

Que fiz eu para provocar as iras do nosso Jupiter tonante ? Pedir-lhe...

O Sr. Cassiano do Nascimento—Não tenho iras contra V. Ex. nem tenho *parti-pris*, asseguro-o.

O Sr. Alfredo Varela... um pronunciamento sobre caso que, a meu ver, feria a moral politica de Julio de Castilhos ?

Por que, si lhe parecia impertinente a pergunta, não fez como o nobre Deputado Barbosa Lima, que evitou dar-me resposta ?

S. Ex. preferiu partir a fundo contra um velho companheiro politico.

Ah, sim ha de ficar sabendo o Rio Grande do Sul que eu não provoquei dissidios na minha bancada : o dissidio já existia, não originado por mim, e disto dou provas.

Aqui chegado o orador, não se mostrou tão melindroso o *leader* desta Casa, quando no seio da bancada mineira, o viu aggredido por dous collegas.

Um Sr. Deputado—Na bancada mineira ?

O Sr. Alfredo Varela—Refiro-me ao ponto em que eu estava, quando fui atacado: era exactamente junto á bancada mineira.

O Sr. Cassiano do Nascimento—V. Ex. foi aggredido ? !

O Sr. Alfredo Varela—Sim, senhor ; eu ouvi...

O Sr. Cassiano do Nascimento—Quando foi ? !

O Sr. Alfredo Varela—Na sessão de 14.

O Sr. Cassiano do Nascimento—Ah ! O nobre Deputado se refere áquillo de que foi S. Ex. o primeiro a dizer que nunca resultava cousa alguma ; pois, eu penso exactamente como V. Ex., aquillo não tinha consequencia...

O Sr. Alfredo Varela—O Sr. Dr. Março-Escobar, que tambem conhece essas encnla

Digitized by Google

tadoras praticas da Casa, correu, entretanto, pressuroso para o lado do seu collega.

Mais ainda: o nobre *leader* ouviu chamar-me de desmoralizado...

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO — Eu ? ! Quando ?

O SR. ALFREDO VARELA—Toda a Camara ouviu.

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO—Eu não ouvi...

O SR. ALFREDO VARELA—O nobre Deputado não se melindrou então; agora, porque faço referencias á representação do Paraná, de cujo apoio se precisa, não sei para que, os melindres de S. Ex. apparecem, e de que maneira ? !

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO— V. Ex. é que está revelando *parti-pris* contra mim.

O SR. ALFREDO VARELA—Está enganado, meu caro senhor. Tão longe estava eu de qualquer *parti-pris* que consultei o *leader* da Casa, sobre o que ia fazer ; e estranho que S. Ex. tenha dito aqui: « Onde as provas ?», pois que a mim S. Ex. disse: « Só vi um ponto fraco na tua accusação: a parte relativa ao general Bormann...»

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO—O que ? !

O SR. ALFREDO VARELA—V. Ex. disse-me isto. (*Riso.*)

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO — Não é real ! Todo o mundo viu, todo o mundo soube, desde o primeiro dia, qual a minha impressão, qual a minha opinião.

O SR. ALFREDO VARELA—Attenda V. Ex. a uma ponderação interessante que vou fazer.

O SR. PRESIDENTE—Peço a V. Ex. que se dirija á Mesa.

O SR. ALFREDO VARELA—Peça então V. Ex. ao *leader* da Casa que não me interrompa.

Digitized by Google

O Sr. Cassiano do Nascimento—E não interromperei.

O Sr. Alfredo Varela — E note-se, Sr. Presidente, por que investiu contra mim o Sr. Dr. Cassiano?

Porque commetti o peccado, disse elle, de estar em dialogos nesta Casa!

E S. Ex. agora?

O Sr. Cassiano do Nascimento — Não investi contra ninguem; V. Ex. fez um appello a mim, vim responder a esse appello, como entendi.

O Sr. Alfredo Varela — A que vinha a defesa do Sr. Vicente Machado? E' por que a bancada paranaense se não podia defender?

O Sr. Cassiano do Nascimento — Não fiz defesa nenhuma.

O Sr. Alfredo Varela — Fez completa.

O Sr. Carlos Cavalcanti (*com força*) — A bancanda paranaense tem bastante dignidade para responder ao seu accusador, em qualquer circumstancia, em qualquer terreno, em quaesquer termos.

O Sr. Alfredo Varela (*rindo*)— Isto é um desafio solemne, é uma segunda parte daquella scena do tal desforço physico...

O Sr. Carlos Cavalcanti—Não fallei em desforço physico.

O Sr. Alfredo Varela — As notas tachygraphicas ahi estão; trago-as commigo.

O Sr. Carlos Cavalcanti—Eu me refiro ao momento actual; V. Ex. disse que a bancada paranaense não tinha animo para responder a V. Ex.; eu disse que responderia em tempo opportuno.

O Sr. Alfredo Varela — Continuam os dialogos, capitulados de grande crime nesta Casa.

O Sr. Presidente—Peço aos nobres Deputados que não interrompam o orador.

Digitized by Google

O Sr. Cassiano do Nascimento—Não capitulei de crime; no meu discurso não existe isto, nem semelhante expressão foi pronunciada.

O Sr. Alfredo Varela—Mas, senhores, não se limitou o *leader* a responder á minha pergunta; tomou logo a defesa da olygarchia, a defesa de quem? De Vicente Machado! O homem a quem mais desprezava Julio de Castilhos! O homem a quem mais Julio de Castilhos desprezava, no scenario politico do paiz!

E de que fórma o *leader* produziu a defesa? Dizendo que as provas que eu havia apresentado eram de nullo valor.

De nullo valor, entre outras, uma certidão de cartorio desta Capital!

E não basta; ha aqui seis ou sete; aqui estão (*mostrando*).

A de n. 17 (tenho os documentos numerados), além de mostrar que Vicente Machado patrocinou questões de indemnização contra a União, advocacia que um illustre estadista do Imperio, conforme parecer que li, qualificou de immoralissima, tambem mostra que foi advogado de Hùrlmann & Comp., em uma execução de 38 contos, para cobrança de direitos devidos por um contrabando.

Vejam que moralissima advocacia!

O Sr. Murtinho fez o possivel para conseguir esta cobrança; o Sr. Vicente Machado, Senador da Republica, fez o possivel para que ella não fosse feita!

Documento n. 20 — mostra (são notas de outra pessoa; hão de permittir que eu leia) mostra que Vicente Machado é ladrão de autos em um cartorio!

Subtrahiu autos de um cartorio (estão aqui as provas), o Senador Vicente Machado, a quem defendeu o nobre *leader* desta Casa!

E' assombroso, senhores!

Quereis mais provas? Aqui estão.

Digitized by Google

Os documentos ns. 21 e 22 tratam do caso da certidão falsa para obter entrada no Senado. A tal certidão de que eu fallava está aqui!

Documentos ns. 30 e 31. Provam um facto muito escandaloso, tambem.

Tendo feito, por meio de carta, um trato com a Companhia Frigorifica, para perceber uma certa porcentagem das cobranças que realizasse no juizo federal, e só tendo neste liquidado 17 contos (doc. n. 31), propoz, entretanto, acção executiva por aquella porcentagem, como si houvesse realizado toda a cobrança. A companhia pagou, porque não sabia para quem recorrer... Já eu disse aqui em que situação se acha a justiça do Paraná.

O documento n. 19 diz respeito á questão do individuo a quem perseguiu Vicente Machado e de quem foi depois advogado—para incluil-o entre os favorecidos no celebre caso do protocollo relativo ás reclamações italianas. Estão aqui os documentos, meus senhores (*mostrando*); vou publical-os na sua integra.

O *leader* da maioria achou insufficientes aquelles que eu havia produzido...

O Dr. Julio de Castilhos, eu juro, consideral-os-ia de primeira ordem!

Vamos ver si o meu ataque agora é ainda considerado simples fructo de paixões pessoaes, como disse o *leader* da maioria.

Já affirmei e dou minha palavra de cavalheiro, que S. Ex. só achou fraca a minha accusação naquella parte em que eu me referia ao Sr. general Bormann.

Mudou de idéas... Ha um Lethes nesta Republica, para tudo que não é agradavel aos seus presidentes!

Os motivos que deu o *leader* da Casa para mover-me aquella crúa investida foram estes: primeiro, atacar a vida privada da representação paranaense; segundo, perturbar a sessão da Camara com dialogos; terceiro,

Digitized by Google

envolver a memoria de Julio de Castilhos na minha acção politica.

Quanto ao primeiro, ahi estão as notas tachygraphicas. Eu apenas tinha qualificado com um vocabulo um ponco aspero —covardão —, o Sr. Vicente Machado. Dito isso, sabe-se da saraivada de desaforos que me atiraram.

O *leader* estava sentado na cadeira do 2º Secretario e não deu signal de si ; agora mostra-se sensibilissimo com umas referencias que faço á representação do Paraná, não pelo gosto de as fazer, mas porque precisava produzil-as com o nobre intuito politico que me trouxe á tribuna.

Depois, disse aqui e ninguem contestou, que tive o desassombro de atacar o Sr. Vicente Machado, face a face, assumindo a responsabilidade do que dizía e que S. Ex. me mandara insultar vilmente em algumas folhas.

Quanto ao segundo motivo, isto é, perturbar a sessão com dialogos, tenho a dizer o seguinte.

Para que se veja quão pouco apto está o *leader* para dar lições neste ponto, veja-se o proprio dialogo que acaba de estabelecer commigo.

Terceiro motivo: envolver a memoria de Julio de Castilhos na minha acção politica.

Senhores, afoitamente digo: que sacrilegio é acobertar com essa veneranda sombra um criminoso como esse que denunciei á Casa. Eu buscava glorificar Julio de Castilhos, fazendo deste grande nome um latego contra os máos, até mesmo depois de sua morte!

Questão de methodo, disse eu, na sessão passada.

De facto. Ha quem entenda que as virtudes do illustre morto recebem a melhor das homenagens, em um discurso elogioso.

Acho eu que não ha melhor homenagem

Digitized by Google

do que esta: continuar na rota politica que em vida seguiu.

A bandeira politica de Julio de Castilhos!...

A 23, na presença de dous collegas de bancada, disse eu ao Dr. Cassiano que mais estava nas minhas mãos do que nas delle, pois que, em tres annos nesta Casa, eu não transigi jámais. S. Ex. não póde dizer o mesmo.

Nunca transigi, Sr. Presidente; podia ter sido impertinente a minha acção, como S. Ex. já classificou uma das minhas iniciativas, mas sempre fiel a meus principios.

Eu quiz a Julio de Castilhos como se quer a uma noiva aos 18 annos; podia chamar para attestal-o os meus adversarios politicos do Rio Grande do Sul.

Em Montevidéo, em um hotel povoado por gente exaltada do partido federal, estive sujeito a uma verdadeira violencia, porque ahi defendi com enthusiasmo e calor, com amorosissimo zelo, o meu amigo ausente.

Um sobrinho do Dr. Prudente de Moraes podia contar nesta Casa, si aqui estivesse, que no Arsenal de Marinha, no tempo em que houve perseguições nesta cidade, o inspector deste Arsenal, não longe de mim, fez uma referencia deshonesta a Julio de Castilhos.

Parti immediatamente contra elle (declaro o nome, si me for exigido) e intimei-o a dizer a verdade, o que consegui, porque de facto este official superior estava calumniando o meu amigo.

Quem deu sempre provas deste affecto e fidelidade, em todos os terrenos, a Julio de Castilhos, póde tambem fallar em nome delle.

Erra, portanto, a *Tribuna* e outro jornal desta Capital, dizendo que o Sr. Cassiano poz-me fóra da bancada.

Não tem autoridade para isso.

Digitized by Google

Alexandre, ao morrer, não designou o seu successor. Não sei qual é elle, por emquanto. E entre iguaes não ha supremacia.

Devo agora uma palavra de cordial explicação ao meu amigo, o Sr. Barbosa Lima.

Convenho em que tinha motivos para evitar a decisão que solicitei.

Extranho, entretanto, que encontrasse ensejo de responder a um discurso meu, fazendo uma predica especial contra a anarchia, quando ninguem mais do que o amigo sabe que não ha, neste paiz, ninguem mais conservador do que eu.

Logica a minha attitude agora, como sempre!

Em sessão de 22 de agosto de 1901, o meu nobre amigo leu nesta Casa uma declaração por mim feita em nome da bancada, que assim terminava:

« Podem declarar em face do actual, como de qualquer Governo vindouro, que o apoiam quando seus actos se conformem com o bem publico : si não, não! »

Accrescentou o Sr. Barbosa Lima: « Eu estava presente, quando o meu honrado collega terminou e tambem declarei : si não, não.»

Pois, senhores, o que dizia neste tempo é o que digo hoje: o Governo do meu paiz não procede de conformidade com o bem publico e aqui repito como sempre : não estou de accordo com o Governo da Republica; estou disposto a resistir a seus desmandos.

Em que a discordancia a que se referiu o meu nobre collega ? Não vejo.

O mais curioso é que se me falla na necessidade de uma invariavel attitude conservadora neste momento...

Mas, conservar o que ? — « A Republica que está ahi, diz-se, pois de outra fórma offendemos a Constituição de 24 de fevereiro, codigo admiravel.»

Digitized by Google

Admiravel tambem aquella construcção de que falla Milton, no primeiro canto do seu immortal poema, magestoso e soberbo edificio que admiraram todos os habitantes do inferno: mas era habitação de demonios ! ...

Conservar o que? O saque systematico e descarado no Amazonas ? ! (*Murmurios.*)

Conservar o que ? O desapparecimento da liberdade de reunião no Pará ? !

O SR. HOSANNAH DE OLIVEIRA — V. Ex. não tem razão. Lá não se supprimiu a liberdade de reunião.

O SR. ALFREDO VARELA — Conservar o que ? O escravisamento do Ceará á dynastia Accioly ? !

UMA VOZ NAS GALERIAS — Apoiado.

O SR. PRESIDENTE (*depois de fazer soar fortemente os tympanos*) — Attenção ! Mandarei retirar o espectador que se pronunciou.

O SR. FREDERICO BORGES—Só agora V. Ex. viu isso. A influencia do Senador Accioly no Ceará foi sempre um facto, desde a monarchia.

O SR. ALFREDO VARELA — Conservar o que ? A fome no Rio Grande do Norte ? !

Conservar o que ? Alagôas entregue, como uma feitoria, á familia Malta ?

O SR. EUZEBIO DE ANDRADE—Não apoiado. V. Ex. não está a par da politica de Alagôas.

O SR. ALFREDO VARELA—Conservar o que ? — A omnipotencia do padre Olympio em Sergipe ?!

O SR. JOVINIANO DE CARVALHO — Não apoiado.

O SR. ALFREDO VARELA—Conservar o que? A decadencia da Bahia, phanal outr'ora da Patria Brazileira ? ! (*Protesto da bancada bahiana.*)

Digitized by Google

O SR. BULCÃO VIANNA — A Bahia não precisa que V. Ex. a defenda. Ella tem quem defenda os seus direitos.

O SR. FREDERICO BORGES — Para substituir tudo isso por quem? Pelo Sr. Alfredo Varela.

O SR. ALFREDO VARELA — Que idéa genial a do nobre Deputado!

O SR. FREDERICO BORGES—A do nobre Deputado tem sido sublime, estupefaciente.

O SR. ALFREDO VARELA — Conservar o que?— O anniquilamento do Espirito Santo?!

O SR. BERNARDO HORTA — Peço a palavra.

O SR. ALFREDO VARELA — Conservar o que? — A acephalia do Rio de Janeiro? !

O SR. OLIVEIRA FIGUEIREDO —Está muito enganado.

O SR. ALFREDO VARELA — Conservar o que? — Matto Grosso barbarizado, reduzido a um verdadeiro matadouro?!

O SR. BENEDICTO DE SOUZA — Não apoiado. Protesto.

O SR. FRANCISCO SÁ *(ao orador)* — Porque V. Ex. nunca protestou contra tudo isso?

O SR. ALFREDO VARELA — Ha opportunidade para tudo.

O SR. FRANCISCO SÁ—Ha opportunidade para as suas paixões irrequietas. (*Ha outros apartes.*)

O SR. ALFREDO VARELA—Darei resposta a cada um dos Srs. Deputados.

Estou usando de direito constitucional e dando minha opinião sobre esta pobre Republica.

O SR. FREDERICO BORGES—Só lastimo que V. Ex. tivesse commungado comnosco, sustentando esta Republica, silencioso, sem um protesto.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA (*dirigindo-se ao Sr. Frederico Borges*)—Está enganado! Ahi estão dizendo o contrario os Annaes da Casa.

O SR. FREDERICO BORGES—Era um silencioso até pouco tempo. (*Soam os tympanos.*)

O SR. PRESIDENTE—Attenção!
Peço aos nobres Deputados que não interrompam o orador.

O SR. ALFREDO VARELA—Conservar o que, senhores?

O SR. FRANCISCO SÁ—A musa do patriotismo está no Paraná.

O SR. ALFREDO VARELA—Tem graça a lembrança de V. Ex.
Qual será a minha musa? (*Soam os tympanos.*) (*Com energia.*)Asseguro que tem mais condições de inspirar a precisa moral politica do que aquella que inspira a V. Ex.

O SR. PRESIDENTE —Attenção! Attenção! Ordem!

O SR. FREDERICO BORGES — Póde romper completamente o véo. (*Ha outros apartes. Soam os tympanos.*)

O SR. ALFREDO VARELA — Peço a V. Ex., Sr. Presidente, que consiga um pouco de silencio, para que eu seja ouvido.

O SR. PRESIDENTE — Não estou fazendo outra cousa, como vê o nobre Deputado.

O SR. FREDERICO BORGES — Não podemos ouvir certas cousas sem protestar.

O SR. ALFREDO VARELA — Por que me não mandam logo para a forca?

O SR. FREDERICO BORGES — Está o nobre Deputado a offender a todos nós!

O SR. ALFREDO VARELA —Em que? Faço a critica da situação da Republica. Será isto offender?

O SR. FREDERICO BORGES — Está affirmando novidades.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — E' novidade fallar da velha dynastia Accioly... (*Trocam-se muitos apartes. Soam os tympanos.*)

Conservar o que, senhores?

O arbitrio em S. Paulo, a ponto do Presidente dispor dos dinheiros publicos, sem a respectiva licença do orçamento da terra? !

O SR. JESUINO CARDOSO (*com força*)—E' falso ; peço a palavra.

O SR. ALVARO DE CARVALHO—Falta á verdade o nobre Deputado. Protesto !

VARIOS SRS. DEPUTADOS DA BANCADA PAULISTA—Isto é uma diffamação, uma indignidade ! O illustre Deputado não tem responsabilidade, é um indigno ! (*Protestos. Tumulto. Soam fortemente os tympanos.*)

O SR. PRESIDENTE — Attenção ! Ordem ! Ordem ! (*Continuam os protestos por parte de varios Srs. Deputados.*)

O SR. ALFREDO VARELA—Mas, senhores, dá-se que esteja eu dizendo uma novidade? Pois quem o diz não sou eu, é o *leader* do Congresso do Estado de S. Paulo, o Sr. Herculano de Freitas, que em parecer declarou muito licito haver o Presidente retirado 500:000$ dos cofres publicos para favorecer um banco em crise.

O SR. ALVARO DE CARVALHO—Com autorização do Congresso, como o mesmo *leader* declarou.

O SR. ALFREDO VARELA—Isto é que é uma falsidade. Não ha tal. Não é verdade.

Uma commissão do Congresso, não este, e a commissão não tem competencia para isto.

O SR. ALVARO DE CARVALHO dá um aparte.

O SR. JESUINO CARDOSO— Não interromperemos mais o Sr. Deputado, para que não diga que a sua voz é abafada. Depois será

Digitized by Google

esmagado, sob o peso das suas accusações infundadas.

O Sr. Alfredo Varela— Desejo muito, Excellentissimo.

O Sr. Jesuino Cardoso — Pois sel-o-ha.

O Sr. Alfredo Varela—Desejo para que a Republica não conte entre muitos, mais este desdouro. Não é uma demolição, é uma obra de justiça a que faço.

Mas conservar o que, senhores ?

O Brazil deshonrado, exanime, mutilado, sem exercito, sem armada, sem justiça e sem moralidade administrativa !

O Sr. Jesuino Cardoso— Para ser salvo por peralvilhos revolucionarios.

O Sr. Alfredo Varela— Como diz o nobre Deputado ?

O Sr. Jesuino Cardoso— Digo: para ser salvo por peralvilhos revolucionarios.

O Sr. Alfredo Varela— Mas que disse ? Quem são elles ?

O Sr. Jesuino Cardoso— V. Ex. é um delles. (*Soam fortemente os tympanos.*)

O Sr. Presidente— Attenção !
Chamo á ordem o nobre Deputado.

O Sr. Alfredo Varela — Vê V. Ex., Sr. Presidente, esta bonita idéa ? !

O Sr. Presidente (*fazendo soar os tympanos*)—Chamo á ordem o Deputado Jesuino Cardoso e convido-o a retirar a expressão offensiva ao seu collega. (*Apartes.*)

O Sr. Jesuino Cardoso—Em consideração a V. Ex., Sr. Presidente, e unicamente *pro formula* parlamentar, retiro a expressão.

O Sr. Alfredo Varela—Sr. Presidente, peço a V. Ex. que deixe a maxima liberde a homens que teem esta bella educação.

O Sr. Presidente—Chamo a attenção do

Digitized by Google

nobre Deputado! A liberdade aqui é dentro do Regimento.

Vozes—Deixe-o fallar...(*Trocam-se muitos apartes.*)

O Sr. Presidente (*fazendo soar os tympanos*)—Attenção! Peço aos nobres Deputados que não interrompam o orador.

O Sr. Frederico Borges — Mas está insultando collectivamente a todas as deputações.

O Sr. Passos Miranda — O nobre Deputado pelo Rio Grande do Sul é um dos *rari nantes in gurgite vasto*!

O Sr. Alfredo Varela —Quem sabe, collega? ! Não lhe pareça que sim... (*Sussurro.*)

Mas, senhores, por que tamanha celeuma? Disse eu alguma cousa extraordinaria, pintando a Republica da fórma por que o estou fazendo?

Pois o Sr. Rochinha, jornalista desta Capital, sabidamente benevolente para com todos os governos, diz isto, meus senhores: «... a Republica que os nossos desvarios desmoralisam, corrompem e desvirtuaram perante o paiz e perante o mundo».

Senhores, que novidade, pois, foi a que eu disse, que pudesse provocar tamanha repulsa, si um jornalista quasi official, seguramente amigo do governo, já disse que desmoralizamos a Republica, que ella está desmoralizada perante o mundo? !

O Sr. James Darcy — Mas essa é uma affirmação vaga.

Um Sr. Deputado — O mesmo se disse do Rio Grande do Sul, que V. Ex. representa.

O Sr. Alfredo Varela (*com ironia*) — Não posso defendel-o; fui posto fóra da bancada pelo Sr. Nascimento. (*Apartes; interrupções.*)

Conservar isto, senhores!

Digitized by Google

A verdade é que o Brazil dissolve-se, roida a sua substancia por uma matula de ratazanas politicas, dissociado por uma repugnante hypocrisia democratica!

De ha muito fóra das leis!

Só nos fica para salval-o este recurso apontado á nação pelo actual Ministro da Justiça, em 1892.

Eis o remedio proposto pelo Sr. Seabra: armar-se, para resistir a uma tyrannia que a avilta! (*Pausa.*)

Fallou tambem o illustre e sempre querido Barbosa Lima «em demonios que habitam o coração dos nossos compatricios».

Cuidado, amigo! Tal qual vos qualificou a intolerancia de alguns, de quem eu vos defendi, em 1901!...

O Sr. Soares dos Santos—Nessa época o representante da bancada fez a devida justiça aos elevados meritos do Dr. Barbosa Lima.

Fallava em nome do Rio Grande do Sul, e V. Ex., então, estava com toda a bancada.

O Sr. Alfredo Varela — Aqui está. Pagina 466 dos *Annaes*:

«Demonio que chamarei da discordia quebrou a solidariedade da bancada.»

Dizia isto o Sr. Rivadavia Corrêa, e não vejo registrado um protesto. (*Apartes.*)

Dessa intolerancia que tambem hoje me alveja, quanto poderia eu dizer! Desprezo-a hoje, como a desprezei hontem!

Passemos, porém, á parte mais essencial.

Veja-se o que diz aqui um notavel parecer, sobre a parte mais interessante do incidente que nos occupo.

Perguntei a um illustre estadista do velho regimen, si um representante podia advogar contra a Nação. Respondeu negativamente.

Pois, senhores, contra essa opinião de um

Digitized by Google

estadista do Imperio, diz um estadista da Republica que *sim, com distincções...*

« Quando o Deputado, distingue S. Ex., com a força politica de que dispõe, advoga, está fazendo advocacia administrativa ; e, quando não tem essa força, não faz advocacia administrativa !...»

Não sei como é que se póde descobrir o momento em que o Deputado tem e o momento em que deixa de ter a força de que falla o nobre *leader*...

Ficam em confronto, em um infeliz confronto, o juizo de um homem politico do Imperio e o de um homem politico da Republica!

E dizia isto o Sr. Cassiano do Nascimento, depois de eu apresentar uma prova provada da condemnavel advocacia administrativa do Sr. Vicente Machado, prova a que juntei outras hoje !

Mas, senhores, tenho á pag. 438 dos *Annaes*, de 1900, uma opinião de muito valor, a que me quero referir.

E' a do illustre Sr. Barbosa Lima sobre o ponto controvertido, muito de accordo commigo.

Está aqui a doutrina manifestada pelo meu nobre amigo. Elle não a manifestou na sessão de sabbado, pelos motivos que disse e eu acho muito respeitaveis.

O SR. BARBOSA LIMA—Disse que era uma questão de extremo escrupulo.

O SR. ALFREDO VARELA— Perfeitamente, eu já fiz referencia a esta parte do discurso de V. Ex., e disse que respeito os motivos que V. Ex. tinha dado para evitar o pronunciamento. Mas, como eu o podia fazer, recorri aos *Annaes* em busca de uma opinião de tamanha autoridade.

Portanto, Sr. Presidente, duas definições apresento, ambas em desaccordo com a do *leader*, uma do Sr. Ramiro Barcellos, e agora a definição de um dos mais queridos e mais fieis discipulos de Julio de Castilhos, o Sr. Barbosa Lima !

Digitized by Google

Eis a razão por que eu dizia que a bandeira do grande homem não está nas mãos do Sr. Cassiano do Nascimento.

E, senhores, a proposito da bandeira do meu illustre chefe, notem que disse agora o Dr. Cassiano do Nascimento que, si elle não estiver em condições de defender essa bandeira, iria ter a outras mãos, etc.

Dizia S. Ex. a mesma cousa na sessão de 28 de maio de 1892, quando guerreava o marechal Floriano Peixoto.

Um mez depois S. Ex. tinha abandonado a bandeira que desfraldara...

Não vá succeder o mesmo á de Julio de Castilhos!

O Sr. Cassiano do Nascimento — Peço a palavra.

O Sr. Alfredo Varela — Tratarei agora da resposta que estava dando ao Sr. Carlos Cavalcanti, quando fui interrompido.

Eu produzi 47 arguições contra a tyrannia que existe no Paraná. Alguem disse por ahi que me haviam dado uma cabal resposta; mas eu já fiz saber á Camara que o nobre Deputado, o Sr. Carlos Cavalcanti, apenas tinha feito referencia a 22 e, quanto ás outras... nem tratou dellas!

Quando fui interrompido, aliás indevidamente, já eu tinha reduzido a pó 17 arguições do nobre Deputado paranaense.

Vou anniquilar agora as outras ponderações de S. Ex.

Leio o que disse o Sr. Cavalcanti quanto á 18ª arguição:

« A lei eleitoral!

Até disto se nos accusa!

Eu disse ao nobre Deputado que não recuava deante do meu dever.

Declaro a S. Ex. que eu sou autor da lei eleitoral que vigora no Paraná.

O Sr. Alfredo Varela — Denominada pelo povo — *lei esquife da liberdade eleitoral.*

Digitized by Google

O Sr. Carlos Cavalcanti— Lei esquife, diz muito bem o nobre Deputado.

Esta lei, Sr. Presidente, foi moldada sobre a lei promulgada no Rio Grande do Sul pelo benemerito republicano, o Sr. Julio de Castilhos. Não podia ser *ipsis verbis* a reproducção daquella lei, mas eu, batendo-me por ella contra o illustre Sr. Generoso Marques, tive de citar trechos da bella justificação de motivos que precedeu no Rio Grande do Sul o plano do seu legislador.»

O defensor da olygarchia julga que contestou o meu ataque contra o vergonhoso regimen eleitoral de seu burgo, allegando que em defesa da *lei esquife da liberdade eleitoral* «bateu-se contra o illustre Dr. Generoso Marques» e «teve occasião de citar trechos da bella justificação de motivos que precedeu no Rio Grande do Sul o plano do seu legislador», quer dizer aqui justificação que precedeu o projecto de lei eleitoral posto em publico debate pelo eminente Julio de Castilhos.

Formidavel allegado!!!

Não faria melhor defesa o celeberrimo... Calino!...

Eis o que disse, quanto á 19ª arguição, o Sr. Cavalcanti:

« A commissão permanente de camaras municipaes, Sr. Presidente, que existe na assembléa do Estado, para decidir em gráo de recurso das eleições procedidas nas diversas municipalidades, é creação do humilde orador, mas não para jungir as municipalidades ao dominio da situação e antes, pelo contrario, para tirar-lhe a decisão desse recurso, que era outrora commettido simplesmente ao governador do Estado.

E' uma creação esdruxula, nova, que manieta as municipalidades aos pés da situação dominante?

Não, Sr. Presidente, é uma instituição que existe na Hollanda e em outros paizes que agora me não occorrem, mas cuja le-

Digitized by Google

gislação me inspirou a apresentação do substitutivo a um projecto do honrado Senador pelo Paraná o Sr. Vicente Machado, quando apresentava um outro no mesmo sentido.»

De fórma que se gaba S. Ex. de ter libertado as camaras municipaes do arbitrio do governador e sujeitado esses gremios ao arbitrio da commissão de camaras do Congresso local, commissão de que é presidente invariavelmente sempre Vicente Machado, senhor absoluto da mesma assembléa.

Em que ganhou a liberdade dos povos?

Agora a 20ª arguição — Allegou o Sr. Cavalcanti:

« S. Ex. o nobre Deputado, disse aqui, Sr. Presidente, que vencia a sua repugnancia pela tribuna, porque o que trazia era o éco dos gemidos de angustia de um povo tyrannizado pela negra olygarchia do Paraná.

Taes brados de angustia, Sr. Presidente, só agora chegaram até aqui!!

A imprensa amordaçada! Essa imprensa, na qual o nobre Deputado escreveu, sobre a situação dominante, as injurias, os apodos que os honrados collegas ouviram! Essa imprensa, não de hoje, mas de outr²ora, essa imprensa que produziu tão violentos ataques contra a situação dominante no Estado, que ainda agora vieram servir de documento contra a mesma situação!

E não ha liberdade de impressa em nossa terra! E todos os mais sagrados direitos de que, em todos os paizes civilizados, gosam os cidadãos, todos esses direitos desappareceram por completo!

E' singular, é extraordinario que em um Estado povoado, não só por nós outros, os *selvicolas*, como tambem por immensas colonias estrangeiras, não haja, a correr pela nossa chancellaria, nem uma reclamação, nem um protesto contra denegação de justiça a quaesquer estrangeiros alli domiciliados!

Digitized by Google

E, entretanto, Sr. Presidente, não foi sómente o nobre Deputado que fez viagens ao Paraná: os ministros do imperio allemão, von Treutler e Dr. Krauel; o ministro da Belgica, barão Alberic de Fallon; o ministro americano coronel Page Bryan... »

Pois, senhores, entende o nosso collega que não está amordaçada a imprensa onde cinco officiaes de policia apunhalam e esbordoam em pleno theatro o unico jornalista da opposição!

Se ali consegui manter a minha folha é porque me resolvi a mostrar a este paiz, arriscando a vida, que a liberdade, como disse Castellar, não se conquista de joelhos!

Foi usando daquelle remedio extremo aconselhado por Danton, para o vencimento das grandes crises: audacia, audacia e mais audacia!

Queria a representação paranaense que os diplomatas estrangeiros, viajando no Paraná e hospedes do governo local, attestassem que reina insegurança geral, ali...

Curiosa lembrança!

O que podiam elles attestar discretamente, attestou o secretario de legação Henrique Beaumont, em relatorio a seu governo, no anno de 1896:

«Um dos Estados mais mal administrados é o do Paraná. Ha annos que não é pago o juro da sua divida consolidada. As dividas não cobertas durante 1896 elevaram-se a 559:797$000 ou £ 20.992. O resto do *deficit* d'esse anno, £ 13.033, foi pago por adiantamentos temporarios do Banco da Republica e por sommas tiradas de fundos á disposição do governo.»

Vou tratar de dous pontos importantissimos da defeza.

Ouça o exercito!

O Sr. Jesuino Cardoso — V. Ex. parece que está assustando a Camara com o exercito. Eu não tenho medo.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Então, dizer — ouça o exercito—é assustar a Camara? Positivamente esta gente anda assustada! (*Riso.*)

O SR. JESUINO CARDOSO dá um aparte.

O SR. ALFREDO VARELA — Eu não fallo especialmente de V. Ex. a quem muito considerei e a quem devo uma gentileza que a *gentileza* de hoje não fará esquecer (*lê*):

«*O Sr. Carlos Cavalcanti*—Paro aqui.

Nós, Sr. Presidente, intrigamos; nós — e nesta collectividade, manchada pelo Deputado rio-grandense, está um official do exercito—nós perseguimos officiaes; nós fazemos intrigas para arredar de nossa terra o general Menna Barreto!

O Sr. Alfredo Varela—Não fallei sinão no Senador Vicente Machado e em seu acolyto, a quem V. Ex. acabou de referir-se.

O Sr. Carlos Cavalcanti—Declaro ao nobre Deputado e á Camara que o Governo Federal, o Governo da Republica, ao qual S. Ex. presta apoio, não procedeu, não procede e não procederá por intrigas e artimanhas de quem quer que seja: sempre procede honesta e lisamente, e, si transferiu o Bayard do exercito brazileiro, fel-o em virtude de informações prestadas por autoridades competentes e regulares.

O Sr. Alfredo Varela — Grave revelação, senhores, bem confirmatoria dos meus juizos!

O Sr. Carlos Cavalcanti—Não comprehendi o aparte do nobre Deputado.

O Sr. Alfredo Varela — V. Ex. declarou que o general tinha sido transferido por informações.

O Sr. Carlos Cavalcanti—...regulares.

O Sr. Alfredo Varela— ... regulares da autoridade.

O Sr. Carlos Cavalcanti — Da autoridade competente.

Digitized by Google

O Sr. Alfredo Varela— Pois, vou declarar nesta Casa que o commandante do districto, deante de testemunhas, me autorizou a affirmar que não interviera em tal facto.»

Agora pergunto: Qual foi o autoridade regular que deu informações sobre o general Menna Barreto?

Não ha outra sinão o commandante do Districto e eu affirmo, em nome desse general, que taes informações não foram dadas, e desafio a representação do Paraná a desmentir-me ou com um documento official ou com uma palavra do general Bormann.

Mas ainda tenho a palavra do Ministro da Guerra para desmentir a do Deputado pelo Paraná...

O Sr. Carlos Cavalcanti dá um aparte.

O Sr. Alfredo Varela—Peço desculpa a V. Ex., não tive intenção de o offender.

O que eu digo é que discordam em absoluto das informações do Exm. Sr. Deputado pelo Paraná aquellas que tenho directamente do Sr. Ministro da Guerra.

E' curioso, não é assim?

Disse-me o Sr. Ministro, com quem mantenho cordiaes relações até esta hora, pelo menos: — «Varela, não se trata de perseguição a militar algum. Precisavamos collocar no Paraná o Sr. tenente-coronel Faro, e por isso transferimos o Menna Barreto, que não soffre cousa alguma com isso, porque continúa na inspecção em que está.»

Quem diz a verdade? Quem diz a verdade é o orador, que sustenta que foi por meios insidiosos que se obteve do Governo da Republica a transferencia desse illustre militar...

O Sr. Juvenal Miller—V. Ex. não póde estar pondo em duvida a palavra de um general, principalmente V. Ex., que leva a prégar aqui a disciplina do exercito.

O Sr. Alfredo Varela—De um general?! E que general?

Digitized by Google

O SR. JUVENAL MILLER — Do general Ministro da Guerra.

O SR. ALFREDO VARELA—Pois si eu estou jogando com as palavras delle... E' assombrosissimo !

O SR. JUVENAL MILLER—V. Ex. disse que o general Ministro da Guerra tinha explicado o motivo da transferencia, e agora diz que quem está com a verdade é V. Ex. e V. Ex. não está com a verdade e sim o Sr. Ministro da Guerra.

O SR. SOARES DOS SANTOS—E, á vista do que disse o Ministro da Guerra, não houve perseguição ao general Menna Barreto. Effectivamente não houve perseguição do Ministro da Guerra ao general Menna Barreto.

O SR. ALFREDO VARELA—Eu opponho á palavra de V. Ex. a do *leader*, que me declarou que o Presidente tinha até resistido. Elle está presente e póde dizer si é verdade ou não que o Sr. Presidente da Republica tinha resistido a solicitações que lhe lhe haviam feito, mas que afinal se deram motivos que obrigaram S. Ex. a mudar de opinião e ordenar a transferencia do referido general. Todos os informantes officiaes se contradizem !...

O SR. SOARES DOS SANTOS—Eu até digo mais: si dominasse no espirito do Sr. Ministro da Guerra uma perseguição, elle daria uma commissão ao norte...

O SR. ALFREDO VARELA—Eu estou mostrando que o defensor da olygarchia do Paraná não disse á Casa como a cousa era.

UMA VOZ—V. Ex. está ladeando a questão.

O SR. ALFREDO VARELA—Oh! Eu estou citando palavras de outrem. (*Trocam-se varios apartes que interrompem o orador. O Sr. Presidente reclama attenção. Dirigindo-se ao Sr. Soares dos Santos.*) V. Ex. não continue nes-

Digitized by Google

te dialogo, porque o chefe da bancada é capaz de pol-o fóra della, como fez a mim.

O SR. JAMES DARCY (*com força*)—O nobre Deputado está enganado. Nós não soffremos um jugo desta natureza. Damos os apartes que entendemos dever dar e delles assumimos plena responsabilidade.

O SR. ALFREDO VARELA — Eu não disse que VV. EExs. soffriam um *jugo dessa natureza.*

O SR. JAMES DARCY — V. Ex. disse que não dessemos apartes porque o chefe de nossa bancada era capaz de nos pôr fóra della. Está enganado. A bancada do Rio Grande é independente, e cada um de seus membros tem a coragem de assumir a inteira responsabilidade e responder pelo que faz.

O SR. ALFREDO VARELA — Ninguem contesta a independencia da bancada rio-grandense e a prova de que ha independencia nella aqui está no humilde orador.

O SR. JAMES DARCY — V. Ex. disse que está fóra da bancada. V. Ex. hoje não pertence a bancada nenhuma, porque a Camara, na opinião de V. Ex., não está na altura de possuil-o. V. Ex. é um homem puro e toda a Camara é corrupta. (*Apoiados ; bravos e palmas no recinto. O Sr. Presidente faz soar os tympanos e reclama attenção.*)

O SR. CARLOS CAVALCANTI — Peço aos nobres collegas que deixem o nobre accusador continuar.

O SR. JESUINO CARDOSO — Requeiro a liberdade da tribuna para o orador.

O SR. PRESIDENTE — A liberdade da tribuna será sempre garantida.

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO — Hei de responder.

O SR. ALFREDO VARELA — Podia dizer

Digitized by Google

que está em perfeito desaccordo commigo, mas não póde defender Vicente Machado quem é portador de nossa bandeira...

O Sr. Soares dos Santos — Perdôe, não fez defesa, V. Ex. é que appellou para elle.

O Sr. Cassiano do Nascimento — V. Ex. appellou para mim no caso relativo ao Sr. Alencar Guimarães.

O Sr. Alfredo Varela — Consta do *Diario do Congresso*.

O Sr. Cassiano do Nascimento — Hei de responder a V. Ex., precisando os termos.

O Sr. Alfredo Varela — Ouvirei a V. Ex. com o maior acatamento.

O Sr. Cassiano do Nascimento — Como eu o estou ouvindo.

O Sr. Alfredo Varela — Mas, disse ainda o Sr. Carlos Cavalcanti, a proposito da hecatombe de 1894:

« Assassino, Sr. Presidente ! Assassino do Pico do Diabo !

Levanto a accusação mais uma vez. Não tenho terror, não tenho medo de fitar o golfão tenebroso do kilometro 65.

Emquanto S. Ex. se batia pela Republica nos campos do Rio Grande do Sul, eu me batia aqui, como S. Ex. mesmo póde attestar, tambem por esta Republica. Não estou manchado de sangue, nem o meu partido o está, por qualquer fórma.

Sr. Presidente, nesse tempo o Estado do Paraná estava debaixo da lei marcial, a autoridade civil era uma entidade abstracta, nulla e sem valor, e quando o governador do Estado, a primeira autoridade civil daquella terra, dizia em lagrimas que protestava contra aquelles crimes, tamborilava-se nas vidraças e dizia-se: *Si duvidares, irás tambem*.

Era a lei marcial, o dominio da força armada, em toda a sua plenitude.

Digitized by Google

Juizes! Pois ousa dizer que houve um juiz civil, que houve uma autoridade da terra que chamo minha, que tivesse autorizado os assassinatos do Pico do Diabo?

Ousado o Sr. Deputado pelo Rio Grande do Sul!

O Sr. Alfredo Varela — Juizes! ...Eu sustento nesta Casa... (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente— Peço ao nobre Deputado que se dirija á Mesa.

O Sr. Carlos Cavalcanti — Perdôe-me V. Ex.

Pois bem; o conselho era marcial...

O Sr. Alfredo Varela — Eu darei a prova.

O Sr. Carlos Cavalcanti — ... e as autoridades que executaram as penas eram militares.»

O Sr. capitão Cavalcanti, cego em seu amor ao chefe paranaense, para indultal-o, enxovalha com os crimes delle o exercito nacional!

Note-se que o Sr. capitão Cavalcanti, nos extremos da sua defesa...

O Sr. Presidente — Attenção! Deve dizer:— o Sr. Deputado Carlos Cavalcanti.

O Sr. Carlos Cavalcanti — Apezar de não ser parlamentar, acceito e honro-me com o titulo.

O Sr. Alfredo Varela — S. Ex., para defender o Sr. Vicente Machado, imputa os crimes deste ao exercito a que pertence!

Diz que foram autoridades militares que fizeram a hecatombe do kilometro 65!

Fique o exercito brazileiro sabendo que é elle o responsavel pelos crimes de 94, conforme declarou o Deputado Sr. Capitão Cavalcanti!

O Sr. Carlos Cavalcanti—Responderei.

O Sr. Alfredo Varela—« A tanto arrastas ambição de imperio! »

Digitized by Google

O Sr. Carlos Cavalcanti — Ambição de imperio ?

O Sr. Alfredo Varela — Sim senhor. O que póde ser, sinão isto ?

O Sr. Carlos Cavalcanti — Si V. Ex. conhecesse a minha vida não faria semelhante affirmativa.

O Sr. Alfredo Varela — Prometti mostrar que o responsavel por esses crimes era o Sr. Vicente Machado. Vou demonstral-o.

Depõe, em primeiro logar, um magistrado que o Sr. Carlos Cavalcanti declara honrado e nobilissimo e que assim tambem foi qualificado pelo Sr. Barbosa Lima — o Sr. Carvalho de Mendonça.

Pois esse magistrado, em artigos assignados a que já alludi, declarou que o Sr. Vicente Machado era o responsavel por esses crimes.

Depõem, em segundo logar, os *seraphins*, isto é, o actual Vice-Governador do Paraná, o futuro Vice-Governador do Estado e o actual Secretario do Interior, que, nos numeros do *Estado* de 4 e 5 de janeiro de 1895 e de 27 de Dezembro de 1894, declaram positivamente que Vicente Machado é o responsavel pelos tremendos attentados que horrorizaram o Brazil inteiro.

Antes de proseguir, Sr. Presidente, preciso fazer uma ligeira rememoração.

Como se accusa de violenta a linguagem do representante do Rio Grande do Sul e como desejo ser fiel á Historia até na escolha dos vocabulos, trouxe escripta a grave revelação que vou fazer. Assim, creio não dar elemento a futuras reclamações.

Antes de proseguir, pergunto á Mesa si póde manter a liberdade da tribuna (*Pausa.*)

O Sr. Presidente—Naturalmente. V. Ex. tem tido a prova continuamente.

O Sr. Alfredo Varela — Tenho razões para perguntar. Si, ao fazer a accusação de

Digitized by Google

um homem geralmente desestimado neste paiz, houve o que houve, agora, tendo de referir-me a uma alta personalidade, com justo motivo pergunto si me está garantida a liberdade de tribuna.

O SR. PRESIDENTE—Dentro dos limites do Regimento e desde que seja mantido o decoro da Camara.

O SR. ALFREDO VARELA (*rindo*)—De fórma que, si não me mantiver dentro dos limites do Regimento, caem-me todos em cima!

O SR. PRESIDENTE—Sem duvida. A Mesa tem deveres a cumprir.

O SR. ALFREDO VARELA—A proposito de que V. Ex. diz isto?

O SR. JESUINO CARDOSO—A proposito de V. Ex. perguntar si, mesmo sem decoro, V. Ex. podia fallar.

O SR. ALFREDO VARELA (*ao Sr. Jesuino Cardoso*)—A Mesa não está no seu logar?

O SR. PRESIDENTE (*ao orador*) — O nobre Deputado de S. Paulo respondeu bem, porque eu já tinha respondido a V. Ex.

O SR. ALFREDO VARELA — Bem, V. Ex. deu procuração ao nobre Deputado para responder-me. (*Murmurio.*)

Dizia eu que havia escripto a rememoração que pretendo fazer aqui. Que o Brazil inteiro me ouça!

« Fui do numero daquelles que no seio da bancada rio-grandense se oppuzeram á acceitação da candidatura do Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

Submetti-me, quando a julguei inevitavel.

Um amigo, com o tempo, incumbiu-se de dissipar de todo as minhas prevenções, o illustre Dr. Custodio Coelho.

Quando o Presidente da Republica veiu tomar conta do poder, esse amigo lhe havia conquistado as minhas sympathias.

Digitized by Google

Não fui, entretanto, com a leva dos mesureiros, receber o chefe da Nação, nem corri pressuroso á sua casa, repleta, de manhã á noite, de todos os adoradores do sol nascente.

Creio que se havia passado um mez após á sua chegada, quando pedi ao Dr. Custodio Coelho que me proporcionasse uma entrevista com o seu querido amigo.

Esta se realizou á noite. Recebido gentilmente pelo Dr. Rodrigues Alves, expoz-me este, com adoravel singeleza, os seus nobres intuitos e alevantado plano de governo.

Confesso que fiquei captivo da pessoa de S. Ex. e encantadissimo com o que me dizia sobre a administração da Republica.

Vi no reputado paulista um desses puros homens publicos do velho regimen, que hoje tanto estimo, sem desconhecer os muitos erros de que é responsavel.

Entendi immediatamente pôr á prova os sentimentos que me manifestara, fazendo á S. Ex. um solemne appello para que contribuisse, sem violar as leis, para a facil libertação de um povo dignissimo.

Descrevi á S. Ex. o estado de ruina moral e material a que um perverso politicante reduzira o formoso Paraná, assegurando-lhe que bastava a boa vontade do chefe da Nação para que cessassem os abusos de uma feroz e impura olygarchia.

— « Que posso eu fazer, dentro dos meus deveres constitucionaes ? » respondeu o Dr. Rodrigues Alves. « Sabe que não posso intervir...»

— Não peço á V. Ex. que intervenha em favor dos opprimidos: que simplesmente deixe de favorecer o oppressor.

Ouvi nessa occasião o sincero pensar do Dr. Rodrigues Alves sobre o Dr. Vicente Machado e daqui peço á S. Ex. me autorize a divulgal-o. (*Pausa.*)

Havia eu dito o sufficiente em uma primeira entrevista. Deixei correr o tempo

Digitized by Google

necessario para as meditações que o caso devia suscitar a um estadista de tamanha responsabilidade; e opportunamente solicitei uma segunda conferencia.

Antes desta, que se effectuou nos aposentos particulares do Presidente da Republica, em um domingo, communicara eu ao eminente concidadão os poderes de que me achava investido, por parte do partido opposicionista do Paraná.

Nessa memoravel conferencia, de novo expuz largamente a triste situação do referido Estado e de novo appellei para o Presidente da Republica.

Ouviu-me em religioso silencio, e assim continuou depois de finda a minha narrativa. Como por muito tempo persistisse o mutismo de S. Ex., renovei o meu appello terceira e quarta vez.

S. Ex., meditativo, ainda se conservou calado uns dez minutos, talvez.

Vendo que era preciso interromper a conferencia (pois mal interpretara eu o silencio do chefe da nação), commovidissimo com a má sorte dos meus constituintes, que mais uma vez eram desouvidos, dirigi-me ao Dr. Rodrigues Alves nestes termos:

— « Não me deixe sahir daqui V. Ex. sem uma palavra de alento. Abra-me V. Ex. o coração, como si fallasse a um filho. Estou convencido de que me dediquei a uma boa obra, mas, si V. Ex. pensa que é indiscreta e perturbadora a minha intervenção no Paraná, diga-o, que renuncio immediatamente a ella.»

— « Prosiga, que é uma boa obra », respondeu-me o Exm. Sr. Presidente dos Estados Unidos do Brazil! (*Pausa.*)

Sahi de palacio como se póde imaginar: orgulhoso, desvanecidissimo do resultado da minha espontanea iniciativa, porque foi sem solicitação de pessoa alguma que me offereci aos tyrannizados paranaenses, para a empreza que via tão bem encaminhada agora.

Digitized by Google

Continuavam, com bom exito, os trabalhos destinados á emancipação do Paraná, quando se deu em minha vida episodio que me desvendou todo o primor cavalheiresco da hypocrita burguezia que nos afunda em um lodaçal, mui ostentosa de melindres em pontos de honra, cousa desconhecida para ella, e fazendo, entretanto, grande matinada em torno de um, para o julgamento do qual lhe faltavam os dados mais indispensaveis...

Preciso dizer com a devida coragem, deante de meus contemporaneos que, na hora dos juizos definitivos, hei de approximar-me tranquillamente do supremo, inflexivel pretorio.

Batendo antes as minhas sandalias á porta do templo da eterna justiça, deixarei ahi, talvez, em montões o pó de escabroso e penosissimo caminho ; entro, porém, com a alma cheia de mundos de affecto, desse que tudo absolve—pois em qualquer phase de minha existencia, posso dizer como o grande épico:

Amor mi mosse che mi fa parlare !

Amor aos meus, amor á liberdade do povo, amor á independencia do paiz, amor a um sublime ideal politico a que consagrei vinte annos de, talvez insignificante, mas puro e immaculado labor !

Que attenuantes formulará em seu favor a decrepita, ridicula e caricata democracia que ousou petulantemente julgar um homem de caracter e coração ? Famosos principaes desta hora de decadencia, intimados a dizerem a verdade de si,certos de que é impossivel negal-a deante da Posteridade, murmurarão, corridos de vergonha:

Venuti al mondo sol per far le tame !

Não me impressionou o conceito de uma estulta opinião, a que considerei, do alto, com o mais soberano desprezo. O incidente,

Digitized by Google

lamentavel para mim só por isto: interrompia, no Rio de Janeiro, a boa obra a que me entregara.

Tive de mudar o plano da campanha liberal. Segui para o Paraná e tão certo estava da neutralidade do Chefe da Nação que (já o disse em meu discurso de 20) impedi o pronunciamento armado com que os meus amigos pretendiam responder ao hediondo attentado do Guahyra.

A campanha de imprensa, eis ao que logo me entreguei : necessario pintar primeiro ao Brazil em peso o despotismo sob que gemia a opposição, e depois,opportunamente, reagir, na fórma conhecida pelo illustre Presidente da Republica.

Bastou o embate intellectual para abalar até os fundamentos a indêcorosa tyrannia Vicentista ! Certos os mandões de que se approximava o momento da sua ruina,cheios de pavor augmentaram o seu exercito, multiplicaram a policia secreta e começaram de urdir nesta Capital as mais indignas intrigas contra os militares que ainda não barganharam a nobre farda do soldado brazileiro pela ignominiosa libré dos mais repulsivos olygarchas do seculo passado e deste.

Soube logo das tramas infernaes dé Vicente Machado e Fra-Diavolo. Não tive receios; pois tinha absoluta confiança na fé jurada, na palavra do illustre Presidente da Republica. Tinha eu, além disso, ouvido o Exm. Sr. Ministro da Guerra e Exm. Sr. chefe do estado-maior, e convencido fôra por elles de que as perseguições politicas seriam repellidas, de ora em deante, da Secretaria da Guerra.

Infelizmente, factos alarmantissimos vieram abalar a minha confiança na promettida isenção dos meus amigos do governo.

Transferido primeiro o capitão Velasco, depois o major Ferreira e o general Menna Barreto !

Digitized by Google

O governo já se me mostrava incorrecto, pois feria a camaradas meus, sem ouvil-os e sem ouvir-me. Ainda quiz eu acreditar que o Presidente da Republica teria agido por effeito de algum bem combinado enredo.

Apresentei-me á Camara e aqui ficou desvendada a iniquidade da perseguição.

Agora (pensei eu, confiante na boa fé do Presidente) todas estas injustiças vão ser devidamente reparadas.

Vergonha eterna da administração da Republica : o Presidente se tinha definitivamente alliado ao regulo do Paraná, ao bebedor de sangue de 1894, maximo concussionario deste regimen, flagello de um povo inteiro !

A 23...»

A 20, minha accusação aqui; a 21, a defesa; deixei passar um dia para que o Sr. Presidente meditasse uma e outra ; a 23 fui procural-o.

(*Continuando a ler*) :

« A 23, solicitando eu uma entrevista immediata com o chefe da Nação, evitou-a S. Ex., a pretexto de urgentes negocios de Estado, que não podia adiar. Pouco antes de minha chegada, tivera longa entrevista com S. Ex., o Senador Vicente, com quem naturalmente poude perder tempo que não teve a dispensar, não a mim, humilde patriota, mas ao Rio Grande do Sul que represento... (*Pausa.*)

A alliança com a negregada figura politica a quem combato e a quem combaterei emquanto viva, impossibilitava de facto, qualquer encontro entre a minha e a illustre pessoa do Presidente da Republica ; não me poderia fitar S. Ex., pois havia faltado á religião de um compromisso e á fé de sua palavra de cavalheiro ! (*Pausa.*)»

O Sr. Jesuino Cardoso—O Sr. Dr. Rodrigues Alves é conhecido de todo o paiz : está acima de accusações destas ! (*Apoiados.*)

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA—Estou fazendo uma narrativa historica, Exm. senhor, e creio que em termos convenientes.

O SR. BELISARIO DE SOUZA—E' um *Jornal d Goncourt*, mas um pouco precoce...

O SR. ALFREDO VARELA—Dirá o paiz si é precoce.

O SR. BELISARIO DE SOUZA—V. Ex., que é litterato, sabe que não ha offensa no que estou dizendo: tambem Rénan queixou-se bem do *Jornal dos Goncourts*...

O SR. ALFREDO VARELA (*continúa a ler*) —« Anniquiladas de todo as esperanças que manifestara no *Diario da Tarde*, em artigo de 2 de outubro, nos termos que aqui reproduzo:

" Cessam assim as perseguições deste homem malvado ou na connivencia irretratavel de outros, a quem nosso libello esclarecerá, verificamos os patriotas que nada temos a esperar no terreno da legalidade—pensamento que nos conturba, porque ao perderem os caracteres de fibra a confiança nos recursos da lei, em vez de fraqueza deante da prepotencia, sentem n'alma o sopro ardente de indomito civismo, que arrasta as nacionalidades vivazes para o recurso do desespero, que é sempre e em toda a parte o mesmo: a luta, o levante, a REVOLUÇÃO ! "»

O SR. JESUINO CARDOSO—Nessa hora, veremos.

O SR. ALFREDO VARELA (*continúa a ler*)— « NADA MAIS TEMOS A ESPERAR, OS PATRIOTAS, NO TERRENO DA LEGALIDADE... » (*Ha varios apartes.*)

Peço aos meus amigos que não me interrompam: isto é uma narrativa historica.

O SR. SOARES DOS SANTOS — V. Ex. é quem receita isso?

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Eu, Exm. ! é o que o meu patriotismo me aconselha.

O SR. SOARES DOS SANTOS dá outro aparte.

O SR. ALFREDO VARELA (*continúa a ler*) :

« E' pois chegado o solemne momento de dirigir á Nação inteira as palavras que eu disse, na hora da partida, ás victimas de Vicente Machado, e constam de um decisivo manifesto. Eil-as :

" Guerra Santa ! A meus amigos do Paraná » — Aberta a campanha contra o infamante dominio actual, eu me tenho servido das armas limpas do cavalheiro, com as quaes deixei silencioso e aterrado o fraco adversario ; vencido aqui no campo da imprensa, soccorre-se elle das que sempre me repugnaram: a intriga, de que vieram a soffrer alguns militares independentes, que me honram com a sua estima pessoal. Preciso dar combate a esse miseravel ardil do covardissimo contendor, junto do poder publico que teve a leviandade de acolher a torpe maledicencia de um homem sem prestigio moral, ha bons 10 annos ! Vou, pois, desentorpecer com o clamor de um povo inteiro, a percepção do Governo federal, que acceita sem exame as delações do mais corrompido dos politicantes e castiga sem ouvir illustres amigos seus, nobres figuras de immaculado civismo, fardas em cujos galões ou bordados scintillam serviços heroicos á Patria e á Republica !

Aqui estou preparado para manter o fogo contra a negra oligarchia dominante, famosa em todo o genero de crime, até jugulal-a e varrer do Paraná o bando maldicto, mas os estratagemas de que ora se lança mão, reclamam a minha presença na capital do paiz, para que outras victimas não faça ahi a insidia que espero demascarar, impossibilitando-a para sempre de obter da fraqueza alheia, perseguições que deslustram a administração superior do

Digitized by Google

Brazil. Mister, portanto, deixar transitoriamente este posto, para correr um reprobo das salas presidenciaes, onde se insinua, para pôr em pratica as machinações diabolicas a que deve a funesta permanencia no poder : para que o Senado se convença de que em seu seio deu a fraude entrada a um réo de policia, que junta á fereza do romano primitivo a dissolução dos da mais baixa decadencia, não apresentando na vida moral, nada do que recommendava os filhos da cidade eterna : mais degradado que o infimo sevandija da Suburra, quarteirão da miseria cynica, da crapula violenta e « asylo de sicarios ! »

Desvendada a face hedionda do carrasco da sociedade paranaense, deante dos altos poderes da Republica, voltarei immediatamente a occupar com o desassombro anterior, este baluarte das liberdades publicas, de onde, com o apoio do povo, fulminarei os tyrannos que nos envergonham e barbarizam.

Calam as baterias nesta terra, por duas semanas, mas recomeça logo o nutrido tirotear no Rio de Janeiro, com a dupla e innegavel vantagem de punir um malvado e patentear aos opprimidos de toda a parte que é facil a derrocada das oligarchias, que tudo escravizaram : a de cá estremece até os fundamentos, dous mezes depois de atracado com ella um patriota de audacia e resolução !

O ensinamento ha de aproveitar fóra daqui e breve conjugamos os esforços regeneradores, os brazileiros em quem o civismo não é a mentira de tartufo para acobertar os contrabandos do mercado politico.

Curta será a minha demora na Capital, estejam certos os meus bons amigos do Paraná.

Continuem, por conseguinte, a manter nos lares, escondido por emquanto aos olhos in-

Digitized by Google

quisidores de uma policia assassina, o fogo sagrado que reavivei, animado das mais lisongeiras esperanças: não se passará muito tempo que elle irrompa dos altares do culto e abrase a atmosphera nacional, purificando-se nas bastas chammas o ambiente pestilento onde a custo respiramos no paiz; que, salvo em raros pontos, mais nos parece hoje um departamento do inferno que um sitio de convivencia politica, aprazivel ou mesmo supportavel!

Continuem a cultivar os heroicos propositos que tenho suscitado nesta livre tribuna e vejo por toda a parte acolhidos com o mais nobre enthusiasmo, inclinados os cidadãos, como eu, a tudo sacrificarem pela boa fama e pureza das instituições. Mil vezes preferivel guardar como uma reliquia sacro-santa, a bandeira dos principios, enrolada no presente, mas signo promissor de um regimen normal no futuro, a ver de pé a Republica, transformada pelas classes dirigentes em regatona deslavadissima, messalina de gorro phrigio, que allia ás prostituições da antiga, o animo de tudo barganhar e tudo vender, — trafico immundo em que se hão manchado os que mais deveram minar a impolluta castidade do systema vigente, objecto dentro em pouco do despreso e desencanto geral, se mal succedido o grandioso intento em que empenhados neste momento os patriotas sobreviventes ao cataclysmo de 1889, — antes moral do que politico: ruina moral, sim, patente no universalissimo desmoronamento dos caracteres! — Os que ficaram, esses mesmos, sombras mofinas dos gigantes do passado, cuja grandeza nos acabrunha e envergonha!...

Continuem a dispor-se para o magno prelio, mau grado os aprestos incessantes do despotismo, porque impotente a tyrannia contra um povo inteiro e é a totalidade do nosso, affirmo, que vae erguer solemne protesto contra as corruptelas da actualidade e

Digitized by Google

os desmandos do bandoleirismo official. Na hora suprema, nada resguardará do vendaval que se avizinha as oligarchias de hoje, por mais precatados que se mostrem os seu mantenedores, no panico em que vivem... Armas, regimentos, policias, que importa? — Voa tudo deante das incontrastaveis forças malcontidas da verdadeira opinião, soberana sempre, a despeito dos elementos que lhe opponham, sejam quaes forem! Depois (ouça bem o povo) a industria fornece agora aos opprimidos recursos formidaveis quanto infalliveis: soffre nestes tempos o despotismo quem nasceu nas vestes do homem livre, com a alma vil do escravo, porque a audacia nos designios assegura aos que teem sangue nas veias, a suppressão immediata dos predominios odiosos.

Ainda que não aconselho aos meus que usem dos meios extremos, pois que nos affronta aqui uma autoridade cruel, quanto desprezivel; para que tenham confiança as suas victimas, relembro a todos os companheiros de jornada que não ha resistencias praticaveis deante de uma vontade atrevida... Veja-se uma alta montanha de granito: a dynamite (e ha cousa mais terrivel!), num apice, mina, gréta, parte, esboroa, derrue a rija mole imponentissima. Quanto mais o fragil edificio de paredes grudadas a lodo e palha, castello feudal onde a estrumeira transborda pelos torrões sinistros por que antes espadanavam as ondas innocentes de sangue irmão, tangidas pelos punhos scelerados dos magarefes do vicentismo!

E' inabalavel a oppressão quando o imperio da força bruta estarrece a covardes e pusilanimes.

Aqui, além de que esses ficaram com o governicho do Senador Machado, iguaes a essa farçola na poltroneria, os amigos da liberdade teem por si o immenso numero. A's caladas mesmo consultem suas fileiras, alinhem as legiões que se me dizem prom-

Digitized by Google

ptas para a boa obra, e verão com assombro os republicanos dignos deste nome, que ninguem da parte da oligarchia: meia duzia de soldados apenas, os quaes fraternizam seguramente com os libertadores da Patria, quando abram os olhos e percebam que são tambem os libertadores delles.

Eia, pois, de pé, para a grande luta! De que serve trabalhar, si no imposto iniquo ou em outras extorsões, tudo nos rouba um fisco aladroado? De que serve poupar para a familia, si o peculio della á mercê dos velhacos, apoiados em juizes venaes? De que serve amar a vida, si de um instante a outro desapparece ingloriamente, sob o bacamarte dos mandões?—Melhor e mais bello, tudo arriscar em lance arrojado, legando aos descendentes um nome immaculo de aviltante servilismo, si a fortuna impropicia, ou arrancar das energias do desespero a dignificação da Republica, que por outro modo se não poude obter; premio de uma victoria certa, infallivel, inarredavel,—gloria eterna do Paraná, porque lhe terá cabido as honras da iniciativa, na campanha decisiva contra os usurpadores e em prol da regeneração nacional.

Fiquem de rojo os poltrões..."

O Sr. Barbosa Lima—Então, os que não forem nessa campanha, são poltrões?!

O Sr. Alfredo Varela—Dirijo-me aos poltrões.

O Sr. Jesuino Cardoso—Então V. Ex. reconhece que ha valor do outro lado.

O Sr. Alfredo Varela— Por que não? Si não houvesse em alguns, a victoria ainda nos fôra mais facil.

O Sr. Frederico Borges—Ficava assim V. Ex. sozinho em campo.

O Sr. Alfredo Varela—Boa lembrança a de V. Ex!....

Digitized by Google

O SR. FREDERICO BORGES—Pois não; é conclusão.

O SR. ALFREDO VARELA — Como conclusão?

Pois si eu acabo de dizer que reconheço que ha pessoas de valor que se oppõem a nossos designios! Si não o reconhecesse, nenhuma difficuldade encontrariamos em nossa campanha.

Para que V. Ex. ha de envenenar as minhas expressões? (*Continúa a lêr*):

"Fiquem de rojo os poltrões, aquelles para os quaes o estomago é o centro da existencia e não uma dependencia subalterna do cerebro, dadiva preciosa da natureza, destinada aos mais sublimes surtos da humana individualidade, convertida em serviçal exclusivo do appetite pantagruelico de manducadores insaciaveis! Nós, os desta empreza de salvação, nós, os paladinos do partido regenerador, prégamos a guerra, a boa guerra que tudo aproveita na obra emancipadora: a epistola, o jornal, o pamphleto, o livro, toda a sorte de predica, e quando estes meios não bastem, outros que o patriotismo inspire e a decisão de morrer pelo Bem commum! Prégamos a guerra contra as oligarchias que nos devoram, quer dizer, a guerra moralizadora, a guerra purificativa, a GUERRA SANTA!"

Quer agora saber este paiz, quer saber a Republica, quer saber a America, quer saber o Mundo quem é o novo ALLIADO do Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves!? (*Pausa.*)

Vão dizer estes dous irrecusaveis testemunhos:

"Dr. Varela — Acompanhada meus filhos respeitosamente comprimento V. Ex., beijando-lhe as mãos, pelo mais justo, mais sublime mandato! Provas contra miseravel Vicente Machado abundantes no Estado do Paraná, quão abundantes dolorosas lagrimas,

Digitized by Google

desesperos e innumeras victimas, viuvas e orphãos!

Deus será pelos opprimidos! Pensamentos, palavras e passos de V. Ex. por Deus serão protegidos!

Avante, obreiro verdadeiro da justiça e caridade!

Assignada — BARONEZA DO SERRO AZUL." (*Sensação. Silencio prolongado.*)

Tenho mais este outro telegramma, de uma digna viuva, cujo marido foi sacrificado no Pico do Diabo:

" Dr. Varela — Victimas tyrannia Vicente vos felicitam por vossa nobre attitude. Assignada — *Emilia de Mattos Guedes.*"

O ALLIADO do Sr. Presidente da Republica é, pois, este vulgarissimo ASSASSINO!»

O SR. PRESIDENTE — Attenção! Lembro a V. Ex. que a hora está terminada; só tem um quarto de hora de tolerancia.

O SR. ALFREDO VARELA — Vou terminar. O ALLIADO do Presidente da Republica é este vulgarissimo ASSASSINO!

O SR. PRESIDENTE—Attenção! Ordem!

O SR. BELISARIO DE SOUZA—Não apoiado. E' um Senador da Republica, cujo apoio o Presidente da Republica não póde recusar. (*Muitos apoiados.*) A discutirmos isto teremos de abrir um inquerito desde 1894. (*Apoiados.*)

O SR. JESUINO CARDOSO—Sem querer interromper o orador, eu desejava que S. Ex. dissesse a sua opinião sobre os outros Estados.

O SR. EUZEBIO DE ANDRADE — Sobre os quaes silenciou, talvez calculadamente.

O SR. ALFREDO VARELA (*com ironia*) — Disse muito bem o nobre Deputado: calculadamente não fallei em outros Estados.

O SR. FREDERICO BORGES — Pois devia estar isso em seu programma.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Mas não está; o programma é o meu e não o que inculque V. Ex.

O SR. COSTA JUNIOR—Deixem; é o plano do homem...

O SR. ALFREDO VARELA (*sorrindo*) — E' o que o Sr. Costa Junior affirma: é o plano do homem, o plano da tenebrosa conspiração de que se falla... (*Risos.*)

(*Continuando a ler:*) ... « Chumbados na mesma grilheta, a mesma sorte os espera deante da Posteridade! O ferrete com que assignale a face hedionda de um, para vergonha nossa estampar-se-ha indelevel no rosto, que tanto venerei, do chefe do meu paiz!

Eu os deixo unidos na mesma corrente—o principal criminoso e o cumplice—marcados com o sello inapagavel de igual, de identica ignominia! »

Caiam sobre elles as maldições do Brazil, e da Historia!

Tenho concluido. (*Trocam-se apartes violentos. Tumulto.*)

O SR. PRESIDENTE (*com força, fazendo soar os tympanos*)—Chamo á ordem o Sr. Deputado Alfredo Varela. (*Palmas nas galerias.*)

O SR. PRESIDENTE (*com força, fazendo soar os tympanos*) — Reclamo attenção. Faço evacuar as galerias.

Documentos a que se refere o discurso do Sr. Alfredo Varela

DOCUMENTO N. 17

« Juizo da Secção Federal do Paraná. Aos dous de outubro de mil novecentos e um. — O escrivão deste juizo certifique em relatorio ao pé desta quaes as causas que perante a Justiça Federal tem patrocinado o bacharel Vicente Machado da Silva Lima

Digitized by Google

contra a Fazenda Nacional, qual o valor do pedido e qual a decisão final que tiveram as mesmas. Outrosim certifique *verbo ad verbum* o requerimento que, em audiencia de 7 de julho de 1900, fez o mesmo bacharel no executivo fiscal da União contra Hürlimann & Comp. e qual o despacho que teve o mesmo. Curityba, *data supra*. O juiz da secção federal —*Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça*. Certifico em cumprimento á portaria retro e supra que as causas que tem advogado o Dr. Vicente Machado da Silva Lima perante este juizo e constam dos respectivos autos existentes em meu cartorio, são as que passo a declarar: Em quatorze de janeiro de mil oitocentos e noventa e sete a da *Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira contra a Fazenda Nacional*, pedido de *duzentos e cincoenta e sete contos quinhentos e dez mil réis*, sendo julgada a acção em parte improcedente e condemnada a Fazenda a pagar á A. a quantia de *dezesete contos e cincoenta mil réis*, em vinte e sete de fevereiro do anno acima referido.—Da mesma *Companhia Frigorifica, contra a referida Fazenda Nacional*, cujo pedido foi de *cento e quarenta e seis contos quinhentos e trinta mil réis* (146:530$000). Acção essa que ficou sem andamento desde nove de dezembro de mil oitocentos e noventa e sete, estando preparada para subir á conclusão. Certifico mais que o requerimento da audiencia do dia 7 de julho de 1900, que se acha em traslado nos autos de execução promovida pela Fazenda Nacional contra Hürlimann & Comp. é do teor seguinte: Audiencia. Aos sete dias do mez de julho de 1900, nesta cidade de Curityba, em audiencia publica que aos feitos e partes prestava no logar do costume o Dr. Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça, juiz federal da secção deste Estado, compareceu o Dr. Vicente Machado da Silva Lima, que exhibiu procuração pela qual Hürlimann & Comp. negociantes desta

Digitized by Google

praça lhe concedem poderes para acompanhar os termos da execução que contra os mesmos move a Fazenda Nacional, e requeria que, em vista de, na ultima audiencia, ter o representante da Fazenda Nacional requerido que, sob prégão e á revelia dos seus constituintes, se procedesse á nomeação de avaliadores para seguir os seus termos, e como não houve citação dos executados, como consta da certidão lavrada nos autos, só depois de satisfeita essa exigencia da lei, proseguisse nos termos regulares do processo. O que ouvido pelo juiz foi indeferido, porque nas execuções fiscaes, sendo sómente substancial a primeira citação e esta já tendo sido realizada, como demonstra o proprio facto de já terem os executados opposto embargos á penhora, que, decididos por este juizo, subirão ao Supremo Tribunal, o procedimento actual não é mais do que a continuação nos termos da execução pelo facto de terem sido rejeitados os referidos embargos e, portanto, não se trata da citação inicial da causa. Em seguida, pelo Dr. Procurador Seccional, foi dito que, tendo requerido na anterior audiencia que fossem citados, sob prégão, Hürlimann & Comp., para nesta audiencia louvarem-se em avaliadores, que avaliem o predio que lhes foi penhorado em execução promovida pela Fazenda Nacional, sob pena de se proceder á louvação á revelia dos mesmos, offerecia como avaliadores os cidadãos Nestor de Castro e capitão Francisco Pereira Alves e requeria que, apregoados os executados ou á sua revelia, se procedesse nos ulteriores termos da execução. O que ouvido pelo juiz, foi deferido. Presente o Dr. Vicente Machado da Silva Lima, procurador dos executados, declarou que se louvava nas pessoas dos cidadãos Augusto Silveira de Miranda e Arthur de Souza Ferreira para avaliadores. Pelo procurador dos executados foi, em seguida, escolhido o cidadão Francisco Pereira Alves e pelo Dr. procurador

Digitized by Google

Seccional o cidadão Augusto Silveira de Miranda, o que foi approvado pelo juiz. E' o que a respeito se continha no termo da audiencia antes referida, cuja cota para aqui trasladei do livro respectivo, ao qual me reporto e dou fé.—O escrivão, *Gabriel Pereira*.E' o que a respeito cumpre certificar ao pé desta e consta dos respectivos autos, aos quaes me reporto e dou fé—Curityba, 2 de outubro de 1901.—O escrivão seccional, *Raul Plaisant*.»

DOCUMENTO N. 19

« Juizo da Secção Federal no Paraná, aos 11 de dezembro de 1901.

O escrivão deste juizo, revendo os autos de processo crime, em que é appellante a justiça e réo Alexandre Sechelero ou Schelero, transcreva ao pé desta, *verbo ad verbum*, os documentos que instruiram a denuncia e constantes de fls. 3 e 4, dos mesmos autos. Curityba, *data supra*. O juiz da secção federal, *Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça*.

Certifico que, revendo em meu cartorio os autos crimes em que é réo Alexandre Sechelero, delles constam os documentos de que falla esta portaria, e, em cumprimento da mesma passo a transcrevel-os:

Quanto ao de fls. 3, é do teor seguinte:

Repartição Central da Policia do Estado do Paraná, Curityba, 24 de maio de 1894, digo é do têor seguinte:

Governo do Estado do Paraná—1ª secção —N. 63—Curityba, 26 de maio de 1894.

Ao Exm. Sr. general Francisco Raymundo Ewerton Quadros, commandante do 5º districto militar—Capital — *Tenho a honra de transmittir a V. Ex. em original o incluso officio do capitão chefe de policia*, datado de 24 do corrente, *no qual presta informações* a respeito do italiano Alexandre Sechelero.— Saude e fraternidade.— *Vicente Machado*.

Digitized by Google

Quanto ao documento de fls. 4:

Repartição Central da Policia do Estado do Paraná—Curityba, 24 de maio de 1894—Ao cidadão 1º vice-governador do Estado—Satisfazendo o que me foi ordenado, em officio n. 42, de 17 do corrente, tenho a honra de informar-vos que o italiano Alexandre Sechelero acha-se preso á ordem do Exm. Sr. general commandante do districto, por ter degollado um allemão fumeiro na Lapa, e quanto a Perreti Bartholomeu não me consta que esteja detido e nem que houvesse ordem para sua prisão.—Saude e fraternidade.—O capitão *Antonio Lago*, chefe de policia.

E' o que consta dos documentos aqui transcriptos dos respectivos originaes, aos quaes me reporto e dou fé. Eu, Raul Plaisant, escrivão, o escrevi, conferi e assigno.—O escrivão, *Raul Plaisant*.»

DOCUMENTO N. 20

« Juizo da Secção Federal do Paraná—Aos seis de novembro de 1901. O escrivão deste juizo, revendo os autos de acção ordinaria proposta pela Companhia Frigorifica contra a União Federal pelo Dr. Leonardo Macedonio Franco e Souza, certifique *verbo ad verbum* o teor dos documentos com que o mesmo advogado instruiu o caso e constante de fls 12 a 13 e de fls. 19. Cumpra. Curityba, *data supra*. O juiz seccional, *Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça*.

Certifico em cumprimento deste que os documentos com que o advogado Dr. Leonardo Macedonio Franco e Souza instruiu a causa acima referida e que constam dos respectivos autos a fls. 12, 13 e 14, são as que passo a trasladar:— quanto ao de fls. 12 e 13 é do teor seguinte: Exm. Sr. Dr. Juiz da Secção Federal. Diz a *Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira*, com séde no Rio de Janeiro e aqui representada por

Digitized by Google

seu advogado abaixo firmado, constituido no instrumento de procuração e substabelecimento juntos a esta petição, que tendo em 6 de março de 1897, proposto uma acção ordinaria contra a Fazenda Nacional para haver indemnização da quantia de cento e quarenta e seis contos quinhentos e trinta mil réis, proveniente de gado e animaes de sua propriedade, de que se apropriaram, em Palmas, as forças federaes alli em operações de guerra em 1894, foi a dita acção posta em prova em 3 de julho do mesmo anno e feito o lançamento de mais provas em 4 de setembro do dito anno sem que a ré houvesse produzido prova alguma, reduzindo-se a prova do pedido da supplicante áquella que se devia effectuar em Palmas, para o que expediu este juizo carta precatoria de liquidação que foi alli cumprida. *Sucedendo porém, terem-se extraviado em mão do então advogado da supplicante, Dr. Vicente Machado da Silva Lima, os autos da sobredita acção, de modo que até esta data não tem sido possivel proseguir-se nos termos do respectivo processo, quer agora a supplicante desistir da acção intentada*, protestando renoval-a em tempo opportuno, pagas préviamente as despezas judiciaes feitas. Assim pede a supplicante a V. Ex. que tomados por termo não só a desistencia que faz, da referida acção, como tambem o protesto de renoval-a em tempo opportuno, pagas as despezas ja feitas. e ouvido a respeito o Dr. Procurador da Republica no Estado, como representante legal da Fazenda Nacional, se sirva V. Ex. julgar por sentença a desistencia e protesto pedidos, entregando-se-lhes os autos respectivos em original, para o uso que lhe convier, ficando trasladado em cartorio, na fórma da lei. Nestes termos e por ser de justiça o que pede, espera o supplicante que autoada esta com os documentos que offerece, seja deferido na fórma requerida e E. R.

Digitized by Google

M. (Com um instrumento de procuração e substabelecimento e um documento referido). Estavam tres estampilhas federaes no valor de duzentos réis cada uma assim inutilizadas : Curityba, 18 de agosto de 1898. *Leonardo Macedonio Franco e Souza*, advogado. Quanto ao de fls. 19 é o que segue: Gabriel Ribas da Silva Pereira, escrivão do juizo federal deste Estado—*Certifico*, a pedido do Dr. Leonardo Macedonio Franco e Souza, advogado da Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira, que, revendo o protocollo das audiencias do juizo da Secção Federal em meu poder e cartorio, delle consta o seguinte, em relação ao pedido feito : Em audiencia de 6 de março de 1897, foi proposta uma acção ordinaria contra a Fazenda Nacional, por parte da companhia acima referida, para haver o pagamento da quantia de cento e quarenta e seis contos quinhentos e trinta mil réis (146:530$) ; em audiencia de 3 de julho do mesmo anno foi assignada a dilação probatoria na mesma causa ; em audiencia de 4 de setembro seguinte foi feito o lançamento de mais provas, não tendo a ré produzido mais prova alguma e a companhia autora pedido unicamente, durante a dilacção do termo, uma carta de inquirição para a comarca de Palmas, a qual voltou cumprida em dezembro do mesmo anno. *Certifico mais que os autos respectivos não se acham em meu poder e cartorio, tendo sido por mim entregues, em confiança, ao então advogado da companhia, que não m'os restituiu.* (Estavam duas estampilhas federaes no valor de duzentos reis cada uma, assim inutilizadas:) E' o que me cumpre scientificar em virtude do pedido mencionado. Curityba, 18 de agosto de 1898. O escrivão, Gabriel Ribas da Silva Pereira. E' o que a respeito me cumpre certificar ao pé desta e de tudo me reporto e dou fé. Curityba, 6 de novembro de 1901. — O escrivão *Raul Plaisant.*»

Digitized by Google

DOCUMENTO N. 21

« Publica-fórma—Attesto que, quando recebi o archivo parochial desta matriz de Castro não me foi entregue o livro novo de registro de baptismos, constantes dos annos de 1859 a 1862, tendo me declarado o ex-vigario conego Sizenando da Cruz Dias que o dito livro achava-se em poder do Dr. Vicente Machado da Silva Lima: que até esta data ainda não foi restituido ao archivo: que consta que o mesmo Dr. foi baptisado nesta parochia. Castro, 25 de maio de mil oitocentos e noventa e cinco.—O vigario, *João Baptista de Oliveira*. Reconheço a assignatura supra, do que dou fé. Curityba, 31 de maio de 1895. Em testemunho da verdade estava o signal publico.—*Joaquim José Belarmino Bittencourt*. Curityba, 31 de maio de 1895. *Bittencourt*. Assignado sobre uma estampilha representando o valor de 500 réis, sello do Estado do Paraná. Era este o conteudo de um attestado que me foi apresentado em um requerimento dirigido ao Illm. e Revm. Sr. vigario da parochia de Castro, para fazer extrahir a presente publica-fórma e ao proprio e referido apontado me reporto em poder do apresentante a quem entregasse com esta que conferi, subscrevo e assigno nesta cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal dos Estados Unidos do Brazil aos vinte e cinco dias do mez de julho do anno de 1895. Eu, Affonso Herculano da Costa Brito, tabellião interino que subscrevi e assigno, em publico e raso. Em testemunho da verdade. . *Affonso Herculano da Costa Brito*. Rio, 25 de julho de 1895.»

DOCUMENTO N. 22

«Publica-fórma — Os abaixo assignados declaram ser publico e notorio nesta cidade que o doutor Vicente Machado da Silva Lima

Digitized by Google

aqui nasceu e foi baptizado ; que o mesmo doutor Vicente Machado no mez de abril do anno passado obteve do sachristão da Matriz desta cidade um dos livros de assentos de baptismo desta parochia, no qual achava-se o assento do mesmo doutor e até hoje não restituiu esse livro. Castro, seis de junho de mil oitocentos e noventa o cinco. Assignados.—*Herculano de Albuquerque.*— *Antonio Bleij.—João Mille.—R. Pimentel.* — *Benedicto José de Camargo.—Moysés de Albuquerque.*— *Sebastião José de Carvalho.*— *Izaltino Mascarenhas.—Virgilio de Mascarenhas.—Manoel Ribas.—Euclides Martins de Araujo.*— *Benjamim de N. Mussa*— Reconheço verdadeiras as doze firmas e rubrica supra e dou fé. Castro, sete de junho de mil oitocentos e noventa e cinco. Em testemunha de verdade estava o signal publico.— *João Bernardo de Albuquerque.*— A' margem estavam colladas tres estampilhas representando o valor total de quinhentos réis, sello do Estado do Paraná, devidamente inutilizados pela fórma seguinte: Curityba, sete de junho de mil oitocentos e noventa e cinco. — *Albuquerque Amparo.* — Do outro lado estava tambem collado uma estampilha do mesmo Estado do Paraná representando o valor de duzentos réis, devidamente inutilizada pela mesma fórma que as outras. Era este o conteudo de um abaixo assignado que me foi apresentado para fazer extrahir a presente publica fórma e ao proprio original me reporto em poder da parte apresentante a quem entreguei com este que conferi, subscrevo e assigno, nesta cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal dos Estados Unidos po Brazil, aos vinte e cinco dias do mez de julho de mil oitocentos e noventa e cinco. E eu, Affonso Herculano da Costa Brito, tabellião interino que subscrevo e assigno em publico e raso—Em testemunha da verdade.—*Affonso Herculano da Costa Brito.*

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1895.»

Digitized by Google

DOCUMENTO N. 30

« Carlos da Motta Bandeira e Silva, escrivão vitalicio do Superior Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.

Certifico, por me ser pedido, que revendo os autos de appellação civel, já findos, n. 117, de Curytiba, entre partes, appellante, a Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira, e appellado, o Dr. Vicente Machado da Silva Lima, delles consta o seguinte: Exm. Sr. Dr. juiz de direito da 2ª vara da capital: Vicente Machado da Silva Lima, bacharel formado em direito e advogado dos auditorios desta comarca, vem propor perante o juizo de V. Ex. *acção executiva* contra a Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira, *para haver honorarios* e isto pelos factos que em seguida expõe: Primeiro — Em 21 de novembro de 1895 *contractou* o supplicante com a Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira *o patrocinio de diversas causas de indemnizações contra a Fazenda Nacional por prejuizos que a mesma soffreu durante o periodo revolucionario* em diversas fazendas que possue neste Estado, obrigando-se a mesma a *pagar como honorarios quinze por cento sobre o total das quantias a receber do Governo Federal* (docs. ns. 3, 4, 5 e 6). Segundo—Que, em vista disto, em 14 de janeiro de 1897 propoz o supplicante a primeira acção contra a Fazenda Nacional, reclamando o pagamento da importancia de *257:510$000*, acção que correu os seus termos regulares, tendo sido julgada pelo Dr. juiz da Secção Federal *e de cuja sentença interpoz appellação que se acha pendente de julgamento do Supremo Tribunal Federal* (doc. n. 8). Terceiro — Que em seis de março do mesmo anno propoz ainda o supplicante uma outra acção á Fazenda Nacional para haver a sua constituinte a indemnização de 146:530$, proveniente de gados retirados pelas forças legaes das fazendas da companhia, *estando essa acção*

Digitized by Google

com prova feita e em ponto de razões finaes (doc. n. 9). Quarto—Que pelo contracto feito *montam os honorarios do supplicante na primeira acção á importancia de 38:620$500* e *na segunda á quantia de 21:979$500, perfazendo tudo a somma de 60:606$*, da qual em 21 de novembro de 1895. por occasião de fazer o contracto, recebeu a quantia de cinco contos de réis (5:000$), (doc. n. 4). Quinto—Que descontada essa quantia fica a Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira devendo ao supplicante a somma de *55:606$*, valor da presente acção. Sexto — Que em dias do corrente mez, querendo a companhia illudir as obrigações do contracto que tem com o supplicante e sem motivo plausivel e contra o expresso do que dispõe a Ordenação, livro 3º, tit. 26, § 1º, pois os poderes do seu procurador, não podem ser cassados sinão de accordo com o mesmo, *depois da contestação da lide*, constituido *por intermedio de seu superintendente que assim deu logar á presente acção*, novo advogado que funccionou illegalmente num dos feitos sob o patrocinio do supplicante, requerendo até a desistencia da mesma acção (documento n. 12). Setimo — Que ao supplicante compete acção executiva, para haver seus honorarios. (Barb. e Peg. a Ord. L. 1º, Tit. 24, § 41; Alm. e Souza, *Proc. Exect.* § 130; Ramalho — *Praxe Brazileira* Parte 1ª, Tit. 3º, § 55, §§ 1º e 2º do art. 202 do Decreto n. 5.737, de 2 de setembro de 1894). Oitavo — Que sendo este o fôro competente para correr a acção, pois que aqui teem corrido todas as acções em que tem sido ré a mesma companhia, tendo já em acção movida por Manuel Corrêa de Freitas, sido despresados os embargos que oppoz a companhia, por motivo de incompetencia do fôro, a precatoria para iniciar esta acção (docs. ns. 13 e 14) e porque é aqui a séde de seu principal estabelecimento e de suas operações, mantendo um superintendente

Digitized by Google

com poderes amplos e especiaes para receber citações. (Decisão do aggravo do juiz de direito de S.Paulo, de 5 de dezembro de 1873, *Rev*: n. 8.520, de 12 de agosto de 1874—*Direito*, vol. 8º, pag. 40; Orlando, Cod. Comm., nota 57 ao artigo 60 do Reg. n. 737; accordão do Supremo Tribunal Federal de 12 de julho de 1893.— *Direito*, vol. 62, pag. 32.—Nono—E porque finalmente dado o caso praticado pelo superintendente, procurador geral da companhia, não possa o supplicante haver por outro meio o que lhe é devido, vem requerer a V. Ex. que se digne mandar expedir mandado executivo contra a ré, intimado o seu procurador geral e bastante, com poderes constantes dos documentos juntos sob ns. 11 e 12 (art. 48 do Reg. n. 737, de 25 de novembro de 1850, Ord. L. 3º, Tit. 11, § 3º, Paulo Baptista, *Pratica Civil*, L. 2º, Cap. 1º, § 90; Reg. citado art. 56), procurador por substabelecimento sem reservas *Doutor Leonardo Macedonio Franco e Souza* (doc. n. 11) para vir no prazo de 24 horas, que correrão em cartorio, apoz a citação, pagar ao supplicante a quantia de 55:606$, ou não o fazendo se proceder á penhora dos bens que offerecer ou que forem achados, pertencentes á Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira tantos quanto bastem para pagamento da divida e custas, sob pena de revelia e assim pede que autoada esta seja deferida na fórma requerida. E. R. M. (sobre quatro estampilhas no valor de 1$600).—Curityba, 16 de agosto de 1898.—*Vicente Machado da Silva Lima*. Vae acompanhado de 16 documentos e do talão de pagamento do imposto sobre demandas.

Era ut supra.—*Vicente Machado*.—Autoada como requer. Curityba,26 de agosto de 1898. —*Bevilacqua*.—*Documento n. 3*—Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1895. Exm. Amigo e Sr. Senador Doutor Vicente Machado. Curityba: Recebi no mesmo dia suas estimadas de 29 de novembro e sete do corrente

Digitized by Google

mez e telegraphei o seguinte: Recebi cartas hoje. Agradecido – Resposta primeiro correio.

Cumpre-me agora responder como prometti. Pela cópia aqui junta do recibo de 10 contos de réis que V. Ex. recebeu da Companhia Frigorifica, *fica comprovado que o ajuste entre V. Ex. e a companhia* para tratar da reclamação de gado que foi tomado pelas forças legaes —*é de quinze por cento do que a companhia receber por essa reclamação.* Foram expedidas ordens ao Sr. major Gouvéa para entregar todos os documentos e informações que tivesse sobre o assumpto, pois V. Ex. era advogado da companhia. Vejo as ponderações que V. Ex. faz e dellas deduzo a necessidade de ir a seu Estado para regularizar os assumptos da companhia, aguardando somente que V. Ex. me communique que é lei a pretenção da companhia para ir até lá.—*Procuração*— Junto uma procuração especial por V. Ex. defender ahi os interesses da companhia, fazendo cumprir as precatorias juntas, e convem explicar que as diligencias a cumprir em Curityba são as seguintes:— promover o depoimento de Leite, Gentil & Comp., sob pena de confissão; inquerir testemunhas sobre a contestação e treplica da acção, sob pena de revelia; e sob igual pena proceder a exame nos livros da firma autora. E' possivel que em Paranaguá se procedesse a alguma diligencia o requerimento dos mesmos Leite, Gentil & Comp., convindo, portanto, que a Companhia tenha alli representante substabelecido por V. Ex.E logo que aqui se tenha conhecimento desta supposição, será confirmado por carta.Escrevo hoje ao Sr.major Gouvêa, a quem aliás já escrevi —quando V. Ex. seguiu, dizendo-lhe que era V. Ex. o advogado da companhia. Aqui fico esperando a solução acima para ter o prazer da ir visital-o ahi. Sou com toda a estima consideração de V. Ex. amigo attento

Digitized by Google

e criado obrigado. — Pela Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira, *Camillo de Andrade*. Estava o sello de 400 réis. Reconheço verdadeira a firma supra do que dou fé. Curityba, 25 de agosto de 1898. Em testemunho da verdade. Estava o signal publico.—*Romão Rodrigues de Oliveira Branco*. (Estava o sello de um mil réis) 10:000$—Recebi da Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira a quantia de 10:000$ sendo cinco contos para attender ás despezas judiciaes que fizer na acção que a mesma companhia vae mover pela justiça federal do Estado do Paraná, para haver do Governo da Republica o pagamento do gado vaccum, muar e cavallar pertencente á mesma companhia, de que as forças estaduaes e federaes lançaram mão durante a luta contra a revolta de 6 de setembro de 1893 e depois della, *e cinco contos de réis por conta de meus honorarios como advogado da companhia na mesma acção, que serão 15 % da somma que a companhia recebe do Governo Federal*. E, para constar, firmei o presente. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1895.—(Assignado) *Vicente Machado da Silva Lima*.— Documento n. 5— Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1897. Exm. Sr. Dr. Vicente Machado—Curityba— Tenho presente suas estimadas cartas de 12 e 15 do corrente. Quanto á questão de Palmeiras ficamos muito agradecidos pelas informações que V. Ex. nos dá, e vejo, com prazer, que espera sentença favoravel. Tambem lhe agradecemos as informações dadas quanto á reclamação ao Governo Federal, pelas quaes se vê que, além de 257:510$, importancia liquida, ha ainda a parte sujeita a liquidação. Acreditamos que o documento em publica-fórma, que ultimamente lhe enviamos em carta registrada de 16 deste mez, demonstrando a retirada de 2.467 animaes diversos, vaccum, muar e cavallar, das fazendas -- Floresta, Santa Barbara, Marrecos e S. José do Bom Retiro, irá ac-

Digitized by Google

crescer as nossas reclamações, que sendo justamente avaliadas, devem ser muito importantes. Em todo o caso confiamos no cuidado com que V. Ex. tratará deste assumpto de tanto interesse para a companhia; como para V. Ex. Pede V. Ex. a divisão do contracto desta acção em dous pagamentos, como é de estylo, determinando-nos a entrega de 14:313$250 ao Banco Nacional. Si, no momento, nos fosse facil esse dispendio, a nossa consideração pela pessoa de V. Ex. é tamanha que o attenderiamos promptamente; não o é, porém, porque a companhia tem de momento urgentes pagamentos a attender, que não póde demorar. *E por essa razão pedimos a V. Ex. que attenda ao que ficou combinado e consta do seu recibo, cuja cópia ahi tem.* Nas condições desta questão ella não póde ser regulada pelos outros contractos forenses de somma certa e determinada. *Só no fim da questão é que se póde saber o quantum a pagar.* Eetretanto, logo que fique a companhia mais folgada, a sua directoria procurará attender a V. Ex., fazendo novo adeantamento pelos seus honorarios. Em relação ao pedido que V. Ex. faz da nomeação do Sr. Dr. Xavier,a directoria, logo que se resolvam as questões pendentes e que decidam de tudo, terá o maior prazer em fazer essa nomeação. Somos com a maior estima e consideração de V.Ex. amigos obrigados e criados. Pela Companhia Frigorifica e Postoril Brazileira, *Camillo de Andrade.*—Estava o sello de $400.—Reconheço verdadeira a firma supra, do que dou fé. Curityba, 25 de agosto de 1898. Em testemunho de verdade estava o signal publico. — *Romão Rodrigues de Oliveira Branco.* Estava o sello de 1$000. Documento n. 6. — Exm. amigo Sr. Dr. Vicente Machado.—RESERVADA — A companhia em carta official respondeu ás suas de 12 e 15 do corrente, e eu, particularmente, lhe venho dizer que

Digitized by Google

sômente pelas razões positivamente reaes, allegadas pela companhia, não se póde attender ao seu pedido. Logo que seja possivel eu lhe escreverei. Creio que no documento ultimamente enviado foi reforço a reclamação e peço-lhe, como amigo, todo o empenho nessa questão. Quanto á nomeação do Dr. Xavier nestes trinta dias se decidirá uma questão que a resolverá. Será com extremo prazer que assignarei tal nomeação. Disponha do amigo affectuoso obrigado criado.—*Camillo de Andrade*. 27 de janeiro. Reconheço verdadeira a firma retro, do que dou fé. Curityba, 25 de agosto de 1898. Em testemunho de verdade (estava o signal publico)—*Romão Rodrigues de Oliveira Branco*. (Estava o sello de 1$000). Exm. Dr. desembargador relator do feito n. 117. Diz Vicente Machado da Silva Lima que, pa acção que moveu a Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira para a cobrança de honorarios, como advogado e que se acha por via de appellações no Supremo Tribunal de Justiça, chegou a um accordo com a mesma Companhia constante da escriptura junta e por isso requer a V. Ex. que se digne mandar tomar por termo a desistencia que ora faz e que será afinal homologada; e assim junta esta aos autos, pede deferimente. E. R. Mce. Curityba, 8 de fevereiro de 1899. — *Vicente Machado da Silva Lima*. Estava o sello de $400.— Como requer. Curityba, 10 de fevereiro de 1899. — *Olavo de Mattos*. José Ferreira da Luz, tabellião do publico judicial e notas e official do registro de hypothecas nesta cidade de Curityba. — Certifico que a pedido do Dr. Vicente Machado da Silva Lima e revendo o livro especial de registro de documentos a folhas oitenta e tres, encontrei o lançamento de um accordo que ora me é pedido por certidão, o qual é do teor seguinte: Lançamento de um accordo que me foi apresentado pelo Dr. Vicente Machado da Silva Lima como adian-

Digitized by Google

te se declara: Escriptorio de advogacia do Dr. Vicente Machado da Silva Lima. Nós abaixo assignados Vicente Machado da Silva Lima. Manoel Joaquim Valladão, o primeiro advogado no fôro de Curityba e o segundo director da Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira, de passagem nesta cidade e com poderes constantes da procuração registrada na nota do primeiro tabellião José Ferreira da Luz termos accordado o seguinte: 1.º O primeiro desiste da acção executiva que move á Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira para cobrança de honorarios, *suspendendo a execução nos termos em que estiver, recebendo no acto da assignatura desta a quantia de 40:000$ em moeda corrente*, da qual por este acto dá quitação á mesma acção *ficando em todo o caso salvo o direito do mesmo á porcentagem de 15 °/₀ sobre o valor que se liquidar na acção que a companhia move á Fazenda Nacional, no valor de 257:510$, e cuja acção em grão de appellação acha-se no Tribunal Federal*, descontando-se, entretanto, dessas porcentagens a quantia de 5:000$ que o mesmo recebeu da companhia em 29 de novembro de 1895; obriga-se comtudo a acompanhar em todos os termos a liquidação da sentença, si o mesmo superior tribunal ordenar a liquidação, julgando illiquido o direito da companhia; 2.º O segundo se obriga a requerer ou mandar requerer a desistencia da appellação interposta da sentença do juiz da segunda vara desta capital para o Supremo Tribunal de Justiça, onde se acha, não se responsabilisando por custas e despezas judiciarias, que já estão pagas pelas partes na acção executiva. Para todos os effeitos, assignam ambos este instrumento particular, em duplicata, ficando cada um com um exemplar, que poderão se quizerem registrar nas notas de qualquer tabellião. Estavam duas estampilhas no valor de 400 réis assim inutilizadas. Curityba, 30 de dezembro de 1898.—*Vicente Machado da Silva Lima.—Manoel Joaquim*

Digitized by Google

Valladão. Reconheço verdadeiras as duas firmas supra, do que dou fé. Curityba, 21 de dezembro de 1898. Em testemunho da verdade (estava o signal publico).—*José Ferreira da Luz*. Estavam duas estampilhas no valor de 1$, assim inutilizadas. O tabellião interino, *José Ferreira da Luz*. Nada mais se continha em o dito accordo aqui lançado a 31 de dezembro de 1898. Eu, José Ferreira da Luz, tabellião interino, o subscrevo e dou fé. Era o que se continha em o dito livro, ao que me reporto e dou fé, que bem e fielmente fiz extrahir. Eu, José Ferreira da Luz, tabellião, que a subscrevi e assigno. Curityba, 7 de fevereiro de 1899.—*José Ferreira da Luz*. (Sobre uma estampilha de 1$.) Conferido por mim.—*José Luz*.

Nada mais se continha nem declarava nas peças acima transcriptas, que bem e fielmente fiz extrahir dos proprios originaes, aos quaes me reporto e dou fé. Eu, Carlos da Motta Bandeira e Silva, escrivão do tribunal, a subscrevi, conferi e assigno. Curityba, 20 de novembro de 1901.—*Carlos da Motta Bandeira e Silva*. Conferido por mim, escrivão *M. C. Bandeira e Silva*.— *D. B. e S.*— 24—7—90.»

DOCUMENTO N. 31

« Juizo da Secção Federal do Paraná— A 21 de novembro de 1901.

O escrivão do juizo, revendo os autos de acções propostas contra a Fazenda Nacional pela Companhia Frigorifica, das quaes foi advogado o bacharel Vicente Machado da Silva Lima, certifique ao pé desta *verbo ad verbum* o teor das sentenças com que este juizo as decidiu. Cumpra. Curityba, data supra.— O juiz da secção federal, *Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça*.

Em cumprimento ao que está mencionado, na portaria supra, tenho a certificar que do

Digitized by Google

archivo existente em meu cartorio só constam tres autos de acções de indemnização intentados contra a Fazenda Nacional pela Companhia Frigorifica; destas acções, duas propostas pelo Dr. Vicente Machado da Silva Lima e outra pelo Dr. Macedonio Franco de Souza, em 1898, que declara em uma petição, que se acha a fl. 12 dos respectivos autos, terem-se extraviado, em mãos do então advogado da companhia Dr. Vicente Machado da Silva Lima, uns autos de acção de indemnização intentada pela referida companhia contra a Fazenda Nacional. Certifico mais, que a unica sentença exarada em auto de acção de indemnização intentada contra a Fazenda Nacional pela Companhia Frigorifica e que consta em meu cartorio é a do teor seguinte:—Vistos estes autos, consta delles na petição inicial de fl. 2 que a Companhia Frigorifica Brazileira, por seu procurador, propõe contra a Fazenda Nacional a presente acção com o fim de ser indemnizada da quantia de *257:510$*, allegando que as forças federaes em operações neste Estado, em 1894, por ordem de diversos commandantes se utilizaram de diversas partidas de animaes cavallares, muares, vaccuns e lanigeros das differentes fazendas que a A. possue neste Estado. Allegando minuciosamente o numero, qualidade e preço de taes animaes, conclue a A.:

a) que seus prejuizos na fazenda da Praia, sita em Ponta Grossa, montaram a 39:400$000 ;

b) que na fazenda da Boa Vista, sita em Tibagy, subiram a 26:000$000 ;

c) que na de Santa Helena, comarca de Tibagy, a 5 de maio de 1894, foram a 2:050$000 ;

d) que na de S. João Castro, a 8 de maio de 1894 elles importaram em 23:150$000;

e)que na Nova Tibagy foram de 14:610$000;

Digitized by Google

f) que nas de Santa Branca e S. Bento, em 10 de maio de 1894 a 48:400$, de uma vez, a 10 de maio de 1894,e de outra a 56:500$000;

g) que ainda da fazenda da Praia, a 13 de maio de 1894, sahiram animaes no valor de 15:110$ e a 16 do mesmo anno outra porção no valor de 26:090$000;

h) que ainda da fazenda da Boa Vista, a 2 de setembro de 1894, sahiram animaes no valor de 2:200$000;

i) finalmente, que todos estes prejuizo sprefazem o valor do pedido já referido. O que tudo visto e bem examinado: considerando que a Constituição Federal mantem o direito de propriedade em toda a sua plenitude (art. 72, § 17); considerando que esse direito. como todos os outros não é absoluto e sim limitado pelo interesse social (cit. Const. « tutti diritti sono relativi e limitati d'ell'interessi sociale » Cavagneii, Scienza delle Amm. pag. 47); considerando que entrem esses interesses geraes nem um cede em importancia ao de segurança publica e defeza nacional (lei de 9 de setembro de 1826, art. 1º ns. I e II « esse (limitazione) di piu importante sono le che la legge stabilice n'ell'interessi d'ella difesa nazionale... (cit. Caavagneü); considerando que, embora cessem todas as formalidades nos casos de perigo imminente e de commoção e não possa se effectuar a indemnização prévia, nem por isso fica dirimido o direito do prejudicado para liquidar em tempo habil o valor da mesma (art. 8º da lei de 9 de setembro, cit.; Bluntschli—Theoria Pen. de l'Etat, pag. 219 225—Droit Pub. Pen. pag. 236); considerando que os commandantes das forças em operações neste Estado em 1894 obravam em nome do Poder Executivo e como taes foram verdadeiros mandatarios, sendo conseguintemente a União responsavel pelos prejuizos causados para a execução do mandato (Sande, De La responsabilité, n. 750 e segs.); considerando que a A. demonstra

Digitized by Google

com as declarações authenticadas de fls. 23 e 24, que das fazendas do Boa Vista e do Vorá foram retiradas pelas forças legaes daquella 22 bois e desta 95 bois e 22 cavallos —Considerando que nem uma outra prova foi feita acerca de outros prejuizos allegados porquanto: 1º, as publicas-fórmas de fls. 7 e 22 não teem valor juridico por não terem sido extrahidas com citação da parte nos termos do art. 169 do decreto n. 848, de 1890, e 153 do regulamento n. 737 de 1850 (Rev. n. 8.030, de 24 de julho de 1872) n. 9.462, de 27 de setembro de 1879; n. 10.835, de 2 de junho de 1888; e Acc. Rev. da Relação do Rio de 8 de fevereiro de 1889, na Gaz. Jurid. L. 383 e Direito vs. XX e XLVII pags. 656, 46 e 49 e 208; 2º, *a declaração de fls. 25 não está authenticada com o reconhecimento da lettra de quem a firma*; 3º, *a prova produzida em Castro é nulla de pleno direito por ter sido requerida por advogado sem procuração*, visto como a que foi junto, constitue uma simples publica-fórma de traslado e tirada sem assistencia da parte. (Trindade, nota 69, Rev. n. 9.519, de 5 de fevereiro de 1880. Dir. XXI — 510.) Nem se diga que sendo a publica-fórma de fls. 37 a reproducção da de fls. 6, a presença desta justifica aquella, pois que a publica-fórma de fls. 37 reporta-se a um instrumento extrahido de fls. 171 do livro original, emquanto o traslado de fls. 6 se reporta a um de fls. 177 do livro de notas, o traslado de fls. 6 é extrahido por um escrevente juramentado, emquanto a publica forma de fl. 37 reproduz um instrumento encerrado pelo proprio tabellião — de onde se deduz que a publica forma não se combina com o traslado de fl. 6; 4º, *nulla é a prova produzida na comarca de Tibagy*, porquanto quem a assistiu por parte do A. não tinha poderes legitimos, pois que o advogado substabelecido não tinha poderes para substabelecer como igualmente não

Digitized by Google

os conferiu a procuração de fl. 6, que não rectificou ao impresso. Ora, é doutrina corrente que no mandato *ad negatio* ao Judiciario é necessario que se declare na procuração ser outorgado o poder para substabelecer, conforme a Ord. L. 1º Tit. 48 §§ 15 e 28 (*ubi us procurator ad judicia, et litem,opus est, quod experimentum in mandato datam esse potestatem substituendi*) e mais que, quando mesmo esse substabelecido o seja em forma legal, não pode substabelecer por sua vez sem os mesmos poderes expressos, sob pena de nullidade dos actos praticados (Trindade § 14 a I; T. de Freitas a P. Souza nota 124; Cons. das LL. Civ. art. 470: P. Bueno — Form. Proc. Civil n. 92, caso 7º — Ramos — Contractos art. 653 a 1: Mafra; Juiz dos Feitos a I, procurador; M. Carv. § 137 e nota 52)— *Considerando que as unicas testemunhas legalmente inquiridas* — as de Ponta Grossa — depõem vagamente e de ouvir dizer sobre o allegado na petição de fl. 2; considerando o mais dos autos, *condemno a Fazenda Nacional a pagar á Companhia Frigorifica e Pastoril Brazileira a quantia de 17:050$000*,importancia de 22 bois retirados da fazenda da Boa Vista, ao preço de 100$000 cada um, e mais 95 bois a 110$000 e 32 cavallos a 200$000, retirados da fazenda do *Vorá*, e julgo a A. carecedora de acção, quanto ao restante do pedido. Pague a Fazenda Nacional a decima quinta parte das custas proporcionalmente ao pedido em que decahiu e a A. o restante das mesmas. Curityba, 3 de novembro de 1897.— O juiz da secção federal, *Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça*. Hei esta publicada em mão do escrivão. Data supra.— *Carvalho de Mendonça*. E' o que a respeito me cumpre certificar e de tudo reporto e dou fé. Eu, Raul Plaisant, escrivão do juizo, a escrevi e assigno.— Curityba, 21 de novembro de 1901. —O escrivão seccional, *Raul Plaisant*.»

Digitized by Google

DISCURSO

PRONUNCIADO

Na sessão de 6 de Novembro de 1903

O Sr. Alfredo Varela — Sr. Presidente, affirmei nesta Casa que o Sr. Presidente da Republica fôra meu alliado na campanha que emprehendi no Paraná e relatei minuciosamente os factos que vinham comprovar o que eu aqui sustentara.

Pessoa, supponho, autorizada pelo Presidente da Republica, veiu declarar a esta Casa (não tenho aqui o *Diario Official* respectivo) que a minha narrativa não era exacta em um ponto e assegurou que o Sr. Presidente da Republica apenas me havia dito que eu cumprisse ou fizesse o que a minha consciencia me indicava.

Affirmo eu que o Sr. Presidente da Republica não é capaz de jurar pela honra de suas filhas, de suas nobres filhas, que haja a menor inverdade na narrativa que fiz.

Aqui offereço, em nome do que mais respeito, da honra dos meus mais queridos mortos, um solemne juramento de que disse a verdade.

E, senhores, para comprovar a minha narrativa, ahi estão as proprias palavras attribuidas ao Presidente da Republica.

Pois, então, ouve-me S. Ex., recebe-me para me ouvir com mais descanço, natural,

Digitized by Google

mente, nos seus aposentos particulares; faço um appello á sua pessoa, dizendo-lhe: « si V. Ex. entende que póde ser perturbadora a minha acção no Estado do Paraná, diga, porque immediatamente renuncio a ella»; e S. Ex. diz-me, segundo o Sr. Alvaro de Carvalho, « faça o que a sua consciencia indicar !» Logo, mesmo admittindo esta versão, o Sr. Presidente da Republica não entendia que a minha acção fosse perturbadora...

A confissão é preciosa. E, portanto, eu não mereço da maioria desta Casa os doestos com que foi recebida aqui a minha campanha contra a olygarchia do Paraná: o Sr. Presidente da Republica, pela propria declaração que se lhe attribue, não desapprovou o que eu fiz—pelo menos não desapprovou !

Creio que é significativo !

Quanto ao valor real das minhas palavras e daquellas que são attribuidas ao Sr. Presidente da Republica, ah! eu deixo isto á consciencia do paiz !

Quem não comprehende que, depois da attitude que S. Ex. assumiu, não podia confessar a verdade ?

Mas eu o supponho bom catholico e elle assim se declara: que jure perante os santos Evangelhos, que jure pela maneira por que eu disse, que inverti no minimo, que mudei um só vocabulo nas palavras que attribui a S. Ex. !

Nenhuma, absolutamente nenhuma palavra mudei, não só porque tenho boa memoria, como porque registrei as do Presidente da Republica.

Mais ainda: ha aqui nesta Casa pessoa a quem transmitti immediatamente tudo o que occorreu.

Mais ainda: ha uma pessoa, que a bancada paranaense diz que é honradissima, o Sr. Generoso Marques, e si for preciso appellarei para S. Ex., a quem communiquei em se-

Digitized by Google

guida, o que tinha obtido do Sr. Presidente da Republica.

Era este, pois, um alliado meu !

O SR. CARLOS CAVALCANTI—Peço a palavra.

O SR. ALFREDO VARELA—Tinha a representação do Paraná empenho em retirar daquella terra uma pessoa que (aliás uma supposição injusta), uma pessoa que, entendiam estes senhores, estava alli a incommodar a situação politica local: um distincto capitão. Depois de muitas visitas do Sr. Vicente Machado e do Sr. padre Alberto ao Ministerio da Guerra, conseguiram estes dous representantes do Paraná a transferencia do dito capitão.

Mas havia pressa em pol-o fóra do Paraná; de sorte que partiram daqui innumeros telegrammas:—«Já seguiu o capitão?» «Por que não segue ? » «Façam-no seguir immediatamente.» E, assim, uma serie de recados, deste ou parecido teor.

Comecei então a trabalhar para evitar este incommodo a um velho camarada da Escola Militar; nada consegui do Ministro da Guerra, mas fui ter com o Presidente da Republica, que estava nas disposições que eu aqui declarei á Casa, e S. Ex. escreveu ao marechal Argollo, para que o capitão, que tinha sido transferido, ficasse no Paraná, e ficou.

E' uma prova de que S. Ex. começava a cumprir as suas promessas para commigo.

Si for preciso, requererei para que se obtenha do Ministerio da Guerra cópia desses telegrammas todos, e verificará a Casa que não estou falseando a verdade.

Era, pois, como disse e sustento e implicitamente se verifica da propria declaração official, era o Presidente da Republica meu alliado na campanha que iniciei e, portanto, repito, os doestos que aqui me foram jogados, eu os reparti, em mente, com o Sr. Presidente da Republica. Essa « in-

Digitized by Google

fame », essa « horrivel », essa « tenebrosa », essa « indignissima » campanha em que eu andei e ando não era só minha, era obra tambem do Dr. Rodrigues Alves !

O SR. AZEVEDO MARQUES — O Presidente da Republica não podia responder por outra fórma a S. Ex.

O SR. ALFREDO VARELA—Como não podia?

O SR. AZEVEDO MARQUES — Respondeu perfeitamente.

O SR. ALFREDO VARELA — Eu disse a S. Ex. : falle como quem falla a um filho ; si acha perturbadora a minha acção, recúo ; e S. Ex. respondeu, segundo a versão official : faça o que sua consciencia indicar.

O SR. AZEVEDO MARQUES — Respondeu perfeitamente.

O SR. ALFREDO VARELA — Logo, S. Ex. pelo menos não achava perturbadora a minha acção. Isto é claro ; agora torture palavras quem quizer...

Depois, é facil verificar a verdade ; expuz a questão em termos claros...

O Sr. Presidente (*fazendo soar o tympano*) — Está finda a hora do expediente, que é improrogavel.

O SR. ALFREDO VARELA —Peço a palavra para uma explicação pessoal.

O Sr. Presidente—Tem a palavra o Sr. Alfredo Varela.

O Sr. Alfredo Varela (*para uma explicação pessoal*) — Sr. Presidente, passo a responder ao nobre *leader* desta Casa. (*Pausa.*)

Peço a V. Ex., Sr. Presidente, em nome do Regimento, de que tanto se falla nesta Camara, que me obtenha um pouco de silencio. (*Soam os tympanos.*)

Digitized by Google

O SR. PRESIDENTE — Peço a attenção da Casa.

O SR. ALFREDO VARELA — Dizia eu que passo a responder ao nobre *leader* da Casa.

Manifestou S. Ex., entre outras affirmativas, que o representante do Rio Grande que está na tribuna, tivera o proposito de conjugar a responsabilidade da bancada com a sua, na campanha que iniciou, e dá como prova o facto de eu ter appellado para o juizo de S. Ex.

Sr. Presidente, quem collocou a questão neste terreno foi o proprio Sr. Cassiano do Nascimento, declarando, na sessão de 15 do passado mez, que a Casa devia reeleger o Sr. Alencar Guimarães pelo facto de não terem sido provadas ainda as accusações que eu fizera a este nobre Deputado.

Ora, havendo eu feito posteriormente a exhibição das provas, creio que ficava com o direito de perguntar a S. Ex. o seu juizo sobre ellas.

Logo, eu não tive o proposito insidioso de fazer uma surpresa á minha bancada.

E S. Ex. sabe melhor do que ninguem que eu era incapaz de usar de uma cilada, alem de que, como disse em aparte na sessão de 4, eu já havia communicado a S. Ex. o que ia fazer.

Disse eu então e S. Ex. não contestou: «A prova de que não esperava conjugar a minha acção politica com a da deputação do Rio Grande é que, pela propria bocca de S. Ex., *leader* da Casa, soubera que havia de ter uma resposta de S. Ex. aqui, porque ia fazer a accusação que fiz ao Presidente da Republica.»

Não houve, pois, o proposito insidioso de surprehender um juizo de S. Ex. em meu favor; creio que acabo de o provar.

Vou, porém, collocar a questão em um terreno que lhe dá uma solução normal.

Digitized by Google

Consta que foi unanimemente designado para chefe do partido republicano rio-grandense o illustre Sr. Dr. Borges de Medeiros; eu proponho ao chefe da bancada do Rio Grande que, de commum accordo comigo, seja a questão submettida ao chefe actual do partido republicano rio-grandense e que diga S. Ex., em nome de todos, si se conforma com a moral politica de Julio de Castilhos, qual eu disse aqui, o exercicio da advocacia nos termos em que declarou que a fazia o Sr. 1º Secretario da Camara, isto é, advogar perante autoridades administrativas.

Proponho esta normalissima solução á contenda, repito: nós daqui pedimos ao Sr. Dr. Borges de Medeiros que nos declare si se conforma com a moral politica de Julio de Castilhos a advocacia que tão mal classifiquei aqui.

Acceitará a minha proposta o *leader* da Casa? (*Pausa.*)

E' eloquente e significativo este silencio!

A resposta havia de ser esta e tão sómente esta: que se não conforma em absoluto e, portanto, que não póde continuar com o prestigio da bancada rio-grandense o Sr. 1º Secretario da Camara a occupar o posto em que está.

Mas, Sr. Presidente, outro ponto interessante da resposta de S. Ex.

O nobre *leader* da Casa quiz fazer crer á Camara que eu não o accusava com razão, dizendo que tinha elle um positivo *parti-pris* contra o seu companheiro de bancada.

Está patente nos proprios discursos de S. Ex., no de 31, si não me engano, e no de ante-hontem.

No primeiro, S. Ex. disse que achava natural que eu analysasse os actos da situação do Paraná.

Note-se: isto diz S. Ex. a 31; ha dous dias declara que foi impertinentissima a minha intervenção!

Digitized by Google

Quer dizer que S. Ex. agora já pensa que eu não tinha o direito de me manifestar sobre os negocios publicos do Paraná... E' uma positiva contradicção!

Mais patente ainda, em outro topico do seu discurso, é o *parti-pris* de que fallo.

S. Ex., ao dar noticia das confabulações que tivera com a bancada — não tendo ouvido a outra parte, naturalmente ouvindo apenas a bancada do Paraná, pois eu estava longe daqui,—S. Ex. diz que a paixão me obliterava o julgamento.

Não está patente o *parti-pris*? Como sabia S. Ex. que a paixão me estava obliterando o julgamento, si me não tinha ouvido ainda? (*Pausa.*)

Senhores, manifestas, nos discursos de S. Ex., as prevenções com que me recebeu. Já não quero fallar (pois já fallei por mais de uma vez neste facto) no modo por que S. Ex. me viu receber nesta Casa, sendo eu aggredido pessoalmente...

Quando eu apenas chamara o Senador Vicente Machado de *covardão*, levantam-se tres ou quatro defensores desse conhecido Senador e chamam-me de—mais immoral de todos os homens, *chantagista* (cousa curiosa!), aventureiro—dirigem-me aqui mil insultos, emfim.

O nobre *leader*, socegado, mais perto até do que eu havia dito, assistia a esta scena: não tinha um *bon mouvement* em favor de seu collega! Já não digo que tomasse partido por elle, mas que, como *leader*, ponderasse a seus companheiros: « Senhores, que feitio está tomando a discussão! » ou « Sr. Presidente, invoco a boa vontade de V. Ex. para que termine uma discussão desta ordem. »

Não, senhores; S. Ex. viu insultarem-me grosseiramente, viu dous Deputados se atirarem a mim e não se melindrou absolutamente com taes cousas...

Agora, porque manifesto minha opinião em termos severos sobre o que se passa no

Digitized by Google

Paraná, promettendo, aliás, provas, S. Ex. arremette immediatamente contra um seu velho companheiro !

Não está patente aqui o *parti-pris* ? Senhores, positivamente, esta nossa democracia, além de ridicula, é feroz, ferocissima !

Veja-se o que se passou na chamada — mais unida bancada desta Casa.

Admittamos que eu me tivesse transviado ; que é que mandava a sympathia natural que devia existir entre companheiros da mesma jornada ? « Vamos trazer aquella ovelha desgarrada ao aprisco (deviam ter pensado os meus), com um pouco de benevolencia attrahil-a ao bom caminho.»

Não, senhores ; o que vi foram pedras em cima do já aggredido collega!...

O Sr. Nascimento tratou-me como se sabe ; o Sr. Darcy, este, chega a inverter minhas palavras, a dizer que eu insultei a Camara, que me considerei o unico homem puro nesta Casa !...

O Sr. Presidente—Attenção !...

O Sr. James Darcy — Não inverto palavras de ninguem, quanto mais de V. Ex.

O Sr. Alfredo Varela — Ahi estão as notas tachygraphicas.

O Sr. James Darcy—V. Ex. insultava a Camara constantemente.

O Sr. Alfredo Varela—Não insultei a Camara ; não é capaz de citar uma palavra de insulto á Camara, proferida por mim.

O Sr. James Darcy—Cito já: respondeu ao Sr. Jesuino Cardoso, Deputado por São Paulo, a proposito de receios do exercito, deste modo— o que esta gente teme !

Esta gente são seus collegas, *esta gente* é a Camara dos Deputados.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Não foi essa a minha expressão; mas, admittamos que a tivesse dito ?

O SR. JAMES DARCY—Admittamos, não; asseguro que disse.

O SR. ALFREDO VARELA— Mas ha algum insulto em dizer da Casa— esta gente ?

O SR. JAMES DARCY—E' um tratamento de desconsideração manifesta.

O SR. ALFREDO VARELA—Então não é mais gente...

O SR. JAMES DARCY—V. Ex. conhece bem a lingua ; agora é que quer escapar-se com desculpas desta ordem.

O SR. ALFREDO VARELA—Quem não sabe, senhores, que sou um novato na tribuna ?

Eu devo ser julgado, não por meia duzia de palavras que aqui tenha dito, mas por minha vida inteira neste recinto. E outro dia tive a satisfação de ouvir do honrado Sr. Dr. Anizio de Abreu estas palavras:

Que eu nesta Casa sempre fôra tido como excessivo em questões de delicadeza.

O SR. JAMES DARCY—Mas agora não o é, agora não se póde dizer o mesmo.

O SR. ALFREDO VARELA — Ora, si eu assim sou julgado por uma vida de tres annos aqui, para que este rigor, esta severidade agora contra mim, porque usei de palavras um pouco vehementes, um pouco vigorosas?!

Por que não se levantou irado o nobre Deputado quando viu insultar um seu companheiro ?

O SR. JAMES DARCY— V. Ex. fallava com tal vehemencia que não precisava de defensor.

O SR. ALFREDO VARELA — A prova de que precisava é que se levantaram para

Digitized by Google

evitar uma aggressão os Srs. Fernando Prestes e Marçal Escobar.

O SR. PRESIDENTE — A discussão não póde continuar por dialagos.

O SR. ALFREDO VARELA — E' sempre a questão dos dialogos.

O SR. JAMES DARCY — Chamado nominalmente á discussão, como não responder, Sr. Presidente ?

O SR. ALFREDO VARELA — E, depois, é curioso que, tendo sido eu, bem ou mal, um dos fundadores do partido republicano do Rio Grande do Sul, um dos poucos que se reuniram em Porto Alegre na convenção de fevereiro, para creal-o ; é curioso que eu veja um novato, um joven Deputado, como disse um jornal da cidade, o Sr. Deputado James Darcy, vir nesta Camara chamar-me á ordem em questão de fidelidade a principios do meu partido.

O SR. JAMES DARCY — Chamar á ordem o nobre Deputado! Acaso não temos Mesa aqui ? Acaso pretendi eu desprestigiar a Mesa ?

O SR. ALFREDO VARELA — V. Ex. não tinha autoridade para isso...

O SR. JAMES DARCY — Está claro ; nem V. Ex.

O SR. ALFREDO VARELA — V. Ex. é que precisa aprender com os meus exemplos de fidelidade...

O SR. JAMES DARCY — Não preciso de exemplo de fidelidade de ninguem. V. Ex. aponte um acto de infidelidade de minha parte, si fôr capaz.

O SR. ALFREDO VARELA — Vou dar um exemplo.

O SR. JAMES DARCY—Dê.

O SR. ALFREDO VARELA — E'-me penoso, mas vou dar á Casa um exemplo de que

Digitized by Google

não me sujeito sem protesto a sermõesinhos de quem não tem autoridade para admoestar.

O SR. JAMES DARCY — Si se refere a mim, retruco nos mesmos termos: V. Ex. não tem autoridade, absolutamente, para fallar em fidelidade, dirigindo-se a mim ! Não teve, não tem, não terá.

O SR. PRESIDENTE—Attenção !

O SR. ALFREDO VARELA — Mas, dizia eu que ia dar uma prova nesta Casa de que S. Ex. não tem autoridade para chamar-me á ordem em questões de fidelidade a principios de minha bandeira politica.

No principio de sua carreira, ha bem pouco tempo, o Sr. James Darcy era idolatra do Sr. Ruy, aqui no Rio de Janeiro.

O SR. JAMES DARCY—Era.

O SR. ALFREDO VARELA—Em uma rapida viagem de cinco dias ao Rio Grande do Sul, transformou-se em um grande castilhista.

O SR. JAMES DARCY—Peço a palavra.

O SR. ALFREDO VARELA — Fallo nestas cousas, como disse, com magoa e contrariedade.

O SR. JAMES DARCY—Hei de mostrar que não ha motivos para magoas.

O SR. ALFREDO VARELA — Mas é preciso que eu defenda o prestigio da cadeira que occupo nesta Casa, em nome do Rio Grande do Sul.

Cito o facto e quero ver como V. Ex. o explica.

O SR. JAMES DARCY—Hei de explicar cabalmente. Si quer, eu explico já.

O SR. ALFREDO VARELA — E' muito novo em nosso gremio para vir chamar á ordem a um veterano, como sou.

O SR. PRESIDENTE — Só quem póde chamar á ordem aqui é a Mesa.

Digitized by Google

O SR. JAMES DARCY— V. Ex. não póde dar exemplo neste assumpto, porque interrompe sempre todos os oradores com apartes.

O SR. ALFREDO VARELA — Onde mais se mostra curiosa a susceptibilidade de alguns representantes de minha bancada é no seguinte: a bancada paranaense, pelo seu representante, naturalmente de mais prestigio, pois fallou em nome de todos, o Sr. Carlos Cavalcanti, disse aqui desta tribuna que lhe merecia suspeição o mandato de que estamos investidos. Pois o *leader*, por mais que eu repetisse isto na Casa, fez ouvidos de mercador.

A ousadia do Sr. Deputado, de pôr em suspeição o nosso mandato, não lhe mereceu protesto algum.

Agora corre pressuroso S. Ex. em defesa do Sr. Vicente Machado, aquelle que na opinião de Julio de Castilhos era o politico mais digno de desprezo neste paiz.

O SR. BELISARIO DE SOUZA — Está escripta a opinião de Julio de Castilhos?

O SR. ALFREDO VARELA—Eu a ouvi muitas vezes. Si V. Ex. acredita em minhas palavras...

O SR. BELISARIO DE SOUZA — Si está escripta, a mim interessava ler.

O SR. ALFREDO VARELA — Ainda ha um ponto curioso que merece resposta. Quando eu disse que faltava ao Sr. Cassiano do Nascimento autoridade para pôr-me fóra da bancada, o Sr. James Darcy, com ar grave e solemne disse:

« Já que estamos na hora das confissões... »

Qual era a grande confissão?

Que a bancada havia escolhido para *leader* o Sr. Cassiano!

O SR. JAMES DARCY—Foi uma cousa dita sem affectação.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA—Não contestei tal cousa; o que contestei e continúo a contestar é que S. Ex. tenha autoridade para pôr-me fóra da bancada.

Agora o que faço é offerecer a S. Ex. um meio de chegarmos a um julgamento sereno do caso: fazermos de commum accordo uma pergunta ao Sr. Borges de Medeiros (o Sr. *leader* está me ouvindo), a qual é: si se conforma com a moral politica de Julio de Castilhos a advocacia que até hoje tem praticado o Sr. Alencar Guimarães.

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO—Opportunamente responderei a V. Ex. (*Ha outros apartes.*)

O SR. ALFREDO VARELA — Mas, Sr. Presidente, levantou-se uma tremenda celeuma pelo que eu disse a respeito de varios Estados da Republica.

E' um melindre muito especial que estou notando nesta Casa e não sei como explicar, pois não fiz mais do que repetir em termos muito indulgentes o que diz quasi toda a imprensa deste paiz, aliás sem protestos dos illustres representantes dos Estados a que fiz referencia.

Ora, disse eu isto simplesmente: « O Amazonas está entregue systematicamente ao saque...»

O SR. RAYMUNDO NERY — Soccorrendo-se de palavras não verdadeiras.

O SR. ALFREDO VARELA — E' o que vamos verificar.

Disse, entretanto, um orgão autorizadissimo desta Capital o que vou ler e a bancada do Amazonas não teve o minimo protesto a oppôr ao que estampou esse jornal.

« Deixando S. Paulo, que merecia a primazia, porque dalli partiu a regeneração republicana, vamos ao Amazonas. Contestam seus representantes que de cada kilo de borracha, naquelle Estado, por força

Digitized by Google

de uma concessão feita ultimamente pelo Sr. Sylverio Nery, se cobram 100 réis para um banco particular, só com o fim de beneficiar amigos e associados dos donos da terra com 1.600 contos por anno, ou 16.000 contos em 10 annos, prazo da concessão ?»

Ahi está um facto gravissimo e os senhores representantes do Amazonas não oppuzeram o minimo protesto a esta affirmativa.

O SR. RAYMUNDO NERY—Entendemos que não deviamos dar resposta.

O SR. ALFREDO VARELA—E' curioso modo de contestar duras verdades.

Ouvi protestos de representantes do Pará. Apenas disse que alli se havia em absoluto supprimido o direito de reunião.

O SR. PASSOS MIRANDA — Mas não provou e a prova eu posso dar a V. Ex. em contrario, porque o Dr. Lauro Sodré, ainda no dia 17, teve uma manifestação e todos os jornaes desta Capital fizeram referencias ao brilhantismo da mesma.

O SR. ALFREDO VARELA — E outras que não pôde ter ?

O SR. PASSOS MIRANDA — Não pôde ter, porque o governo do Pará não podia consentir que arruaceiros dessem vivas a Lauro Sodré e morras a Augusto Montenegro.

O SR. ALFREDO VARELA (*lê*):

« Sem tempo nem espaço para nos entretermos com outras magicas do Amazonas, passemos ao Pará. Não se trata de reformar alli a Constituição do Estado, sem outro intuito que o de prolongar o governo do Sr. Montenegro ? E' possivel escurecer a perseguição feroz que se move naquella terra aos opposicionistas? Para perseguil-os e atterral-os, não se armaram malfeitores e criminosos que dormem á sombra da protecção politica ?

Digitized by Google

Numa das ruas da propria cidade de Belém não foi, por ordem superior, espancado um ex-deputado federal, que veiu a fallecer em consequencia da brutal aggressão? Até agua, supprida pela administração publica aos particulares, não se nega aos adversarios?»

O SR. PASSOS MIRANDA — Isto tambem disse o *Democrata* no tempo do Sr. Lauro Sodré.

O SR. ALFREDO VARELA (*lê*)—«Todo...»

O SR. PASSOS MIRANDA — O Sr. Malaquias Gonçalves póde dizer si elle morreu em consequencia das pancadas.

O SR. ALFREDO VARELA — Fiz referencias ao Ceará. Foi um barulho tremendo!

Pois, Sr. Presidente, no dia immediato este grave orgão, popularissimo nesta Capital e em todo o paiz, disse:

«Todo o vozear irado dos Srs. Frederico Borges e Francisco Sá não conseguirá demonstrar que o Ceará não seja um feudo do Sr. Accioly, como o Rio Grande do Norte do Sr. Pedro Velho. Lembrou-se, na Camara, que a influencia do Sr. Accioly data do Imperio, mas naquelle tempo elle nunca foi, como hoje, senhor sem contraste daquella terra fadada para mais nobres destinos. A sua força era contrabalançada pela dos outros grupos politicos que por si tinham vozes no parlamento e a perspectiva de lhes caber um dia o governo. Demais: acima do Sr. Accioly estava o Imperador do Brazil, protector natural de todos os brazileiros, aos quaes procurou sempre amparar das injustiças e oppressões partidarias.»

Vejam VV. EEx. a que extremo já chegámos: um jornal, dirigido por um republicano, faz esta grave declaração de que o

Digitized by Google

Imperador era o protector natural dos brazileiros... Dil-o seguramente, porque os brazileiros vivem hoje sem o patrocinio do chefe da Nação !

O Sr. Belisario de Souza — Mesmo porque o Imperador tinha qualidades que hoje nenhum outro póde ter.

O Sr. Eduardo Studart—Em relação ao Ceará, V. Ex. disse apenas que havia olygarchia, mas garanto a V. Ex. que lá não houve nem ha olygarchias.

O Sr. Alfredo Varela—A referencia ao Estado de Alagôas?

Apenas fallei no modo como alli uma familia se tinha apossado quasi em absoluto do dominio da terra.

Diz sobre este ponto o talentoso articulista:

> « Toda a algazarra da Camara não poderá destruir o facto de que o Sr. Euclides Malta, governador de Alagôas, fez reformar a Constituição para tornar elegivel seu irmão e assim perpetuar-se no governo do Estado. De como se passou esta tramoia e sobre a idoneidade do irmão do Sr. Euclides para o alto cargo que está occupando, o Sr. Varela não poderia offerecer melhores informes do que os fornecidos pelo manifesto do barão de Traipú, até ha pouco chefe respeitado e incontestado da representação alagoana no Congresso.»

O Sr. Wanderley de Mendonça—V. Ex. não conhece os negocios de Alagôas. Somos os unicos juizes nesta questão.

O Sr. Alfredo Varela—Diz o nobre Deputado que os representantes de Alagôas são os unicos que podem conhecer da questão !

O Sr. Wanderley de Mendonça—Naturalmente, porque lá não ha partido de opposição. Não conhece, repito, os negocios de Alagôas.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA—Não conheço como se fazem essas tramoias...

O SR. WANDERLEY DE MENDONÇA—Qual tramoias! O governador está muito bem no cargo. O Sr. Barão de Traipú recolheu-se á vida privada, retirando-se voluntariamente da politica.

O SR. ALFREDO VARELA—Não havia mais logar para elle no scenario politico daquella terra!

Mas onde se tornou escandaloso o vozear contra os pronunciamentos do orador, foi quando elle se referiu ao Estado de S. Paulo.

Eu o fiz, supponho, com verdadeiro comedimento, e apenas mencionando o que haviam dito todos os jornaes daqui e de São Paulo e, mais ainda, o proprio *leader* do Governo no Congresso local.

O Sr. Dr. Herculano de Freitas confessou que, de facto, o Governo de S. Paulo retirara sem autorização orçamentaria, 500:000$ para auxiliar um banco particular em crise.

Pois foi o que eu disse.

Mencionei apenas o arbitrio, sem usar do minimo qualificativo, quanto mais de vocabulo offensivo qualquer.

No emtanto, sem protesto de ninguem, o mesmo jornal fez uma grave referencia que alcança a representante desta Casa. Note, Sr. Presidente, que um jornal autorizadissimo desta Capital, a mais popular folha do Brazil actualmente, fez menção de um facto que attinge á honorabilidade de um representante desta Casa, e não vi protesto algum.

Vou citar o facto (*lendo*):

« E, si o Sr. Varela se tivesse referido ao escandaloso contracto de advocacia, na liquidação da Sorocabana...»

O SR. AZEVEDO MARQUES — Peço a palavra.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — «... celebrado com um Deputado Federal...»

O SR. ELOY CHAVES—E' um dos mais puros membros desta Camara.

O SR. ALFREDO VARELA — Eu não qualifiquei...

O SR. ELOY CHAVES—Ninguem é obrigado a discutir artigos de jornaes.

O SR. ALFREDO VARELA — Estou citando o facto.

O SR. ELOY CHAVES—E eu estou fazendo a devida rectificação,

O SR. ALFREDO VARELA — Não commento o facto ; estou citando-o, não pelo prazer de incommodar a quem quer que seja, mas para provar que fui indulgente na minha referencia.

O SR. ELOY CHAVES — Indulgente, não ; podia ser justo.

O SR. ALFREDO VARELA — Entretanto, li em uma folha diaria que um membro da bancada paulista tinha dito que o Sr. Dr. Rodrigues Alves não me havia recebido, porque eu ora um homem immoral.

O SR. COSTA JUNIOR dá um aparte.

O SR. PRESIDENTE—Attenção !

O SR. ALFREDO VARELA—Então diz que assim me qualificou ?

O SR. COSTA JUNIOR—V. Ex. diz que affirmaram que o Presidente da Republica não o recebera por isso. Não fallei no Sr. Presidente da Republica nem trago o nome de S. Ex. para tratar dessas questões.

O SR. ALFREDO VARELA—Mas faça o favor de repetir o aparte.

O SR. COSTA JUNIOR — Mas para que ? (*Soam os tympanos.*)

O SR. PRESIDENTE—Attenção ! Nenhum Deputado póde referir-se ao outro de modo injurioso.

Digitized by Google

O Sr. Costa Junior—O que V. Ex. quer é provocar escandalos. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente—Attenção! Não admitto apartes desta ordem, partam de quem partir.

O Sr. Costa Junior—Obedeço a V. Ex., Sr. Presidente.

O Sr. Presidente—Sem duvida. Deve obedecer á Mesa.

O Sr. Alfredo Varela—Quizera que repetisse, e, si a Mesa retirou, vou repetir. Quero servir-me de uma injuria de S. Ex. para recommendar-me a todo o paiz. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente—Attenção! Peço ao nobre Deputado que se dirija á Mesa.

O Sr. Alfredo Varela—Eu dizia a V. Ex., e quero que fique registrado no meu discurso, que ia repetir o vocabulo de que se serviu o Sr. Costa Junior, para erigil-o em elogio a mim perante esta nacionalidade, que bem conhece esse escravo de todos os despotismos. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Costa Junior — Quem é o escravo?

O Sr. Alfredo Varela — V. Ex. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Costa Junior — Peço a palavra. Assim o quiz, assim o terá.

O Sr. Presidente (*dirigindo-se ao Sr. Alfredo Varela*) — Attenção! V. Ex. não póde proferir esta palavra, não póde denominar de escravo quem quer que seja.

O Sr. Costa Junior (*dirigindo-se ao Sr. Presidente*)—Peço a V. Ex. que não a retire, que não mande retiral-a, porque estou acima della e do nobre Deputado. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente—Não é V. Ex. que é offendido, é a Camara. Chamo á ordem o

Digitized by Google

Sr. Deputado Alfredo Varela. Não é possivel que continue esta discussão. (*Apoiados.*) E' um escandalo todos os dias, com prejuizo dos trabalhos da Camara.

O Sr. Costa Junior — Com prejuizo da moralidade.

O Sr. Alfredo Varela — Quem arma os escandalos?

O Sr. Presidente—Não admitto discussões desta ordem. Não posso permittir dialogos, nem com os Deputados, nem com a Mesa.

O Sr. Alfredo Varela—V. Ex. não repelliu...

O Sr. Presidente—V. Ex. vê que tenho chamado á ordem todos os Deputados que proferem palavras injuriosas, sejam quaes forem.

O Sr. Alfredo Varela—Não duvido, mas creio que é prezar de modo curioso o prestigio desta Casa não deixar que se proteste contra uma expressão injuriosa que foi registrada.

O Sr. Costa Junior dá um aparte. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente—A Mesa chamou a attenção.

O Sr. Costa Junior—Tome satisfações lá fóra.

O Sr. Alfredo Varela—Não sou gladiador como V. Ex. (*Soam fortemente os tympanos.*)

O Sr. Costa Junior—Mas é um demolidor daquillo que não tem.

O Sr. Presidente — Attenção! Ordem! Ordem!

O Sr. Costa Junior—E' um naufrago da opinião publica. (*Trocam-se outros apartes que abafam a voz do orador. Soam fortemente os tympanos.*)

Digitized by Google

O SR. PRESIDENTE — Attenção! Ordem! Ordem! Chamo a attenção do nobre Deputado por S. Paulo.

O SR. ALFREDO VARELA—Sr. Presidente, conheço ha muitos annos o Sr. Deputado Costa Junior nesta Casa e, por mais que busque e rebusque nos *Annaes*, não conheço outra prova da existencia de S. Ex. aqui sinão esta admiravel aptidão para, em tremendos berros, atirar-se contra os seus collegas. (*Trocam-se varios apartes. Soam os tympanos.*)

O SR. PRESIDENTE—Attenção!

O SR. COSTA JUNIOR—Eu me consideraria infeliz si tivesse elogios do Sr. Varela.

O SR. ALFREDO VARELA — Não estranho isso em tal senhor...

Trata-se de um caso de teratologia. Nos individuos normaes é em região inferior do apparelho gastro-intestinal que o organismo rejeita o que não póde assimilar. Este que ahi está projecta sobre os que o irritam as suas impurezas pelo extremo opposto: pela vil bocca diffamadora.

O SR. PRESIDENTE— A discussão não póde continuar assim.

O SR. ALFREDO VARELA—Attenda V. Ex. aos insultos que me são dirigidos.

O SR. PRESIDENTE— Tenho chamado á ordem todos os Srs. Deputados.

O SR. COSTA JUNIOR — E' um homem que não tem nada a perder; é um infeliz, que traz um estigma desde o berço.

O SR. ALFREDO VARELA — Eu desafio V. Ex. a que faça a analyse do meu berço, de minha vida inteira.

O SR. COSTA JUNIOR — Não me deixam...

O SR. ALFREDO VARELA (*com força*) — Pois vamos discutir o caso na imprensa. Acceite, si é capaz!

Digitized by Google

O Sr. Presidente—A discussão não póde continuar como vae.

O Sr. Alfredo Varela—Era muito facil continuar serenamente: bastava que o Sr. Costa Junior não houvesse mantido o que vem em um jornal contra mim, como dito por S. Ex.

O Sr. Presidente—Nem a Mesa nem a Camara respondem pelo que vem nos jornaes.

O Sr. Belisario de Souza—Não é praxe responder na Camara ao que apparece nos jornaes. (*Apoiados ; ha outros apartes.*)

O Sr. Presidente—Está dada a hora. Vai-se passar á segunda parte da ordem do dia.

Peço a V. Ex. que resuma a sua explicação pessoal.

O Sr. Alfredo Varela—Disse um nobre Deputado que eu não devia responder. Não pensa assim o nobre Deputado por S. Paulo, o Sr. Jesuino Cardoso, que corrigiu um aparte que deu ao meu discurso e desmentiu um insulto que se lhe atttribuia. (*Apartes.*) E' opinião só de S. Ex.

O Sr. José Bonifacio—E' a opinião da Camara e dos homens dignos.

O Sr. Alfredo Varela—Ha um meio muito facil de VV. EEx., que se mostram tão atrabiliarios, pôrem termo a esta discussão: suspenderem o Deputado.

O Sr. Gastão da Cunha—De que maneira?

O Sr. Alfredo Varela— A suspensão está prevista no Regimento.

O Sr. Jesuino Cardoso—V. Ex. dá licença para um aparte?

O meio era V. Ex. cumprir o seu dever como entende, mas fazel-o em termos dignos e elevados.

O Sr. Alfredo Varela—Preciso primeiro manter o prestigio do logar que aqui me deu o Rio Grande do Sul.

Digitized by Google

O SR. JOSÉ BONIFACIO—Si V. Ex. não tem prestigio, como quer manter o do logar que occupa ? (*Ha outros apartes. Sussurro.*)

O SR. ALFREDO VARELA—Como diz V. Ex. ? (*Pausa.*) Veja-se como perderam a calma alguns dos meus collegas ! Não sabem repetir o que dizem !... (*Continuam os apartes e o sussurro. Soam os tympanos.*)

Senhores, eu já esperava, e bem tardia me parece, a violenta aggressão do Sr. Costa Junior ; elle está se doendo com justo motivo pela olygarchia paranaense, que lhe deu pingues terras... (*Tumulto, protestos violentos. Interrupção.*)

O SR. COSTA JUNIOR (*com energia*) — Si V. Ex. provar que Costa Junior recebeu um metro de terra do Paraná, comprometto-me a retirar-me desta Casa como indigno, cousa que V. Ex. devia ter feito antes de mim.

Peço a prova: tem deante de si um homem de bem !

O SR. GASTÃO DA CUNHA—E' um repto solemne que V. Ex. deve acceitar.

VOZES—Prove ! Prove ! (*Trocam-se vehementes apartes. Tumulto.*)

O SR. ALFREDO VARELA—Prove elle primeiro o que affirmou a meu respeito.

O SR. GASTÃO DA CUNHA—O Sr. Costa Junior foi accusado de ter obtido, por meios indecentes ou venaes, terras em S. Paulo; eu não o acredito capaz disto e V. Ex. deve trazer a prova, si é capaz.

O SR. COSTA JUNIOR—E, si não provar, prometto que hei de esbofeteal-o na praça publica, porque é um miseravel, um bandido.

O SR. ALFREDO VARELA—Não é capaz disso, não passa de um fanfarrão ridiculo ! Eu o desprezo !

O SR. PRESIDENTE—Attenção. Chamo á ordem os nobres Deputados. (*Tumulto. Suspende-se a sessão.*)

Digitized by Google

O Sr. Alfredo Varela (*continuando*)—Sr. Presidente, ninguem mais do que eu lamenta um incidente da ordem deste a que V. Ex. acaba de pôr termo.

Mas notem os meus collegas a justiça do que vou dizer: si é manter o prestigio da Casa, como diz o Sr. Presidente, o impedir que se deem no recinto scenas desta ordem, tambem é exhibir zelo pelo mesmo prestigio da Casa o protestar contra qualificativos deprimentes, attingindo a membros da Camara, como esse que citei, registrado por uma folha diaria.

O facto foi tanto mais de merecer a minha repulsa aqui, quanto se viu que o Sr. Deputado Jesuino Cardoso, da bancada paulista, promptificou-se a oppor o seu desmentido á *Noticia*. O mesmo não vi da parte de outro collega. E eu pergunto aos homens de bem desta Casa: póde-se deixar que corram em publico os epithetos mais insultuosos, sem que o offendido opponha os devidos protestos?

Não sou eu, portanto, quem levanta a celeuma que tão severas palavras mereceu da Mesa e, sim, quem deu originariamente causa a ella; não fui eu, por certo!

O Sr. Barbosa Lima—Apoiado.

O Sr. Alfredo Varela—Depois, senhores, eu estou só nesta Casa, em uma posição difficil, porque me vejo alvo de multiplos ataques. Isto devia provocar um pouquinho a generosidade dos poderosos do dia. Si, mesmo, por acaso, uma palavra minha tivesse tom mais ou menos energico, não ficava mal á maioria deixal-a passar...

Quanto mais sendo eu o aggredido, como fui, repito!...

O aggredido podia...

O Sr. Paulino Carlos—Mesmo chamando de ladrão a um seu collega?

O Sr. Alfredo Varela—A phrase não é essa, Exm.

Digitized by Google

O SR. ELOY CHAVES — Pois quem obtem terras illicitamente, o que é ?

O SR. COSTA JUNIOR—Ah ! si é explicação, ouçamos.

O SR. ALFREDO VARELA—Eu oppuz um insulto a outro.

Mas, Sr. Presidente, viu-se que offereci ao aggressor ensejo para terminar o incidente, porque affirmei que um jornal o havia publicado e S. Ex., si quizesse, podia affirmar que não fôra o autor da injuria. Não o fez, porém. Manteve o insulto e eu fiquei com o direito de revidar.

A propria lei autoriza-me a oppor injuria a injuria.

UM SR. DEPUTADO—Então confessa ?

O SR. ALFREDO VARELA — Não confesso cousa alguma ; mostro por um primeiro enunciado...

O SR. BEZERRIL FONTENELLE—Apoiado.

O SR. ALFREDO VARELA—... que não provoquei o Sr. Costa Junior; pelo contrario, facultei-lhe uma occasião...

O SR. PRESIDENTE — Attenção ! A Mesa exige o respeito...

O SR. ALFREDO VARELA—A quem diz isto V. Ex. ?

O SR. PRESIDENTE — ... porque o Regimento determina...

O SR. ALFREDO VARELA—A quem diz isto V. Ex. ?

O SR. PRESIDENTE— ... o respeito mutuo.

O SR. ALFREDO VARELA—Mas a quem diz isso V. Ex. ?

O SR. PRESIDENTE—Digo a todos os Srs. Deputados.

O SR. ALFREDO VARELA—Então, recebam todos a lição.

Digitized by Google

Não estou dando explicações a ninguem em particular e apenas explico á Casa que fui o injuriado; facultei a um collega o meio de repudiar a noticia, não lhe pedindo aliás palavras de estima. S. Ex. não o quiz, sustentou o que publicaram os jornaes.

Um caso destes dispensa maiores commentarios; julgue a boa opinião de meu paiz.

Vou terminar, Sr. Presidente, e chego ao ponto mais importante do meu discurso.

Um orgão desta cidade achou incoherente uma declaração que fiz em sessão passada, quando orava o *leader* da Casa.

A estranheza que mostra talvez provenha do facto de que não foi devidamente registrado o que eu disse. Quando, no meio de uma saraivada de apartes, ouvi o Sr. Dr. Soares dos Santos dizer: «V. Ex. está levantando a bandeira federalista, a bandeira revisionista», oppuz immediatamente: « Não ha tal, não sou revisionista, no momento. Expliquei o meu pensar na sessão de sabbado.»

De facto, revisionista no sentido que disse S. Ex., não o sou.

Já no proprio discurso a que fiz allusão, disse á Casa e ao paiz o que penso desta magna questão.

Permitta a Camara que eu leia:

> « Mudem as leis e as instituições, a abjecção será a mesma, emquanto a guarda de uma e de outras for confiada, como até aqui, a quem se esforça em corrompel-as e degradal-as: a equivocas figuras politicas que assaltaram o poder da maneira mais indigna commummente e fazem delle o escudo, o broquel de todos os crimes, manto de todos os desatinos e prevaricações.
>
> A realidade é esta: vergonhoso o painel que apresenta a Republica, mas cego quem attribue suas desordens ás instituições tão sómente e procura restaural-a mudando o regimen da federação.

.....

Digitized by Google

A luta inicial dos patriotas bem intencionados ha de ser, portanto, contra os dominadores: não esqueçam que é mister SUBSTITUIR ANTES OS HOMENS, RENOVAR DEPOIS AS INSTITUIÇÕES.

Opprimido pelas olygarchias mais descaradas e brutaes, o Brazil mal respira. Como ter entendimento claro para as altas locubrações necessarias a tão profunda reforma, como essa da Lei das leis, com o pé no pescoço e nos estertores da asphyxia?

Precisa antes ver-se livre e com vida, sob pena de lhe estarmos a talhar a tunica para o baptismo da regeneração e ser o tardio artefacto de nosso incauto amor civico simples mortalha de uma inditosa nacionalidade. »

Faz comprehender melhor talvez o seu pensamento com esta imagem: um doente, atacado de consumpção, sente que um malvado lhe aperta ao pescoço um cordel com que o vae anniquilar.

Nesse transe, procura elle medicina para a sua miseria physiologica ou rompe com todas as forças de que dispõe o laço que o assassina? Primeiro, precisa livrar-se da morte imminente, para cuidar depois daquella que o ameaça menos immediatamente.»

Nesta imagem torno claro o meu pensamento politico: primeiro, libertar o Brazil das garras dos actuaes dominadores, quasi por toda a parte, e depois então pensar no melhor meio de o recompor e restaurar.

O SR. BARBOSA LIMA—Esta miseria physiologica é por causa da Constituição de 24 de fevereiro ou apezar della?

O SR. BELISARIO DE SOUZA dá um aparte.

O SR. ALFREDO VARELA—Eu, senhores, tinha dado o meu pensamento sobre a revisão, de maneira precisa, já no anno de 1899.

Digitized by Google

Hão de me permittir que cite um insignificante livro...

O Sr. Belisario de Souza— Não apoiado.

O Sr. Alfredo Varela (*lê*) :

« Os constituintes de 1891 seguiram em tudo o mesmo irracional procedimento de seus antecessores imperiaes. Para elles a nacionalidade brazileira continuava a ser cousa analoga a esse barro de que se servem os estatuarios, susceptivel de receber a fórma que a imaginativa lhes suggerisse : tomaram do modelo norte-americano, imitaram-lhe os contornos, e eis ahi como surgiu de *ponto em branco* a Constituição de 24 de fevereiro.

Não sómente não se pensou em estudar si poderia servir-nos, como não se tratou de verificar si offerecia bastantes garantias de estabilidade, condição por excellencia de todo governo. Dahi a instabilidade da Republica, que espiritos superficiaes attribuem só aos defeitos de seus administradores e ás discordias civis.

Erro palmar. Como querer que manobre vantajosamente e supporte a tempestade com exito o barco de pequeno porte, com a mastreação inadequada de um grande veleiro ? Assim deslocado seu centro de gravidade, o equilibrio é-lhe impossivel. Mude-se embora a marinhagem, pilotos e capitão, por outros mais habeis, pouco importa : o mal está no monstruoso feitio da embarcação.

« Acontece que, em toda sorte de mudanças, os homens, quasi constantemente compellidos de affeição e zelo, se propõem por objecto o bem publico... »

Quem cita um pensamento destes não faz injustiça a ninguem. E' de Davila.

O Sr. Belisario de Souza — Ahi está com a serenidade do escriptor publico.

Digitized by Google

O Sr. Alfredo Varela — Quem cita um pensamento desta ordem tem a tolerancia mais cabal para com todas as opiniões. (*Continúa a ler.*)

« Acontece que, em toda sorte de mudanças, os homens, quasi constantemente compellidos de affeição e zelo, se propõem por objecto o bem publico », e por isso são de desculpar nossos organisadores de 1824 : o pendor da época ainda era esse copiar servil umas constituições escriptas de outras, não se tendo ainda por guia a sciencia hoje fundada dos phenomenos sociaes. Os de 1891 não podem merecer igual indulgencia, pois a esse tempo sabiam elles que não ha phenomeno que brote ao acaso e sem dependencia de uma lei natural: sabiam, portanto, que nossa efficiencia, no terreno politico, como em outro qualquer, é limitada.

.....

Dir-se-ha que a Constituição de 1824 naufragou porque tinha na cimeira o brazão imperial ; mas este argumento só consegue impressionar ao auditorio de um tribuno demagogo, não áquelles que se não satisfazem com simples chavões oratorios :— a Republica que ahi está, no que diz respeito á organisação do poder publico, vale tanto como a monarchia constitucional creada por D. Pedro; vale menos até, porque introduziu em nosso meio politico um novo germen de conflicto, com a electividade do chefe do Estado.

Não fosse a grande conquista da liberdade espiritual e profissional, e diriamos affoitamente que para isto *valait pas la peine assurément de changer de gouvernement.* »

Este livro tem por titulo— *Direito Constitucional Brazileiro* por sub-titulo — *Reforma das instituições nacionaes*. Está claro que me acho ao lado dos que entendem que a Constituição não satisfaz, creio eu...

Digitized by Google

O SR. BELISARIO DE SOUZA—V. EX., como todo rio-grandense, marcha para a frente. Eu recúo um pouco.

O SR. ALFREDO VARELA —Senhores, creio que tornei bem claro o meu pensamento a respeito da revisão, porque digo o que não dizem os revisionistas de hoje: que as instituições que ahi estão são inferiores áquellas que tinhamos antes de 15 de novembro, salvo em um ou outro ponto!

Quero a revisão, pois. *Entendo, porém, que não é programma pratico, nesta hora de perigo publico.* Cumpre salvar a casa ameaçada de ruina, para pensar depois na sua renovação normal.

Insensato o alargar o objectivo do ataque: os esforços devem convergir, sem excepções, para a derrocada das olygarchias, com a existencia das quaes impossivel toda e qualquer reformação.

E aqui volto a responder ao orgão a que me referi.

Diz que repelle indignado toda a idéa de reforma que não seja pelos meios legaes.

Pois, senhores, devo ter a coragem de dizer que não confio que a reforma assim se possa fazer.

Já alimentei por muito tempo a esperança de que se faria a revolução do alto, primeiro com Julio de Castilhos. Foi o meu sonho, e o meu labor de muito tempo, conseguir que subisse á direcção do Estado aquella grande figura austera, para operar o saneamento do nosso meio politico.

Mais tarde desesperei de conseguil-o; alimentei depois novas esperanças, suscitadas por um amigo, cujo nome já citei nesta Casa: por momentos esperei que a fortuna nos houvesse dado no Dr. Rodrigues Alves o

Digitized by Google

homem capaz de operar essa revolução do alt.

O SR. ELOY CHAVES—Felizmente deu...

O SR. ALFREDO VARELA — Esta esperança desappareceu !...

O SR. ELOY CHAVES — Na opinião de V. Ex.

O SR. ALFREDO VARELA — E' a que estou dando, meu caro senhor !

Pensar em outro meio de reforma, que não esse condemnado pela dita folha — puro idealismo !

Ainda ha pouco, em Curytiba, o illustre chefe da opposição no Paraná, o Sr. Generoso Marques, manifestava ao 1º Secretario desta Casa a sua alegria pela idéa, que lhe pareceu de prompta realização, de uma reforma eleitoral.

E o Sr. 1º Secretario da Camara disse-lhe, com uma franqueza que acho no caso digna de louvor : « Pois acreditam que nós vamos fornecer a corda com que nos enforquem ! »

Está aqui, nas palavras deste Sr. representante, a opinião de todas as olygarchias: não tecem comnosco o famoso cordel, seguramente !...

O SR. ELOY CHAVES — A Camara deu prova do contrario, discutindo a reforma eleitoral.

O SR. ALFREDO VARELA — Veremos a sua applicação, meu caro senhor ; este é que é o ponto importante.

O SR. PRESIDENTE—A expressão não é regimental ; V. Ex. deve perdel-a.

O SR. ALFREDO VARELA—Retiro-a, excellentisimo. Recebo de *bon cœur* a lição.

Note a Casa que ella me sahe dos labios continuamente, porque estou affeito á linguagem do carinho...

Digitized by Google

O SR. BELISARIO DE SOUZA—Não parece ; morde muito e dóe... (*Riso.*)

O SR. ALFREDO VARELA—Quando preciso ; isto é justiça. Já disse Shakspeare um pensamento, que assim traduzi:

«..... a clemencia mata,

Si do perdão de um assassino trata ! »

E' questão de justiça, repito ; não se póde beijar nem amar a quem tal não merece e outra cousa provoca.

Como dizia, não podemos ter mais confiança no processo legal para conseguir a reforma do paiz ; eu não a tenho mais depois que vi bem a situação da Patria e me deu tamanho desencanto o Dr. Rodrigues Alves.

Foi S. Ex. quem me collocou na attitude de quem nada mais espera daquelles que teem as responsabilidades da direcção da Republica !

Vê-se, portanto, que, si o meu espirito se inclinar á acceitação de um outro processo para conseguirmos a reforma, a grande renovação de que precisa este paiz, tal attitude mental ter-me-ha sido imposta pelos poderes publicos do paiz.

Si eu, como disse na sessão passada, perdi toda e qualquer esperança na legalidade, onde hei de procurar elementos para conseguir o grande resultado que almejo ?

Si a revolução, que está em todos os espiritos — eu o digo desta tribuna e a Historia, amanhã, julgará do acerto ou do desacerto de meu juizo — si a revolução, que está em todos os espiritos, não for feita com o Sr. Presidente da Republica, será feita a despeito delle.

O SR. BELISARIO DE SOUZA—Si a revolução póde ser feita pelo Presidente da Republica,

Digitized by Google

parece haver equivoco na phrase: então é evolução.

O Sr. Alfredo Varela—Não, senhores; póde ser por um nobre acto de autoridade: reformar o que tem feito, por entender amanhã (a Historia tem visto muitos casos destes), por entender que a situação do paiz não póde continuar no pé em que está; e apoiando-se em meia duzia de patriotas, dar um golpe nos abusos correntes nos Estados.

O Sr. Belisario de Souza — E esses patriotas que pediram um golpe de Estado veem, no dia seguinte, accusar o Presidente pela violação da Constituição!

O Sr. Alfredo Varela—Mas, si o que elle tentasse fosse para salvar o que quer a Constituição? Si fizesse o que lhe permitte uma razoavel interpretação da Lei fundamental, que sujeite opportunamente ao julgamento do poder competente?

A proposito do aparte do nobre Deputado, vou fazer a leitura de um admiravel juizo de prudentissimo homem politico—Gladstone.

O Sr. Belisario de Souza—Mas elle não deu golpe de Estado na Camara dos Pares...

O Sr. Alfredo Varela—Não precisou fazel-o; vou ler a opinião desse estadista:

«Si aborreço o emprego da força bruta...»

Notem, senhores! *(Continúa a ler)*:

« Si aborreço o emprego da força bruta, não posso nem quero adoptar por minha conta essas reticencias effeminadas, com que se occultam ao povo as lições consoladoras e as animações que póde beber em suas antigas lutas, na recordação das grandes qualidades de seus antepassados e na consciencia de que possue ainda essas mesmas qualidades... Si, nos periodos de crise politica, nunca se houvesse aconselhado ao povo deste paiz sinão que « amasse a ordem, detestasse a violencia e se mostrasse pa-

Digitized by Google

ciente», nunca teriam sido conquistadas as liberdades nacionaes. »

Notae bem, senhores! (*Continúa a ler*):

« ... nunca teriam sido conquistadas as liberdades nacionaes! »

Fiz alguns commentarios a este notavel pensamento do orador inglez; e permitta-me ainda a Casa que eu proceda á leitura deste breve topico: « A lei declara que só podemos usar de armas em defesa propria; mas, si vêdes que alguem toma de uma com o fim de accommetter-vos, por que a lei vos manda usar da vossa só naquelle caso, esperaes que o outro vos fira, para depois cuidardes de vossa propria defesa? !— Nunca! pois que tarde podia ser, victimando-vos o outro antes de qualquer efficaz repulsa. O bom senso indica, por certo, cousa diversa: *o simile mostra que, chegadas as cousas a esse ponto,* A INACÇÃO E' A MORTE, A ACÇÃO RESOLUTA E' O UNICO MEIO DE SALVAMENTO.

Manda a lei respeitar o governo estabelecido e apeial-o só quando abuse. Mas essa injuncção da lei tem em vista o caso normal. E, quando as cousas caminhem para um estado que nos impossibilite de castigal-o e o abuso triumphe, sacrificando o systema? Cruzaremos os braços, deixando que o immolem? Isto fôra deixar-se dominar pelo estupido rigorismo de certo grupo de fidalgos que deixaram quasi morrer uma princeza sobre fogoso cavallo desbridado, por ninguem ousar tocar-lhe (nem mesmo para soccorrel-a!), visto que a rigida etiqueta hespanhola não admitte pôr-se as mãos em uma pessoa real!»

Disse eu e repito: ninguem se engane—a revolução está feita nos espiritos.

O Presidente obedece, submette-se á vontade nacional e a revolução se faz com elle; ou resiste, e se faz contra elle e a despeito delle!

Digitized by Google

Ninguem resiste a este esforço do Brazil, para voltar á legalidade. Rebelde será, não quem se levante contra o Governo da Republica, e sim esse proprio Governo, que se colloca fóra da lei. (*Com força*) Terá contra si a Nação inteira!

O Sr. Belisario de Souza—No outro dia apparecerá um outro, invocando o mesmo principio.

Digitized by Google

Digitized by Google

DISCURSO

PRONUNCIADO

Na sessão de 6 de Novembro de 1903

O Sr. Alfredo Varela— Releve V. Ex., Sr. Presidente, que, antes de entrar no assumpto principal deste debate, eu faça uma communicação á Camara e ao paiz.

Tenho daqui, desta tribuna, verberado a tyrannia que affronta e deslustra o Paraná!

Pois, senhores, aos muitos factos que hei citado, vou juntar dous de grande actualidade.

Telegrammas de Curityba communicam que «no dia 6 pela manhã, o commandante do regimento de segurança publica partiu á bengaladas a cabeça do Sr. Manoel Guimarães Neto, negociante, por questões politicas relativas á attitude na Camara do Deputado Alfredo Varela. O governador do Estado, Dr. Xavier da Silva, recusou receber a queixa do offendido».

Veja-se bem a situação daquella pobre terra!

E não é isto só, meus senhores. (*Lê*:)

« Hoje o coronel Antonio Leopoldo, primo do Senador Vicente Machado, e o Dr. José Loyola, cunhado do mesmo Senador, dirigiram-se ao *Diario da Tarde* intimando sua redacção a não publicar na integra o discurso

Digitized by Google

do Dr. Varela, sob pena de empastellamento do jornal e morte dos redactores.»

Tive duvida quanto a esta parte da noticia e communiquei-me com os meus amigos; recebi este telegramma confirmatorio:

« Dr. Varela—Camara—Rio—E' verdade. Autores Dr. Loyola e Antonio Leopoldo dos Santos. Igualmente este mandou avisar proprietario *Diario da Tarde*, correligionario do chefe da situação, que o espancaria rua. Ameaça recebida com desprezo, dizendo o Dr. Veiga que podem assassinal-o, nunca espancar.—*Diario*.»

Hoje ainda *O Paiz* traz este telegramma:

«O Dr. Bernardo Veiga foi intimado, etc.», recado que confirma o que recebi e acabo de ler.

E' bem patente nestes factos Sr. Presidente, a miserrima situação daquelle pobre povo, repito!

Não preciso commentar!

Passo a responder agora ao discurso do nobre *leader* desta Casa.

Declarei que era uma escapatoria essa de que se servia S. Ex. para fugir a um juizo que bem sabe elle qual é; e S. Ex. fez hoje novas distincções a proposito de uma questão bem conhecida nesta Casa.

Quando accusei o Sr. Dr. 1º Secretario desta Camara, a 14, prometti provas.

Mas, accrescentei, estou dispensado de apresental-as: é um réo confesso. *E' o proprio Sr. 1º Secretario da Camara quem declara que tem advogado perante autoridades administrativas.*

Fiz referencia, é certo, a alguns factos, que constam do *Diario Official*: tres ou quatro factos da famosa advocacia do nobre representante do Paraná. Mas fil-a, por fazer. Acastellei-me, porém, nas proprias declarações do accusado.

Digitized by Google

A questão, portanto, foi muito bem posta nestes termos : *si podia S. Ex. advogar perante autoridades administrativas.*

Fiz então o appello, que se sabe, ao nobre *leader* e este procurou turvar o juizo da Camara fazendo crer que eu tinha querido conjugar a acção da bancada rio-grandense á minha, de uma maneira insidiosa.

Mostrei que não. O *leader* interviera no debate fazendo notar que a Camara não se podia pronunciar, porque não conhecia as provas, provas que, aliás, fiquei dispensado de apresentar desde que foi feita a confissão.

Neste caso, para que produzir mais provas?

Muito licito me era, por conseguinte, fazer um appello a S. Ex. Por outro lado é preciso dizer á Casa: tive a maior sorpresa quando vi o silencio de S. Ex. Appellei tão sómente nessa occasião para o illustre representante do Rio Grande do Sul, o Sr. Barbosa Lima, quanda podia appellar para outros de autoridade moral como S. Ex.

Mas fiquei perturbado, vendo o que então se passou : nunca imaginei que, feito um appello desta ordem, eu não tivesse, immediatamente, palavra de S. Ex., em que, resalvando o que por acaso entenda dever ao Sr. A. Guimarães, por suas relações pessoaes com elle, nos viesse dar o seu pensamento.

Bastava-lhe, por exemplo, dizer em termos gentis que muita magoa lhe estava causando entrar em um tal debate, mas que deante de um appello tão solemne feito nesta Casa em nome da moral politica de Julio de Castilhos, não se podia furtar de exarar o seu juizo e que este era igual ao que expendera com antecedencia da tribuna do Senado, o Sr. Ramiro Barcellos e que ha dous ou tres annos atraz o Sr. Barbosa Lima expendera desta tribuna, declarando que era illicita a advocacia de que se trata.

Longe disto ! S. Ex. entrou em distincções como aquellas que vou ler desta tribuna.

Digitized by Google

Disse o Sr. Cassiano do Nascimento :

« S. Ex. com ares de triumpho, ainda ha pouco disse que o honrado 1º Secretario desta Camara era um advogado administrativo ; e disse que o tinha provado por ter o proprio Sr. 1º Secretario confessado que, em tempos passados, advogou, perante o Poder Judiciario da União, uma causa de indemnização a uma parenta sua, da qual, aliás, já era S. Ex. advogado, em todos os seus interesses, ha muitos annos.

Mas, senhores, ha advocacia e *advocacia*.

A advocacia que se exerce a peito descoberto, defendendo interesses legitimos e sagrados perante as justiças, essa não é, no meu conceito, a advocacia administrativa. (*Muito bem.*)

A advocacia administrativa é aquella que entra, acobertada no prestigio politico de cada um de nós, pelas portas excusas das secretarias, a arrancar dos depositarios do poder despachos com os quaes nos locupletemos.

Pergunto agora á Camara: provou o nobre Deputado, representante da opposição paranaense, que o honrado 1º Secretario tivesse praticado essa segunda advocacia ? Não ; não provou ainda.»

Mas si elle declara, no discurso de 15 de outubro, *que tem advogado perante autoridades administrativas ?*

Por isso affirmei, senhores, que é dispensavel a prova ; porque o Sr. 1º Secretario confessa, em discurso, e não ha fugir...

Levada a questão a este terreno, e insistindo, aliás com pouca generosidade, em suas aggressões, o chefe da bancada riograndense, defini em termos bem nitidos as condições do debate.

Por que foge S. Ex. ? !...

Senhores, appellemos para a autorizadissima palavra do Sr. Dr. Borges de Medeiros ; diga elle *si se conforma com a moral politica*

Digitized by Google

de Julio de Castilhos a advocacia administrativa que diz praticar o Sr. 1º Secretario da Camara, isto é, advogar perante autoridades administrativas.

E' uma questão precisa e insophismavel, e agora S. Ex. procura eximir-se della com a escapatoria de um novo repto !

Primeiro queria um appello para o eleitorado...

E' muito sabida uma phrase que faz conhecer o estado de descrença dos sacerdotes do paganismo.

Diz um velho escriptor que não havia um só delles que ousasse olhar para o outro sem rir-se. E' o que posso dizer da *seriedade* com que o Sr. Cassiano me fez este repto...

Senhores, quem não sabe da *moralidade* das eleições actuaes ?

O julgamento, aliás, não é meu, é desta Casa. Pois não estamos tratando da revisão do alistamento e da reforma eleitoral ?

O que quer dizer isto ? Quer dizer que não confiamos no actual processo e diz gravemente a Commissão respectiva desta Camara que a reforma é indispensavel, *para conseguirmos a regeneração dos costumes politicos.*

Ahi está a minha resposta: é nesta situação que S. Ex., apoiado pelo Governo Federal, quer entrar em luta commigo ?

Não é sério !

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO—O Governo Federal nada tem que ver com as eleições no Rio Grande do Sul.

O SR. ALFREDO VARELA—Eu, apoiado pelo Presidente da Republica, faço-me eleger onde S. Ex. queira. Isto está na consciencia de todo o mundo !

Agora, nova escapatoria: « *Pois, então, consultemos o Dr. Borges de Medeiros sobre o facto da nossa attitude politica*», diz o nobre

Digitized by Google

leader, para assim livrar-se do aperto em que o deixei.

Sr. Presidente, S. Ex. depois fez uma solemne declaração de que deixaria esta Casa, si por acaso quebrasse a solidariedade com elle o chefe do partido republicano rio-grandense.

Senhores, digo, com o maior desassombro, que, si o Dr. Borges de Medeiros désse um juizo favoravel ao Sr. 1º Secretario da Camara, na fórma por que estabeleço a questão, deixava desde esse momento de ser o meu chefe, porque teria rompido com os costumes, com as tradições austeras de Julio de Castilhos: desde esse momento não seria mais meu chefe!

Como espero, como tenho certeza absoluta, o Sr. Dr. Borges de Medeiros não favorecerá com a sua autoridade a indecorosa advocacia administrativa de que fallo.

Não quero insistir na questão, questão caseira agora, das prevenções com que o nobre *leader* me recebeu aqui.

Patentes! No primeiro dia, como se viu, estive sob a acção de um verdadeiro temporal. Quando não fosse por outra cousa, ao menos porque S. Ex. se interessava pela boa ordem dos trabalhos da Casa, devia intervir o *leader*, aquelle que dirige os nossos trabalhos... Não o fez!

Nem ao menos uma ou duas palavras para impedir que continuasse o tumulto... « Ordem, ordem, senhores, deixem fallar o orador! »

Podia manter-se neutro, sem favorecer com a sua indifferença os ataques que soffri.

Nada! O que se pensou foi isto: « O homem que se arranje! » Tambem pouco esperavam que resistisse um representante que se limitava timidamente a dizer neste recinto: «Sr. Presidente, envio á Mesa um projecto de lei, devidamente fundamentado...»

Digitized by Google

Conjecturavam: á primeira affirmação que fizer, perde as estribeiras, com as invectivas que o alvejam, e... prompto! E' um homem morto, é um homem ao mar! Prova disto aqui a dou: o Senador Ramiro Barcellos, dalli (*apontando o logar*), depois de algumas palavras minhas, quando viu a borrasca desfeita, disse: *enfoncé*!— Julgou que eu estava afundado e isso dizia sorrindo de gôso.

Bella maneira de receber um collega ausente.

O homem immediatamente está morto, (*risos*) julgou-se, eis a verdade. Por que havemos de estar, numa hora tão grave como esta, de mascara presa á face?

Póde ter defeitos a minha attitude, mas hão de reconhecer que tem uma certa nobreza.

Não ataquei a ninguem, sinão cara a cara! Diverge neste ponto a minha conducta da de alguns collegas, que pelos corredores teem profanado o nome de um homem que, longe ...não se podia defender.

Aberta a minha campanha no Paraná, um mineiro patriota, o Dr. Bernardo Veiga, poz á minha disposição o seu jornal. Tinha um responsavel, o Sr. Celestino Junior, e podia escrever á sombra do nome delle. Não o fiz.

Minha guerra é ás claras e a peito descoberto! (*Pausa.*)

Depois mais patente ainda se mostram as prevenções, com que aqui me acolheram, no que vou assignalar.

Si é perturbadora a minha attitude nesta Casa, si podia ella prejudicar os seus trabalhos, era o caso do Presidente ou do *leader*, desde logo, impedirem com a sua autoridade que eu puzesse a questão no terreno em que a colloquei. Nada, porém, fizeram e isto porque contavam com a victoria certa, quando estrugiu a primeira gargalhada, conforme me preveniu uma pessoa que assistia á sessão. Eis a verdade!

Digitized by Google

Julgo ter sufficientemente respondido o discurso do nobre Deputado Dr. Cassiano do Nascimento.

Não quero insistir, como disse, nesta questão das prevenções que S. Ex. tinha para commigo e tem.

Agora preciso ferir um outro ponto; é este: eu sustento que S. Ex., deante de testemunhas, me declarou que achava cabal a minha accusação.

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO — Não ha tal.

O SR. ALFREDO VARELA — Apenas divergia em um ponto...

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO — Achava a sua accusação com uma falha enorme.

O SR. ALFREDO VARELA — ... divergia apenas quanto ao caso do general Bormann.

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO — Achava a sua accusação com uma grande falha.

O SR. ALFREDO VARELA — Eu sustento absolutamente. Como disse, não quero insistir, mas ha pessoas que ouviram a affirmação de S. Ex. Estão presentes; não quero, todavia, appellar para ellas.

O SR. CASSIANO DO NASCIMENO—Appelle. Fica autorizado.

O SR. ALFREDO VARELA — Não o quero fazer. V. Ex. sabe que eu não devo appellar mais para esta Camara, nem para a palavra dos meus companheiros... Para que pôr em scena mais algumas pessoas?

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO—Quando V. Ex. accusava a administração superior da Guerra da retirada de officiaes por insinuações do Senador Vicente Machado, eu disse: V. Ex. está enganado; eu estou informado de que a origem da transferencia desses officiaes não é essa que V. Ex. allega.

O SR. ALFREDO VARELA—Vou citar as palavras de V. Ex.

Digitized by Google

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO—V. Ex. quer dialogos Não darei mais apartes a V. Ex.

O SR. ALFREDO VARELA (*sorrindo*)—Não o estou obrigando a dar-me apartes.

O SR. CASSIANO DO NASCIMENTO—Não posso deixar passar affirmativas dessa natureza sem contestação.

O SR. ALFREDO VARELA—Disse-me o nobre Deputado: «Varela, acho contradictoria a tua attitude, porque tu, em um ponto procuras diminuir a autoridade do general Borman, declarando que elle é instrumento do Vicente Machado; mais adeante dizes: trago aqui a palavra de S. Ex., elle declara que não fez nenhum pedido ao Ministro da Guerra, nem ao Presidente da Republica, sobre os officiaes em questão.»

Expliquei que imaginaria a contradicção porque, em um caso, qualifiquei o general como entendi que elle merece ser qualificado, visto como, para perseguir a um official, nomeou abusivamente uma commissão de inquerito em desaccordo com o Codigo Processual da Armada, inquerito que elle não devia, nem podia fazer. Foi instrumento assim da politica local, para perseguir a um militar, e com tal infelicidade que o inquerito não encontrou elementos que pudessem compromettter o capitão Velasco, official a que me refiro.

Explicado este ponto, fiz ver ao Sr. Cassiano que o juizo sobre o general Bormann não me inhibia de dar á Casa, em nome de S. Ex., as seguranças de que o commandante do 5º districto não solicitara a transferencia dos citados militares, não havendo, portanto, incoherencia.

Restabelecida a verdade quanto a este ponto, preciso affirmar que, nem podia ser outra a opinião do *leader*, como a de todos os politicos do Rio Grande do Sul.

Não ha alli duas opiniões sobre Vicente Machado, digo-o, sem intento de intrigar.

Digitized by Google

Julio de Castilhos não occultava a sua a ninguem. Sempre se declarou incompativel com tal homem, e o Sr. Vicente Machado retribuia com uma rancorosa antipathia o desdenhoso desapreço em que era tido pelo chefe sulista.

Quando se fallou, não ha muito tempo, da existencia de uma dissidencia entre o Sr. Pinheiro Machado e Julio de Castilhos, immediatamente o Dr. Vicente Machado pronunciou-se deante de varias pessoas do seguinte modo: «Serei pelo Pinheiro Machado; não supporto o Castilhos.»

Quem ignora estes factos? Posso até affirmar que a maioria da Camara delles tem conhecimento!

Quando um grupo de patriotas se esforçou nesta Capital pela victoria do nome de Julio de Castilhos, na convenção do partido republicano federal, quem ignora que Vicente Machado trabalhou por meio dos seus prepostos, para impedir o triumpho do chefe rio-grandense, e sustentando o nome de Lauro Sodré?

Julgo ter dado a devida resposta ao meu illustre collega e não insisto; passou o caso a ser uma questão caseira, como disse antes, que não interessa a esta Casa. Fica de pé, entretanto, o meu repto.

O Sr. Cassiano do Nascimento — Como ficam os meus.

O Sr. Alfredo Varela — Acceito-os, depois de saber si o Sr. Borges de Medeiros é meu chefe, si mantém as tradições de Julio de Castilhos.

O Sr. Cassiano do Nascimento — Quer dizer que, si o pronunciamento for a meu favor V. Ex. dirá que não é seu chefe.

O Sr. Alfredo Varela — Que importa a esta Camara e ao paiz saber si estou acertando ou si é V. Ex. quem acerta? O que interessa ao paiz é esta questão de moralidade politica: saber si um representante da Na-

Digitized by Google

ção póde exercer a advocacia administrativa.

O mais é V. Ex. estar perturbando os trabalhos da Camara com questões que lhe não interessam. (*Hilaridade.*)

O Sr. Cassiano do Nascimento—Obrigado. (*Soam os tympanos.*) Não fui eu quem as trouxe para aqui.

O Sr. Alfredo Varela—Agora, Sr. Presidente, eu não desejaria proseguir sem primeiro ouvir a opinião do nobre *leader* desta Casa sobre uma questão importantissima. Já não se dirá que o Deputado Alfredo Varela veiu perturbar os trabalhos do Parlamento com uma questão que só a elle interessa qual a da moralidade da direcção politica do Paraná (*com ironia*), cousa insignificante... Que importa aquella pobre terra?

Não, senhores, o representante do Rio Grande vem trazer á Casa uma questão de excepcional magnitude.

Pairam ahi pelo ar, graves, gravissimas accusações.

Em um jornal desta terra, pessoa autorizadissima as registrou um dia, e outro *leader* desta Casa as trouxe para este recinto: tremendas accusações que vinham deixar em má situação o credito da representação nacional!

Esta é uma questão não liquidada; até hoje as mesmas suspeitas continuamente reproduzidas por todos os cantos do paiz: —de que por meio do Banco da Republica, se pratica uma larga corrupção.

Entendi que devia interessar ao Congresso Nacional um assumpto desta ordem. Torna-se tanto mais urgente cuidar deste ponto, quando vimos pessoa autorizada, como disse, formular sérias, muito sérias imputações até a membros da representação nacional...

Agora, senhores, novas surgem; já se diz que corrupção attinge o pessoal mais elevado do Poder Executivo.

Digitized by Google

Ainda hoje leio em um jornal daqui, esta grave referencia:

« O Sr. Bernardino de Campos dá, sem mais aquella, cerca de 500:000$ á sociedade de que era parte o escriptorio de seu filho; entrega outro tanto ao Banco de Credito Real, sem a necessaria autorização do Congresso Estadual; retira somma avultada do Banco da Republica e, por ingenuidade, talvez, manda inscrevel-a na conta de differenças de cambio... »

Ora, senhores, são imputações muito graves...

O Sr. Eloy Chaves—Todas já foram pulverizadas.

Um Sr. Deputado—Peço a prova.

O Sr. Jesuino Cardoso—Peço a palavra.

O Sr. Fernando Prestes—Peço a prova.

O Sr. Jesuino Cardoso — Peço aos meus collegas toda a calma.

O Sr. Fernando Prestes—V. Ex. é um *caften* de escandalos. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Alfredo Varela — V. Ex. ouviu, Sr. Presidente, o que disse o illustre representante de S. Paulo?!

O Sr. Presidente—Chamo á ordem o nobre Deputado por S. Paulo! O nobre Deputado retire a expressão.

O Sr. Fernando Prestes — Sustento. (*Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente — Attenção! O nobre Deputado tem que retirar a expressão em respeito ao decoro da Camara.

O Sr. Fernando Prestes—Não posso ouvir impunemente calumniar um homem como o Sr. Bernardino de Campos. (*Ha outros apartes. Soam os tympanos.*)

O Sr. Presidente—Attenção! Ordem!

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Não estou calumniando.

VARIOS SRS. DEPUTADOS — Traga as provas. Traga as provas.

O SR. ALFREDO VARELA — Não estou calumniando. Affirmo... (*Trocam-se varios apartes. Soam os tympanos.*)

O SR. PRESIDENTE — Attenção! Ordem! ordem!

O SR. ALFREDO VARELA (*referindo-se ao Sr. Fernando Prestes*) — V. Ex. quer ouvir uma declaração? (*Pausa.*)

Vou fazel-a, apezar do modo violento com que me aparteou, e, desde já, declaro, Sr. Presidente, que daqui por deante me considero muito superior a doestos desta ou de qualquer outra ordem, proseguindo calma e serenamente em minha nobre missão...

O SR. ELOY CHAVES — Por que não vem discutir com calma?

O SR. ALFREDO VARELA—Vou explicar-me: emquanto se não provar esta imputação, não lhe dou credito...

O SR. ELOY CHAVES—Ella já foi rebatida aqui pelo Dr. Azevedo Marques.

VOZES—Não traz as provas do que avança?

O SR. ALFREDO VARELA — Perdão, si eu peço um inquerito que livre a representação nacional e os membros passados ou presentes do Poder Executivo do meu paiz, que os livre destas continuas imputações...

UMA VOZ—Imputações todas rebatidas.

O SR. ALFREDO VARELA—Quero acreditar que o sejam...

O SR. ELOY CHAVES — Só devia trazel-as para aqui com as provas...

O SR. ALFREDO VARELA—V. Ex. não me póde impor a conducta que eu devo ter.

Digitized by Google

O SR. ELOY CHAVES—Posso.

O SR. FERNANDO PRESTES — V. Ex. é o menos competente para prégar moralidade aqui. (*Trocam-se apartes. Soam os tympanos.*)

O SR. ALFREDO VARELA (*sorrindo*) — Colloco a questão em um terreno sympathico; não acredito em tal cousa, digo-o com a maior energia. Mas, agora, o que preciso fazer?

E' que não deixemos os homens publicos do nosso paiz continuamente sujeitos a suspeitas desta ordem. Hoje se diz que são taes ou quaes pessoas que mettem as mãos nos cofres publicos; amanhã fallar-se-ha em outras.

Mas, senhores, de uma vez por todas precisamos impedir que tenha curso a calumnia. E de que fórma? Facultando um exame nos livros do Banco da Republica, onde se diz que occorrem casos inenarraveis. Ha, na Casa, precedentes que a aconselham a votar em favor do meu requerimento.

Em sessão de 22 ou 29 de agosto de 1900, o illustre Dr. Barbosa Lima propoz a nomeação de uma commissão de inquerito na fórma por que eu ora proponho a minha; a Casa deu-lhe o seu voto.

O SR. JESUINO CARDOSO—Si eu tiver de fallar hoje, e estou prompto a fallar em qualquer momento, espero que me faça o favor de ficar aqui para ouvir-me...

O SR. ALFREDO VARELA — Pois não. E aproveito a occasião para dizer que tive o desgosto de saber que V. Ex. extranhara a minha ausencia no dia em que fallou; vou dar-lhe os motivos do meu procedimento.

Achava-me naquelle dia visivelmente adoentado, com a garganta resentida de muito fallar, e, além disso, com a roupa molhadissima; sob pena de contrahir uma bronchite ou qualquer outra enfermidade que me viesse impossibilitar de proseguir em meus

Digitized by Google

trabalhos parlamentares, corri pressurosamente á casa para mudar de fato, tornando nesse mesmo dia á Camara, ou de V. Ex. me viu *(signal de assentimento do Sr. Jesuino Cardoso)*, mas, infelizmente, haviam terminado os trabalhos.

Já vê, pois, V. Ex., por que motivo me afastei da Camara e desde já me comprometto a ouvir com a maior deferencia a defesa de V. Ex...

Portanto, senhores, não aggravar outra vez o debate, e não o aggrava quem o colloca nos termos sympathicos em que estou pondo a questão.

Declaro desde já que considero innocentes todos os membros da representação nacional, todos os funccionarios que fazem parte da alta administração da Republica, hoje e no passado, até que se prove o contrario; mas tenho o direito — creio que ninguem o contesta — de vir offerecer a esta Casa um meio de impedir que continue a ter curso a calumnia que por ahi corre...

Pois, senhores, não é de todo homem de bem desejal-o? Pois, não trabalhamos desta fórma, de uma maneira definitiva, para impedir que continuem a surgir imputações graves, que perturbam o espirito publico, que levam ao povo, á generalidade dos cidadãos, o convencimento de que estamos agindo com improbidade e deshonra? — Mas é de se agradecer um alvitre desta ordem!...

O Sr. Fernando Prestes — O Dr. Bernardino de Campos já respondeu cabalmente, da tribuna do Senado, a esta calumnia! *(Muito bem. Ha muitos apartes. O Sr. Presidente reclama attenção.)*

O Sr. Alfredo Varela — Mas, Exm., a prova de que não callou o que disse S. Ex. é que continúa a calumnia...

Um Sr. Deputado — Não; é a prova de que V. Ex. é um calumniador!

O Sr. Presidente — Attenção!

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA—Mas, si declaro que não acredito, si declaro a V. Ex. que, si fizer parte dessa Commissão—empenho minha honra nisto—me esforçarei por deixar provada a innocencia do Sr. Bernardino de Campos e não a sua improbidade!...

O SR. FERNANDO PRESTES—Elle não necessita disto. (*Apoiados.*)

O SR. ALFREDO VARELA—Mas isto prova os meus bons e imparciaes desejos... (*Apartes.*)

Sr. Presidente, com esta declaração não quero exprimir que um homem do prestigio do Sr. Bernardino de Campos precise de minha defesa. Não, senhores; o que quero é mostrar qual a minha attitude na questão: quero mostrar que não irei para o Banco da Republica, si fizer parte dessa Commissão, com o proposito de infamar o nome de S. Ex.

Não tenho, não posso ter o desejo de ver profanado o nome de um propagandista republicano deste paiz; o que quero significar com as minhas palavras, é que irei para o inquerito na attitude de quem deseja reconhecer a probidade de um homem, e não na attitude do inquisidor determinado a descobrir o crime...

O SR. PRESIDENTE—Lembro a V. Ex. que só tem cinco minutos; a hora do expediente é improrogavel.

O SR. ALFREDO VARELA—Estou a terminar, Exm.

Vê se, portanto, que não ha razão para tamanha matinada. Eu não reproduzi a accusação, dando-lhe a autoridade do pôsto que occupo.

Absolutamente não! Creio que são categoricas as minhas manifestações nesta Casa a este respeito; para que, pois, esta irritação inopportuna...

O SR. ELOY CHAVES—Inopportuna, não.

Digitized by Google

O SR. ALFREDO VARELA — Ha de perdoar V. Ex. que complete meu pensamento.

Para que esta irritação inopportuna, si sabemos que, á bocca pequena, se dizem estas cousas, si sabemos que os jornaes repetem estas calumnias ? !

Por que não pôr as mãos logo nas pontas do touro ?...

UM SR. DEPUTADO—As pontas do touro ? (*Riso.*)

O SR. PRESIDENTE—Attenção !

O SR. ALFREDO VARELA (*sorrindo*)—O nobre Deputado está prevenido com seu collega. Foi, talvez, uma imagem infeliz...

O SR. FERNANDO PRESTES—V. Ex. muitas vezes tem sido infeliz.

O SR. ALFREDO VARELA—Na verdade, meu caro senhor, principalmente este anno, nesta Casa (*Risadas*) ; tenho sido de uma infelicidade extraordinaria...

O SR. FERNANDO PRESTES — Si são dignos de um representante da Nação todos os actos praticados por V. Ex., submetta-se á opinião ou julgamento do Sr. Borges de Medeiros, seu chefe...

O SR. ALFREDO VARELA—V. Ex. tem interesse em conhecel-a ?

O SR. FERNANDO PRESTES—Perfeitamente.

O SR. ALFREDO VARELA — Pois V. Ex. faça a consulta e communique depois á Camara.

O SR. PRESIDENTE— Attenção !

O SR. ALFREDO VARELA— Mas, Sr. Presidente, o modo por que se está encaminhando o debate, nesta Casa, deixa bem patente que está dominando no recinto um verdadeiro espirito de intolerancia ! Pois quem não sabe que eu estou na attitude de quem dis-

Digitized by Google

corda do que se está fazendo? Si agora subisso á tribuna um membro da maioria, e se pronunciasse de uma maneira que fosse escandalosamente diversa daquella que é a da minoria, isto poderia causar extranheza, mas que eu peça elementos para formar juizo, não!

Que peço, Sr. Presidente? Peço elementos para que tenham um julgamento cabal, no paiz, factos que estão dando ensejo a imputações gravissimas...

Nada mais; e de que fórma o fiz? De fórma a não poder provocar a colera, de maneira nenhuma: declarando a minha attitude, sympathica ao Presidente de S. Paulo!

E declaro mais, senhores: não tenho motivo especial nenhum, para alimentar prevenções contra S. Ex., — absolutamente nenhum!

E' tambem defender, o facilitar meios de dar combate a calumnias atrozes...

Senhores, ninguem se illuda, não póde continuar mais esta situação de mysterios em que vivemos, quanto ao Banco da Republica.

Pois quem não sabe que alli são feitos varios pagamentos do Estado, pagamentos cujas contas não nos são apresentadas (não ha uma tomada de contas das despezas que correm por aquelle estabelecimento), e é isso que dá logar, que dá motivos, que dá elementos á calumnia.

Como não ha quem estude, quem fiscalize a acção do banco nas suas relações com o Estado, póde a calumnia inventar esta e mil versões mais.

Amanhã será capaz de insinuar as cousas mais graves a respeito do actual Presidente da Republica, como insinuou, no Governo passado, sobre o Sr. Dr. Campos Salles...

Digitized by Google

O Sr. Eloy Chaves—Que sahiu perfeitamente illeso.

O Sr. Alfredo Varela— Para que não pôr termo a uma situação equivoca e duvidosa, como esta? Depois, como disse, ha precedentes que aconselham a Casa a votar o meu requerimento. A Camara votou unanimemente, com excepção de um voto, o do nosso saudoso companheiro o Sr. Augusto França, um requerimento do Sr. Barbosa Lima, para serem estudadas as condições do Banco da Republica em uma questão semelhante a esta. E o Sr. Dr. Dino Bueno, então *leader* da Camara, declarou não concordar com o requerimento, mas lhe parecia abraçar assumpto tão melindroso que era um dever para a representação nacional votal-o unanimemente.

O Sr. Valois de Castro foi mais longe e disse que o deviamos votar por acclamação.

Por que ? Porque entendiam todos, que é preciso pôr um termo a essa atrevida devassa que por ahi corre á surdina, maculando a vida publica dos principaes homens da Republica.

Offereço, portanto, á Casa, confiando no patriotismo e dignidade do Corpo Legislativo, o meu requerimento, que leio de novo da tribuna.

« Requeiro se nomeie uma commissão parlamentar de inquerito para verificar o estado do Banco da Republica, cuja administração foi confiada ao Governo, nos termos do art. 6.º da lei n. 689, de 20 de setembro de 1900 ; especificadamente sobre os seguintes pontos :

1º, si o Governo tem feito pagamentos indevidos por intermedio do Banco ;

2º, si está de accordo com as disposições da lei a conta corrente do referido Banco com o Governo.

Digitized by Google

O inquerito abraçará o periodo correspondente aos ultimos sete annos.

Requeiro igualmente se faculte á Commissão o arbitrio de nomear os profissionaes precisos para o devido exame dos livros, correndo as despezas respectivas por conta da verba —Eventuaes, do Ministerio da Fazenda. »

E' o que tenho a propor á Camara dos Deputados. Tenho dito.

Digitized by Google

DISCURSO

PRONUNCIADO

Na sessão de 13 de Novembro de 1903

O Sr. Alfredo Varela (*movimento de attenção*)—Sr. Presidente, quando produzi nesta Casa a minha accusação á olygarchia do Paraná, mencionei uma indebita transferencia de militares, insidiosamente conseguida dos poderes superiores da Republica, e affirmei neste recinto que não estavam de accordo as varias versões correntes sobre a verdadeira causa das referidas transferencias.

Assim, contrapuz ás declarações do Sr. Carlos Cavalcanti, que assegurou á Casa fóra effeito de manobras conspiradoras, a transferencia do general Menna Barreto, a versão que eu tinha ouvido na Secretaria da Guerra, do proprio Ministro cujas palavras vou repetir:

« Não houve intento de perseguir o general Menna Barreto, disse-me S. Ex. O Governo precisou collocar o coronel ou tenente-coronel Faro, e, como estava inspeccionando o 39º o general Menna Barreto, aproveitou-se do commando do seu corpo, visto como uma transferencia neste momento em nada o prejudicava.»

Por outro lado, declarei ainda nesta Casa que não podiam ser verdadeiras as noticias

Digitized by Google

aqui trazidas, ou podiam não estar de accordo com a realidade dos factos essas noticias aqui trazidas pelo nobre representante do Paraná, pois que eu tinha ouvido do proprio commandante do districto, unica autoridade regular para informar ao Governo Federal, de que alli um official não estava agindo de accordo com a lei; pois que ouvira do proprio commandante do districto a declaração solemne de que S. Ex. não interviera nas transferencias.

Repetindo então essas varias versões, fiz notar á Casa quanto eram contradictorias e affirmei ser esta a verdadeira: as transferencias foram obtidas por meios insidiosos; convenceram arteiramente o Sr. Presidente da Republica de que militares estavam mal procedendo no Estado do Paraná! (*Pausa.*)

Veiu um lamentavel facto, Sr. Presidente, confirmar tristes vaticinios meus: —apezar de ter o Sr. Ministro da Guerra, na presença do chefe do Estado Maior do Exercito, o general Costallat, declarado solemnemente que não se cogitava de retirar do Paraná o Sr. general Menna Barreto, hontem teve esta cidade a noticia de que o bravissimo militar fôra suspenso da commissão em que estava e mandado seguir immediatamente para o longinquo Matto Grosso!...

Quer dizer, portanto, que continuou a trabalhar a intriga e obteve desta vez melhores resultados, com um prejuizo extraordinario para o nosso paiz!...

Sciente do occorrido, fiz um appello ao meu amigo, para ver si obstava o que já se me annunciara, mas debalde. Acabo de receber um telegramma, noticiando-me que Menna Barreto já fez entrega de seu requerimento de reforma. Quer isto dizer, senhores, que, pela simples accusação não provada, de que o illustre cabo de guerra está mettido em conspirações, o Governo da Republica se decide a castigal-o desta maneira terrivel: atirar o general Menna Barreto,

Digitized by Google

que já esteve á morte no Amazonas, por effeito do beriberi, para uma região infestada por este mal, quando ha um aviso do Ministerio da Guerra que prohibe transferencias nestas condições! Ha um aviso, sabeis, determinando que não póde dar-se a transferencia de um militar que haja soffrido de beriberi, para um logar onde seja commum esta doença.

Pois bem; não duvidou o Presidente da Republica impôr ao brilhante official o iniquissimo castigo! E castigo por que?

Por uma accusação absolutamente infundada!

Sustentei em face do illustre representante do Paraná o Sr. Cavalcanti, que Menna Barreto foi transferido por effeito de intrigas politicas. Sustentei mais que a autoridade competente, o commando do districto, não tivera parte na transferencia e o desafiei a provar o contrario.

Sustentei ainda—e não me mandou desmentir o Ministro da Guerra—que este me havia declarado não haver o proposito de retirar de Curityba o general Menna Barreto: que a transferencia se dera pelo motivo que já citei e não preciso repetir.

Infelizmente, senhores, o facto é este: vendo-se atrozmente perseguido, decidiu entrar para a inactividade militar o illustre general Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto!

E' preciso que eu em poucas palavras diga a esta Casa quem é o homem que perdem hoje as forças armadas do Brazil. (*Pausa.*)

Senhores, era uma das mais caras esperanças do exercito do meu paiz.

O Sr. marechal Mallet, deante de testemunhas, na occasião em que errada e illegalmente mandava prender o general Menna Barreto em Curityba, declarou ao orador que o fazia a contragosto e vexadissimo, pois entendia ser o illustre militar o primeiro dos nossos generaes veteranos.

Digitized by Google

Eu daqui repito estas suas palavras e tenho a certeza de que não vão ser desmentidas ; segundo a opinião do illustre ex-Ministro da Guerra, o general Menna Barreto, dentre os veteranos, era o nosso primeiro general !

Mais ainda: que elle não sabia si o exercito contava com uma figura militar a quem se pudesse com tanta confiança entregar o commando de uma grande força !

Senhores, não dá esse attestado sobre o merito de Menna Barreto só o ex-Ministro da Guerra. Posso eu aqui citar outro: a ordem do dia do general Bormann, ao reassumir o commando, em seu regresso de uma viagem no interior, declara que o commando do districto tinha a satisfação de dizer a este paiz quão bem e nobremente dirigira aquella circumscripção militar, durante sua ausencia, o illustre general Menna Barreto.

E accrescentava que o general Bormann fazia votos sinceros para que esse cabo de guerra tivesse occasião de mostrar em mais alto posto a sua grande competencia militar ! Essa ordem do dia foi por mim aqui citada e appareceu em um dos meus discursos.

Isto diz o actual commando do districto do Paraná : que faz votos para que Menna Barreto tenha occasião de mostrar sua alta competencia, vêde bem, senhores !...

Salientei o valor do notavel homem, em si ; agora, seus serviços, rapidamente mencionados.

Antes de tudo, preciso fazer uma referencia ao illustre rio-grandense, para mostrar o que vale como patriota e politico ; a referencia desenha o seu grande caracter em poucas palavras.

Era Menna Barreto membro do partido conservador, no tempo do Imperio, e chefe consagrado do partido o velho e reputado Dr. Israel Barcellos.

Digitized by Google

Entendeu Menna Barreto que o gremio fraqueava deante do possante partido liberal, dirigido pelo grande tribuno Gaspar Martins, e fraqueava por faltar-lhe uma cabeça directora, enfraquecido pela idade o seu antigo mentor.

Lá de um ignorado recanto do Rio Grande do Sul, onde morava, concebeu a atrevida idéa de mudar, elle só, simples capitão do exercito, a direcção do disciplinado partido.

Pobre como era, poz no bolso quatro contos de réis e partiu, em excursão politica, voltando á casa 11 mezes depois, tendo percorrido todo o Rio Grande.

Quando chegaram á capital os primeiros telegrammas de Menna Barreto, estava eu hospedado na casa do meu saudoso amigo Dr. Paulino Chaves, um dos membros proeminentes do partido conservador, e se dizia de Menna Barreto: « E' um doido ! Que lembrança a sua ! Como si tivesse autoridade para mudar a chefia do partido ! »

Isso parecia subversivo, contrario ás velhas tradições do bando ; mas a verdade é que, no fim daquelle periodo, todos os municipios do Rio Grande tinham sanccionado a iniciativa do meu amigo e elle fazia reconhecer o novo chefe, Dr. Francisco da Silva Tavares !

Veja-se neste pequeno dado de sua vida qual é o caracter desse homem politico, simples capitão naquella época ! Onze mezes depois de um longo peregrinar, elle mostrava ao Rio Grande o que podia uma vontade energica e resoluta, qual a sua !

Em outro theatro, porém, havia de mostrar seu grande e extraordinario valor moral !

Sei de particularidades interessantes.

Era elle, como disse, membro do partido conservador, ardente conservador. Deitado um dia, á hora da sésta, tão usada em minha terra, Menna Barreto entrou a pensar sobre os destinos de seu paiz e repentinamente, como S. Paulo, convertido saltou

Digitized by Google

da cama e disse a amigos que tinha junto a si: « Sou republicano!»

O que isto significava, veiu logo a saber o Rio Grande.

Todo o mundo conheceu o prestigio extraordinario de Gaspar Martins. A monarchia, abalada pela propaganda republicana, offerecia a esta um franco e decisivo combate; o Ministerio, presidido pelo illustre Ouro Preto, preparou o paiz para, de uma vez por todas, matar a *hydra da anarchia*; Gaspar Martins foi designado para Presidente do Rio Grande do Sul.

Bem se comprehende, naquella hora de viva guerra, o que foz o illustre rio-grandense para que triumphassem seus candidatos no pleito que sabemos. Pois bem, o novel republicano, só no municipio do Rosario, onde existiam tres deste partido, levou ás urnas 300! No dia da eleição, entrou na cidade á frente de toda essa gente, formada, o que deu em resultado ser transferido para Minas.

Immediatamente o Presidente da provincia, escandalizado com o procedimento do militar, que assim manifestava o seu ardor politico, obteve a sua transferencia, vindo elle ter ao Rio de Janeiro.

Senhores, o que fez aqui ainda não foi convenientemente relatado.

Já fiz do facto uma preciosa menção nesta Casa.

Tive a honra de ouvir do marechal Deodoro, nas primeiras horas da Republica, o que occorreu na conspiração, como esta se produzira e quaes os elementos que tinham actuado em seu animo para atiral-o no movimento.

Ia fazer a referencia á pessoa que mais tinha contribuido para precipital-o na conjuração, quando por acaso Menna Barreto appareceu em uma porta, e disse-me o marechal Deodoro: « Está alli! »

Vendo-se designado por esta fórma, Menna Barreto entrou em uma outra sala e

Digitized by Google

deixou-me continuar na conversa em que estava com o generalissimo. Este então minuciosamente fez-me saber qual o ingente esforço que empregou Menna Barreto para arrastar seus companheiros de armas ao movimento.

E é digna de nota uma circumstancia que vou salientar da tribuna: é que estou fallando na presença de um sobrinho do illustre marechal Deodoro, que possuia e possue todos os segredos dessa grande figura da Republica.

Eu ouvi de S. Ex., nessa narrativa, que pretendo reproduzir em tempo na imprensa, a historia perfeita da fórma por que nasceu em seu espirito, primeiro a deliberação de reagir contra a situação politica existente no Brazil, depois a sua deliberação de fazer-se um devotado servidor do regimen que os espiritos mais liberaes queriam fundar entre nós.

Senhores, creio que bastaria fazer menção deste extraordinario serviço, para ter desenhado deante da Camara a personalidade do illustre brazileiro que neste momento deixa a actividade militar.

Mas, posso accrescentar factos que são honrosissimos para Menna Barreto.

Sabeis, senhores, o que foi a revolução no Rio Grande do Sul.

Com um furioso desespero, parte da população daquelle Estado atirou-se a uma lucta cuja ferocidade bem conheceis. Dentro de pouco tempo, um partido não dava quartel a outro.

Pois bem, senhores, no meio desta conflagração quasi universal, houve um chefe que conseguiu manter, na sua força, como uma lei inquebrantavel, o principio do respeito completo e constante á propriedade alheia, o principio do respeito á mulher, á vida dos fracos e prisioneiros ; esse homem foi o illustre Adolpho Menna Barreto !

Digitized by Google

Elle cruzou a campanha do sul (não ha um rio-grandense que o não saiba), deixando abençoado por toda a parte o seu nome!

Nesta Capital, neste momento precisamente, ha um bom numero de batalhadores federalistas que podem attestar si não encontraram no bravo cabo de guerra um homem que não lhes deu descanço, a ponto de, com a infantaria tão sómente, perseguir uma força respeitavel, mobil em extremo, como era a de Apparicio Saraiva; mas, ao mesmo tempo, humano, sempre zeloso em dar amplas garantias aos vencidos quaesquer.

Vou relatar um facto interessante para que a Casa aprecie a feição humana que o illustre militar estava conseguindo imprimir á terrivel guerra.

Sabe-se que Apparicio Saraiva era um dos chefes que não davam quartel ao adversario; mas de tal fórma aquelle rude guerrilheiro se impressionara com a conducta de Menna Barreto, que, sendo este obrigado, por uma operação de guerra, a retirar-se com rapidez de Lavras, onde deixava onze feridos, entregou á familia que os acolhera um bilhete assim concebido: « Confio os meus feridos á generosidade do inimigo.»

Momentos depois estava na villa de Lavras a divisão de Apparicio Saraiva. Como correspondeu ao appello de Menna Barreto? Curando os feridos, e (não me recordo bem si um mez depois) restituindo-os a elle!

Eis ahi como esse cabo de guerra mostrou comprehender que não é perseguindo sem treguas ao adversario que se consegue impor a paz; que é, por um lado, mostrando o valor, o poder da autoridade, mas tambem por outro lado, fazendo crer ás populações revoltadas que, si recorrerem á autoridade, encontram efficaz protecção!

Quando terminada esta ardua campanha, deram-se novos factos, que preciso citar.

A região da serra não obedecia á voz dos chefes; queria manter-se em armas. Não sei

Digitized by Google

quem teve a bella idéa de mandar o general Menna Barreto a essa região; foi sem soldados.

Pois conseguiu entrar nos acampamentos e obter, só com a seducção de sua sympathica e singela palavra, com as suas injuncções patrioticas, que aquelles homens pertinazes na rebeldia se submettessem!

Ahi estão os documentos officiaes para comprovar o que digo.

Posteriores factos se deram, os quaes (em parte errando o meu amigo e em parte errando aquelles que estão com a responsabilidade da direcção do Rio Grande do Sul), os quaes determinaram o Governo a arredal-o desse Estado.

Veiu o illustre cabo de guerra para o Paraná e desde logo entendeu que estava em perigo a olygarchia que alli domina. Toda a gente da terra conhecia o valimento que tem aquelle que jámais se soube submetter á tyrannia e em toda a parte lhe oppoz a necessaria resistencia...

Começaram os governistas a trabalhar para afastal-o do Estado.

Sabe-se o que foi a primeira trama...

Denuncia, por meio de carta, em que se dizia que Menna Barreto preparava um motim no Paraná, intriga que foi até ao extremo de dizer que o levante havia sido combinado comigo e com os monarchistas do oeste de S. Paulo!!!

Ha documento, notae bem, declarando que o general Menna Barreto, o iniciador do movimento de 15 de novembro, estava combinado com os monarchistas do oeste de S. Paulo para derrubarem a Republica!!!

O Governo Federal fel-o vir a esta Capital e todos conhecem o resultado do inquerito: verificou-se que não havia nem elementos, nem mesmo indicios, para culpal-o. Voltou elle a Curityba; alli se tem conservado em uma situação do mais completo retrahimento, fazendo até violencia extraor-

Digitized by Google

dinaria ao seu genio, extremamente expansivo. Comprehendeu que seria victima de novos incommodos, si procedesse de outro modo.

Abrindo eu uma campanha vehemente contra o Governo do Estado, muitas vezes me aconselhou que tivesse prudencia e que não extremasse a lucta, que, aliás, reputava de grande effeito para a regeneração da Republica.

Mais ainda : si tivesse elle o proposito de anniquilar, por um levante militar, aquella olygarchia, tinha-o feito com a maior facilidade. Em maio, o Governo do Estado dirigiu-se para o interior, para Guarapuava, 68 leguas da capital, em companhia do Dr. Vicente Machado. Deu-se esta viagem no momento em que se praticou, como denunciei nesta Casa, o attentado contra o redactor do jornal da opposição. Cinco officiaes de policia apunhalaram-no á vista de todo o mundo ; ha aqui nesta Capital uma testemunha, o distincto negociante Carvalho, da antiga pharmacia Carvalho Giffoni, com quem ha pouco fallei a respeito.

Já affirmei (historiando este facto aqui), sem contestação da representação do Paraná, que foi em um certo sobrado que se combinou o attentado, ouvindo um capitão do exercito a voz do Senador Vicente Machado a dar ordens a respeito ; esse official communicou logo o facto ao redactor do jornal opposicionista, perante o Dr. Generoso Marques.

E' preciso fazer notar: o Dr. Vicente Machado declarou no Senado que apenas se dera um esbofeteamento. Entretanto a realidade é esta: procedeu-se a corpo de delicto no offendido, presente como perito um cunhado do Senador Vicente Machado, o Dr. Loyola, e reconheceu elle a existencia de ferimentos por armas contundentes e perfurantes !

Digitized by Google

Verifica-se, portanto, como são falsas as informações dadas nesta Casa e na outra do Corpo Legislativo, pelos representantes do Paraná!

Quando se deram estes acontecimentos, póde-se dizer que estava em acephalia o Estado.

A parte mais justamente enfurecida da opposição, que me communicara, como já disse, seu plano de reagir, estava prompta para uma acção immediata. Procurou antes de qualquer passo o general Menna Barreto, perguntando-lhe si os perseguidos podiam contar com a tropa, caso os atropellos continuassem.

O procedimento do general Menna Barreto, quando lhe pediram garantias, foi communicar o facto ao Ministro da Guerra, dizendo as razões por que elle por si não podia dal-as.

A sua attitude foi a da mais perfeita neutralidade.

Ora, vê-se que em uma situação como aquella em que se achava o Estado, por assim dizer acephalo, era muito facil conseguir-se o que desejava a opposição.

Que não conseguiria um commandante de districto, como Menna Barreto no Paraná, movendo-se com a guarnição inteira?

Quem sabe o valor que tem uma corporação dessa ordem, com um chefe como esse, fica certo de que não encontrava resistencia de especie alguma, não é assim?

Nada intentou, porém, e acabo de dar a prova mais cabal de que não se queria envolver no que se pensa, o distincto homem de guerra.

Não posso alongar-me no commentario desta lastimavel consequencia do imperio de que gozam as actuaes olygarchias. Vou concluir.

Já tenho sido condemnado por alguns republicanos, porque faço parallelos que não favorecem ao novo regimen. Como fugir a elles? Quando em tempo da monarchia,

Digitized by Google

transferido um simples tenente, movia-se inteira a opinião deste paiz. Hoje, de tal maneira dominam as olygarchias que estão infestando os Estados, que conseguem resultados da ordem deste que estou apreciando!

Não ha muito metteram em uma fortaleza a nobre figura militar a que me hei referido, injustamente, como provou o resultado do conselho de investigação; agora conseguem isto: que não hesitem, que não tremam as mãos do chefe deste paiz, decretando um quasi desterro para este benemerito da Patria! E é tanto menos perdoavel o vergonhoso acto de que se tornou responsavel o illustre Presidente da Republica, quanto sabemos que S. Ex. conhece o general Menna Barreto desde os bancos escolares, conhece o seu grande coração, a nobreza de sua alma e seu ardentissimo civismo!

Julguem esta Camara e o paiz do poder nefasto que tem a politicagem entre nós! Veja-se, mais uma vez, como ficam em um contraste desfavoravel para o novo regimen, deante da opinião nacional, o proceder dos homens de hoje e do passado!

O Sr. Presidente—Lembro ao nobre Deputado que está terminada a hora do expediente.

O Sr. Alfredo Varela—Vou terminar. Ha de permittir V. Ex. que eu mande á Mesa, fundamentando-o devidamente, amanhã, o meu novo requerimento sobre a Commissão de inquerito parlamentar.

Digitized by Google

NOTICIAS DA IMPRENSA

Sessão de 14 de Outubro de 1903

A TYRANNIA DO PARANÁ

GRANDE ESCANDALO

NA CAMARA

« A Camara dos Deputados apresentava hontem o aspecto dos grandes dias do nosso parlamento.

Desde a hora da abertura da sessão, ao meio-dia, todos os Deputados presentes no Rio de Janeiro, occuparam os seus logares.

As tribunas estavam repletas. Regorgitantes de espectadores todos os corredores.

A animação tinha um caracter febril. Sentia-se no ar o fremito das paixões longamente sopitadas, anhelantes por uma explosão que dissesse aquillo que anda vibrando, sem possibilidade de rebentar, em muitos espiritos não inteiramente assoberbados pela tyrannia musulmana do « incondicionalismo » e pela influencia satrapica das oligarchias estadoaes.

Digitized by Google

O estado-maior da nossa imprensa brilhava *au grand complet* pela sua presença.

O povo, que a muito custo procurava acalmar a sua evidente superexcitação, aglomerava-se nas tribunas, esperando por um desabafo das suas infinitas coleras mal adormecidas no fundo da sua elevada consciencia collectiva, ali estava a dizer aos que se intitulam seus representantes, que a alma do paiz já não acredita na politica commodista das faceis adaptações opportunistas e quer ouvir um brado capaz de traduzir as suas maguas, suas decepções, sua absoluta desconfiança nesse regimen — fallencia do presidencialismo a todo transe, adormecedor das maiores energias da nação brazileira out'ora tão robustas e vitaes.

Da mesa, onde o illustre presidente da Camara, o sympathico Dr. Paula Guimarães, confiava nervosa e agitadamente o farto bigode de official reformado, e de cuja torreante pessoa parecia transbordar a ancia pelo acontecimento annunciado, a vaga perturbação das horas dramaticas communicava-se a toda a assembléa.

Os *reporters* parlamentares, habituados a esses torneios da tribuna, em geral *blasés*, olhavam para tudo aquillo com o ar affectado de quem já não faz fé, durante este anno legislativo, em sessões apaixonadas e trocavam entre si, sorridentes e enigmaticos, e o trocam com os redactores dos debates, o olhar de um vago receio de que afinal nada se désse a não ser a classica tempestade num copo d'agua.

E' que para os conhecedores do meio a personalidade do homem de quem se esperava a explosão, não parecia a mais indicada para determinar esses momentos dramaticos como sóem fazel-o os agitadores das paixões parlamentares.

O Dr. Alfredo Varela, deputado pelo Rio Grande do Sul, dos mais decididos e convictos paladinos da politica do Dr. Julio de

Digitized by Google

Castilhos, embora reputado pelo seu valor intellectual, sobretudo como publicista, não deixou durante a ultima legislatura o menor vestigio de suas aptidões para a tribuna. O Dr. Alfredo Varela não é um orador.

Para S. S. parece não terem suggestão nem encanto os embates da tribuna, deixando em geral a impressão de que lhe são mais gratas as luctas do gabinete e os trabalhos das commissões.

No meio dessa atmosphera saturada de electricidade, onde se respirava a grandes haustos o desejo do combate, a sessão abriu-se, com a solemne fleugma de todos os dias.

.....

Não foi, pois, desilludida a grande expectativa.

No Parlamento brazileiro levantou-se hontem a voz de um representante da nação contra os desmandos e as vergonhas das oligarchias estadoaes.

O Sr. Alfredo Varela, impassivel, frio, decidido, soube resistir, sósinho, á intolerante maioria da Camara, desejosa de abafar esse energico protesto de um homem contra uma tyrannia oligarchica, que tem ao seu serviço uma cohorte de pretorianos assalariados.

A questão voltará brevemente ao tapete da discussão parlamentar.

Já não se tratará de insultos « retirados todos », como disse argutamente, ao fechar a sessão de hontem, o Sr. Presidente da Camara. Serão provas documentadas e contra essas não prevalecerão de certo os golpes de maiorias parlamentares.

A lucta está travada. E' dessas que não morrem, nascendo. »

(Correio da Manhã.)

Digitized by Google

« Eram geralmente sabidos os moveis que levavam á tribuna o deputado rio-grandense. Desde que partira de Curityba, em direcção a esta Capital, o telegrapho annunciara que, em violento artigo, publicado em uma folha daquella cidade, declarara elle que vinha disposto a affrontar o escandalo, para denunciar o que classificara — os crimes do Paraná. E, desde ante-hontem, quem o ouvisse antecipar, nos corredores da Camara, as accusações que no dia seguinte deveria formular, em plena sessão, contra o Sr. Vicente Machado e seus amigos politicos, formaria logo a idéa do terreno escabroso e sensacional em que se haveria fatalmente de agitar o debate.

Houve assim um sussurro geral e um movimento instinctivo de curiosidade, quando, após um longo e pouco ouvido discurso do Sr. Arroxellas Galvão, o Sr. Deputado Varela, que deixara o seu logar habitual entre os representantes rio-grandenses, tomou posição no centro do recinto, em um dos extremos da bancada mineira.

.....

Fez-se, por fim, silencio, estando as galerias e as tribunas reservadas inteiramente repletas de espectadores, que, em grande numero ainda, se acotovelavam no recinto.

.....

E é no meio de uma saraivada de apartes violentos, que o deputado rio-grandense reata o seu discurso. »

(O Paiz.)

NA CAMARA

ESCANDALO DE HONTEM

« Perdoem-nos toda essa quantidade de titulos ; uma vez não faz costume.

Os jornaes tinham annunciado o facto. O Sr. Alfredo Varela, deputado rio-grandense,

Digitized by Google

que ha mezes se estabelecera com um jornal no Paraná, fallaria a respeito da politica e da situação daquelle Estado.

O nosso povo gosta de escandalo e os deputados, si de escandalo não gostam, amam assistir a cousas violentas. O caso é que hontem, ás 4 1/2 da tarde, quer o recinto, quer a galeria e as tribunas da Camara estavam repletas. A propria commissão de instrucção e saude publica interrompeu a sua reunião para ouvir o tremendo debate.

O debate excedeu as expectativas.

As attenções, que se tinham sofreado ao ouvir a justificação longa de um projecto do Sr. Arroxellas Galvão, tiveram o desejado escandalo parlamentar, tremendamente formidavel.

Quando o Presidente deu a palavra ao Sr. Alfredo Varela houve grande movimento no recinto. Varias bancadas approximaram-se em massa.

O Sr. Alfredo Varela levantou-se com calma feroz e começou dizendo que era o representante das angustias e das lagrimas de um povo inteiro.

.....

O Sr. Alfredo Varela sahiu calmamente. O borborinho recrudescia.

— Pois nada disso sái nos debates. Ficam retiradas todas! bradou o Sr. Presidente.

Então na Camara, do recinto á galeria, rebentou uma formidavel gargalhada. Tudo ria depois da tenção nervosa de meia hora, tudo ría, convulsamente, deputados e povo; e assim terminou essa memoravel sessão dos legisladores nacionaes, numa gargalhada que foi o remate de tremendos insultos.»

(*Gazeta de Noticias.*)

SESSÃO DE 20 DE OUTUBRO

« Acertados andámos em dizer que esta, que o Dr. Alfredo Varela levantou no seio

Digitized by Google

da representação nacional, é uma questão das que, nascendo, não morrem.

Bastou que hontem a imprensa annunciasse o novo discurso do Deputado pelo Rio Grande do Sul contra a oligarchia do Paraná para que a Camara apresentasse hontem o espectaculo solemne das suas sessões memoraveis.

Galerias e corredores cheios a transbordar; repleto o recinto.

Uma voz de commando parecia ter passado pela assembléa. Notava-se alguma cousa adrede enscenada entre os poucos Deputados presentes antes da abertura da sessão e que olhavam com vago interesse para o primeiro banco da mesa onde o Sr. Cassiano do Nascimento parecia estar absorvido no despacho de sua volumosa correspondencia de *leader* e de chefe de bancada. S. Ex. só se decidiu a sahir da sua aulica reserva quando se lhe approximou para o abraçar o Dr. Estacio Coimbra, Deputado por Pernambuco, chegado ante-hontem do norte.

.....

A sessão abre-se no meio d'uma frieza que, á força de querer parecer natural, nada mais indicava do que uma calma estudada, imposta, predeterminada por vontades contra as quaes não ha o habito de resistencia.

O Sr. Anisio de Abreu, num grupo de reporters, elogia com palavras elevadissimas a presença, nas tribunas, de um dos nossos mais prestigiosos homens de lettras que é tambem um dos luminares de nossa sciencia juridica.

Rescoam os tympanos. O Dr. Alencar Guimarães com muita calma procede á chamada. Por um processo telegraphico o Sr. Wanderley de Mendonça dá leitura da acta. Não ha incidentes.

EXPEDIENTE — O Sr. Alencar Guimarães lê alguns officios.

No meio de um silencio augusto o Sr. Paula Guimarães, Presidente da Camara, dá a pa-

Digitized by Google

lavra ao Sr. Alfredo Varela que pronunciou o seguinte discurso:

.....

Durante todo esse notavel discurso que durou mais de tres horas, o orador só se interrompeu para consultar dous enormes maços de livros e papeis e para beber dous copos d'agua.

A Camara manteve-se silenciosa n'uma conspiração que, afinal, não convenceu a ninguem.

.....

O discurso foi frequentemente interrompido pelos applausos e pelas risadas das tribunas que se divertiam a commentar discreta mas maliciosamente os principaes trechos da formidavel accusação.

.....

Para uma explicação pessoal falou immediatamente depois do Sr. Alfredo Varela o Sr. Alencar Guimarães.

.....

Passa então a falar das accusações dirigidas ao seu chefe, o «EGREGIO» Senador Vicente Machado.

Uma enorme gargalhada das tribunas e galerias interrompe o orador, que fica como entontecido, olhando para a direita e a esquerda.

E a gargalhada persiste violenta, insolente, implacavel, durante cinco minutos, acabando só quando a voz do Sr. Paula Guimarães ameaça fazer evacuar as galerias.»

(*Correio da Manhã.*)

« A sêde de verdade ácerca da politica paranaense, accusada pelo Sr. Alfredo Varela de crimes que deshonram a vida republicana contemporanea, levou, hontem, á Camara dos Deputados grande parte da população, que se interessa pela sorte das instituições.

Nas galerias estava a mocidade, substituindo os seus habituaes frequentadores, os

Digitized by Google

infatigaveis encostados da rhetorica da unanimidade legislativa.

Havia coração e intelligencia nas galerias; via-se bem que alli se sentia e pensava. A consciencia nacional alli estava, anonyma e apertada nas restricções disciplinares do Regimento da Camara, mas, solemne de altivez e de inteireza.

A sessão em que o Sr. Alfredo Varela iniciara a sua accusação á politica paranaense correra tempestuosa; não era necessario outro chamado á curiosidade para que ella enchesse a Camara para assistir ao espectaculo da indisciplina e falta de compostura dos legisladores.

Felizmente, porém, não era a massa alvarmente curiosa que enchia as galerias. Os que alli estavam tinham sido levados por um sentimento superior, como si o povo tivesse sido chamado para um duello de honra entre o dever de um representante da Nação e uma oligarchia desenfreada pela certeza da impunidade.

Ao meio-dia encheram-se as bancadas. Os Deputados accentuavam a sua frieza. Percebia-se bem pela atmosphera legislativa um prévio pacto de silencio. Não era attenção que se ia dar ao orador; mas, uma tolerancia misericordiosa. A unanimidade, percebendo-se inquebrantavel, permittia que um noviço da tribuna se abalançasse a sacudir-lhe os nervos com um entrecho de rebeldia.

Os membros da Mesa sentaram-se em suas cadeiras, pallidos, destacando-se do recinto cheio, como tochas no alto de um catafalco.

Os representantes da imprensa, munidos de bloco e lapis, se incumbiam de movimentar a vida legislativa, que a unanimidade queria á fina força obrigar a parar.

Leu-se a acta e após ella o expediente, rapidamente, para não demorar um momento a execução do audacioso, que vinha nobremente dizer á Camara fundas maguas de sua lealdade republicana, ultrajada pelos crimes que

Digitized by Google

vira praticar, sob a egide do systema federativo.

E' dada a palavra ao Sr. Alfredo Varela, que se levanta na penultima bancada do mar, na extremidade ao lado da tribuna.

. . . . . .

Viver ás claras, exclama o orador — e narra o seu casamento com uma senhora que possuia 1.300 contos e a quem impoz separação dos bens presentes e renuncia por parte do orador de todos os bens supervenientes. A sua esposa fizera o seu testamento, deixando-o primeiro testamenteiro e herdeiro da terça, avaliada em trezentos contos. O orador rasgou esse testamento. Advogado pobre, não acceitou de sua consorte nenhum favor pecuniario, nem mesmo em circumstancias apertadas.

O orador documenta cada uma de suas affirmações, já por declaração de sua senhora, com firma reconhecida no tabellião, já pelas declarações do advogado, que, depois da separação, balanceou os bens que foram confiados á guarda e administração do orador. Mais ainda: dada a separação, é ainda procurado hoje pelo advogado de sua ex-consorte, porque esta quer que o orador saiba de todos os seus negocios e dê de antemão o seu parecer sobre tudo que se vae fazendo. *(Viva impressão.)*

Ahi fica lealmente exposta, transparente, a vida que o Sr. Candido de Abreu pretendeu diffamar e varre assim, *sans rancune*, a sua testada. Deixa de servir-se de retaliações á bancada do Paraná.

. . . . . .

Diante da Camara estacionavam centenas de cidadãos, que esperavam o Sr. Alfredo Varela para dar-lhe uma demonstração de apreço.

O illustre Deputado rio-grandense evitou, porém, a manifestação, retirando-se da Camara em companhia de um amigo.»

(O Paiz.)

Digitized by Google

« Desde que o Deputado Sr. Alfredo Varela se compromettera a provar varias accusações, proferidas na sessão de 14 deste mez, contra o Sr. Senador Vicente Machado e o Sr. Deputado Alencar Guimarães, ambos pelo Paraná, o povo avido de escandalo enchia as galerias da Camara diariamente, esperando ancioso o momento que S. Ex. escolhesse para a exhibição dessas provas.

Ante-hontem, o Sr. Alfredo Varela inscreveu-se por telegramma para fallar na hora do expediente; os jornaes noticiaram o facto, de modo que hontem, muito antes de começar a sessão, já se apinhava á porta das galerias, avida por entrar, a massa popular.

Quando o Sr. Presidente abriu a sessão, ás 12 e 20 minutos da tarde, houve um barbaro galope pelas escadarias e num momento, antes que o Sr. Alencar Guimarães tivesse lido o primeiro requerimento constante do expediente, galerias, corredores tribunas, tudo negrejou de povo, encheu-se de gente. No recinto estavam quasi todos os Deputados que se acham no Rio de Janeiro. Havia na atmosphera o espectante rumor dos prenuncios de escandalo. Uma unica tribuna conservou-se com as cortinas cerradas :—a diplomatica.

O Sr. Presidente, Dr. Paula Guimarães, disse em meio de um geral movimento de attenção :

— Tem a palavra o Sr. Alfredo Varela. »

(*Gazeta de Noticias.*)

Digitized by Google

Sessão de 31 de Outubro de 1903

CONTRA AS OLIGARCHIAS

NA CAMARA E NAS RUAS

INTOLERANCIA PARLAMENTAR

MANIFESTAÇÃO POPULAR

VIVA A REVOLUÇÃO !

« Pela terceira vez o Sr. Alfredo Varela, Deputado pelo Rio Grande do Sul, levantou hontem a sua voz no recinto da Camara para revelar ao paiz inteiro em que mãos foi cahir o governo da nobre terra paranaense e quaes os horrores alli praticados pela oligarchia que conseguiu empolgar todos os elementos de governo e de dominação.

O Deputado pelo Estado do Rio Grande annunciou que no seu discurso iria tambem examinar, em campo mais extenso e num caracter geral, a politica de outros Estados e sob certos pontos de vista a propria politica da União com relação aos Estados, o que aliás o havia feito com muita energia quando tratou da perseguição movida, afim de servir os baixos instinctos dos chefes da satrapia do Paraná, pelo Governo Federal a nobilissimos officiaes do exercito, cheios de serviço a Patria.

A sessão de hontem foi, como as outras duas em que o Sr. Varela fallara, muito concorrida.

O Sr. Varela começou o seu discurso em voz calma, mostrando-se commovido quando entrou a fallar do seu antigo chefe e amigo Dr. Julio de Castilhos. Lê algumas tiras de papel definindo qual foi, no seu conceito, o grande valor moral, intellectual e politico do pranteado republicano e de sua obra como homem de governo e director de partido.

Digitized by Google

A Camara ostentava uma certa indifferença. Bom numero de Deputados cochichavam em varios grupos esparsos, outros mostravam-se agitados, irrequietos, outros ainda sahiam e reentravam no recinto. Queriam mostrar o pouco interesse que o discurso do Deputado Alfredo Varela despertava nos seus cerebros habituados ás altas cogitações. O facto é que o Sr. Varela foi perfeitamente ouvido por todos os collegas presentes.

E mais intensamente acompanham a sua palavra clara e incisiva as galerias, que se mantinham em um silencio da mais louvavel correcção.

Da bancada paranaense estavam presentes, nos seus logares, lá em cima, os Srs. Carlos Cavalcanti e Candido de Abreu. Escassa a bancada paulista, tão perturbada nas sessões em que anteriormente o Sr. Varela fallou. Em grande numero os collegas da bancada do orador.

Durante a primeira parte do discurso que os leitores encontrarão na integra mais adeante, nem um aparte foi ouvido. Parecia assistir-se a uma conferencia academica.

Mas aos poucos, o ardor do ataque do Sr. Alfredo Varela foi-se communicando aos collegas, e foi, especialmente, quando começou a penetrar no fundo do seu assumpto principal, a vivisecção da carneira politica do Senador Vicente Machado.

Sob o imperio das paixões suscitadas, não conseguiu manter o silencio a que se propunha conservar o Sr. Carlos Cavalcanti.

Ao romper da primeira interrupção o discurso do Sr. Alfredo Varela não tardou a transformar-se em um dialogo entre S. Ex. e o Deputado pelo Paraná.

O Sr. Alfredo Varela tinha hontem uma nota ironica muito viva a dar brilho aos seus periodos bem construidos e em certos pontos a ironia chegava a ser flagelladora.

. . . . . .

Digitized by Google

O Sr. Presidente (*concitadissimo*)—Intimo o nobre Deputado a retirar essas expressões injuriosas.

Das galerias irrompe uma algazarra infernal. Bradam os populares: Não póde! Não póde!

O Sr. Paula Guimarães que não conseguiu obter do Sr. Alfredo Varela a retirada das palavras que suscitaram o tumulto, manda evacuar as galerias e suspende a sessão.

A confusão é extrema. Deputados das varias bancadas affluem á mesa gritando e gesticulando furiosamente.

A sahida do publico das galerias fez-se por meio de um ruido violento e logo, através das janellas, ouvia-se o povo agglomerado na rua da Misericordia fazer uma ruidosa ovação ao Dr. Alfredo Varela, que tranquillamente ficou sentado no seu logar.

Lá fóra os applausos echoam vehementes.

O Sr. Alencar Guimarães, 1º secretario da Camara, telephona para a policia e dentro em breve sente-se o tropeçar de um piquete de cavallaria que chega a galope e augmenta a grande confusão que reina nas adjacencias da Camara.

. . . . . .

Ao apparecer á porta do edificio da Camara, na rua da Misericordia, o Dr. Alfredo Varela é alvo de uma estrondosa manifestação por parte do povo que, em grande massa, se agglomerava entre as ruas Sete de Setembro e Assembléa.

Levantam-se muitos vivas ao Dr. Alfredo Varela, á Republica, ao Dr. Lauro Sodré.

Uma voz forte grita: *Viva a Revolução* e respondeu-lhe o echo de todas as vozes.

Os populares acompanharam o Dr. Alfredo Varela, continuando a dar vivas, pela rua do Ouvidor até o largo de S. Francisco, onde o orador do dia tomou o bond da linha da Tijuca.

A excitação popular era realmente grande e foi profundamente eloquente.

Digitized by Google

A' frieza glacial da Camara dos Deputados respondeu com os seus accentos de digna approvação á attitude do corajoso Deputado rio-grandense o povo desta Capital, que no brado da sua consciencia foi hontem o interprete seguro daquella grande maioria de brazileiros, os opprimidos pelas oligarchias estaduaes, em nome da qual fallou no seio da representação nacional o Sr. Alfredo Varela.»

(Correio da Manhã).

ALLA CAMERA FEDERALE

GLI INCIDENTI DI SABATO

IL SECONDO DISCORSO DI VARELA

« Da un amplissimo telegramma pervenutoci ieri l'altro e dai giornali di Rio riassumiamo il resoconto della seduta di sabato della Camera, che fu la piú vivace dell'attuale sessione parlamentare :

. . . . . .

Dopo un violento battibecco tra il Deputato Cavalcanti e l'oratore, il Presidente della Camera chiama un'altra volta all'ordine il Deputato Varela, che lo investisce veementemente, dicendo che la libertà della tribuna parlamentare è coartata, e che si ha il fermo proposito di non lasciarlo parlare. Questo è una miseria, grida l'oratore, è una ignominia...

Il Presidente chiama all'ordine il Deputato Varela, mentre la Camera urla e le gallerie, affollatissime, applaudiscono e fischiano.

A questo punto il Presidente sospende la seduta.

. . . . . .

La seduta ha termine con una dichiarazione di quest'ultimo Deputato, che dice, proseguirà nel cammino tracciatosi, abbando-

Digitized by Google

nato dai politicanti di professione, ma appoggiato dal popolo.

E difatti alla sua uscita il Deputato Alfredo Varela, è delirantemente acclamato da una grande massa di folla che lo accompagnò fra ovazioni fino in rua Ouvidor.

. . . . . .

. . . . . Alfredo Varela, in questa campagna sua personale ha brillantemente provato la sua audacia, il suo sangue freddo, la sua logica e il suo ingegno e, più di tutto, la fibra ferrea del suo carattere...

. . . . . .»

(*Fanfulla*)

SESSÃO DE 3 DE NOVEMBRO DE 1903

ATAQUE ÁS OLIGARCHIAS

PROTESTOS E ACCLAMAÇÕES

« A Camara converteu-se hontem num pretorio solemne. Perante o tribunal da opinião publica, representada pela massa popular, que, fremente e agitada, se agglomerava nas galerias; perante os representantes da imprensa daqui e dos Estados, a livre voz de um rebelde, echo d'uma consciencia, que não póde mais reter o seu brado de horror ante o quadro doloroso, que offerece a Republica, accusou formalmente as oligarchias, que transformaram os vinte Estados do Brazil em outras tantas feitorias e converteram esta parte, que já conheceu um regimen garantidor de todas as liberdades constitucionaes, numa Persia dos Achemenides, precipitada de ruina, em ruina, até ao desmembramento do seculo XVIII sob a acção deleteria das vinte satrapias, nas uaes se tinha concentrado a maior somma do poder da velha e gloriosa nação asiatica.

A accusação teve o caracter imponente e dramatico, que fixa os periodos histori-

Digitized by Google

cos, nos quaes o povo, num impeto de indignação, impõe a si mesmo a tarefa de salvar-se.

E os accusados, ao principio estarrecidos, estreitados depois na communhão dos interesses ameaçados, tiveram de sahir á defesa dos regulos, que alli os enviaram a representar o regimen oligarchico, com o qual a Republica, degenerada nos seus fins, adulterada nas suas bases, se afunda cada dia mais no divorcio entre o paiz legal e o paiz real.

Aspero o ataque embora Temperado na fórma e calmo na exposição; violentissima e tumultuosa a defesa. Era o accusador que, sereno, tinha o sorriso melancholico; eram os accusados, que tempesteavam enfurecidos; singular anomalia, que torna sympathica a accusação e odiosa a defesa!

As delapidações do Thesouro publico em Manáos; o estrangulamento das publicas liberdades do Pará; o avassallamento de todo um povo a uma dynastia familiar no Ceará; a fome que extenua os habitantes do sertão invio no Rio Grande do Norte; a transmissão tyrannica do poder de irmão para irmão nas Alagôas; o predominio negregado da batina em Sergipe; a decadencia dos glorias politicas na Bahia, berço dos maiores genios da patria; o anniquilamento moral no Espirito Santo; a bancarrota financeira do Rio de Janeiro; o emprego illegal do dinheiro publico em S. Paulo; a tyrannia vulgar no Paraná; a tyrannia sanguisedenta em Matto Grosso—todo o hediondo espectaculo das miserias politicas e moraes, a que chegou entre nós o regimen democratico, completa fallencia dos mais nobres ideaes, foi hontem apresentado, sem piedade, sem misericordia, aos olhos estaticos de um paiz inteiro, numa linguagem fria, numa documentação symbolica, que cahiu sobre a consciencia collectiva da nação, ao mesmo tempo, como o estygma

Digitized by Google

flagellador e o ardente incitamento ás legitimas coleras purificantes do povo.

Tal foi o discurso hontem pronunciado na Camara pelo Deputado Alfredo Varela e o damos na integra para que o paiz o leia e o povo o aprecie em toda a sua gravidade:

.....

O Sr. Alfredo Varela começou a falar pouco depois de 1 hora da tarde e terminou ás 3 horas e 5 minutos.

—Poucos minutos depois de terminar a sua vibrante peroração o Sr. Varela sahiu do edificio da Camara onde os populares, que em numero muito maior do que no sabbado passado o esperavam, lhe fizeram uma estrondosa e enthusiastica manifestação e o acompanharam até o Largo da Carioca onde tomou o bond da linha do Flamengo.

Desde a rua da Misericordia até ao Largo da Carioca o Sr. Varela era visivelmente acompanhado por um grupo de conhecidos secretas.

—« Em todos os circulos jornalisticos e politicos e nas principaes rodas da nossa sociedade, bem como nos restaurantes e nos cafés mais frequentados o argumento das conversações, durante toda a tarde e á noite, foi o forte ataque do Deputado Alfredo Varela ás olygarchias estadoaes. »

(*Correio da Manhã.*)

«Mais uma vez o Sr. Dr. Alfredo Varela occupou a tribuna da Camara, para proseguir no seu libello contra a situação politica dominante no Estado do Paraná, estendendo as suas considerações aos outros Estados da Republica.

Como das outras vezes, as galerias estavam repletas, havendo da parte de todos, que foram ouvir o discurso do Deputado rio-grandense, manifestações de applausos, sempre que S. Ex. apontava as perseguições, os abusos, as traficancias, que se estão prati-

Digitized by Google

cando por esses Estados, desmoralisando e impopularisando o regimen republicano.

E' doloroso ouvir accusações da gravidade das que o Sr. Dr. Varela tem denunciado. Mas, para os grandes males, grandes remedios. As palavras, por mais violentas e causticas que sejam, nada valem quando não exprimem a verdade dos factos. Desde o momento que estes são verdadeiros, crime é silenciar sobre elles. E' por isso que a coragem e resolução do Deputado Sr. Varela teem encontrado tão grande echo na opinião daquelles que, nem directa, nem indirectamente, dependem dos syndicatos politicos que estão explorando os vinte e um Estados da Federação.»

(*O Paiz.*)

«. . . . . .

O Sr. Alfredo Varela, representante do Estado do Rio Grande do Sul, continuou hontem, na Camara dos Deputados, o seu discurso sobre a politica do Paraná, tratando tambem da politica geral do paiz.

A sessão foi tumultuosa de principio a fim, sendo talvez impossivel publicar todo o debate, tal a confusão que reinou.

Como nas sessões anteriores, em que orou aquelle Sr. Deputado, as tribunas, galerias e o proprio recinto, estavam completamente cheios de curiosos. »

(*Jornal do Brasil.*)

«. . . . . .

Foi assim que o Sr. Varela começou hontem na Camara, á 1 hora da tarde, o seu discurso sobre a politica brazileira a que S. Ex. diz num estado lastimavel. Estava cheia a galeria, no recinto os Deputados tomaram posição. Esse introito espicaçou as attenções. S. Ex. continuou affirmando que o Presidente Sr. Paula Guimarães sabia

Digitized by Google

do que ia tratar desde a sessão de 20, e para isso lê as notas tachygraphicas da sessão passada no trecho em que foi suspensa.

. . . . . .

Galeria e recinto fazem um barulho infernal. »

(*Gazeta de Noticias.*)

Sessão de 4 de Novembro de 1903

« Fallou hontem o Sr. Cassiano do Nascimento . . . . . .

. . . . . .

Mas o Sr. Cassiano do Nascimento é um consummado estrategico parlamentar e preferiu diffundir-se numa graciosa logomachia interpretativa e glosativa de algumas expressões incidentaes do ultimo discurso do Sr. Alfredo Varela, o impavido iconoclasta dos medalhões oligarchicos.

O Sr. Varela, por sua vez, mostrou que já não é o timido orador da sua dramatica estréa na tribuna. Estava hontem numa rara disposição para o *repartie* e aparteou de tal maneira o nobre *leader*, que deu logar a tamanha saraivada de apartes, cada qual mais violento e anti-parlamentar, que o Sr. Cassiano do Nascimento, depois de patentear a sua grande autoridade de *leader*, preferiu suspender o discurso logo que o presidente da Camara, indignado perante o alarido tumultuario da assembléa, suspendeu por cinco minutos a sessão e foi presidir a Commissão do Orçamento, onde se trabalhava para o bem publico.

O Sr. Costa Junior, que é uma especie de Baudry d'Asson da nossa Camara, salvo a aristocratica e intellectual superioridade de maneira, interrompeu hontem com as habituaes vulgaridades o orador, mas se esqueceu comparar a Camara de « circo de cavallinhos ».

Digitized by Google

O athleta de Santa Cruz do Rio Pardo fallava hontem em *deboche*, em quanto rolava um cigarro de palha.

Todo o seu typo, todo o seu gesto lembrava o *Caipira picando*, do pranteado Almeida Junior. Ou não fosse paulista!... »

(Correio da Manhã.)

« A nota da sessão de hontem na Camara, foi a resposta do Sr. Cassiano do Nascimento ao discurso que o Sr. Alfredo Varela proferiu na vespera. O honrado chefe da bancada rio-grandense expoz qual a attitude que elle e seus collegas de representação tomaram em face da posição assumida pelo Sr. Varela, depois da sua volta do Estado do Paraná.

Para nós, muito mais importantes que o discurso foram os apartes trocados entre varios Deputados, sobresahindo desse tiroteio de invectivas e de replicas á queima-roupa uma declaração do Sr. Varela, que a todos deve ter surprehendido. Disse o fogoso e intrepido Deputado pelo Rio Grande que tinha a franqueza de declarar que não era revisionista. E' realmente de fazer pasmar tão categorica declaração!

S. Ex. insurge-se contra a situação politica não só do Estado do Paraná, como da quasi totalidade dos Estados da União; prova com um vigor desusado, no Parlamento, que os Estados estão entregues á exploração de syndicatos sem escrupulos, que deshonram a Republica, pelas suas immoralidades, pela tyrannia, pelos processos nefandos de rapina e de corrupção, postos em pratica nas vinte e uma circumscripções da Republica.

S. Ex. vae mais longe, rompe com o chefe da Nação, de modo violento, pelo apoio que o Governo Federal presta ás oligarchias estadoaes, de cujo auxilio, por seu lado, carece para equilibrar esta caranguejola politica.

Os discursos do intrepido Deputado abalam

Digitized by Google

a nação inteira, de norte a sul ; as suas palavras cahem como um violento caustico sobre as chagas abertas neste regimen ; a opinião independente applaude o homem que, rompendo com todas as conveniencias, vem fallar claro á nação, expondo, sem rodeios e sem meias palavras, a situação moral e politica do Brazil inteiro. E tudo isso para que ? A que moveis obedece toda essa campanha, si S. Ex. nos diz agora que acha excellente uma Constituição que reduziu o Brazil á desoladora situação que S. Ex. tem pintado com tão vivas côres ?

Ainda no seu discurso de ante-hontem o Sr. Varela voltava-se para os seus collegas e, respondendo com emphase á accusação que lhe tinham feito de demolidor, perguntava: « Mas conservar o que ? A fome no Rio Grande do Norte ? Alagôas transformada em feitoria dos Maltas ? A omnipotencia do padre Olympio em Sergipe ? A decadencia da Bahia, phanal antiga da Nação Brazileira ? etc. »

O talentoso Deputado, que ante-hontem dizia, em phrases de tão brilhante e incisiva eloquencia, que nada havia que conservar, declara, 24 horas depois, que quer conservar esta belleza de Constituição, que tem feito a nossa felicidade.

Francamente, não percebemos.»

(*O Paiz.*)

Sessão de 6 de Novembro de 1903

« Fomos do numero dos que, com viva sympathia, applaudiram a attitude assumida pelo Sr. Alfredo Varela contra a dictadura paranaense, chefiada pelo *insigne* Sr. Vicente Machado. Ha longo tempo que esta folha, dia a dia, tornava publico os escandalos, as traficancias, as perseguições e immoralidades praticadas por estes regulos que estão á testa das oligarchias estaduaes. Vendo surgir, em plena Camara, a voz de um homem de ener-

Digitized by Google

gia comprovada e de valor intellectual indiscutivel, que vinha fazer côro comnosco na campanha moralizadora que emprehendemos, não pudemos deixar de manifestar o nosso applauso a quem tão espontaneamente parecia vir alistar-se nas nossas fileiras.

De accôrdo pleno com o Sr. Varela no modo de apreciar a situação politica do Estado, divergimos profundamente no plano que S. Ex. architectou para dar remedio a esse estado de cousas. Nós appellamos para a revisão, idéa hoje vencedora do norte ao sul da Republica, em cujos beneficos resultados confiamos, si ella fôr feita pelos processos regulares, por uma victoria de principios e de programma.

O Sr. Varela, como ainda hontem declarou da tribuna da Camara, só encontra salvação na revolução, achando que é preciso destruir a engrenagem politica existente, enxotar das posições os homens que lá estão, para então dar a este paiz a organisação definitiva, a juizo de S. Ex. . . . . »

(*O Paiz.*)

« As ultimas sessões da Camara dos Deputados, conforme tem noticiado o *Jornal do Brasil*, teem sido, a proposito da politica do Paraná e geral, debates violentos. A de hontem foi tumultuosissima, chegando o debate a um calor tal, que quasi impossivel se tornou escrever tudo quanto foi dito naquella casa do Congresso.

O expediente ia muito adiantado, quando a Mesa declarou com a palavra o Sr. Alfredo Varela, produzindo-se immediatamente um movimento de curiosidade no recinto e nas galerias.

. . . . . »

(*Jornal do Brasil.*)

Digitized by Google

GLI ULTIMI SCANDALI

Espressamente ho taciuto perchè ero sicuro che mi sarei trovato in disaccordo colle opinioni del FANFULLA intorno agli scandali di cui fu teatro in queste ultime sedute la Camera dei deputati, tanto più che oggi stesso, verso le 4, nell'ora dello espediente, avremo forse — a proposito degli annunziati discordi di Cassiano do Nascimento e di Alfredo Varela — nuove scenate alle viste.

L'on. Varela non è un oratore, molto meno un oratore parlamentare. Il suo è un ingegno da uomo di biblioteca più che da uomo chiamato alle battaglie della parola parlata. Ha pubblicato notevoli libri di diritto e di sociologia; fu l'organizzatore dei servizi amministrativi nel Rio Grande ed è una delle menti giuridiche più stimate fra i suoi colleghi che non gli sanno perdonare, sotto la scorsa cortese de'modi il tono altezzoso di uomo superiore con cui li è venuti trattando ne'suoi primi tre anni di silenzioso ma fecondo lavoro parlamentare.

Ma é un uomo di ingegno vero e di coraggio istraordinario. . . . . .

. . . . . .

Il suo programma è chiaro. Egli vuole la rivoluzione. Pare un'idea semplice. Non è. A me sembra il resultato logico degli otto anni di governo civile che hanno ridotto il Brasile repubblicano ad uno stato di civiltà e di libertà incontestabilmente inferiore a quello del 15 novembre 1889 e molto inferiore anche al 15 novembre 1894.

. . . . . .

Io non ho affatto paura della rivoluzione fatto, né della rivoluzione parola. E voi sapete che, per temperamento e per educazione, io sono anti-revoluzionario. Ma lo sono fin dove credo possibile la riforma radicale delle pubbliche istituzioni per le vie della legge dentro i confini della costituzione. Cesso di esserlo ove mi persuada che le leggi

Digitized by Google

scritte sono una barriera invincibile ove coloro che le devono eseguire ne hanno fatto una immensa inespugnabile fortezza nelle loro mani.

Si dice: facciamo la revisione costituzionale. E' presto detto. Ma le oligarchie hanno in pugno il potere gleni Stati.

Il centro, il fulcro di codeste oligarchie é il governo federale che, nato da esse, esse sostiene.

E il Parlamento uscito dalla politica che giustamente si chiama « dei governatori » é la rappresentanza degli interessi statici complessi che si oppongo ad ogni minaccia diretta contro lo *statu quo*. Che interesse possono avere i Nery dall'Amazonas, i Malta dell'Alagoas, ecc. in una revisione che mette in pericolo i loro processi di governo in famiglia, i loro arbitrii, la trafila de' reciproci vantaggi con cui si sono interessute codeste oligarchie delle quali si sta dicendo molto meno male e i cui inconvenienti sono molto maggiori, sopratutto se guardiamo all'avvenire, di quel che esse si meritino e di quel che essi siano.

Ma, ammettono altri : il governo federale puó trovare conveniente una riforma della costituzione e iniziarla d'accordo colle norme fissate dal patto del 24 febbraio. E' possibile. Ma allora noi vedremo sotto la passione degl'interessi minacciati, convertirsi di punto in bianco alla revisione tutte le oligarchie e cercare con tutti i possenti mezzi che stan in lor potere di richiamare a sè e darle l'impronta che meglio lor converrà la campagna per la riforma costituzionale che sarà cosi deragliata in benefizio dei tirannelli contro i quali si vuol farla servire.

Io non farò la propaganda della rivoluzione. Non tocca a me intervenire nella contesa. Il mio ufficio è semplicemente quello di guardare, annotare, riferire e commentare.

Digitized by Google

Ma è opinione mia che senza lo scoppio delle sante ire popolari, senza un urto sanguinoso e violento del popolo contro le venti tirannie che lo sgovernano, la revisione costituzionale o non arriverà a divenire una cosa palpabile o sarà sfruttata dagli stessi tiranelli che sapranno — siatene certi — avviare la campagna a seconda dei lor fini presenti e futuri.

. . . . . .

La campagna nel campo legale é buona e necessaria, ma cosi non puó condurre se non alla rivoluzione.

E il Varela non ha commesso un si grande errore se, essendo, ed essendosi mostrato ne' suoi libri fin dal 1898, favorevole alla revisione, dichiara di volerla in seguito, conseguenza d'una rivoluzione e non per effetto di una lotta che nelle'condizione presenti permetierà agli interessatti di adulterarne i fini e deviarne lo scopo.

In tutti i modi il suo ritorno alta Camera dopo la fiera battaglia di Curityba, fu una catapulta e le collere da lui suscitate hanno servito a mostrare al paese che la republica cosi com'è, è una fattoria e che, determinata dall'abolizione degli schiavi neri, finirá col rendere schiavi tutti i bianchi che non la pensino como Augusto Montenegro e Silverio Nery. »

(*Fanfulla.*)

« . . . . . .

A attitude do Deputado Varela deve ser regularmente considerada, sem os exaggeros dos que o atacam, como uma dessas explosões naturaes de que só póde ser iniciador quem poz de parte todos os interesses da politicagem actual, certo de que os chefes politicos, que designam os candidatos, os forjam deputados e criam senadores, não mais acolherão o seu merito, o seu talento, o seu civismo até.

. . . . . .

Digitized by Google

O Deputado do Rio Grande foi logo assediado com gritos, protestos, insultos, apodos, no intuito de fazel-o calar. As respostas apressadas, mal calculadas, tão violentas como as accusações, crearam para elle uma atmosphera de celebridade, de sympathia pela coragem de ser UM só contra TODOS. Em vez de contestações positivas, recriminações e desculpas. O accusador audaz que, si fosse ouvido, tivesse occasião de exhibir seus elementos de prova e as não exhibisse, cahiria no ridiculo, si não na execração da gente séria,— foi elevado á altura dos beneméritos da patria, dos que sacrificam a sua carreira para desmascarar aos olhos dos seus concidadãos os politicos sem fé, os mercadores dos dinheiros publicos, os potentados que abrem seu caminho com o sangue das suas victimas, abusando do poder, vilipendiando a Justiça, affrontando a sociedade.

. . . . . .»

(*Jornal do Brasil.*)

DESAFIO

« Communicam-nos:

« Hontem o Dr. Alfredo Varela mandou duas testemunhas ao Dr. Costa Junior, Deputado federal por S. Paulo, reclamando uma reparação por meio das armas, pois considerava offendida a memoria de sua Exma. mãe, em um aparte do citado representante de S. Paulo.

Não deu autoridade de especie alguma ás offensas que lhe dirigiu o Dr. Costa Junior, e as revidou com a precisa energia, mas não póde absolutamente tolerar aquellas que attingiam a um ente querido, cuja lembrança guarda com religiosa veneração.

As testemunhas procuraram um amigo de ambas as partes para facilitar a missão-

Digitized by Google

de que estavam imcumbidos e este entendeu-se com o Dr. Costa Junior.

De uma acta que foi lavrada, consta que o representante de S. Paulo declarou «não ter tido a intenção de offender a memoria da Exma. mãe do mesmo Dr. Alfredo Varela».

Deixou por isso de effectuar-se o encontro.

Rio, 9 de novembro de 1903.»

(Jornal do Brasil.)

Sessão de 11 de Novembro de 1903

PERSEGUIÇÃO AO EXERCITO

GRANDE IMPRESSÃO

A transferencia do general Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto, da guarnição de Curityba para Matto Grosso e o consequente pedido de reforma apresentada ao commandante do 5º districto, general Bormann, constituiram o nucleo principal do discurso do Sr. Alfredo Varela na sessão de hontem da Camara dos Deputados.

O Sr. Varela provou cabal e incontestavelmente a sujeição do Sr. Presidente da Republica aos interesses oligarchicos que o Sr. Vicente Machado synthetisa no Paraná.

Já o exercito não tem siquer o prestigio de que gozava amplamente no tempo do Imperio; uma transferencia que podesse ter um caracter ainda que de longe inspirado pelo baixo partidarismo de um simples capitão levantava celeumas capazes de occasionar crises ministeriaes. Hoje, sacrificam-se altas patentes do exercito, generaes cheios de serviços á Patria e á Republica como o general Menna Barreto e tudo isso passaria despercebido sem o movimento de indignação patriotica que incitou o Sr. Varela a se insurgir contra a coalisão da «fraqueza do

Digitized by Google

poder central com a arrogancia dos governos dos Estados» segundo a phrase esculptural que o Sr. Erico Coelho pronunciou ante-hontem na Camara dos Deputados.

O exercito está prevenido. Ou submetter-se ás oligarchias dominantes ou renunciar ao brio. O governo está de mãos atadas com os interesses inconfessaveis do satrapismo estadual.

Começou o Sr. Augusto Montenegro com o general Braz Abrantes no Pará. Agora é a vez do Sr. Vicente Machado com o general Menna Barreto no Paraná.

Damos a seguir o discurso do Sr. Alfredo Varela, que fallou com toda a calma, deixando viva e profunda impressão no meio dos Deputados presentes, entre os quaes não houve ninguem que se levantasse a contestar as affirmações do orador.»

(Correio da Manhã.)

LIBELLO POLITICO

Muito barulho para nada — eis como se póde traduzir a impressão geral sobre o escandalo levantado na Camara dos Deputados pelo Sr. Dr. Alfredo Varela, de cujo talento oratorio e espirito de combatividade era licito esperar um libello accusatorio bem vibrante e bem persuasivo. Annunciara-se com espalhafato, por telegramma primeiro e depois pelas noticias da imprensa diaria, que o Sr. Dr. Varela iria denunciar ao Congresso Nacional as corrupções, tranquibernias e immoralidades administrativas do actual dominador do Paraná ; mas, a verdade é que o illustre rio-grandense se limitou a frechar de epithetos injuriosos o Sr. Dr. Vicente Machado, sem articular contra elle

Digitized by Google

factos comprobatorios das vilanias que lhe imputou.

Não ha duvida que o Sr. Dr. Varela surprehendeu pela audacia das expressões, pelo lampejo das phrases causticantes, pela independencia com que contrapoz ao servilismo e á intimidação de silencio, tão proprios da nossa época de dissolução moral e de abastardamento republicano, a dignidade viril, o nobre arranque de desaffronta com que no regimen passado os homens publicos, mantendo na esphera mais ampla a liberdade da tribuna, levantavam a luva dos desafios parlamentares e pulverizavam as accusações mais rigorosas. Neste tempo de accommodações praticas com o arbitrio e os escandalos dos que governam, de indifferença geral nas rodas politicas pelas oppressões e pelas negociatas dos regulos regionaes, a attitude do Sr. Dr. Varela é realmente singular de intrepidez e impoz-se ao applauso das galerias, pela forte indignação que ressumava das suas phrases flagelladoras.

O que o Sr. Dr. Varela viu no Paraná, encheu-o de revolta contra a oligarchia dominante e como sentiu bem a inutilidade do seu esforço jornalistico, no Estado, para despertar as attenções do poder publico federal e evitar que o chefe do Estado continuasse a acceder ás solicitações do Sr. Dr. Vicente Machado, para perseguir os officiaes desaffectos á sua politica, lembrou-se de vir ao Congresso expor cruamente as violencias e as miserias que lá tanta angustia e tanta indignação lhe causaram. Da gravidade dessas prepotencias e da latitude da subjugação exercida, no Estado, pela oligarchia vencedora, póde-se ter uma idéa pela transformação que o espectaculo dessas scenas operou no espirito do Sr. Dr. Varela, outr'ora tão calmo, tão moderado, tão conciliante; hoje tão aguerrido, tão colerico, tão mordazmente apostrophador. O publico queria, porém, a exhibição de dados que justi-

Digitized by Google

ficassem essa vigorosa catilinaria e foi isso, infelizmente, o que o Sr. Dr. Varela não fez, prejudicando a sua oração vehementissima e dando aos correligionarios do accusado margem larguissima para a resposta.

O Deputado rio-grandense vinha soffrego de agitação, impaciente por expor ao publico todo o quadro de torpezas que o levaram a tal extremo de ira e o forçam até á descrença da Republica, no caso de que por esse territorio da Federação as oligarchias queiram pôr em pratica taes processos de espoliação e dictaduras.

.....

Um ensinamento póde o publico, porém, tirar dessa escandalosa sessão, e vem a ser que basta um espirito sério resolver-se a quebrar certas dependencias politicas e ir de animo sereno analysar em certos Estados a obra nefasta dos regulos que o escravisam para se entristecer com o resultado desta infeliz Federação e sentir a necessidade de uma remodelação do systema republicano. O Sr. Dr. Varela é um presidencialista devotado, por convicção e não por conveniencia, por exigencia de seu estudo e não por necessidade de garantir as boas graças do Sr. Dr. Julio de Castilhos.

.....

O que faltou ao Sr. Dr. Varela foi a coragem patriotica de ampliar a outros Estados, cujos governos póde conhecer bem, o juizo que formulou sobre a satrapia paranaense e dahi affirmar, em vez de pôr em duvida, o mallogro completo da Federação com o seu regimen de arrogantes e illimitados dictadores.

A triste realidade é que, si, apezar da falta de provas, os applausos foram tantos á oração do Sr. Dr. Varela, é porque a sentença da Nação já está lavrada contra o systema que a vae pouco a pouco desunindo,

Digitized by Google

corrompendo e arruinando e contra o qual o Deputado rio-grandense vibrou, sem o querer talvez, um memoravel e patriotico protesto... »

(O Paiz.)

O MAL DA REPUBLICA

« Um dos nossos collegas de imprensa, lastimando o incidente provocado na Camara pelo violento discurso do Sr. Dr. Alfredo Varela, sobre a situação politica do Paraná, mostrou-se apprehensivo de que, aberto o precedente, a repetição de scenas semelhantes acabasse por desacreditar de todo a Republica.

Francamente não atinamos porque a idéa republicana venha a soffrer com estes e outros embates, com que se hão de ir pouco a pouco desmascarando os innumeraveis attentados á liberdade e ás traficancias administrativas que, á sombra de uma serie de negregadas oligarchias, que flagellam quasi todos os Estados, até hoje teem passado na mór parte despercebidos á consciencia geral do paiz.

. . . . . .

Nada, pois, mais explicavel neste sombrio periodo da nossa existencia politica, do que o ruido, que se levantou agora na Camara em torno da formidavel catilinaria do Sr. Dr. Alfredo Varela. Procuraram abafar-lhe a voz; tentaram por todos os meios impedir que, no seio do Congresso, o primeiro écho se fizesse ouvir do clamor geral, que se levanta de todos os pontos do Brazil, contra esse regimen, que ahi está, condemnado pela mais dolorosa das experiencias, execrado na opinião nacional.

Para nós, porém, que cada vez nos sentimos mais fortes e convencidos na santa

Digitized by Google

cruzada que encetámos em prol da rehabilitação dos nossos mais puros e nobres ideaes republicanos, apenas nos desagradou, como já o fizemos sentir, que o ardoroso representante rio-grandense não houvesse acompanhado as suas palavras dos documentos esmagadores que annunciou possuir . . . »

(O Paiz.)

« Eu nunca tinha visto o heróe da semana legislativa, o Sr. Alfredo Varela.

Agradou-me o seu bello typo de franzino talho de torpedeira, muito elegante, uma calvicie clara de reborbo de horizonte bonançoso, olhos de languidez conquistadora, dissimulando a myopia por um *pince-nez* de ouro.

A minha sympathia foi sincera por aquella fronte espaçosa de mais para as estreitezas do convencionalismo; percebi-lhe no sorriso de boa cortezia entre apresentados o quer que é de frio e cortante, como o fio de uma lamina, caracteristico de almas fortes.

Foi no dia immediato ao da grande investida; o Sr. Alfredo Varela resplandecia na sua aureola de coragem.

Deante do Deputado heroico, eu não fui um critico, mas um patriota; abracei-o sem restricção mental. Falla agora o critico, com a imparcialidade magoada de quem não quer ver reduzido a uma enxurrada ephemera, um Jordão em que se podia baptisar o apostolado da reivindicação do systema representativo.

A peça oratoria de terça-feira, só nos chegou em retalhos e foi impossivel a minha boa vontade formar com elles uma tunica de tribuno.

Sou obrigado a lamentar que o libellista tivesse dispensado, em jornada de tamanho esforço, o seu melhor companheiro, o artista, o homem de gabinete que S. Ex. é e que o armou publicista e polemista de fina tempera.

Digitized by Google

Foi um esquecimento fatal: só elle podia sustentar o combate de um orador contra uma Camara.

Si em vez de se limitar ao papel de porta-voz da colera grosseira dos opprimidos, que irrompe, como as fontes sulphurosas, nauseabundantemente, o Sr. Alfredo Varela se tivesse deixado repassar do silencio suggestivo de suas estantes familiares, S. Ex. teria illudido os seus adversarios, vencendo um combate legislativo, cuja memoria nunca mais seria perdida.

O assumpto era escabrosamente rico, mas, felizmente não ha nada que não possa ser artisticamente dito em nosso tempo, que herdou dos grandes mestres modelos os mais minuciosos e perfeitos.

. . . . . .»

JOSÈ DO PATROCINIO *(Noticia)*.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

C284-C
11

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UC SOUTHERN REGIONAL LIBR
A 000 199

Digitized by Google